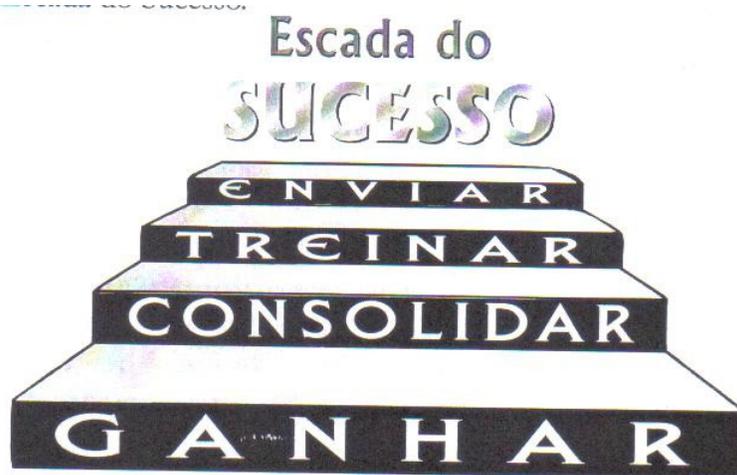




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA



**OS NEOPENTECOSTAIS EM FEIRA DE SANTANA: “Da
Visão Celular no Modelo dos 12 ao Mover Celular do Fruto Fiel”**

CAROLINE LUZ E SILVA DIAS

Feira de Santana

Junho de 2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Mestrado em História

CAROLINE LUZ E SILVA DIAS

**OS NEOPENTECOSTAIS EM FEIRA DE SANTANA: “Da
Visão Celular no Modelo dos 12 ao Mover Celular do Fruto Fiel”**

Dissertação apresentada para obtenção
do grau de Mestre em História pelo
Programa de Pós-graduação em
História da UEFS, sob a orientação da
Prof. Dr.^a Elizete da Silva.

Feira de Santana

Junho de 2009

AGRADECIMENTOS

Foram tantas as colaborações para a realização deste trabalho que não quero correr o risco de esquecer de alguém. Em primeiro lugar ao Senhor Jesus Cristo que como um pai amoroso nunca retirou a sua mão de sobre a minha vida, obrigada Senhor! Além da Sua presença, agradecer também por tudo que tem colocado nas minhas mãos e pelas palavras de encorajamento, “Esforça-te, eu sou contigo!” estas palavras me transformaram numa pessoa “indesistível”.

A partir desta experiência com Deus adquirida com orações, jejuns e súplicas na congregação da antiga Primeira Igreja Batista do Feira IX, atualmente Ministério Internacional de Adoração a Deus sob o pastoreio do jovem casal Luciano e Simone Moura, fui “pescada para Deus” nesta movimentação celular do G12 no final do ano 2002. Depois de algum tempo me tornei líder de célula e pude experimentar desde a estratégia de multiplicação de membresia em sua organização estrutural até a sua aplicação prática e todas as relações de sociabilidade que a vivência de uma religiosidade em sociedade implica.

A Gilson e Gabriel, minha querida família! Obrigada por agüentar todo o estresse provocado pelas cobranças do mestrado e de vocês mesmos...

A minha mãe Terezinha, nervosa demais... e meu pai Edson quieto demais...meus irmãos Júnior, Priscilla e Bruno, obrigada pela ajuda e pelos favores!

A minha sogra Maria Neuza que durante quase três anos me tirou dos apertos com Gabriel, ficando com ele quase todas as tardes e uma parte da noite...Este apoio familiar foi imprescindível para conseguir me equilibrar em tantas tarefas.

Em se tratando do apoio institucional, quero agradecer a CAPES pela concessão da bolsa de estudos.

No que se refere ao apoio acadêmico administrativo, agradeço à coordenação do Mestrado em História a atenção e aos serviços. Obrigada Professor Coelho, seu Julival, Andrei, o meu relato deste mestrado é que todas as vezes que solicitei seus serviços fui bem atendida.

E ao final, mas não por último, à professora Elizete da Silva. Estes dois anos que convivemos de forma tão próxima consolidaram a imagem que tinha de você. Responsável, honesta, amiga, nem sempre tão calma, prestativa, disponível, competente suas importantes contribuições a este trabalho. Assumo todas as responsabilidades das

falhas e críticas, porém se alguma virtude há, ela é também um mérito da orientação e do empréstimo maciço de bibliografia. Obrigada!

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	3
<i>Resumo</i>	8
<i>Abstract</i>	9
<i>Lista de siglas</i>	10
<i>Lista de quadros</i>	11
<i>Lista de iconografia</i>	12
<i>Introdução</i>	13
 <i>Capítulo 1: a implantação do G12.</i>	
<i>Os grupos protestantes no campo religioso brasileiro</i>	33
<i>As origens (neo) pentecostais do G12</i>	35
<i>O mito de origem do G12</i>	40
<i>Doutrinas, práticas e representações</i>	43
<i>Implantação do G12 em Feira de Santana</i>	47
<i>Composição social</i>	57
 <i>Capítulo 2: G12: querelas e rupturas no cenário religioso protestante neopentecostal.</i>	
<i>Breve história das divergências doutrinárias e administrativas protestantes</i>	59
<i>G12 e divisão do trabalho religioso</i>	60

<i>Do G12 ao M12: sacerdotes, profetas e reelaboração doutrinária.....</i>	<i>69</i>
<i>Poder e liderança entre os evangélicos feirenses.....</i>	<i>84</i>
<i>De Feira de Santana à Feira de Jesus.....</i>	<i>87</i>

Capítulo 3: G12 e M12: novas formas de ascetismo neopentecostal.

<i>Mercado e religião: a sociedade dos fins do século XX.....</i>	<i>93</i>
<i>Ética ascética protestante x nova ascese pentecostal no final do século XX.....</i>	<i>96</i>
<i>Tradição e inovação: conflito no interior do sub-campo protestante.....</i>	<i>106</i>
<i>Teologia da prosperidade e capitalismo.....</i>	<i>112</i>

Capítulo 4: G12 e novas práticas político-religiosas para a glória de Deus.

<i>Protestantes e política.....</i>	<i>121</i>
<i>Diretrizes teológicas do G12 e M12.....</i>	<i>126</i>
<i>Inserção política dos evangélicos do G12 e M12 em Feira de Santana.....</i>	<i>139</i>

Capítulo 5: G12 e M12: mulheres no púlpito

<i>Gênero e religião.....</i>	<i>148</i>
<i>Imagens femininas entre os reformadores.....</i>	<i>153</i>
<i>Ministérios femininos.....</i>	<i>156</i>
<i>O sacerdócio feminino no Brasil.....</i>	<i>159</i>

<i>Mulheres no púlpito: a novidade da visão celular.....</i>	<i>162</i>
<i>Olhares masculinos do G12 e M12 sobre a ordenação feminina em Feira de Santana.....</i>	<i>173</i>
<i>Considerações finais.....</i>	<i>178</i>
<i>Lista de fontes.....</i>	<i>181</i>
<i>Bibliografia.....</i>	<i>186</i>

RESUMO

O estudo de grupos neopentecostais tem aflorado nos meios acadêmicos atualmente pela sua visibilidade social, expansão demográfica, política e econômica no Brasil. Este trabalho discute, sob o viés da História Cultural, as práticas e representações religiosas desses grupos, como também, as relações culturais e sócio-políticas que as comunidades que aderiram ao G12, governo dos 12 em Feira de Santana entre os anos 1983 e 2005. O G12 é uma estratégia de crescimento eclesiástico que se desenvolveu a partir da Colômbia e chegou ao Brasil no final da década de 1990.

Analizamos ao longo do trabalho dois tipos de dissidência. A que foi provocada pela adesão ao G12 de pastores da Denominação Batista e outras denominações e sua desvinculação com a denominação por causa da divergências doutrinárias. E a dissidência posterior dentro do G12, na ocasião que o apóstolo Renê Terra Nova, baiano de Serrinha, rompeu com o pastor César Castellanos, de origem colombiana e fundou o M12 (modelo dos 12). Discutiremos as doutrinas, práticas e representações das lideranças do G12, bem como as relações de poder construídas neste âmbito.

Discutimos o contexto histórico que permitiu novas formas de religiosidade dentro do protestantismo. O sistema econômico e político em que se tornou possível novas formas de ser protestante no Brasil. O G12 impulsionou, também, no seio do protestantismo a doutrinação sistemática à respeito da inserção de protestantes na política partidária, na qual Feira de Santana, foi um dos cenários privilegiados de observação pois, houve no ano de 2004 a candidatura de quatro evangélicos vinculados ao G12 e a eleição do vereador Justiniano França da Igreja Batista Missionária. Analisamos os perfis e a atuação destes políticos na Câmara Municipal de Feira de Santana.

Discutimos historicamente a intensa participação feminina nos cultos religiosos de confissão protestante, chegando ao sacerdócio feminino exercido em quase todas as congregações vinculadas ao G12 em Feira de Santana. Analisamos perfis e atuação de mulheres pastoras que foram modelos para as sacerdotisas feirenses.

ABSTRACT

The study of groups neopentecostais have touched on today by his academic profile social, demographic expansion, and economic policy in Brazil. This paper discusses, under the bias of Cultural History, practices and representations of religious groups, as well as cultural relations and socio-political communities that have joined the G12, the 12 Government in Feira de Santana between the olds 1983-2005. The G12 is a growth strategy that has evolved cleric from Colombia and arrived in Brazil in the late 1990's.

I reviewed over two types of labor dissent. Which was caused by the accession of the G12 Baptist pastors of the denomination and other denominations and their departure with the name because of doctrinal differences. And the dissent within the G12 later, when the apostle René Newfoundland, Serrinha of Bahia, broke with the pastor Cesar Castellanos, of Colombian origin, and founded the M12 (the 12 model). Discuss the doctrines, practices and representations of the leaders of the G12 and the relations of power built in this area. We discuss the historical context that allowed new forms of religiosity within Protestantism. The economic and political system which made possible new ways to be Protestant in Brazil. The G12 stimulated also, within Protestantism the systematic indoctrination regarding the insertion of the Protestant political party, in which Feira de Santana, one of the scenarios was privileged to observe because there were in 2004 the nomination of four tied to the evangelical G12 and the election of Alderman Justinian France Missionary Baptist Church. I reviewed the profiles and the performance of politicians in the City of Feira de Santana. Historically discussed the intense participation of women in religious Protestant confession, getting women to the priesthood exercised in almost all congregations linked to the G12 in Feira de Santana. We analyzed profiles and performance of women pastors who were models for the priestesses feirenses.

LISTA DE SIGLAS

ACM- ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES

CBB- CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

CBN- CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL

CEB- CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA BRASILEIRA

CGADEB- CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE
DEUS DO ESTADO DA BAHIA

CIS- CENTRO INDUSTRIAL DO SUBAÉ

CMI- CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS

DEM- DEMOCRATAS

FINOR- FUNDO DE INVESTIMENTOS DO NORDESTE

G12- GRUPO DOS 12

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E
ESTATÍSTICA

INSEJEC- IGREJA NACIONAL DO SENHOR JESUS CRISTO

M12- MODELO DOS 12

MCFF- MOVER CELULAR DO FRUTO FIEL

MCI- MISSÃO CARISMÁTICA INTERNACIONAL

MIR- MINISTÉRIO INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO

PDC- PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO

PNC- PARTIDO NACIONAL CRISTÃO DA COLÔMBIA

PSC- PARTIDO SOCIAL CRISTÃO

PT- PARTIDO DOS TRABALHADORES

LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1</i>	46
<i>Quadro 2</i>	47
<i>Quadro 3</i>	141
<i>Quadro 4</i>	142
<i>Quadro 5</i>	143
<i>Quadro 6</i>	144

LISTA DE ICONOGRAFIA

<i>Fotografia 1 e 2.....</i>	<i>52</i>
<i>Fotografia 3.....</i>	<i>53</i>
<i>Fotografia 4.....</i>	<i>54</i>
<i>Fotografia 5.....</i>	<i>55</i>
<i>Fotografia 6 e 7.....</i>	<i>82</i>
<i>Fotografia 8.....</i>	<i>137</i>
<i>Fotografia 9.....</i>	<i>146</i>
<i>Fotografia 10.....</i>	<i>165</i>
<i>Fotografia 11.....</i>	<i>166</i>
<i>Fotografia 12 e 13.....</i>	<i>167</i>
<i>Fotografia 14 e 15.....</i>	<i>168</i>
<i>Fotografia 16.....</i>	<i>170</i>
<i>Fotografia 17.....</i>	<i>171</i>

INTRODUÇÃO

Analisar o campo religioso brasileiro recente como o lugar da diversidade e da pluralidade religiosa, é, ao mesmo tempo, evidenciar a expressividade da expansão dos diversos grupos protestantes no Brasil e colocar em cheque, abrindo para a discussão, a tradição histórica do catolicismo que representou e ainda representa a religião majoritária no País, bem como a persistência das religiões de origem afro, de acordo com os últimos censos do IBGE. Abrir e dar continuidade a discussões sobre os protestantismos brasileiros, apontando para uma realidade mais plural e mais diversificada é adentrar num cenário complexo, com profundas relações sócio-políticas.

É necessário destacar que a presente dissertação ainda faz parte de um debate introdutório da expansão e da visibilidade social dos grupos protestantes neopentecostais, um dos segmentos religiosos que mais crescem no Brasil, atualmente. Em que pese toda crítica para essa nova categoria de historiadores, qual seja os que trabalham com a História do Tempo Presente, é fato, a necessidade de análises históricas dos fenômenos religiosos, mais atuais, tendo em vista que as demais disciplinas no campo das Ciências Humanas já desenvolveram uma tradição nestes estudos.

Segundo Agnes Chaveau e Philippe Tétart *“o impacto dos acontecimentos deste último século sobre os homens e sobre a sua vontade de “reagir”, isto é, explicar o presente”* (2000, p.15) corroborou para a construção de lugares de estudo dos fenômenos do tempo presente. Ainda que a História do tempo presente coloque-nos problemas metodológicos e epistemológicos é o seu exercício e as críticas da academia que fortalecerão a sua relevância e necessidade.

Neste trabalho pretende-se analisar alguns grupos religiosos que passaram por um momento de neopentecostalização no protestantismo brasileiro, com a adesão ao G12, uma metodologia colombiana de expansão de igrejas protestantes através da gestão dos grupos celulares com doze líderes, este número doze é uma retomada simbólica dos doze apóstolos do Novo Testamento. O G12 foi uma metodologia que surgiu na Colômbia no início da década de 1980, no ministério Missão Carismática Internacional, sob a liderança do Apóstolo César Castellanos e a Pastora Cláudia Castellanos, este ministério se expandiu para outras localidades e nacionalidades.

No Brasil, esta metodologia G12 chegou ao final da década de 1990 e teve a adesão de muitos grupos protestantes, entre eles, alguns históricos, como batistas, presbiterianos, pentecostais como a Igreja do Evangelho Quadrangular e neopentecostais com uma diversidade de grupos independentes. Esta adesão provocou conflitos e experiências diversas entre os protestantes em Feira de Santana.

Em março de 2005, estes conflitos se intensificaram entre as comunidades que aderiram ao G12, com o advento da ruptura entre o pastor César Castellanos e pastor René Terra Nova, este brasileiro e que liderou a Igreja Batista Memorial em Feira de Santana no início da década de 1990, o qual, nessa ocasião fundou o M12. M12 significa “Equipe modelo no Modelo dos 12” e têm muitas características do G12 colombiano. O que marcou o seu início foi o Encontro Mover Celular do Fruto Fiel (MCFF), um retiro espiritual de três dias, no qual a estratégia principal mais discutida foi gerar o amor pela salvação das vidas da membresia com a pretensão de que o trabalho dos leigos fosse intensificado para possibilitar um crescimento mais rápido das suas congregações. Esta ruptura teve intensos desdobramentos entre esses grupos, provocando muitos conflitos entre os protestantes feirenses que tiveram vinculação com o G12 e M12.

O trabalho pretende analisar essa dissidência, questionando a natureza, o caráter e o sentido da ruptura, sendo tangenciado pelas questões sociais, de gênero e política. Bem como, analisar as comunidades religiosas que aderiram ao G12, durante essas duas décadas, onde o marco inicial é o ano de 1983, o período que César Castellanos recebeu a profecia de Deus, que a igreja que ele pastorearia seria de centenas de milhares e tocaria as nações da terra. O ano de 2005, é o ano da ruptura entre os líderes citados, o surgimento do M12 e seus desdobramentos no campo religioso feirense.

TIPOLOGIA DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Em se tratando do protestantismo brasileiro o Centro Ecumênico de Documentação e Informação fez uma proposta de tipologia seguindo os critérios de antigüidade, transplante e teologia. Essa proposta divide o protestantismo brasileiro em: *Protestantismo de Imigração*: Igreja Anglicana, Igreja Luterana e Reformados. *Protestantismo de Missão*: Batistas, Congregacionais, Episcopais, Metodistas e

Presbiterianos; *Pentecostais*: Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja de Deus e Igreja Pentecostal; *Pentecostais autônomos*: Casa da Bênção, Deus é Amor, Evangelho Quadrangular, Maranata, Nova Vida, Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo, Universal do Reino de Deus e outros; *Carismáticos*: Batistas da Renovação, Cristã Presbiteriana, Metodistas Wesleyanos; *Pseudo-protestantes*: Adventistas, Mórmons e Testemunhas de Jeová.

Vale ressaltar que esta não é nem a única e nem a melhor tipologia. Entre os estudiosos do pentecostalismo brasileiro, há uma diversidade de divisões e nomenclaturas para essas formas de religiosidade. A tipologia que adotaremos refere-se ao termo neopentecostalismo, sugerida pelo sociólogo Ricardo Mariano, por entendermos que a sua construção tipológica atende melhor as especificidades do objeto estudado.

Ricardo Mariano critica as classificações e tipologias que importantes autores desenvolveram. Mariano se propõe a discutir as tipologias pentecostais, classificando-as em pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo, constatando a heterogeneidade do fenômeno religioso brasileiro ao evidenciar também a fragilidade da construção desses conceitos que tipificaram as comunidades pentecostais.

O termo neopentecostais, que adotaremos neste trabalho, é uma noção comum entre os estudiosos da religião e designa um conjunto de práticas religiosas que tendem a dialogar com a sociedade capitalista de consumo, atendendo as seguintes características: emotividade nos cultos, os dons do Espírito Santo, adesão à Teologia da Prosperidade, à Guerra Espiritual, com a influência de líderes carismáticos. Os intercursos entre essas práticas religiosas contemporâneas e a sociedade capitalista de consumo, construiu práticas diferenciadas em relação ao ascetismo dos protestantes históricos e pentecostais tradicionais.

Os estudiosos que propunham tal termo não conseguiram uma aceitação geral da academia, o que gerou uma polêmica aberta sobre a palavra neopentecostal. Uma das principais críticas ao termo são de Paulo D. Siepierski, que propõe a designação de pós-pentecostalismo para esses novos movimentos religiosos de genealogia protestante pentecostal. Na concepção de Siepierski, o termo pós-pentecostalismo é mais adequado:

Assim, o pós-pentecostalismo é um afastamento do pentecostalismo tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual. Tal afastamento só foi possível mediante a gradual substituição do pré-milenarismo pelo pós-milenarismo. (SIEPIERSKI, 2003, p.79)

Siepierski defende o termo pós-pentecostal, sobretudo porque ele inicia suas reflexões a partir do princípio milenarista da volta de Cristo, baseado no livro bíblico de Apocalipse 20. Para ele o pentecostalismo clássico de origem americana baseou a sua mensagem e prática religiosa no pré-milenarismo e sua concepção da iminente volta de Cristo, o que produziu o afastamento do fiel dos prazeres mundanos e das questões sociais e políticas. Já o pós-milenarismo afirma que o retorno de Cristo será em futuro distante e imprevisível, o que na prática a relação do fiel com as transformações sociais se evidenciou com a inserção na política, a flexibilidade com os sinais externos de santidade e a acomodação à sociedade e aos seus valores. Em suas palavras:

Os traços característicos incluem uma mistura deliberada de religiosidade popular, a utilização auto-consciente de estilos e convenções anteriores, a construção de estruturas comerciais, o abandono dos sinais externos de santidade e, frequentemente, a incorporação de imagens relacionadas com o consumismo e a comunicação de massa da sociedade pós-industrial do final do século XX. (SIEPIERSKI, 2003: 79)

A análise de Siepierski sobre as formas diferenciadas de pentecostalismo é pertinente e sua contribuição à tipologia do pentecostalismo brasileiro deve ser considerada. Contudo, o termo neopentecostais do sociólogo Ricardo Mariano, é mais adequado ao trabalho, justamente pelo uso do prefixo neo, que denota uma característica nova ao pentecostalismo brasileiro, sem denotar um afastamento tão radical do pentecostalismo clássico.

É também objetivo do trabalho buscar analisar as relações destes sujeitos religiosos com a sociedade circundante, para além das relações de poder, pontuando a dissidência religiosa, criando um novo lugar dentro da posição do campo. A perspectiva de uma leitura brasileira da metodologia religiosa colombiana do G12, procurando adaptar, modificar de acordo com as orientações do líder brasileiro, situando estas relações como lutas de representação entre estes agentes religiosos. Pierre Bourdieu apresenta uma importante contribuição sobre o papel dos agentes religiosos, pela ênfase que dá a esses sujeitos que ajudam a construir a dinâmica do campo religioso, a partir de suas posições sociais e políticas. (BOURDIEU, 2005, p.31)

Pretendemos analisar os conflitos, as discussões e os debates que o G12 e M12 suscitaram no meio protestante no Brasil, além das dissidências que provocou, bem como, discutir a vinculação entre política e religião, que na cidade de Feira de Santana tem se intensificado com estes grupos que aderiram ao G12 e M12. Essa nova prática

religiosa tem galgado visibilidade social para estes grupos que têm apoiado políticos em nível local, regional e nacional. Pretendemos discutir qual a natureza dessa participação, trazendo uma discussão historiográfica sobre a participação de evangélicos na política, enfocando a novidade trazida pelo G12 e M12 ao campo religioso feirense.

Um outro aspecto notório, com a ampliação da concepção de liderança nas igrejas protestantes que aderiram ao G12 e M12, foi a extensão do sacerdócio para mulheres, um assunto ainda muito polêmico entre alguns grupos históricos, a exemplo dos batistas da Convenção Batista Brasileira (CBB). Evidenciar os papéis dessas mulheres, contribuindo para um estudo que leva em conta a valorização do trabalho religioso das mulheres, mas que ainda não tem uma reformulação dos discursos de submissão e virtuosidade, mas que atualiza o aspecto da idoneidade entre a mulher e o homem. Vale ressaltar que o indivíduo idôneo não representa autonomia, porém estar a altura de, ou nas palavras do dicionário: *apto, adequado, conveniente ou que se acha em condições para desempenhar certos cargos ou realizar determinadas obras.* (GAMA KURI, 2002, p.565)

A apresentação destes tópicos temáticos integra num contexto mais geral a hipótese de que as comunidades que aderiram ao G12 reelaboraram a ascese tradicional dos protestantes de uma forma eficaz, tendo em vista que este modelo de Igreja se mostrou mais adaptado às demandas neoliberais do capitalismo, haja vista, a expansão dessas comunidades religiosas, que faz parte de um fenômeno nacional e latino-americano. Vale ressaltar que a análise se detém entre as grandes congregações que chegaram a mais de quinhentos membros entre os batistas em Feira de Santana, dentre elas Igreja Batista São, Igreja Batista Missionária, Igreja Restauração em Cristo, Ministério Internacional de Adoração a Deus, Igreja Batista Central, Igreja Batista Memorial, Ministério Aliança com Deus Internacional. Estas não representam a totalidade de adesão, mas uma amostragem das congregações que aderiram ao G12 através da atuação de René Terra Nova e César Castellanos.

QUESTÕES METODOLÓGICAS E REFERENCIAL TEÓRICO

Os protestantes históricos que surgiram em meio ao contexto reformador da Europa do século XVI e XVII se desenvolveram de forma diferenciada, embora naquele momento, tivessem alguma identificação religiosa que deu uma liga a estes movimentos

religiosos, qual seja, a contestação às práticas religiosas, morais, sociais e políticas da Igreja Católica.

No entanto, luteranos, anglicanos, calvinistas, batistas e zuínglios os primeiros grupos a se formarem, tiveram características que no seu desenvolver os diferenciaram doutrinariamente, no momento em que as demandas políticas, sociais e religiosas eram diferentes para cada contexto. Por isso essa diversidade de situações tanto individuais quanto sociais que envolviam as necessidades religiosas que vieram satisfazer, aliando-se às relações de poder que permitiu concretizar com a liberdade de interpretação dos textos bíblicos e o princípio do sacerdócio universal.

Dessa forma, muitos estudos historiográficos sobre o protestantismo se desenvolveram e tem se desenvolvido para fundamentar a pluralidade e a diversidade desse ser protestante, constatando diferenciadas formas de ser protestante, tanto na Europa, nos EUA, no Brasil e em Feira de Santana.

A historiadora Marli Geralda Teixeira expõe ao longo do seu trabalho de doutorado um exemplo de como os batistas na Bahia, entre o final do século XIX e meados do século XX, eram peculiares em exaltar a sua forma ascética de se comportar no mundo. Com uma roupagem de contestação às práticas culturais e religiosas vigentes na sociedade baiana, a forma pietista ascética, na mentalidade dessa comunidade religiosa, a tornou diferente ao mesmo tempo em que conferia legitimidade religiosa em relação aos outros grupos religiosos vigentes no período, evidenciando as relações do grupo religioso com o seu contexto histórico. (TEIXEIRA, 1983: 14)

Os princípios teológicos do sacerdócio universal e a livre interpretação da Bíblia, têm em si o germe da divisão que em certas ocasiões se pretendeu legítima. Dessa forma se busca investigar como estes grupos do protestantismo histórico que se constituíram historicamente de uma forma ascética em relação à cultura brasileira, durante a vigência do século XX, com o surgimento dos pentecostalismos e neopentecostalismos, e o seu posicionamento doutrinário diferente dos grupos originários da Reforma, como e por que estes grupos que historicamente são intolerantes às outras práticas religiosas puderam se apropriar de práticas nitidamente neopentecostais? Em outras palavras: Como e porque as práticas neopentecostais têm adentrado nos grupos do protestantismo histórico, a exemplo dos batistas e presbiterianos?

A obra de Max Weber “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” é um dos estudos mais consagrados e tradicionais sobre protestantes e sociedade. O teórico

alemão discute na sua tese a ética protestante peculiar dos calvinistas e sua forma de se comportar no mundo que favoreceram ao surgimento do capitalismo. A ascese protestante intramundana, ou seja, uma forma de se comportar avessamente aos padrões culturais, estando, entretanto, inserido nessas vivências a partir de uma racionalização do trabalho e do controle sobre a moral e os valores, produziu uma forma peculiar calvinista de estar no mundo.

A essa forma peculiar de estar no mundo dos protestantes, especialmente os calvinistas e sua caracterização de afastamento da vida mundana e pecaminosa, porém realizando atividades racionalizadas de investimento e inserção na economia se traduziu no que entendemos como a ascese peculiar calvinista. Queremos utilizar este conceito de Weber para entendermos um conjunto de práticas neopentecostais da contemporaneidade, que atualizam a ascese tradicional, dialogando com novos elementos da sociedade capitalista neoliberal, a exemplo da Teologia da Prosperidade.

Objetivamos discutir essa nova ascese protestante cunhada pelo G12 e M12, propondo novas questões e desafios teóricos. Entre as quais, como a Teologia da Prosperidade pode ser ao mesmo tempo ruptura e continuidade com a ascese tradicional vista por Weber? Com a intensificação das relações capitalistas e o advento do neoliberalismo econômico, observa-se a influência das relações de mercado sobre as práticas dos grupos neopentecostais.

Estas comunidades neopentecostais se apropriaram de capitais simbólicos dos grupos protestantes históricos e de elementos pentecostais, reelaborando de uma forma eficaz novas práticas e representações religiosas, tais como as desenvolvidas pelo G12 e M12. Esta nova metodologia eclesiástica neopentecostal fez essa reinvenção das práticas protestantes tradicionais, isto é, a apropriação de capitais simbólicos conquistados pelos protestantes históricos desde a sua formação na Europa moderna, e estabelecimento na América Latina e Brasil, revestindo-a de uma roupagem mais adaptada à sociedade capitalista, uma releitura que chega à Teologia da Prosperidade, ou a busca da eficácia empresarial nas tarefas eclesiásticas.

O que se busca investigar é o porquê de muitos dos segmentos do protestantismo histórico terem aderido ao G12, um movimento religioso de perfil neopentecostal. O que em si já pode se constituir numa contradição, que causou muitos desdobramentos conflituosos no sub-campo protestante, gerando muitas divisões religiosas na virada para o século XXI. A presente pesquisa tem o objetivo de trazer estas discussões que aparentemente eram teológicas, mas que tinham outras relações em jogo, como poder,

legitimidade, finanças, relações sociais e políticas aliadas a outras questões para o campo da História Cultural, enfocando a complexidade do fenômeno religioso que carece de investigações e busca de nexos.

Karl Marx fez um exercício de crítica à Filosofia do Direito e do Estado Alemão, baseada em Hegel, na qual ele trata de tema similar ao que tentamos desenvolver, isto é as relações entre a religião e a política. A sua concepção materialista da História se alinha à nossa avaliação de que estudar religião, não é discutir apenas as coisas do céu, mas constatar efetivamente que as vivências religiosas estão situadas na terra e são passíveis de crítica. *A crítica do céu transforma-se assim em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, a crítica da teologia em crítica política.* (MARX, 1872: 47).

Nessa perspectiva, vale salientar o sacerdócio feminino como um dos elementos dessa problemática que são essas novas representações protestantes reelaborada pelos grupos que aderiram ao G12 e M12, implementando novos lugares para o trabalho religioso feminino. Dessa forma, como se deu esse processo de ampliação do poder feminino nesse contexto? Como se deu a recepção do sacerdócio de mulheres entre os grupos históricos? Quais foram os avanços, recuos e negociações que se pôde perceber dentro dessa temática?

A continuidade de práticas rígidas e autoritárias da Convenção Batista Brasileira que desde o início do século XX já divergia radicalmente das novas propostas religiosas, que vale ressaltar não eram tão inovadoras, perpassando mais as questões doutrinárias e sociais em determinados momentos. Esse não foi um episódio isolado em relação às origens norte-americanas, mas decorrente de uma conjunção de interesses econômicos e sociais e da própria disputa pelo poder dentro do sub-campo protestante, que ao longo da história do protestantismo tem se verificado com frequência.

Discutindo dissidências entre a Convenção Batista e algumas igrejas em Salvador durante o século XX, Teixeira cita:

Resultaram disso a separação de igrejas da Convenção Interestadual para formarem em 1923 a Convenção Batista Baiana (de vigência até os dias atuais); a divisão interna de igrejas, produzindo outras; a extensão dos antagonismos administrativos a rivalidades de caráter pessoal; o aparecimento da intensa polêmica pela imprensa, sendo o jornal O BATISTA BAIANO representativo da posição construtiva. (TEIXEIRA, 1983: 65)

O G12 produziu inovações e polêmicas, Pretendemos analisar como foi a receptividade da Convenção Batista Brasileira e Baiana, e dos outros grupos históricos, às congregações que aderiram ao G12? Como foram administrados os conflitos e as divergências no contexto de implantação da metodologia colombiana nas congregações locais? A autonomia das congregações batistas foi preservada ou ressignificada, conforme as demandas da nova metodologia do G12?

.Consideramos que o exercício interpretativo da presente dissertação é além de pioneiro, introdutório, mas que propõe questões relevantes e incontornáveis para o estudo numa perspectiva histórica dos grupos protestantes em Feira de Santana que aderiram ao G12 e M12 e que têm experimentado um crescimento e visibilidade espetaculares na sociedade feirense.

A História Cultural é um dos domínios deste campo disciplinar mais freqüentado pelos historiadores da contemporaneidade. A historiografia francesa foi muito importante neste cenário em todo o século XX, não apenas na Europa, mas também no Brasil. Essa relevância se constata pelo trânsito de intelectuais franceses nas universidades brasileiras desde a década de 1950, quando o francês Émile Guillaume Léonard veio para o Brasil e foi o primeiro historiador a produzir uma análise científica sobre o protestantismo brasileiro, o qual recebeu fortes influências da Escola dos Annales. (LÉONARD, 2002, p.17)

Na obra “O protestantismo Brasileiro”, o historiador francês, fez o primeiro exercício crítico de relacionar aspectos da religiosidade no Brasil com as transformações da sociedade, construindo uma pioneira História Social dos protestantismos brasileiros. Ainda que o trabalho seja passível de críticas, o seu trabalho pioneiro deve ter sua relevância considerada.

As problemáticas da linha História Cultural se configuraram a partir da influência dos Annales e do marxismo. Nesse contexto de ampliação dos horizontes na História, houve uma maior abertura para temas como religião, atitudes diante da vida e da morte, o estudo do mental, visões de mundo, entre outros objetos.

Nas últimas décadas do século XX, Roger Chartier constatou que a História vem passando por um tempo de certezas abaladas, desafios epistemológicos e quebra de paradigmas. Isso, o autor constata em diversos ensaios que produz como o “Mundo como representação”. A sua abordagem entende o contexto da historiografia atual como um terreno aberto para a difusão de muitos trabalhos onde a cultura, as percepções, as leituras, as representações, o poder, ganham um novo olhar. Segundo o autor, os

historiadores da contemporaneidade enfrentam muitos desafios, seja pela necessidade do esforço intelectual das análises qualitativas que aos poucos vão galgando espaços no terreno das ciências, seja pela polêmica da História como disciplina científica.

Pretendemos discutir e demonstrar a viabilidade da História Cultural como uma ferramenta teórico-metodológica relevante para o estudo do fenômeno religioso. Faremos uma abordagem interdisciplinar, na qual a Antropologia e a Sociologia terão um lugar de destaque, sobretudo, na afirmação epistemológica da religião enquanto elemento integrante da cultura e gerador de sentido e práticas culturais.

Chartier indica que o caminho interpretativo para uma análise histórica é mais eficaz com a abordagem do conceito de apropriação, onde importa os modos como o indivíduo e os grupos se apropriam de uma determinada forma cultural, ou de um motivo intelectual. Com isso, Chartier extrapola o primado da quantificação, numa perspectiva de que a análise qualitativa é complementar a base estatística por possibilitar uma compreensão das relações que são estabelecidas, em um dado momento. *A História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.*” (CHARTIER, 1986: 16)

A partir de leituras de Pierre Bourdieu e Roger Chartier, especialmente dos conceitos de representação, lutas de representação e apropriação construímos as referências teóricas fundamentais. Uma delas enfoca as representações que foram construídas pelos evangélicos feirenses acerca de René Terra Nova. Pretendemos analisar estas representações como uma das evidências da ruptura que, associadas com questões referentes às relações de poder e sua simbologia, elaboração e reelaboração de discursos, práticas religiosas, doutrinas, debates teológicos dessas matrizes discursivas acerca das doutrinas e práticas da metodologia das células provocou profundas alterações no cenário protestante feirense.

Pierre Bourdieu nos apresenta questões instigantes no tratamento das disputas pelo poder religioso, tendo em vista que o objetivo deste trabalho é discutir as lideranças do G12 e M12 em Feira de Santana. Ao trabalhar os conceitos de sacerdote, profeta e monopólio dos bens de salvação. Conceituando a categoria de análise “campo religioso”, levando-se em conta a dinâmica do campo e as relações que se constroem entre os agentes que dele participam, podemos nessa categoria buscar quais são as outras relações que permeiam a vinculação simbólica entre René Terra Nova e César Castellanos, enquanto agentes religiosos de destaque.

Para além da apropriação do método celular por René Terra Nova, tem que se levar em consideração também como foi a apropriação desse método pelas lideranças locais em Feira de Santana, levando-se em conta as origens doutrinárias destes sujeitos para entender as diferentes formas de apropriação, os conflitos, as disputas, e os desdobramentos, que resultaram em cismas, desligamento com o G12 e com o M12 e a consolidação de algumas congregações sob a metodologia M12.

Nessa perspectiva da História Cultural, qual seja, de uma história das formas de apropriação, de percepção e de leitura do real, evidencia-se que Chartier está fazendo uma síntese dos avanços metodológicos na disciplina do início do século XX, com as discussões da História Cultural Francesa da década de 60 e 70. Nessa concepção, as representações e as percepções do mundo social, estão estreitamente relacionadas com as posições sociais, e as lutas de representação, visando uma justificação de práticas e condutas dos indivíduos. *As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.* (CHARTIER, 1986: 17)

Dessa maneira, as lutas de representação, tendo em vista as relações que se estabelecem entre as posições, é um conceito bastante relevante no estudo da implantação do G12 em Feira de Santana e a posterior ruptura entre René Terra Nova e César Castellanos. Essas duas questões não expressam apenas um fato religioso, mas, sobretudo, um fato político que se explicita pela disputa do poder religioso, através da construção de imagens representativas dessas duas figuras e do capital simbólico que as lideranças protestantes construíram em torno deles. Segundo Chartier, a configuração da sociedade ocidental:

Faz com que os confrontos sociais fundados sobre os afrontamentos diretos, brutais, sangrentos, cedam cada vez mais o lugar a lutas que têm por armas e por fundamentos as representações. De outro lado, é do crédito concedido (ou recusado) às representações que propõem de si mesmos que depende a autoridade de um poder ou o poderio de um grupo. (CHARTIER, 1986: 95)

O conceito de representação como construção de sentido do mundo social, depende da relação entre os discursos proferidos e da posição de quem os utiliza. Nesse sentido, o estudo de práticas religiosas adquire um lugar de destaque na sociedade, sobretudo, pela relação entre o mundo social e o mundo do sagrado. Algumas

comunidades religiosas conseguem adquirir um grande prestígio social, pelas representações que são construídas e pela encarnação dessas matrizes discursivas. Ou seja, o lugar social dos agentes no campo, terá uma estreita relação com as suas percepções do mundo social, de maneira que o seu discurso visa a produção de estratégias, práticas sociais, políticas e escolares que impõem autoridade, legitimando e justificando as condutas e escolhas dos indivíduos. É o momento em que o discurso se tornou prática e está comandando atos.

Dessa forma é importante destacar como as concepções teóricas de Roger Chartier, orientaram a leitura qualitativa das fontes que estão elencadas na lista de fontes ao final do texto. O conceito de representação como construção de sentido do mundo social, tem possibilitado vislumbrar como as novas práticas religiosas dessas comunidades protestantes em estudo, qual seja, de engajamento político, diálogo com a sociedade de mercado e o sacerdócio feminino, fazem parte de uma matriz discursiva que constrói representações, que por sua vez se tornam práticas, levando-se em consideração as diferenças que dependem do lugar social que estes sujeitos se apropriam desses discursos.

Erwin Panofsky, poderia constituir um incitamento nesse sentido, pois define a função simbólica (dita de simbolização ou de representação) como uma função mediadora que informa as diferentes modalidades de apreensão do real, quer opere por meio de símbolos lingüísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou dos conceitos do conhecimento científico. A tradição do idealismo crítico designa assim por forma simbólica todas as categorias e todos os processos que constroem o mundo como representação. (CHARTIER, 1986: 19)

Uma vez que o mundo da representação é construído por textos, leituras e práticas complexas, múltiplas e diferenciadas, por símbolos que possuem funções, a crença, a religião, os comportamentos religiosos e suas formas de sociabilidade surgem como novos objetos históricos passíveis de um tratamento metodológico interdisciplinar, pela conciliação dos vários campos disciplinares de investigação, enriquecendo e ao mesmo tempo conferindo legitimidade científica.

O conceito de representação permite articular três modalidades da relação com o mundo social. Uma delas é o trabalho de classificação e delimitação do grupo com o seu respectivo conjunto de práticas que constroem uma identidade social e as formas institucionalizadas que marcam a existência do grupo. Essas modalidades têm uma importância fundamental para o estudo da religião, pois é sobretudo a partir desses

níveis metodológicos que será visível a relação entre a identidade social do grupo e a importância dele para a sociedade, através da visibilidade social que a ocupação de lugares institucionais promove. (CHARTIER, p.17)

A visibilidade social de uma prática religiosa se relaciona com a representação, na medida em que as matrizes de discursos são construídas por agentes religiosos a partir de determinado lugar social e esses discursos se tornam práticas sociais de parcelas significativas da população, as quais, por sua vez estão construindo capitais culturais, econômicos e políticos da sociedade. O que isso pode indicar é uma mudança no perfil da sociedade, uma diversificação, uma complexa relação dialética.

O estudo das representações e das lutas de representação tem se mostrado assaz fecundo entre a historiografia das religiões e das religiosidades. Além da Nova História Cultural Francesa, se pretende neste texto realizar um diálogo interdisciplinar com os conceitos da Sociologia, especialmente de Pierre Bourdieu. A categoria de análise “campo religioso” e os conceitos implícitos nela constituem uma ferramenta teórico-metodológica que permite situar os sujeitos no campo de disputas, enquanto agentes religiosos, possibilitando o entendimento do que seja o poder religioso e suas implicações na ruptura entre o G12 e o M12 no Brasil e em Feira de Santana, particularmente.

Esta categoria de análise permite um trabalho intelectual qualitativo, de análise de conteúdo das fontes, relacionando o campo religioso, o campo das relações sociais e o campo do poder, ou seja, o campo religioso não se explica por si mesmo, porém pela relação que estabelece com os outros campos da totalidade do social.

Nesse sentido, a busca por visibilidade social de uma determinada prática religiosa remete diretamente ao corpo de sacerdotes, a mensagem religiosa, a competência religiosa, às marcas de distinção do saber sagrado e do simbolismo presente nas práticas religiosas, que os conceitos de Bourdieu como eficácia simbólica, profeta, persuasão, manipulação simbólica das aspirações, entre outros são bons instrumentos para a pesquisa em religião.

Pretende-se aqui nesta abordagem teórico-metodológica, um diálogo entre o conceito de Campo Religioso, sendo aplicado de uma forma relacional ao campo das relações sociais, pensando o conceito de representação, apropriação, numa perspectiva de lutas de representação entre discursos, práticas materiais, míticas e simbólicas que visam a legitimação de uma ordem, tendo em vista a complexidade do fenômeno religioso.

Bourdieu é um dos principais intelectuais que participaram na própria construção epistemológica deste campo de estudos, trazendo a religião para o campo da ciência ao extrapolar o fato religioso do âmbito da teologia, da apologia ou da simples desqualificação. Ao fazer uma síntese dos principais teóricos clássicos, propõe conceitos que vinculam o fato religioso ao campo das relações sociais. Em suas palavras:

Esta teoria da linguagem como modo de conhecimento que Cassirer estendeu a todas as “formas simbólicas” e, em particular, aos símbolos do rito e do mito, quer dizer, à religião concebida como linguagem, aplica-se também às teorias e, sobretudo, às teorias da religião como instrumentos de construção de fatos científicos (BOURDIEU, 2005: 27)

Entendemos o Campo Religioso como um esquema conceitual. Além disso, uma ferramenta metodológica para o estudo do G12 e dissidência em Feira de Santana na matriz protestante contemporânea. Esta ferramenta teórico-metodológica é relevante pelo princípio de que o campo é o lugar histórico onde se dão todas as relações sociais.

A noção de campo é relevante e aplicável para os estudos da religião, por que situa conceitualmente que a religião não está desligada das transformações sociais, mas que está inserida temporal e espacialmente num contexto de interdependência e reforço recíproco entre as transformações tecnológicas, econômicas e sociais, sendo este relativamente autônomo às transformações culturais. Segundo o autor este campo possui uma autonomia relativa, construindo uma crítica a oposição simplista entre a ilusão da autonomia do discurso religioso e a teoria reducionista que torna este discurso o reflexo direto das estruturas sociais. Esta oposição simplista em si dá explicações insatisfatórias sobre o aspecto religioso e a sua complexidade, multiplicidade e sua diversidade. (BOURDIEU, 2005: 32)

A proposta de Pierre Bourdieu, de esgrimir os modos possíveis de analisar as obras culturais com um método que estabelece a existência de uma relação inteligível entre as tomadas de posição e as posições no campo social, orienta metodologicamente, a análise das posições e tomadas de posição entre os sujeitos em análise, desconstruindo a visão de que as rupturas religiosas são simples querelas entre líderes.

As estratégias dos agentes e das instituições que estão envolvidos nas lutas literárias, isto é, suas *tomadas de posição* (específicas, isto é, estilísticas, por exemplo, ou não específicas, políticas, éticas, etc.), dependem da posição que eles ocupem na estrutura do campo, isto é, na distribuição do capital simbólico específico, institucionalizado ou não (reconhecimento interno ou

notoriedade externa), e que, através da mediação das disposições constitutivas de seu *habitus* (relativamente autônomos em relação à posição), inclina-os seja a conservar seja a transformar a estrutura dessa distribuição. (BOURDIEU, 1996: 64)

A noção de campo, permite-nos dinâmica e mobilidade, incluindo a possibilidade de transformações no campo, com a construção de outras posições. Este é o caso de René Terra Nova que ao romper o discipulado com César Castellanos, criou uma nova posição dentro do campo religioso, paralela a de César Castellanos, porém de um outro modelo organizacional que é o M12, agora brasileiro tentando dialogar com a cultura brasileira.

As representações sobre essas lideranças religiosas perpassam pelo âmbito dos símbolos, dos mitos, dos ritos, de toda uma liturgia que construiu a imagem que estes dois homens são homens cheios do Espírito Santo e por isso têm o poder simbólico de praticar curas, libertações e ter uma autoridade espiritual inquestionável, fundamentando a sua posição hierárquica dentro do campo protestante em questão.

Essa doutrinação, nas palavras de Bourdieu inculcação, legitima a hierarquização, numa perspectiva de impor um consentimento aos fiéis, o que só funciona pela eficácia do carisma do profeta. Dessa forma a religião enquanto sistema simbólico, dotado de poderes simbólicos, possui funções sociais que engendram tanto o sentido, quanto o consenso em torno do sentido das práticas religiosas. Em suas palavras Bourdieu afirma:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e a sobras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 2006: 69)

Os conceitos de sacerdote como o poder estabelecido, profeta, carisma e eficácia simbólica funcionam metodologicamente no campo para definir as posições e tomadas de posições que ocorrem no campo religioso. Segundo Bourdieu, o sacerdote é o agente do campo que detém o poder simbólico institucionalizado porque ele monopoliza o capital simbólico que é o saber sagrado e a gestão de seus bens. Já o profeta é definido como o homem de situações extraordinárias com um discurso contra a instituição, podendo ele surgir da própria instituição. Carisma é justamente a propriedade de conseguir a adesão de fiéis. A eficácia da mensagem religiosa é o próprio elemento

aglutinador que confere ou não sucesso ao profeta em sua luta por posições no campo. (BOURDIEU, 2005: 55)

Nesse sentido, os conceitos sintetizados por Pierre Bourdieu na concepção de Campo Religioso se complementam à noção de habitus, por entender que o habitus intermedia o espaço das posições sociais e o espaço das tomadas de posição. É o habitus o princípio que gera práticas distintas e distintivas, que no caso do estudo da religião, a própria inculcação religiosa trabalha nesta perspectiva de transformar algumas práticas em *ethos*, e não apenas em hábito. Em suas palavras, *o habitus é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas.* (BOURDIEU, 1996: 21). Este conceito se vincula de forma muito estreita à organização eclesiástica protestante, que ora analisamos.

Nessa perspectiva, o estudo das práticas e das representações possibilitam uma abordagem relacional entre práticas religiosas e a sua vinculação com o poder na sociedade, ou seja, como é que esses grupos que buscam visibilidade social através da intensificação das relações com as instâncias sociais, se relacionam na sociedade circundante uma vez que ser representado na sociedade, através da política, galgando essa visibilidade, é um dos principais objetivos do G12, tanto por César Castellanos e discípulos, quanto para René Terra Nova e seus seguidores.

No exercício de pesquisa qualitativa com as fontes orais e escritas pudemos evidenciar a ocorrência das palavras: adaptações, alterações, diferenças, identidade quando se discutia sobre a importância de René Terra Nova para a implantação do G12 no Brasil e a posterior ruptura com César Castellanos. Na nossa leitura, os termos supracitados estavam relacionados à apropriação que o líder René Terra Nova fez do método colombiano, reelaborando algumas práticas e representações das comunidades protestantes feirenses que conheceram o G12 e as células através do pastor brasileiro.

AS FONTES

As fontes para essa investigação histórica são doutrinárias, escritas e orais. Entre as fontes doutrinárias estão os livros produzidos pelos líderes do movimento citados. “Os livros Liderança de sucesso através dos 12” e “Sonha e Ganharás o Mundo” de

Castellanos e “A Visão profética para a conquista das nações” e “O Abecedário das Células”, de René Terra Nova, são muito importantes para o trabalho por fazer uma discussão sobre o G12, as células, os líderes. Outros livros também serão trabalhados e estão na lista de fontes anexadas ao trabalho, a relação destes livros possibilita um aprofundamento sobre o G12, para além de uma reflexão sobre a relação entre identidade denominacional e a aplicação dos princípios do G12.

O material administrativo destes estabelecimentos religiosos como os livros de atas das congregações que aderiram ao movimento e os livros de membros não foram utilizados como fontes, pois os pastores do movimento concentraram as decisões na sua pessoa e ainda não deram permissão para pesquisa nesse material das congregações.

Trabalhamos com os periódicos “Yahweh Shammah: O Senhor está aqui,” que é produzido em Feira de Santana, a “Revista G12: ‘A revista oficial da Igreja em Células no Modelo dos 12 nos cinco Continentes’” e a “Revista Geração Celular: ‘A revista oficial da Igreja em Células’”, ambas são de circulação nacional. Além disso, agendas de líderes, manuais para líderes, cartas eletrônicas entre líderes nacionais do movimento, livros dos encontros, foram de grande relevância para a pesquisa, enquanto acervo documental.

As fontes iconográficas são as fotos de eventos festivos, dos objetos rituais e das congregações. Uma peculiaridade no estudo do protestantismo é a dispersão do material de estudo e em nosso caso a necessidade de produzir este material para viabilizar a pesquisa foi relativamente difícil. Estes tipos de fontes dizem muito da organização interna desse campo de análise, das práticas materiais e simbólicas, para além das representações que foram construídas acerca do movimento e a própria maneira de pensar dos seus líderes.

O método utilizado com as fontes orais, foi o uso de questões abertas sugeridas pelo etnotexto. O etnotexto foi um método utilizado por Tânia Gandon em que ela aplicou a formulação de questões genéricas para evidenciar elementos relevantes da memória coletiva. Com esta ferramenta procuramos analisar aspectos da memória seletiva que mais afloravam durante as entrevistas. Nas palavras de Tânia Gandon sobre a História Oral:

A História Oral, seja em que versão ela seja utilizada, põe em relevo a fala humana e a memória. O discurso da memória é altamente dinâmico, vai sendo construído em função de cada contexto do presente-o lugar do discurso- e também em função da imagem que se quer transmitir e da

“negociação” identitária que consciente ou inconsciente se estabelece numa fala. (GANDON, 2005: 231)

Vale ressaltar que a memória com a qual estamos trabalhando é bastante recente. Este método foi importante, porém encontramos dificuldades com as respostas que algumas vezes pareciam não dizer nada. Tal problema contornamos com a flexibilização dos roteiros, muitas vezes interferindo com questões que não estavam programadas e desistindo de algumas questões por visualizar a experiência de nem todos os informantes saberem ou quererem discutir alguns assuntos. Outra questão que surgiu com a intensificação das entrevistas e para nós foi fundamental, foi o silêncio sobre o motivo da ruptura, com o qual tivemos que enfrentar com mais cuidado, rigor e ética no segundo capítulo, analisando os conflitos, os jogos, e as estratégias. (CERTEAU, 1994: 271)

As fontes orais são de grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa com a realização de entrevistas com os líderes do movimento em Feira de Santana como René Terra Nova, Luciano de Almeida Moura, João Batista da Silva, Manoel Pedro de Sousa, Augusto Sá Barreto, Marcos Sales Batista, Simone de Araújo Moura, entre outros. A análise de aspectos práticos dessa religião protestante, que não estavam presentes no material doutrinário impresso.

As fontes de cunho oficial que são as Atas, Projetos de Lei, Decretos Legislativos, Resoluções do Regimento Interno e os Projetos de Decreto da Câmara Municipal de Feira de Santana, nos fornecem pistas da vinculação entre os líderes do movimento e os representantes políticos da cidade e sua visibilidade política. O caso em pesquisa é a distribuição de honrarias da cidade para líderes do G12 e a realização de atividades sociais legalizadas por um respectivo projeto de lei por essas comunidades. Os títulos de Cidadão feirense e a Comenda Maria Quitéria que já foram outorgadas a muitos pastores do G12, inclusive a René Terra Nova, são honrarias municipais que precisam de uma tramitação política na Câmara de Vereadores. Percebemos a aproximação entre essas lideranças e as representações políticas na cidade, que têm distribuído títulos políticos a religiosos que têm um tipo de honraria específica, a saber a Medalha Missionário Roderick Gillanders Murdo, uma homenagem ao primeiro casal de missionários protestantes que instalou a primeira comunidade protestante em Feira de Santana com a fundação da Igreja Evangélica Unida na década de 1930.

UNIVERSO ESPACIAL: FEIRA DE SANTANA NO FINAL DO SÉCULO XX

O universo espacial em que situamos o trabalho é Feira de Santana entre os anos de 1983 a 2005. Neste período, o município já havia passado por intensas transformações econômicas, políticas, culturais e sócio-demográficas em relação à sua origem. Mediante um desmembramento do município de Cachoeira, em 1832, este passou a assumir a nomenclatura de Feira de Santana pelo Decreto Estadual nº11.089, de 30 de novembro de 1938. (ROSSINE, 1999: 275)

O município faz parte da Mesorregião Centro-Norte Baiano e da Microrregião Geográfica de Feira de Santana, compreendendo área urbana, rural e mais oito distritos num total de 1.344 Km². Sua localização geográfica privilegiada pelo entrecruzamento de diversas rodovias estaduais e nacionais que ligam a Região Sul e Sudeste à Região Norte e Nordeste, além de ligar a capital, Salvador ao interior do Estado.

De acordo com Cruz (1999, p.277), o município desde as suas origens possuía uma característica comercial,

Comprar, vender, investir, trocar, negociar... são verbos conjugados e praticados no dia a dia de Feira de Santana, desde sua origem, constituindo a principal marca da cidade. Desde seus primórdios, a constância dos movimentos do capital mercantil e agropastoril e o crescimento das transações comerciais ganharam volume e atraíram população e investimentos que transformaram Feira de Santana, criando fortes elos comerciais e produtivos com a capital do Estado e com diversos municípios de todo o interior baiano.

Freitas (1998), atribuiu o crescimento da cidade à sua condição de entroncamento rodoviário, por que a sua expansão se deu ao longo dos eixos de acesso a Salvador e ao interior do Estado. Além do desenvolvimento de estabelecimentos comerciais e residências ao longo dessas vias rodoviárias, constatou que na década de 1960, se deu o aparecimento de bairros mais afastados do centro e da parte externa do Anel de Contorno Rodoviário, enfatizando a expansão urbana de Feira de Santana para todas as direções.

Nas décadas de 70 e 80, foram aprovadas vários loteamentos criando 20.000 novos lotes na parte externa do Anel de Contorno Rodoviário contribuindo assim para a expansão destas áreas.(FREITAS, 1998: 114) Ainda segundo a autora foram o desenvolvimento industrial e do setor de serviços que contribuíram para a ocupação e

urbanização de Feira de Santana, contribuindo para a periferização da município com a criação de inúmeros bairros.

Segundo Cruz (1999), suas atividades econômicas, quais sejam, o comércio, atividades agropastoris, a industrialização, e o setor de serviços, possibilitou uma intensa corrente migratória das regiões circunvizinhas nas décadas de 1970 e 1980, além de populações de outros Estados do Nordeste o que ocasionou a aceleração da ocupação urbana, *“seja através de loteamentos populares e aglomerados habitacionais, seja nas atividades de comércio e de serviços, seja nas invasões e ocupações irregulares”*.

A implantação do CIS (Centro Industrial do Subaé) e suas demandas sociais criadas intensificaram as migrações para Feira de Santana entre as décadas de 1970 e 1980. Freitas (1998, p.87) explica na sua dissertação de mestrado que os *“principais atrativos para sua implantação os incentivos fiscais do programa FINOR, a isenção do imposto de renda e o excedente de mão-de-obra, caracterizando potencialmente um espaço de concentração industrial.”*

Este processo de urbanização do município de Feira de Santana e a conseqüente ocupação dos bairros, loteamentos, logradouros das décadas de 70, 80, e 90 do século XX, foram fundamentais para a expansão do pentecostalismo e neopentecostalismo. Segundo Freston (1992), o crescimento evangélico está ligado à urbanização e à expansão de uma sociedade de massa. Segundo o autor, os grupos protestantes tiveram maior crescimento demográfico, sobretudo, na segunda metade do século XX, período em que se deu o desenvolvimento urbano de Feira de Santana, conforme analisado anteriormente.

Outros estudiosos do pentecostalismo brasileiro como Sipierski (2000) concordam que as transformações sociais, políticas e econômicas que o Brasil como um todo passou ao longo do século XX, provocaram mudanças qualitativas nas formas de relações sócio-culturais favorecendo à emergência de um ambiente propício à pluralidade religiosa.

De acordo com Sipierski (2000, p.542),

A partir da década de 70, entretanto, quando a urbanização já estava consolidada e o setor terciário começava a superar o secundário, um segmento do pentecostalismo experienciou uma metamorfose para se adaptar as novas exigências do mercado religioso e se estabelecer como o grande vencedor no atendimento à demanda religiosa.

Por isso é relevante o estudo da expansão dos grupos neopentecostais no município, pois o crescimento demográfico deles é também um indicativo de como o campo religioso feirense se tornou mais plural, exercendo influências recíprocas no campo social, econômico e político. Observando-se de Feira de Santana, basta uma simples caminhada pelos seus bairros para notar a expressividade do número de congregações pentecostais e neopentecostais espalhadas por todo o município.

A interdisciplinaridade é um dos aspectos relevantes e notórios para fazer um trabalho que discute religião. O aporte teórico da Sociologia, o conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu norteou todo o trabalho bem como uma extensa lista de trabalhos de sociólogos.

Marcos importantes estão na introdução deste trabalho como a implantação do protestantismo histórico missionário no Brasil no século XIX, a chegada dos grupos pentecostais nas primeiras décadas do século XX e a posterior avalanche neopentecostal no final da década de 1970. Estes três grupos bastante distintos dentro da confissão protestante possuem práticas e representações diferenciadas e conflitivas doutrinariamente o que teve como consequência uma particular tendência aos divisionismos no seu interior.

O estudo que desenvolvemos versa sobre as origens do G12, suas doutrinas, práticas e representações na Colômbia e sua implantação nas congregações em Feira de Santana. O cerne da nossa discussão é o estudo das relações de poder dentro da estrutura eclesiástica, o que produziu conflitos e tensões dentro do grupo, favorecendo à existência de dissidências dentro do G12 e a origem do M12.

A nossa análise não se restringiu à História religiosa propriamente dita, mas as relações que as lideranças e os fiéis do G12 e M12 estabeleceram com a sociedade circundante, dando origem a uma nova forma de ascetismo intramundano entre estes grupos protestantes. Sua inserção na política de Feira de Santana e a intensificação do trabalho religioso feminino com ordenação, foram alguns dos elementos que construíram esta nova ascese protestante.

CAPÍTULO 1

OS GRUPOS PROTESTANTES DO CAMPO RELIGIOSO NO BRASIL

Até bem pouco tempo a tendência religiosa da maioria dos brasileiros era ser naturalmente batizada na Igreja Católica Apostólica Romana, em decorrência de uma tradição histórica na qual o catolicismo se constituiu enquanto religião oficial do Estado brasileiro até o final do Império. Já no período colonial houve incursões protestantes no País, resultando num desenvolvimento de um protestantismo esporádico e efêmero carregado dos conflitos que a Reforma Protestante ocasionou na Europa. Apenas no século XIX o protestantismo se instalou sistematicamente no Brasil, e aos poucos foi ganhando adeptos, formando congregações de várias denominações, um fenômeno tipicamente americano e brasileiro, afirmando um caráter plural para este protestantismo que já na sua origem na Europa, nasceu diverso. (MENDONÇA, 1984, p.48)

Essa diversidade de protestantismos já no bojo da Reforma do século XVI, influenciou na produção de variadas tipologias nos estudos dessa forma de religiosidade. Em se tratando do protestantismo brasileiro já citamos sua pluralidade.

Ricardo Mariano critica às classificações e tipologias formuladas por importantes autores como Antônio Gouveia Mendonça e Ari Pedro Oro. Mariano se propõe a discutir as tipologias pentecostais, classificando-as em pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo, constatando a heterogeneidade do fenômeno religioso brasileiro destacando também a fragilidade da construção desses conceitos que tipificaram as igrejas pentecostais.

Os pentecostalismos e neopentecostalismos, fazem parte de uma terceira onda protestante no Brasil e estão inseridos num fenômeno mais estudado por muitos pesquisadores atualmente que é o revigoramento do fenômeno religioso nessa sociedade capitalista secularizada.

O pentecostalismo foi um movimento religioso mundial que surgiu na matriz protestante no início do século XX nos Estados Unidos. No Brasil este fenômeno chegou ao final da primeira década do mesmo século com a Congregação Cristã do Brasil em 1910, seguindo-se pela Assembléia de Deus em 1911. Este movimento se expandiu nas décadas subseqüentes e se afirmou como a expressão religiosa do

protestantismo brasileiro, que mais cresce no campo religioso do País, com o surgimento de inúmeras denominações de mesmo perfil.

O movimento neopentecostal surgiu no final da década de 1970, no bojo do antecessor pentecostalismo, que recebeu este nome por fazer uma analogia à descida do Espírito Santo no pentecostes bíblico. Segundo Mariano, o prefixo *neo*, mostra-se apropriado tanto pela sua formação recente, quanto pelo seu caráter inovador, qual seja, o diálogo de elementos pentecostais tradicionais, como a emotividade nos cultos e os dons do Espírito Santo, à teologia do domínio e da guerra espiritual, a presença de líderes carismáticos e a teologia da prosperidade que foram reelaborados pelo diálogo entre estas práticas e a cultura da sociedade capitalista de consumo, trazendo algumas mudanças em relação ao tradicional ascetismo protestante.

Essas transformações que não estão apenas inseridas no campo das doutrinas e diretrizes religiosas, mas sobretudo, visível nas práticas e representações cunhadas por estas denominações, isto é, suas características de adaptação de práticas religiosas à sociedade circundante, incluindo reformas de caráter secularizante, comportamental, estético e teológico, para além das características centrais do pentecostalismo, como o êxtase religioso, a prática de cura e o exorcismo.

Estas práticas, segundo Mendonça, descaracterizariam a confissão reformada que se apoiou, sobretudo, no racionalismo cultural, por isso, o autor não considera o pentecostalismo e o neopentecostalismo como formas religiosas protestantes. Tendo em vista o caráter plural e diverso do protestantismo, mas que guardam características centrais desde a Reforma Protestante no século XVI, até as formas protestantes contemporâneas estarem baseadas no sacerdócio universal e o livre exame da Bíblia, que fazem parte de um mesmo debate teológico que é a acessibilidade de todos os homens a Deus, tornando desnecessária a mediação sacerdotal entre o religioso e a divindade, o movimento pentecostal é também herdeiro da Reforma. Portanto, em nossa concepção o pentecostalismo também faz parte do ramo reformado. Segundo Mariano:

A expansão do pentecostalismo constitui fenômeno de amplitude mundial, posto que este ramo do cristianismo, formado no início do século na América do Norte, vem crescendo aceleradamente em várias sociedades em desenvolvimento no sul do Pacífico, da África, do leste e sudeste da Ásia. Trata-se de um autêntico processo de globalização ou transnacionalização dessa forma de protestantismo popular. Mas nenhum continente supera a América Latina, o caso mais extraordinário de crescimento pentecostal neste final de milênio. O Brasil se destaca neste contexto. Em números absolutos, figura como o maior País protestante da América Latina, abrigando pouco

menos da metade dos cerca de 50 milhões de evangélicos estimados atualmente no continente. (MARIANO, 2005: 10)

Nesse contexto de expansão pentecostal no Brasil, o que pretendemos neste trabalho é construir uma análise histórica do perfil neopentecostal das comunidades protestantes que aderiram à metodologia do G12 e sua dissidência M12 em Feira de Santana. A problematização de doutrinas, práticas e representações que definem a classificação do grupo como neopentecostal, serão analisadas ressaltando a transformação na forma de conceber e praticar o ascetismo e outras doutrinas.

AS ORIGENS (NEO)PENTECOSTAIS DO G12

O pentecostalismo foi um movimento religioso mundial e o seu nome é uma alusão à descida do Espírito Santo no pentecostes bíblico. Sua origem remonta ao avivamento metodista do século XVIII, no qual Wesley introduziu o conceito de uma segunda obra da graça, distinta da salvação, chamada de perfeição cristã. Estes foram os primeiros elementos do “batismo no Espírito Santo”, no qual a evidencia de tal batismo seria a glossolalia.(FREESTON, 1994: 73)

Em meio a exemplos esporádicos de glossolalia, a síntese doutrinária que permitiu o surgimento do pentecostalismo como movimento distinto foi alcançada por volta de 1900 por um dono de escola bíblica em Kansas chamado Charles Parham: as línguas eram a evidencia do batismo com o Espírito Santo. Mas o estopim do movimento pentecostal não foi esse admirador do Ku-Klux-Klan que permitia que negros ouvissem as suas aulas somente do lado de fora da porta, e sim um aluno negro chamado W.J.Seymour, um batista nascido como escravo, que era cego de um olho e trabalhava como garçon (FREESTON, 1994: 74).

As experiências religiosas de Parham e Seymour, foram distintas porque o primeiro denotou um fato local, ao passo que o segundo em 1906, sendo convidado para pregar em Los Angeles e devido ao sucesso da glossolalia, Seymour teve que alugar um armazém na Azuza Street, onde atraiu negros e brancos. Porém a união entre negros e brancos teve suas vicissitudes históricas, ocasionando divisões raciais já existentes na sociedade norte-americana.

Dentro de cada segmento a separação racial se deu dentro de uma década. Os brancos que haviam recebido a ordenação na Igreja de Deus em Cristo (predominantemente negra) saíram para fundar a Assembléia de Deus (quase exclusivamente branca). (FREESTON, 1994: 74)

Sobre o pentecostalismo que surgiu em meio às novas experiências religiosas no início do século XX, o jornalista Emilio Conde (2000) escreveu uma obra pioneira que relata a história das Assembléias de Deus no Brasil. Seu relato nitidamente confessional, atribuiu a chegada da Assembléia de Deus no Brasil ao trabalho dos missionários suecos. Em suas palavras:

E, no início deste século, já sem os empecilhos de uma religião oficial, eclode o movimento pentecostal no Pará e, em poucos anos, chega ao Rio Grande do Sul. O movimento pentecostal, trazido para cá pelos missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, representou um dos maiores fenômenos religiosos das últimas eras. (CONDE, 2000: 17)

Na perspectiva de Conde (2000) o final do século XIX e início do XX foi um período marcado pelas ondas de avivamento entre as quais se inseriu o movimento pentecostal. Sua ênfase na reviviscência do pentecostes bíblico com o poder do Espírito Santo, foram fundamentais na compreensão das práticas religiosas pentecostais. Observemos seu relato,

O que acontecia, então, é inexplicável: o poder de Deus caía sobre a congregação; a convicção das verdades divinas inundava os corações; o desejo de santidade inundava as almas; e, repentinamente, brotavam louvores no coração; muitos eram batizados no Espírito Santo, falavam em novas línguas; outros profetizavam; outros cantavam hinos espirituais. (CONDE, 2000: 22)

Estas práticas religiosas caracterizavam o nascente pentecostalismo que a partir do trabalho missionário, no interior das igrejas protestantes, este movimento se transformou no segmento religioso que mais cresce no Brasil. Vale ressaltar, que houve muitas dissidências dos grupos históricos e também dos mais recentes pentecostais que deram origem a novos perfis de protestantismo.

O movimento neopentecostal surgiu no final da década de 1970, enquanto uma dissidência doutrinária do pentecostalismo tradicional que teve a sua ênfase na doutrina ascética de forma inovadora uma de suas mais fortes identificações religiosas. Segundo Mariano (2005), o prefixo *neo*, mostra-se apropriado tanto pela sua formação recente, quanto pelo seu caráter inovador.

A existência de práticas emocionais e carismáticas, segundo Mendonça(2000), descaracterizariam a vertente cristã reformada que se apoiou, sobretudo, no racionalismo cultural, por isso, esse historiador não considera o pentecostalismo e o neopentecostalismo como formas religiosas protestantes.

No centro da religião da Reforma está o homem e não Deus, o que não quer dizer que ela tenha banido Deus para a periferia, mas que o homem agora, no exercício de sua liberdade, tem de buscar Deus solitariamente, em luta com o mundo e consigo mesmo. (MENDONÇA, 2000: 81)

Acertadamente, Gouveia Mendonça articula o exercício da ascese protestante à sua forma de se relacionar com Deus, afirmando que a Reforma trouxe a liberdade da razão nas práticas religiosas, enfatizando a racionalidade do culto reformado que tinha como ritual central a leitura da Bíblia pelo pastor e o canto de hinos religiosos. A expressão corporal, dons do Espírito, os exorcismos não faziam parte desta racionalidade, o que era considerado como desvios. *Nos anos 60 as igrejas brasileiras perderam a melhor parte de suas lideranças atuais e futuras por que não puderam administrar o conflito entre o novo e o velho, entre a liberdade e a rígida racionalidade* (MENDONÇA, p.83). Durante a década de 1960 no Brasil, o pentecostalismo já era o segmento religioso protestante que mais crescia, embora ainda não existisse a dissidência doutrinária neopentecostal. Mas, Mendonça destacou um protestantismo histórico que sofreu baixas, em detrimento do crescimento de carismáticos e renovados face às intensas transformações sociais que ele chama de secularização, afirmando que houve na década de 1960, uma perda de lideranças do protestantismo.

Esse fenômeno de uma perda progressiva de lideranças protestantes tradicionais, Mendonça expõe que começou a partir de meados do século XVIII para o XIX, com o movimento conhecido como *revivals* que influenciou amplamente os protestantismos brasileiros, na sua faceta pentecostalizante. *Revival* é uma palavra que ganhou sentido técnico para designar os sucessivos movimentos, quase sempre independentes entre si no espaço e no tempo, de intenso despertar religioso e emocionalismo que ocorreram na Europa e nos Estados Unidos. (MENDONÇA, 2000, p.87)

Mendonça no seu artigo, “O protestantismo latino-americano entre a racionalidade e o misticismo”, faz uma distinção entre o protestantismo e novos movimentos religiosos, incluindo os pentecostalismos entre os novos movimentos de lastro cristão e não como um tipo de protestantismo. Em suas palavras:

Hoje, o pentecostalismo clássico não difere tanto do protestantismo, a não ser na sua insistência na repetição da sua experiência do Pentecostes que o protestantismo recusa. O pentecostalismo posterior, cuja explosão e expansão se deu nos anos 50, enfatizou a cura divina, o que o afastou ainda mais do protestantismo. Os posteriores movimentos, que têm recebido o nome genérico de neopentecostalismo, representam uma ruptura final com o protestantismo. (MENDONÇA, 2000: 96)

A perspectiva deste trabalho é de uma leitura crítica à posição defendida por Mendonça, tendo em vista o caráter plural e diverso do protestantismo. O autor conseguiu ver os novos movimentos religiosos como sendo de base cristã, ou seja, tendo uma genealogia cristã, mas não conseguiu fazer a articulação entre as suas novas práticas e a leitura da Bíblia. Os neopentecostais são tão bíblicistas, ou mais, quanto os grupos históricos, tendo em vista que suas práticas não estão baseadas apenas no Novo Testamento, porém também do Antigo Testamento.

Além do uso da Bíblia como regra de fé e prática, conforme professam os protestantes históricos, os grupos pentecostais se aproximam e se inserem definitivamente no protestantismo pelos princípios teológicos do “sacerdócio universal”, o “livre exame da Bíblia”, e a salvação pela fé mediante Jesus Cristo. Estes princípios teológicos fazem parte de um mesmo debate teológico que é a acessibilidade de todos os homens a Deus, tornando desnecessária a mediação sacerdotal entre o fiel e a divindade. O protestantismo calvinista, “da reta doutrina”, de Mendonça, certamente dificultou uma visão mais larga que incluísse os pentecostais e seus sucedâneos entre os reformados.

Estes aspectos relacionados ao biblicismo dos pentecostais, na nossa concepção contribuem para fundamentar ainda mais a tradição de dissidências entre os protestantes, tendo raízes na liberdade de interpretação do texto sagrado, dando origem às divergências doutrinárias e administrativas, resultando em divisionismos e práticas protestantes plurais.

Esta pluralidade de protestantismos é um fato que têm possibilitado a expansão de diversos grupos protestantes na contemporaneidade. Cabe o destaque que o G12, como metodologia de expansão de igrejas protestantes originário da Colômbia que subdivide a administração das congregações através da multiplicação de doze discípulos que formam mais doze e assim sucessivamente, produziu mais uma dissidência entre os protestantes, fundando o M12, ou seja, modelo dos 12.

O M12 foi fundado pelo apóstolo Renê Terra Nova ao se desligar do líder do G12, César Castellanos, e fazer uma apropriação da estratégia de evangelismo sistemática do G12 com novos elementos, entre os quais as práticas veterotestamentárias. Problematizando, o porque e o como de muitas denominações históricas a exemplo de algumas Igrejas Presbiterianas e alguns batistas terem se apropriado de práticas e representações nitidamente neopentecostais, divergindo de suas doutrinas tradicionais.

O cerne doutrinário do G12 são as células ou cultos domésticos. Essa estratégia de evangelismo não é nova no meio protestante. O culto doméstico é uma devoção tradicional do protestantismo. Com relação às células, existem movimentos precursores na Coreia do Sul e nos Estados Unidos, respectivamente. A Yoido Full Gospel Church, ou Igreja do Evangelho Pleno, iniciou os seus trabalhos em 1958 com o pastor Paul Yonggi Cho que formou a maior igreja em células do mundo, contando com 700.000 membros dizimistas, distribuídos em 23.000 células distritais, ou seja, divididas por área geográfica. Segundo Cominsky, estes dados se referem até o ano de 1995. (COMINSKEY, 2000.)

A outra igreja precursora do movimento celular foi o Ministério Igreja em Células que desenvolveu o G-5, no qual cada célula trabalhava com cinco pessoas que eram supervisionadas por um líder, que vai se agregando de cinco em cinco células, este grupo de cinco células, denominado de sub-congregação era liderado por um pastor (ANDRADE, 2002). Na criação da Igreja em Células no Modelo dos 12, estes foram os modelos que já usavam a metodologia organizacional em grupos pequenos. Vale ressaltar que não foi apenas a experiência dos cultos domésticos que já tinham sido implementadas, mas muito do discurso doutrinário acerca dessa nova forma de espiritualidade protestante também beberam nessas fontes, pela eficácia e sucesso dos respectivos ministérios.

Reelaborando essas práticas, surgiu o movimento da “Visão Celular no Modelo dos 12”, conhecido como G12, da matriz cristã protestante na Colômbia no Ministério Missão Carismática Internacional (MCI) no decorrer da década de 1980. Os fundadores do movimento foram César e Claudia Castelhanos, em Santa Fé de Bogotá, que segundo eles, receberam uma profecia divina, na qual Deus daria uma igreja tão numerosa como as estrelas do céu. Na ocasião, em fevereiro de 1983, a família Castellanos encontrava-se desiludida com o contexto social da Colômbia e a sua concomitante situação ministerial: igreja fria, sem crescimento, violência, tráfico de drogas, guerrilhas

internas, entre outros problemas sociais, quando “iniciaram a missão, no início da década de 80, usando o modelo da igreja em células de Paul (David) Yonggi Cho.”¹

No bojo das transformações sócio-políticas e intensificação de práticas religiosas das últimas décadas do século XX, a estratégia das células, segundo o modelo criado por César Castellanos chegou ao Brasil no final da década de 1990, através dos pastores brasileiros Valnice Milhomens Coelho, que atuava em São Paulo, na Denominação Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC), fundada por ela e René Terra Nova, o qual pastoreou a Igreja Batista Memorial no bairro Cidade Nova em Feira de Santana. Eles foram os principais responsáveis pela implantação e divulgação do G12 no Brasil, além de serem dissidentes da Denominação Batista, onde iniciaram os seus ministérios pastorais e missionários. Estes pastores se tornaram discípulos de César e Claudia Castellanos e principais lideranças nacionais na hierarquia religiosa do movimento. Vale ressaltar que existem mais dez discípulos em nível nacional. Entre eles estão o apóstolo Sinomar Oliveira e Marcio Valadão de Belo Horizonte.

Este novo momento no cenário protestante nacional e feirense tem que ser tratado sistematicamente, levando em consideração as relações que o apóstolo René Terra Nova já havia construído no cenário político e religioso da cidade e a liderança que o mesmo exercia num conjunto de várias comunidades religiosas em Feira de Santana e em outros locais.

O MITO DE ORIGEM DO G12

As religiões tem sido historicamente, um locus bastante freqüentado pelo mito. O mito como uma forma de explicação e legitimação de uma determinada ordem social, política ou religiosa tem acompanhado a humanidade desde a sua fase de desenvolvimento da comunicação oral. O desenvolvimento da escrita e, num período mais recente, das ciências, não fez o mito e a religião perderem a sua importância.

Nas palavras de Bourdieu, o mito tem uma função de diferenciação social e legitimação de uma determinada ordem,

¹ VALÉRIA, Nilza. Revista Enfoque gospel. 2002. (p.15)

Estas “funções sociais”(no sentido de Durkheim ou no sentido “estrutural funcionalista” do termo) tendem sempre a se transformarem em funções políticas na medida em que a função lógica de ordenação do mundo que o mito preenchia de maneira socialmente indiferenciada operando uma *diacrisis* ao mesmo tempo arbitrária e sistemática no universo das coisas, subordina-se às funções socialmente diferenciadas de diferenciação social e de legitimação das diferenças, ou seja, na medida em que as divisões efetuadas pela ideologia religiosa vêm recobrir (no duplo sentido do termo) as divisões sociais em grupos ou classes concorrentes ou antagônicas. (BOURDIEU, 2005, p.30 e 31)

François Houtart (2004) discute a presente relação entre a fase de acumulação capitalista e as religiões, constatando que o neoliberalismo e as contradições desencadeadas por ele suscitaram o aparecimento de movimentos organizados em categorias específicas, no caso a religião. Essa ocorrência de buscar no sobrenatural o sentido de explicação para as relações humanas com a natureza e com a sociedade, delimitou a atuação dos assuntos religiosos na sociedade. *O poder cultural do neoliberalismo, que impõe como evidências excludentes os valores individuais, o mercado e o consumo como cultura, bem como o modelo político de demanda limitada como ideal de perfeição.*(HOUTART, p.116)

O advento da globalização, o neoliberalismo e intensificação de práticas religiosas neopentecostais, permitiu o surgimento da estratégia de crescimento de igrejas, “visão celular no modelo dos 12”. No livro “Sonha e Ganharás o Mundo”, César Castellanos Domingues faz uma espécie de auto-biografia, relatando algumas das suas experiências na sua trajetória de líder religioso. Ele era um jovem que tinha problemas com drogas e bebidas, até que em 1972 teve um encontro poderoso com Deus, resultando na sua conversão, nesse encontro, Deus lhe fez promessas de torná-lo um grande e próspero pastor. Depois disso, ele passou a pastorear algumas pequenas igrejas que chegavam no máximo a 120 membros. Em 1983, expôs que estava desistido dessas igrejas por que não alcançou o sucesso desejado, foi tirar férias na praia, quando afirmou ter recebido em visão a seguinte profecia, tratada aqui como o mito de origem do G12:

Numa noite das férias de 1983, estando na Costa Atlântica Colombiana, ao lado de minha família, balançava-me a beira-mar, quando senti a presença de Deus como nunca antes havia experimentado. Naquele dia sua voz se fez ouvir no profundo do meu ser, dizendo-me: “Sou o ancião de Dias! Prepara teu coração em adoração por que eu vou te usar.” Naquele dia entrei num nível de adoração muito mais intenso, diferente do que estava acostumado. Rendi cada átomo de minha existência ao Senhor. Logo escutei-O dizer: “Vou mover o teu assento”. Aquietei-me esperando que Ele o fizesse, porém como não acontecesse, eu mesmo comecei a me mover até que escutei

novamente a Sua voz dizendo-me: “Eu posso mover o teu assento, porém prefiro fazê-lo através de ti. Posso falar às almas diretamente, porém prefiro fazê-lo através de ti. Coloquei-te como pastor. Sonha, sonha com uma igreja muito grande por que os sonhos são a linguagem do Meu Espírito. Por que a igreja que hás de pastorear será tão numerosa como as estrelas do céu e como a areia do mar; que de multidão não se poderá contar.” (DOMINGUEZ, 1999: 21)

Queremos enfatizar neste relato do pastor César Castellanos Domingues três aspectos diferenciados para uma mesma visão: o primeiro foi a ênfase da sua relação pessoal com a divindade. O pastor diz ter ouvido a voz de Deus e recebeu a sua profecia, isto é, ser um pastor de milhares de milhares. Essa relação pessoal com o ser divino lhe deu legitimidade e também o poder sacerdotal, que o distinguiu de outros pastores e até mesmo dos seus discípulos. O fato de Deus está confiando a ele o privilégio do saber sagrado, que vai surgindo pouco a pouco, este saber é a metodologia da Visão Celular no modelo dos 12, conhecida como G12.

Essa relação do pastor colombiano com sua construção mítica, deu-lhe legitimidade de monopolizar e manipular os bens sagrados; o outro aspecto do relato, são os grandes projetos, as grandes metas, o que se constitui numa contradição com alguns segmentos pentecostais tradicionais que buscam no porvir a felicidade prometida. Essa felicidade no Reino dos Céus desencadeou um certo conformismo de alguns segmentos pentecostais em relação à sociedade. César Castellanos e os grupos neopentecostais se apropriaram do texto bíblico de uma forma diferente dos demais grupos protestantes, essa reelaboração de doutrinas e práticas permitiu uma nova forma de integração entre protestantes e a sociedade circundante. Com isso ele legitimou o seu desejo por expandir-se; um terceiro aspecto é a legitimação da visão com imagens bíblicas poderosas como a visão abraâmica para a descendência do povo de Iavé no Antigo Testamento.

Ao longo dos anos desenvolvendo o seu pastorado após ter afirmado que recebeu de Deus a promessa de ser um pastor de multidões inumeráveis, Castellanos relatou no livro “Liderança de Sucesso através dos doze” a profecia e ordem de Deus que deu origem à nomenclatura G12 e a sua estratégia de proselitismo religioso. Em suas palavras,

O poder da visão, referida no modelo dos 12, compreende a grande benção que há no desenvolver de uma liderança bem estruturada através desta estratégia. Na direção que Deus me deu, disse: *“se treinares doze homens e investires neles tudo o que te dei, e fizeres com que cada um deles se reproduza em outros doze, e estes em outros doze, conseguirás cuidar da*

cada pessoa da igreja”. Graças a este modelo, do qual nos ocuparemos detalhadamente na segunda parte do livro, temos podido pastorear, de maneira personalizada, os membros da igreja.²

A parte destacada em negrito do relato foi uma estratégia do pastor colombiano para colocar em evidência que o modelo de gestão das células, o G12, foi um método concebido por Deus e por isso mesmo incontestável e gerador de eficácia para expansão dos seus projetos religiosos.

Nesse contexto, vale ressaltar que o G12 se configurou como uma metodologia organizacional de denominações protestantes de perfil neopentecostal, onde as práticas de sonhos, visões e profecias são perfeitamente legítimas. Essa estratégia surgiu na Colômbia, fazendo uma reelaboração eficaz do discurso e do comportamento protestante ascético, do ponto de vista da expansão numérica destes grupos, em relação aos ramos do protestantismo histórico e o de perfil pentecostal tradicional, apropriando-se de estratégias empresariais para a expansão religiosa, coadunadas com o neoliberalismo vigente na América Latina.

DOUTRINAS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

César Castellanos Domingues escreveu vários livros doutrinários com o objetivo de possibilitar a prática das estratégias do G12 em qualquer localidade. No livro “Liderança de sucesso através dos 12”, o termo “visão” no seu primeiro capítulo intitulado “o poder de uma visão”, não equivale a uma nomeação do movimento, mas quando se fala de visão celular, se trata de um fenômeno transcendental, ou seja, uma leitura que ele fez de uma imagem que recebeu de Deus, na pessoa de Jesus Cristo sobre uma estratégia para o crescimento de igrejas. O termo “G12”, ou grupo de 12, ou num sentido político, governo dos 12, é a própria metodologia que é aplicada nas congregações, a qual consiste em formar grupos de doze discípulos para a liderança eclesial. Vale ressaltar que todos estes livros foram traduzidos por Valnice Milhomens, o que em si já revela a relevância da mesma para a divulgação e implantação deste modelo organizacional no Brasil.

Além deste esclarecimento sobre o termo “visão” é relevante também constatar as visões como uma origem mística para o nascimento do G12, enquanto uma prática simbólica que legitimou César Castellanos como o líder maior do G12, além de uma prática pentecostal comum. Em suas palavras:

² DOMINGUES, César Castellanos. Liderança de sucesso através dos doze. Palavra da fé produções, São Paulo, 2000. (p. 41, 42)

Toda liderança eficaz está associada a uma visão. Esta determina todo o processo para o sucesso. Quando Deus chamou-me para o ministério, permitindo-me sonhar com uma igreja tão numerosa como as estrelas do céu e a areia do mar, mostrou-me que cada partícula de areia transformava-se em uma pessoa; compreendi então, que ele me desafiava a trabalhar em favor das almas, isto é, a liderar pessoas com necessidades espirituais e ajudá-las a encontrar refrigério em Cristo.³

A doutrina e prática específica do G12, num primeiro momento foi a instalação das células, que são os cultos domésticos com o objetivo de evangelização, onde uma pessoa convida a outra para que o grupo cresça, usando a metodologia de “Ganhar, Discipular, Consolidar e Enviar”. Estes passos não estão expressos como princípios apenas no material doutrinário, mas também na decoração de todos os templos que funcionam com esta metodologia. Outro ponto fundamental é a realização de encontros específicos, que são retiros espirituais, que têm o objetivo de cura física, interior, libertação e aprendizagem da doutrina cristã. Além disso, a montagem e o funcionamento de uma escola de líderes para a preparação dos líderes de célula se constituiu como o coração do discipulado, entre outras práticas.

As células não são apenas a realização de um culto em casa, ela é administrada pelo G12 local, desde a mensagem religiosa que é feita pelo pastor local, que recebe relatórios dos seus liderados com as informações de como foi a reunião, o número de pessoas, o número de conversões, o número de pessoas para o encontro, número de pessoas na escola de líderes, quantidade de oferta e a previsão de abrir mais células⁴, a multiplicação, que é celebrada num evento festivo, onde são legitimados os novos líderes de células.

Na revista oficial do G12, um dos doze discípulos nacionais de César Castellanos, o apóstolo Márcio Valadão que atua na Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte - MG, escreveu uma matéria onde as células são enfocadas como uma estratégia religiosa importante para o crescimento de igrejas na sociedade do século XXI. As formas de sociabilidade que são construídas na célula favorecem ao fortalecimento de laços de amizade entre os participantes, podendo terminar muitas vezes em conversão e com isso multiplicação. Os pedidos de oração, também são fundamentais para esta estratégia, por que é através deles que as necessidades de cada pessoa são contempladas e compartilhadas com o grupo. Em suas palavras:

A célula é um agente de cura para as pessoas e cura em todas as áreas..., a célula é um agente de amor, aceitação e perdão...através da célula uma

³ DOMINGUEZ, César Castellanos. Liderança de Sucesso Através dos 12. Palavra da fé produções, 2000 (p. 18)

⁴ Estes dados foram recolhidos na ficha de consolidação do Ministério Internacional de Adoração a Deus em Feira de Santana do ano de 2002.

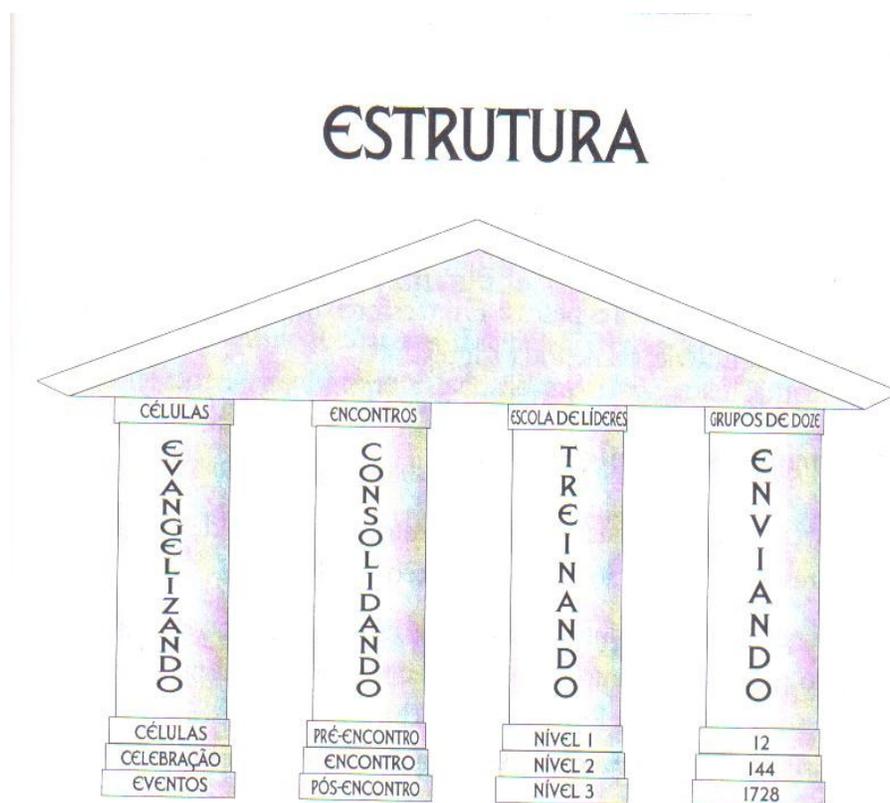
peessoa pode curar todas as carências que a fazia temer a sua própria vida, ...a célula é um agente de acompanhamento de todos os membros da igreja..., a célula é um agente de multiplicação na igreja. Lá a igreja não cresce apenas pelas pessoas que vem e fazem a sua decisão no altar por que no interior de cada célula temos implantado uma estratégia...a célula é uma agente de diferenciação...em meio à confusão que se desenrola, em nossa sociedade, onde tudo se realiza contrariamente ao homem, aparece célula como grupo de distinção e as pessoas de hoje estão sofrendo de uma forma ou outra a enfermidade oficial do mundo que se chama estresse, depressão e ansiedade. E nas reuniões dos lares o Espírito Santo dá novas forças.” (VALADÃO, 2002.)

No manual para os líderes de célula do Ministério Internacional de Adoração a Deus em Feira de Santana, são estabelecidos passos da Visão Celular, baseados em diversos materiais de Castellanos, Terra Nova e Milhomens. Este manual embora seja de produção local, a sua proposição metodológica é muito semelhante ao modelo praticado pelas diretrizes nacionais acima citadas⁵. Entre estes passos estão: “Ganhar, consolidar, discipular e enviar”. Ganhar é a etapa de evangelismo que se concretiza nas reuniões celulares. Consolidar é a fase de conservar o novo convertido através do encontro e do contato pessoal. Discipular é o processo de capacitação e formação do crente através da escola de líderes. Enviar é quando o discípulo está pronto para conquistar novos discípulos, começando a etapa de multiplicação que vai até a conquista das nações.

Dessa forma, através do discipulado e da intensificação do proselitismo, além das práticas pentecostais comuns, estas congregações têm crescido não apenas como expressão religiosa, mas como projeto político, econômico e social, daí a relevância de torná-lo objeto de pesquisa empírica, ao analisar as práticas, concepções, valores, visões de mundo destes grupos religiosos.

No livro de Valnice Milhomens Coelho, uma das líderes que divulgaram o G12 no Brasil, encontramos uma representação da estrutura de funcionamento do G12, onde são articuladas as etapas de ensino à sua fase de discipulado, onde a base das pilastras indicam os processos que o candidato a líder de célula tem que passar.

⁵ Manual para os líderes de Célula. Ministério Internacional de Adoração a Deus. Feira de Santana, 2002.

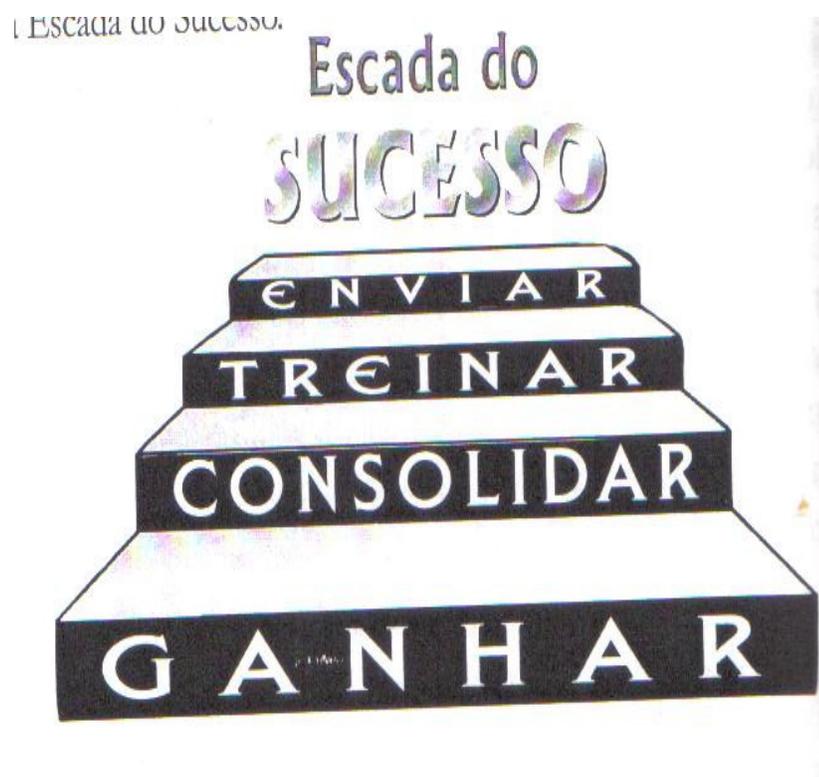


A Escada do Sucesso apresenta a síntese da estrutura organizacional

Quadro 1. Figura construída por Valnice Milhomens. Fonte: MILHOMENS, Valnice. Plano Estratégico para a Redenção da Nação. 3ªed. São Paulo: Palavra da Fé, 2000. (p.141)

O modelo de organização de igrejas que adotaram o G12 como método de expansão, apenas sistematizou o processo de evangelização nas casas. Este diagrama de autoria da Apóstola Valnice Milhomens (2000) demonstra na primeira pilastra à esquerda a etapa de evangelismo que se dá nas células, na igreja e nos congressos e eventos realizados pelas lideranças do movimento. A etapa de consolidação já é mais específica do G12, a realização de pré-encontro, encontro e pós encontro. A grande novidade implementada por César Castellanos neste método foi a consolidação sistemática que começa nestes retiros espirituais de três dias de ensinamentos doutrinários e prossegue na escola de líderes dividida em níveis de aprendizado doutrinário, culminando na formação de grupos de doze. Na base da quarta coluna encontram-se números multiplicativos de doze, representando a progressão numérica da membresia e da liderança. Vale ressaltar que não há uma etapa final, é um projeto de expansão religioso

e político na medida em que há uma expansão numérica e uma doutrinação sistemática de engajamento político do grupo.



Quadro2: Escada de sucesso do G12

Este diagrama criado por Valnice Milhomens expressa os quatro passos do G12 que norteiam a ação dos grupos celulares. Além das atividades delimitadas por cada passo que já foram explicadas anteriormente, observemos que a medida que o trabalho de evangelismo cresce as etapas subsequentes vão se afunilando, formando uma pirâmide, ou seja um modelo de gestão episcopal e hierárquico que será trabalhado analisando as relações de poder dentro do G12 no segundo capítulo.

IMPLANTAÇÃO DO G12 EM FEIRA DE SANTANA

Silva (2007) estudou o protestantismo ecumênico em Feira de Santana e o seu texto introduz aspectos relevantes do campo religioso feirense. Entendendo que a

categoria de Bourdieu “campo religioso” constitui as relações de concorrência entre as empresas religiosas, seus ritos, mitos, hierarquia, práticas e representações, constatou a tradicional hegemonia católica da colonização brasileira e, conseqüentemente, os seus reflexos na fundação do arraial no século XVIII e que posteriormente será nomeado de Feira de Santana.

A religiosidade católica que se desenvolveu aqui foi similar às grandes linhas do catolicismo baiano onde predominou as devoções de santos, as irmandades de leigos e as variadas festas de louvor aos padroeiros com destaque para a padroeira da cidade. Segundo seus relatos, “*Dentre as festas católicas, destacava-se a de senhora Santana, padroeira da cidade. A festa da padroeira realizava-se desde 1781 e era organizada por uma irmandade ou especialmente pelos grandes comerciantes*”. (SILVA, 2007: 120)

A contribuição de Silva (2007) sobre o campo religioso feirense não ficou no lugar comum de afirmar a hegemonia católica, sua análise constata a relevante presença dos variados grupos religiosos que compõem e expressam o campo de tensões entre as religiosidades. Os grupos afro-brasileiros tinham as suas práticas religiosas desde a sua chegada ao Brasil no período colonial e essa realidade se verificou em Feira de Santana. Embora a nova república assegurasse liberdade religiosa aos diversos credos religiosos, as religiões afro-brasileiras continuaram numa situação de marginalidade e eram comumente consideradas caso de polícia. Em suas palavras, “*o Código Penal Republicano de 1890, nos seus artigos 156, 157 e 158, proibia a magia, o espiritismo e o curandeirismo, elementos importantes que ainda figuram nas práticas rituais dos cultos de origem afro.*” (SILVA, 2007: 121)

A autora constatou ainda a forte presença de Espíritas e uma diversidade de grupos protestantes, entre os quais, Batistas, Congregacionais, Presbiterianos, Metodistas, Assembleianos e neopentecostais em geral que chegaram ao município no decorrer do século XX, contexto no qual, entre as últimas décadas do século chegou o G12 no Brasil e em Feira de Santana.

Como já foi discutido anteriormente o G12 foi divulgado e implantado no Brasil em nível nacional pelos líderes Valnice Milhomens e René Terra Nova. Estes por sua vez foram conhecer o grande avivamento que estava acontecendo na Colômbia. As notícias circulavam entre muitas lideranças protestantes que tinham ido à Colômbia e participado de Congressos na Missão Carismática Internacional. No discurso da pastora feirense Jardelina Silva da 1ª Igreja Batista Filadélfia de Roraima, integrante dos batistas independentes, que visitou o Estado de Israel e a cidade de Jerusalém houve

ressignificação de valores religiosos e práticas veterotestamentárias na interpretação do G12 e M12, A Colômbia e a (MCI) na ocasião das boas novas, foi constatada como o principal celeiro da divulgação, e boa impressão do crescimento numérico,

Em 1998, eu tive a oportunidade de ir em Jerusalém, ouvi uma pregação do pastor René Terra Nova, hoje apóstolo, onde ele falava de uma metodologia conhecida como Visão do G12 e essa metodologia ele deixou claro que recebeu da Colômbia através do pastor César Castellanos e sua esposa Cláudia e falou sobre o G12, mas ainda não tinha assim nada muito claro, mas ele voltou assim muito impressionado da Colômbia e isso foi outubro de 1998.⁶

O processo de divulgação e implantação do G12 em Feira de Santana ocorreu quase, concomitantemente, em relação ao País, entre os anos de 1998 e 1999. O apóstolo René Terra Nova foi e continua sendo um importante e influente pastor na cidade e não apenas em Manaus, onde está localizada a congregação que pastoreia atualmente. A sua adesão ao G12 e a euforia de um grande avivamento transmitida em seu discurso mobilizou muitas lideranças em todo Brasil, inclusive na comunidade evangélica feirense, por ter liderado a tradicional Igreja Batista Memorial no início da década de 1990.

A divulgação do G12 no Brasil ocorreu através de congressos específicos e o processo de adesão das congregações, consistiu na adesão de lideranças e membresia de um modelo tradicional, para a nova proposta. Apresentar o modelo para os pastores não foi suficiente, foi necessário fazê-los passar por todo o processo de encontros e discipulado, onde se estabeleceu uma hierarquia sobre eles e elas. Bogotá na Colômbia e Manaus no Brasil foram as capitais que formavam líderes e pastores do G12, e em primeira instância Manaus pela proximidade, o lugar onde os pastores iriam participar do encontro e com isso aprender a colocar em prática a estratégia G12. Este elemento está presente no discurso da pastora Jardelina Silva,

Em 1998 mesmo eu participei de um encontro em Manaus, e vi realmente que o encontro havia algo muito, muito diferente, uma unção muito especial e Deus, respaldava aquele povo que estava ali se retirando para buscar realmente o Senhor. Então a ministração de palavra, da unção de Deus, a ministração corpo a corpo, pessoa a pessoa foi algo assim muito enriquecedor. Em 2000, estive na Colômbia e vi um pouco da Visão sendo transmitida para líderes de todo o mundo, tinham muitos brasileiros lá.⁷

⁶ Entrevista concedida à autora em junho de 2005 pela pastora Jardelina Silva que hoje atua em Boa Vista no estado de Roraima.

⁷ Entrevista concedida à autora em junho de 2005 pela pastora Jardelina Silva que hoje atua em Boa Vista no estado de Roraima.

A primazia de Manaus na realização de encontros, constatamos também em outros relatos, como o da pastora feirense Simone de Araújo Moura. A pastora feirense já tinha uma tradição de liderança entre os batistas. Tinha sido presidente dos jovens adolescentes de Alagoinhas e vice-presidente dos jovens do estado da Bahia. Além de ser bacharel em educação religiosa com música pelo Seminário Batista do Nordeste em Feira de Santana, pós-graduada em educação religiosa na área de concentração de administração educacional e formada em psicanálise. Atualmente pastoreia o Ministério Internacional de Adoração a Deus, anteriormente conhecida como Primeira Igreja Batista do Feira IX, vinculada à tradicional CBB (Convenção Batista Brasileira), uma igreja de grande porte para a realidade de Feira de Santana que segundo os últimos censos do IBGE o município possui mais de 600.000 habitantes. Segundo suas informações a Igreja tem uma população flutuante de mais ou menos 700 pessoas reunidas na sede e congregações em outras localidades como Ipuacú, um distrito de Feira de Santana.

Olha nós conhecemos a Visão Celular no Modelo dos 12 a oito anos atrás, nós conhecemos o apóstolo Renê de Araújo Terra Nova aqui [Feira de Santana] pregando na Igreja Batista Memorial, logo em seguida nós fomos a Manaus, participamos de um encontro com Deus, e lá nós ficamos fascinados pela Visão de Consolidar vidas, de ganhar vidas.⁸

As comunidades que aderiram ao G12, iniciando pela liderança que freqüentou os encontros em Manaus, não vinham especificamente de uma denominação. Nesse sentido, a adesão religiosa foi transdenominacional, onde pastores de diversos ramos do protestantismo como batistas, presbiterianos, quadrangulares e até assembleianos chegaram a implantar o G12 nas suas congregações.

Rastrear todas as congregações e os líderes que aderiram ao G12, foi um dos objetivos inconclusos da pesquisa durante o período abreviado do mestrado, por que na realização do trabalho de campo encontramos a dificuldade dos pastores em querer falar de outros pastores e também de assuntos que envolviam conflitos sobre juízos de valor. Mas isso não prejudicou a pesquisa, pois privilegiamos pesquisar nas grandes congregações da cidade, que comportam pelo menos trezentos membros, ou seja, 0,05% da população feirense, pretendendo demonstrar como é passível de críticas a construção

⁸ Entrevista concedida em junho de 2008 pela senhora Simone de Araújo Moura de 35 anos.

da grande imprensa de que ainda havia uma hegemonia absoluta de católicos na cidade no final da década de 1990. Não pretendemos por em cheque dados do censo, porém a afirmação de uma religiosidade católica hegemônica, ao constatar a visibilidade e expansão de alguns segmentos protestantes em Feira de Santana, enfocando as comunidades do G12.

As grandes congregações que aderiram ao G12 foram a Igreja Batista Central na Getúlio Vargas, Igreja Batista Videira Verdadeira no bairro Viveiros, Igreja Missionária Shalon no Loteamento Morada Tropical, 1ª Igreja Batista do Feira IX, Igreja Batista Missionária Internacional no Bairro Brasília, Igreja Batista Benaia no bairro Morada das Árvores, Igreja Batista Memorial na Cidade Nova, Ministério Internacional Aliança com Deus no bairro João Paulo, Igreja Batista Sião no Jardim Cruzeiro, Ministério da Restauração no bairro Muchila II, entre outras de maior porte e também de pequena membresia. Houve também a adesão de uma congregação da Assembléia de Deus pastoreada pelo pastor Carlos Alberto Tolentino. Nas palavras de Jean Neila Rocha Ferreira “*Em julho de 2000 o pastor Carlos Alberto Tolentino rompeu com a Convenção Estadual das Assembléias de Deus na Bahia (CEADEB), e aderiu o grupo dos 12, fundando a Assembléia de Deus Missão Boas Novas em Feira de Santana*”.(FERREIRA, 2009:50)

As fotografias expostas abaixo pertencem ao acervo pessoal da autora e todas as fotos foram feitas com o consentimento dos pastores presidentes, exceto a Igreja Batista Central que a secretária que estava na congregação disse que não teria problema algum tirar fotos. Estes são apenas alguns templos que em algum momento se aliançaram com o líder René Terra Nova. Um outro dado da relevância desta iconografia para o trabalho é a visualização da estrutura dos templos para vislumbrar um pouco da realidade social e do porte dos mesmos templos aqui representados.

O templo abaixo é a antiga Igreja Batista Memorial que na década de 1990 foi pastoreada por René Terra Nova e localiza-se no bairro Cidade Nova. O letreiro que a identificava foi retirado por que a congregação teve que se desligar da CBB pela incompatibilidade da estrutura administrativa e doutrinária com o G12. Atualmente na parte interior do templo, encontramos o novo nome da congregação, Ministério Internacional Tabernáculo de Deus, como estará exposto nas fotografias posteriores.



Fotografia 1: Templo do Ministério internacional Tabernáculo de Deus



Fotografia 2: Parte Interna do templo mostrado na fotografia anterior

O ângulo da fotografia interna mostra a capacidade do templo, mais de setecentas pessoas sentadas entre a parte inferior e a galeria, segundo o pastor presidente

Marcos Sales, o templo aos domingos não comporta toda a membrezia sentada, ficando alguns membros em pé. Outro aspecto importante são os elementos da liturgia hebraica do Antigo Testamento como o menorah, a arca da aliança, o berrante denominado shoffar, as bandeiras das nações e no púlpito as bandeiras de Feira de Santana, do Brasil, da Bahia, da congregação e do Estado de Israel, representando as heranças bíblicas espirituais que os evangélicos de hoje adquiriram dos hebreus do Antigo Testamento.



Fotografia 3: Ministério Aliança com Deus Internacional no bairro João Paulo II

Esta congregação é a sede de mais três templos de mesma denominação fundados pelos pastores Augusto Sá Barreto e sua esposa Marivone Barreto. Trata-se de uma grande congregação que segundo o relato dos pastor Augusto Sá têm cerca de mil membros e a ONG AMAR que presta serviços de educação formal, informática, e atividades lúdicas como a música e esporte à comunidade do seu bairro. O pastor supracitado fez parte do G12 de Renê Terra Nova até o ano de 2005, ocasião da ruptura, na qual o pastor Augusto Sá Barreto preferiu se desligar do então M12.



Fotografia 4: Igreja Batista Sião no bairro Jardim Cruzeiro

Esta é a Congregação da Igreja Batista Sião pastoreada pelo pastor Irailton e sua esposa Keu. Esta congregação tem capacidade para mais de quinhentas pessoas sentadas e o seu líder foi integrante do G12 de Renê Terra Nova em Feira de Santana. As informações coletadas não foram oriundas de entrevista, mas informações de congressos e observação participante. O templo permaneceu com o nome da Denominação Batista, mesmo após a querela sobre a implantação do G12 em nível local.



Fotografia 5: Igreja Batista Missionária no Bairro Brasília

Esta é uma importante congregação para o estudo tanto do G12 e seus aspectos políticos em Feira de Santana, quanto para a própria história do protestantismo na cidade. Elizete da Silva (2007) tratando sobre a chegada de grupos batistas ligadas à CBN (Convenção Batista Nacional) em Feira de Santana relatou a sua organização:

Além dos Batistas da Convenção Brasileira, encontramos, no período estudado, a Igreja Batista Independente Filadélfia, fundada em 1963 e a Igreja Batista Missionária, vinculada a Convenção Batista Nacional, doutrinariamente carismática e organizada na região na década de 70. (SILVA, 2007: 125)

Segundo relatos do pastor João Batista da Silva, o presidente da congregação, sua atuação em Feira de Santana começou há vinte e oito anos. E a sua ligação com a CBN também foi um dos aspectos ressaltados na entrevista.

Nós viemos da Igreja Batista Nacional, chamada ala conservadora, da chamada tradicional, hoje nós..., por que houve uma renovação, então por causa dessa renovação, dado que esse... essa renovação não é aceita no contexto tradicional. Aí as igrejas se desligaram, mas quando eu vim isso já tinha acontecido há muitos anos.⁹

⁹ Entrevista concedida à autora em 11.05.2009 no município de Feira de Santana.

Em se tratando da sua situação com a CBN, o pastor teve que se desligar de sua convenção, pois a mesma não aceitou duas ordenações femininas que o pastor fizera, assunto tratado no quinto capítulo. A sua ruptura com a CBN não implicou em mudança de nomenclatura da igreja que até hoje permaneceu Batista.

Entre as congregações pesquisadas a Igreja Batista Missionária foi a única a sozinha eleger um representante na Câmara Municipal, o vereador Justiniano França, que contou com os mais de cinco mil votos da congregação. Além do fator numérico expressivo desta congregação a presença de João Batista em Feira de Santana, atuando pelo G12 demonstra a fecundidade das adesões ao método colombiano no município. Em suas palavras,

Eu tinha... ah! São muitos... eu tinha doze na igreja, doze na cidade, doze na Bahia, já estava formando os meus doze no Brasil, e já tinha até líderes lá fora que já estava começando a formar como o casal de Roma que foi ordenada e organizada pelo nosso trabalho aqui, era uma congregação e hoje é uma igreja.¹⁰

COMPOSIÇÃO SOCIAL

Diversos estudos sociológicos criticam as afirmações de que existe uma homogeneidade no que se refere à composição social das membezias das igrejas no Brasil e em Feira de Santana ocorre igual fenômeno. Segundo os relatos dos pastores e à própria estrutura dos templos, concluímos que a membezia das congregações supracitadas possuem uma heterogênea composição. Não tivemos à autorização dos pastores para pesquisar no livro de membros, mas as fotografias dos templos, os relatos dos pastores e a observação participante permitem concluir que há uma parcela grande de comerciantes, assalariados, profissionais liberais, como também desempregados, pois este ainda é um dado presente na composição social brasileira e feirense.

Em se tratando da composição social predominante nos bairros podemos afirmar diante das estruturas das casas e informações coletadas com moradores que os bairros como Jardim Cruzeiro, Morada das Árvores, Brasília são bairros que são compostos por populações de classes médias e médias baixas, enquanto que a Avenida Getúlio Vargas e o Bairro Muchila II são componentes da região central da cidade e é composta por

¹⁰ Entrevista concedida à autora em 11.05.2009 no município de Feira de Santana

classes médias e médias altas. Já os bairros do Viveiros, Loteamento Morada Tropical, Feira IX, Cidade Nova e João Paulo compõem uma das regiões em que se concentram classes mais baixas. Estas afirmações são baseadas nos tipos de residência dos bairros e o porte dos templos. Isso não impossibilita haver exceções, mas fornece dados relevantes sobre a composição social das congregações pesquisadas.

A expressiva adesão de congregações e lideranças ao G12 em Feira de Santana, na nossa compreensão foi possibilitada pela proximidade e relações de confiança, nas quais os pastores João Batista da Silva e Renê Terra Nova foram os maiores modelos de crescimento para o município pesquisado. O pastor João Batista da Silva é presidente da Igreja Batista Missionária Internacional em Feira de Santana, na qual, segundo o seu relato, chegou a ter a marca de quase mil células e uma membresia de mais ou menos cinco mil congregados utilizando a estratégia do G12¹¹. Conheceu a metodologia colombiana através de Renê Terra Nova, líder influente no município, o qual aconselhou César Castellanos de tornar o pastor João Batista da Silva um dos seus doze discípulos em nível nacional.

Depois nós conhecemos o G12, e no contato que tivemos com Manaus e depois diretamente com Colômbia, e... chegamos a ter quase mil células na nossa igreja, na casa de cerca de mais de cinco mil membros essa igreja chegou, nós tivemos programa de rádio, tínhamos programa de televisão na TV Aratu de Salvador e alguns municípios da Bahia, né...só.

Em Feira de Santana houve uma forte atuação do G12 destes dois líderes que formavam o G12 de César Castellanos nacionalmente. Além disso, os modelos que obtiveram sucesso, um em Manaus com uma igreja de mais de vinte mil membros e o outro em Feira de Santana com uma igreja de mais de cinco mil membros foram convidativos às demais lideranças que almejavam o crescimento de suas congregações.

Além disso, expansão numérica em um grupo protestante que possui vínculos de discipulado pode ser um bom negócio do ponto de vista econômico e político, pela sistemática inserção de evangélicos na política municipal. Um problema a se destacar é de onde vinham estes pastores que freqüentavam os congressos de divulgação do G12, quais as denominações que estes líderes estavam vinculados e se a sua adesão à estratégia colombiana mudou a sua vinculação institucional e se houve divergências doutrinárias na execução do plano de evangelismo empreendido por César Castellanos, o que será analisado ao longo da dissertação.

¹¹ Entrevista concedida à autora em 11.05.2009 no município de Feira de Santana

CAPÍTULO 2

BREVE HISTÓRIA DAS DIVERGÊNCIAS DOUTRINÁRIAS E ADMINISTRATIVAS PROTESTANTES

A história do protestantismo esteve e ainda está inexoravelmente ligada à pluralidade e a diversidade dessa forma religiosa cristã. Esses protestantismos surgidos no pós-Reforma Religiosa tem raízes históricas, sociais, políticas e culturais muito distintas, em que pese as peculiaridades espaço-temporal nos séculos XVI e XVII.

Durante a vigência do século XVII, já existiam algumas linhas de protestantismo, como Zuinglianos, Luteranos, Calvinistas, Anabatistas e Anglicanos. As distinções não eram apenas doutrinárias, ou seja, ao que se refere ao conjunto de normas religiosas, havia demandas sociais, políticas e econômicas que em grande medida atravessavam essas questões doutrinárias. Este é caso da afinidade de Anglicanos e Luteranos com questões de cunho político, dos Anabatistas com demandas sociais bem definidas e do calvinismo com uma ética que norteava toda a vida econômica e moral dos seus fiéis. Nas suas origens européias o protestantismo já se apresentava plural.

O campo de determinações sociais exercia uma forte influência nas questões religiosas protestantes no século XVII e contribuiu para que a própria trajetória do protestantismo histórico na Europa, Estados Unidos e dos grupos que chegaram ao Brasil tenha sido marcada pela presença de dissidências e cismas que buscaram elementos que legitimassem e justificassem o seu rompimento com a corrente principal, reelaborando o potencial rebelde presente no princípio doutrinário do “livre exame”, ou seja, na livre interpretação dos textos sagrados. (SILVA, 1996, p.83)

O que pretende mos é destacar que já existia uma tendência aos divisionismos e dissidências dentro do protestantismo, que não tem nada de natural, mas que tem raízes históricas consideráveis, qual seja, o caráter de contestação às práticas religiosas hegemônicas na Europa Medieval e inicial na modernidade, além de doutrinas teológicas próprias que traziam em seu bojo a extensão da leitura do texto sagrado para leigos, sem a autoridade eclesiástica.

O ex-monge católico Martinho Lutero, o qual no século XVI galgou a posição de um dos mais importantes reformadores religiosos, contribuiu para formar esse “germe da divisão”, com o princípio teológico do “sacerdócio universal”, ao fazer esta inversão da tradicional hierarquia católica. Na sua proposta de transformar todo leigo em sacerdote, ao dispensar a mediação do sacerdote nas relações religiosas entre

homens, mulheres e a divindade, o ex-monge foi amplamente assessorado pelo advento da impressão dos textos sagrados, fazendo uma verdadeira revolução teológica e política na religiosidade de sua época.

Sobre o “Sacerdócio Universal” e a individualização das relações com o sagrado, um arguto Karl Marx observou:

Sem dúvida que Lutero venceu a servidão por devoção substituindo-lhe a servidão por convicção. Quebrou a fé na autoridade restaurando a autoridade da fé. Transformou os clérigos em leigos e os leigos em clérigos. Libertou o homem da religiosidade exterior fazendo da religiosidade a consciência do homem. Emancipou o corpo das suas cadeias carregando com elas o coração. (MARX, 1972: 57)

Já no século XIX, os tipos de protestantismos que chegaram ao Brasil, tiveram uma característica denominacional. Este tema já foi discutido pela historiadora Marli Geralda Teixeira na sua tese de doutoramento onde apresenta as tipologias de Ernest Troeltsh sobre seita, igreja. De maneira simplista, a seita seria uma organização comunitária, onde as suas práticas religiosas e políticas seriam de contestação à sociedade circundante, daí alguns estudiosos tratarem os batistas como seita. Já a igreja seria a instituição centralizada e burocrática da religião da maioria, um exemplo é a Igreja Apostólica Romana. A denominação seria a aparelhagem da instituição burocrática, preservando a autonomia local das congregações. (TEIXEIRA, 1983, p.97) De ramos tradicionalmente históricos à recentes, o fato é que foi neste século que o protestantismo conseguiu se instalar no Brasil, graças a condições históricas favoráveis.

Buscamos entender um novo cisma, ora entre os sacerdotes René Terra Nova e César Castellanos. Em 2005, aconteceu mais um rompimento entre os protestantes, que seguiam a “Visão Celular”, dando início à “Equipe Modelo no Modelo dos 12”, ou M12. A partir dessa ruptura René Terra Nova deixou sua vinculação simbólica com o G12 e fundou o M12, ou modelo dos 12. Este novo modelo se aproximava muito em práticas da antiga referência metodológica colombiana, porém guardava algumas peculiaridades. Uma delas é o Encontro do Mover Celular do Fruto Fiel, um retiro espiritual que objetiva gerar uma membresia fiel. Para analisar adequadamente a ruptura entre os dois líderes faz-se necessário entender a estrutura interna do movimento.

G12 E DIVISÃO DO TRABALHO RELIGIOSO

As células da Visão Celular no Modelo dos 12, dão originalidade ao movimento colombiano, pela gestão das células através de um governo dos 12 (G12), formado por 12 pessoas escolhidas pelo pastor, numa perspectiva empresarial. Essa gestão de exigência de eficácia no crescimento ampliava a capacidade de crescimento e conservação do mesmo.

No momento pretendemos analisar a eficácia desse movimento celular, enfocando as suas estruturas de distribuição do poder eclesiástico, isto é, o poder amealhado pelos líderes, Pastores e Apóstolos. Pierre Bourdieu, ao sistematizar a sua teoria do campo religioso, expõe claramente que o poder sacerdotal surge quando um determinado grupo de indivíduos se apropria de determinados capitais simbólicos, a saber, o conhecimento do sagrado. Deste monopólio surge o poder sacerdotal, sua legitimidade e o seu consenso. Ampliando-se constituiu-se numa classe sacerdotal que tem o monopólio sobre a manipulação dos bens sagrados, sendo esta legitimidade sobre o saber sagrado a sua marca distintiva.

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um *corpo de especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um '*corpus*' *deliberadamente organizado* de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em *leigos* (ou *profanos*, no duplo sentido do termo) destituídos do *capital religioso* (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade dessa desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem como tal. (BOURDIEU, 2005: 39)

No protestantismo, embora exista a concepção e a doutrina bíblica do sacerdócio universal, na prática observa-se uma clara distinção entre os sacerdotes e os leigos, ainda que todos possam manipular alguns bens sagrados, mas isso se dá de uma forma restrita. O exercício de algumas práticas litúrgicas são tarefas apenas dos agentes especializados, os sacerdotes, que têm legitimidade para realizar, por exemplo o batismo e a santa ceia. A realização destes rituais, ou seja, a própria manipulação dos bens sagrados pelos sacerdotes lhes confere uma aura sagrada, uma distinção dos outros membros.

Sendo assim, os mentores da estratégia de igrejas em células do G12 se apropriaram de uma prática que foi legitimada pelos grupos históricos, os cultos domésticos, ou familiares, realizados pelos leigos. Os cultos domésticos são considerados uma tradição dos grupos protestantes de longa data, sendo que o que diferenciou protestantes de católicos, foi justamente o papel dos leigos que ao mesmo tempo consumiam os bens sagrados, não participam de sua produção e reconhecem a legitimidade dos produtores, os sacerdotes.

A desapropriação objetiva designa tão-somente a relação objetiva que os grupos ou classes ocupando uma posição inferior na estrutura da distribuição dos bens religiosos, estrutura que se superpõe à estrutura da distribuição dos instrumentos de produção religiosa (vale dizer, da competência ou, nos termos de Weber, da “qualificação” religiosa), mantêm com o novo tipo de bens de salvação resultante da dissociação do trabalho material e do trabalho simbólico bem como dos progressos da divisão do trabalho religioso. (BOURDIEU, 2005: 39)

As células ampliam o raio de ação e o papel dos leigos por objetivar a evangelização sistemática de eficácia empresarial não apenas da família, mas de vizinhos, amigos, colegas de trabalho e até desconhecidos. A questão a se discutir é, uma vez ampliada a concepção sobre a prática dos cultos domésticos de uma tarefa religiosa opcional e familiar para uma trabalho religioso e social de cunho obrigatório e sistemático, como que essas novas relações de poder tem se construído nas práticas e representações dessas lideranças? E se essa nova configuração do poder eclesiástico foi absorvida pela membrea e se gerou conflitos e disputas dentro dessas igrejas, ou seja, se a transição de uma estrutura eclesiástica tradicional, como a de muitos protestantes históricos, a exemplo de grupos batistas em Feira de Santana, para uma estrutura hierárquica, onde se amplia a participação sacerdotal dos líderes e pastores, se isso implicou em dificuldades administrativas para os pastores dessas denominações e quais os desdobramentos.

Uma vez que o trabalho religioso confere prestígio dentro da organização, esses líderes de célula se constituem não apenas como líderes familiares, que cuidam da vida espiritual da sua família, mas evangelistas que podem ter verdadeiras igrejas se reunindo em sua casa, no templo, ou em outros lugares de maior porte. Dessa forma, como ficam as relações de poder com a criação do Governo dos 12 e as células?

Essa organização eclesiástica em grupos pequenos tem sua eficácia, pois envolve o trabalho organizado de toda igreja que ao promover a ocupação dos espaços

geográficos, efetiva crescimento numérico das comunidades religiosas que aderem às suas práticas. Todavia, este crescimento tem uma relação direta com a distribuição do trabalho religioso e com isso a distribuição do capital simbólico. As igrejas em células crescem por uma distribuição intensificada do trabalho religioso sistematizado, o que, aparentemente, descentraliza o poder simbólico do sacerdote.

Um exemplo de que o poder dos sacerdotes se diferenciou ainda mais do “poder” que os líderes exerciam, construindo uma aparente descentralização, se confirma pela extinção das assembleias de membros que os batistas organizavam tradicionalmente, resultando nas atas das congregações que com a implantação do G12, passaram a registrar apenas assuntos jurídicos. Nas igrejas do G12, o governo congregacional, com a participação da Assembleia de membros foi substituído pelas reuniões do sacerdote com o seu governo dos 12. Isso significa que as decisões internas das congregações batistas deixaram de pertencer a coletividade da igreja, para serem concentradas no pastor e seu governo dos 12, isto é, os doze líderes escolhidos pelo pastor.

César Castellanos assegurou a eficácia do seu modelo organizacional de igreja em células, o G12, nas palavras: *a chave do sucesso está em cada pessoa que nos rodeia se converter em um líder capaz de orientar a outros.* (CASTELLANOS, 2002: 24)¹² Essa distribuição intensificada do poder simbólico do sacerdote entre os leigos, não se dá de uma forma aleatória. A distribuição do saber e, conseqüentemente, do poder simbólico-religioso constitui numa construção de poderes e papéis, onde os líderes são doutrinados a seguir normas padronizadas de conduta religiosa. O provável líder de célula é uma pessoa que passou pelo processo de ter sido membro de uma célula, pré-encontro, encontro, pós-encontro, reencontro, escola de líderes, além de possuir uma vida sem pecados morais.

Convém ressaltar que é um processo de doutrinação, inculcação e que leigos não passam a exercer o sacerdócio sem um ritual de iniciação presidido pelo apóstolo ou pastores investidos de sua autoridade, ressaltando o seu poder pessoal. A “unção dos líderes de célula” é um evento festivo, pois celebra a multiplicação das células e tem um ritual e simbologia própria. Os estudiosos dos simbolismos tendem a concordar com esta citação:

¹² Esta citação foi coletada num periódico do G-12. Revista G12: A revista oficial da igreja em células nos cinco continentes: Edição 9-Outubro 2002.

Começamos a compreender hoje algo que o século XIX não podia nem mesmo pressentir: que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que jamais podemos extirpá-los. (ELIADE, 1991: 7)

Além de explicar a importância dos símbolos nos sistemas religiosos e na vida social, Mircea Eliade expõe a impossibilidade de acabar com os simbolismos e sua importância porque, na sua concepção, a forma do pensamento simbólico faz parte da substância humana, precedendo a linguagem e a razão discursiva. *O símbolo revela certos aspectos da realidade- os mais profundos- que desafiam qualquer outro meio de conhecimento.* (ELIADE, 1991: 8)

Assim, o símbolo para Eliade tem alguma aproximação com os sistemas simbólicos de Bourdieu, pois este também entende que embora o campo simbólico seja distinto do campo religioso ou político, os simbolismos têm uma conexão e uma relação dialética com os demais campos na estrutura do campo das relações sociais. A contribuição de Bourdieu vai além, pois permite a compreensão dos símbolos como relações de poder de uma determinada classe, expressando a sua posição no jogo das relações sociais. A construção, sua manipulação e legitimidade simbólicas são necessários para que o campo religioso conserve as suas estruturas de poder.

Os sistemas simbólicos derivam sua estrutura, o que é tão evidente no caso da religião, da aplicação sistemática de um único e mesmo princípio de divisão e, assim, só podem organizar o mundo natural e social recortando nele classes antagônicas, como pelo fato de que engendram o sentido e o consenso em torno do sentido por meio da lógica da inclusão e da exclusão, estão propensos por sua própria estrutura a servirem simultaneamente a funções de inclusão e exclusão, de associação e dissociação, de integração e distinção. (BOURDIEU, 2005: 30)

Essas funções dos sistemas simbólicos de integração, associação e inclusão, que no caso é a religiosa, na gestão das células no caso do G12, onde o sacerdote administra através de uma equipe mais especializada do que os líderes de célula, que por sua vez, têm mais legitimidade para a liderança dentro da Igreja do que os que não são líderes, constituiu uma estrutura hierárquica piramidal.

A questão que se coloca é, como as lideranças desse modo de gestão, ajustaram o universo das práticas simbólicas a essa nova demanda de líderes, tendo em vista que o seu objetivo é ampliar e conquistar adeptos e não perdê-la com divisões. Isso, podemos analisar no ritual da “unção dos líderes de células.”

Queremos destacar que o que denominamos aqui de nova demanda de líderes e seu poder simbólico é distinto do poder sacerdotal, na acepção de Bourdieu, dos sacerdotes do G12. Os líderes das células não se confundem com os pastores e

apóstolos, pois a sua “autoridade” deriva da autoridade do apóstolo constituindo uma aliança simbólica que ao mesmo tempo reconhece e reforça o poder pessoal dos apóstolos que na sua posição hierárquica se constitui num clero superior, equivalente aos bispos.

Os líderes das células são investidos da “autoridade espiritual” dos sacerdotes. Isso não significa dizer que todos os líderes de célula são iguais e que não são importantes, mas que há uma diferenciação hierárquica entre os líderes de células normais e o governo de doze, (G12) dos sacerdotes. Os integrantes do grupo dos 12, também são líderes de célula, mas se distinguem dos líderes de célula menores por ter uma aproximação maior com a manipulação dos bens sagrados, e com as decisões dos sacerdotes. Isso em alguma medida, constrói a aspiração dos líderes em ocupar um lugar no G12, o que ocasionou em muitas comunidades competições e concorrências por um lugar na hierarquia religiosa, que se legitimava com os próprios textos bíblicos.

Nas palavras de Bourdieu:

A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos. (BOURDIEU, 2005: 34)

Este aspecto de transfiguração das relações de poder, evidentemente sociais com a aparência de uma estrutura natural/sobrenatural do cosmos dentro do campo religioso visa impor um sistema de práticas e representações que fundam uma hierarquia religiosa.

Na arquitetura da hierarquia religiosa do G12, fundada nas atividades proselitistas, a base é *Ganhar*, realizada ao nível das células. Para assumir a direção de uma célula, o líder, tem que ser apresentado à congregação em um evento festivo que remonta às práticas dos sacerdotes e profetas do Antigo Testamento, de ungir, ou seja, derramar o óleo da unção sobre as lideranças políticas e religiosas escolhidas por Deus naquela experiência de governo teocrático dos hebreus. A simbologia dessa cerimônia, tem o significado de que Deus escolheu aqueles líderes para exercerem o sacerdócio, porém quem derrama o óleo sobre a cabeça desses novos líderes são os sacerdotes, os que detêm o saber especializado e o monopólio sobre alguns rituais, a exemplo deste de unção.

Essa simbologia não fala apenas das coisas celestiais, ela fala concretamente das relações de poder que são estabelecidas no campo religioso. Nas palavras de Bourdieu, é a separação do trabalho religioso material ou manual, do trabalho intelectual. Sendo assim, a autoridade daqueles líderes está submissa à autoridade dos sacerdotes, que são distintos dos líderes de célula, contribuindo para a conservação do poder no campo religioso discutido.

O evangelismo em massa e a pregação no púlpito, são o trabalho, geralmente, do pastor no mundo protestante. Quando o pastor decide implantar células, ele está transformando o seu trabalho especializado em trabalho que os leigos podem exercer, e não apenas isso, atribuir aos leigos o compromisso de fazer a igreja crescer, conferindo status dentro da lógica da congregação. Essa importância dos leigos para o trabalho religioso, foi historicamente, um capital simbólico dos protestantes históricos que foi apropriado e reelaborado pelo G12 como uma prática religiosa sistemática e empresarial.

Os grupos pequenos, aparentemente crescem independentes do templo, pois o seu lugar de ação é o ambiente exterior ao templo, contribuindo para a expansão demográfica e religiosa e visibilidade política e social. Porém, queremos salientar que essa fuga do centro do trabalho religioso da figura do pastor, tornando o trabalho religioso mais democrático é apenas aparente. A comunidade religiosa é administrada pelo Governo dos 12, escolhidos pessoalmente pelo pastor, que recebe relatórios dos seus liderados com as informações de como foi a reunião, o número de pessoas, o número de conversões, o número de pessoas para o encontro, número de pessoas na escola de líderes, quantidade de oferta e a previsão de abrir mais células.¹³ Isso reforça nossa análise de reelaboração de uma prática dos grupos históricos, os cultos domésticos, ampliando-o para uma perspectiva sistemática e empresarial do trabalho religioso que busca eficácia e a expansão.

A apóstola Valnice Milhomens Coelho, fez uma descrição de pacto de funcionamento da célula, justificando com textos bíblicos:

Os relacionamentos existem na base de alianças, poderia ser também aplicado no grupo dos 12:

1. Colossenses 3:4-15- O pacto de afirmação da graça (amor incondicional)- Eu escolho amá-los, edifica-los e aceitá-los, meus irmãos e irmãs, não importa o que digam ou façam. Eu escolho amá-los do jeito que vocês são. Nada do que fizeram ou farão vai me impedir de amá-los. Posso não concordar com suas ações, mas vou amá-los como pessoas e fazer tudo para apoiá-los no amor de Deus.

¹³ Estes dados estão disponíveis nas fichas de consolidação do Manual para líderes de célula do Ministério Internacional de Adoração a Deus, antiga Primeira Igreja Batista do Feira IX em Feira de Santana, sem data.

2. Efésios 4:25-32- O pacto da honestidade- Eu não vou esconder como me sinto a respeito de vocês, ou o que vem de vocês, bem ou mal, mas vou procurar, no tempo do Espírito, conversar francamente e diretamente com vocês de modo amoroso e perdoador, para que vocês não fiquem desestruturados quando estiverem em dificuldades e para que nossas frustrações mútuas não se transformem em amargura. Vou tentar refletir para vocês aquilo que estou ouvindo e sentindo a respeito de vocês. Se isso significa arriscar-me a sofrer, sabendo que ao falar a verdade em amor é que crescemos em tudo em Cristo, que é o cabeça, então eu aceito o risco. Vou tentar expressar esta honestidade de maneira sincera e controlada de acordo com as percepções que eu tenha das circunstâncias.

3. Romanos 7:15-25: O pacto da transparência

4. II Tessalonissenses 1:11-12: O pacto da Oração- Eu faço um pacto de orar por vocês regularmente, crendo que o nosso amado Pai deseja que oremos uns pelos outros e peçamos pela benção que todos precisamos. Não serei um ouvinte passivo. Mas sim, escolho ser um participante espiritual, desejoso de entrar na situação de vocês e auxiliá-los a levar os seus fardos em oração.

5. João 4:1-29: O pacto da sensibilidade- Assim como desejo ser conhecido e compreendido por vocês, faço um pacto de ser sensível a vocês e às suas necessidades, da melhor maneira possível. Vou tentar ouvi-los e sentir o que se passa com vocês, e procurar tira-los do abismo, do buraco, do desânimo e isolamento.

Para uma análise mais detalhada dos compromissos que um líder de célula tem que estabelecer é importante evidenciar as relações sociais que estabelece para cumprir o pacto acima citado. Estes primeiros cinco pactos se referem mais as relações emocionais e afetivas inerentes aos valores cristãos que os líderes estabelecem com a célula e com os seus próprios líderes, tem a ver com a relação pessoa para pessoa o que é um diferencial do trabalho com grupos pequenos. Avaliamos que este diferencial contribui para a eficácia das células por transpor os estereótipos construídos socialmente acerca do templo e das práticas protestantes, ao mesmo tempo, implicando numa maior territorialização da ação da congregação local e amparo espiritual.

6. Atos 2:47: O pacto da disponibilidade- Aqui estou se precisarem de mim. Tudo o que tenho - tempo, energia, entendimento, bens – está à disposição de vocês, se precisarem, até o limite dos meus recursos.

7. Provérbios 10:19; 13; 12:23, 15:4, 18:6-8: O pacto da Confiabilidade- Prometo manter em segredo tudo o que for compartilhado dentro do grupo, de modo a proporcionar uma atmosfera de confiança, necessária à transparência. Entendo, no entanto, que esta confidencialidade não proíbe o meu líder de célula de compartilhar, seja verbalmente, seja por escrito, informações adequadas ao meu pastor. **Entendo que os líderes trabalham sobre a supervisão pastoral, e lhes foi delegada a autoridade como extensão do ministério de cuidado pastoral desta igreja. Como resultado, devem prestar contas ao (s) pastor (es) desta igreja, que prestam contas ao Pastor Maior, Jesus Cristo, meu Senhor (Hebreus 13:17, Bíblia Sagrada).**

Outro grupo de interesses está nos itens, disponibilidade, assiduidade, confiabilidade, prestação de contas, alcançar outros. O líder de célula tem que ser disponível em todos os aspectos, célula demanda tempo e planejamento, a mensagem religiosa quem escreve é o pastor, não são estudos livres, evidenciando o que nos propusemos a analisar que foi a distribuição das tarefas e não a elaboração doutrinária ou teológica. Um outro item que se liga a isso é a confiança e a prestação de contas, mais uma vez o centro das decisões não são as células, mas o que o pastor decide em nível local.

A ênfase no item “confiança” tanto de pastores em líderes de célula, quanto do reconhecimento da legitimidade da autoridade e supervisão dos pastores se reportam à referência direta do pastor, o que reforça a centralidade do poder simbólico do pastor na metodologia do G12, que aparentemente, se apresentava como uma distribuição do poder religioso.

8. Ezequiel 3:16-21 e Mateus 18:12-20: O pacto da prestação de contas- Faço o pacto de estudar os materiais de treinamento dos quais cada célula se utiliza para o crescimento, como parte do treinamento e assim fazendo, vou prestar contas semanalmente a um outro membro da minha célula. Vou dar a vocês o direito de me questionar, confrontar, e desafiar em amor, quando estiver falhando em algum aspecto na minha vida com Deus, família, devocional, crescimento espiritual em geral ou algo semelhante. Confio que vocês estejam no Espírito e que sejam guiados por Ele quando assim o fizerem. Preciso da sua correção e repreensão de modo a aperfeiçoar meu ministério dado por Deus no meio de vocês. Faço o pacto de não reagir (Provérbios 12:1; 15; 13; 10; 18).

9. Lucas 9:57-62: O pacto da assiduidade- Vou considerar o tempo normal que meu grupo investe semanalmente como um tempo sob a mão disciplinadora de Cristo em nosso meio. Não entristecerei o Espírito, nem impedirei o seu trabalho na vida dos meus irmãos pela minha ausência, exceto em caso de emergência.

10. Mateus 25:31-46: O pacto de alcançar outros- Faço o pacto de encontrar os meios de me sacrificar por aqueles que se encontram fora de nossa comunhão, da mesma forma como fiz a aliança de me sacrificar por vocês, meus irmãos e irmãs. Vou dar o máximo para trazer dois ou mais incrédulos ou pessoas sem igreja para a minha célula durante o seu ciclo de vida. Quero fazê-lo em nome de Jesus, para que outras pessoas sejam adicionadas ao Reino de Deus pelo amor dele.¹⁴

Estes são os dez mandamentos que são inculcados pelas lideranças aos novos líderes de célula. Convém salientar que não é uma espécie de juramento. É apenas uma sugestão de uma das maiores lideranças da estratégia colombiana no Brasil, um discurso amplamente divulgado que está cotidianamente presente nas práticas e representações

¹⁴ COELHO, Valnice Milhomens, Plano Estratégico para a Redenção da Nação. 3ªed. São Paulo: Palavra da fé produções Ltda, 2000. Este texto é singular para o estudo do G12 no Brasil, pois condensa as principais discussões de César Castellanos sobre a estratégia G12.

dessas comunidades religiosas. Sua expansão através de um proselitismo intensificado e sistematizado, foi a base que propiciou uma explosão demográfica nas congregações dos sacerdotes César Castellanos e René Terra Nova. Na congregação do apóstolo César começou com oito pessoas na sua casa e até 2005, tinham 150.000 células, mais ou menos 500.000 membros, ao passo que a comunidade liderada por René Terra Nova, tinha por volta de 4.000 membros quando a visão em células foi implantada e atualmente possui 60.000 membros¹⁵.

O que ocorreu nas comunidades que aderiram ao G12 foi mais uma supervalorização do trabalho dos leigos e uma distribuição sistemática das tarefas religiosas do que uma revolução nas estruturas do poder, reconfigurando as relações de poder entre os protestantes. Vale ressaltar que essa reelaboração nas estruturas do poder simbólico dentro das igrejas tem um discurso bastante moderado. Isso devolve ao pastor a sua legitimidade e o seu poder sacerdotal, porém a centralidade do pastor se construirá de acordo com a natureza da sua gestão, o seu carisma e o trabalho do governo dos doze local. Em alguns casos, pode conduzir a uma demasiada centralização, ou de fato, a cismas dentro deste modelo eclesial. Constituindo uma aparente contradição no G12, um método que objetiva a multiplicação, trabalha-se com o risco de dividir, o que em alguma medida é uma forma alternativa de crescimento.

O governo dos 12 é mais uma forma de distribuição do poder, numa perspectiva do trabalho religioso, por sua vez é quem administra as células, e quem presta contas ao pastor do desempenho e trabalho das células. Assim se constitui uma organização eclesial piramidal onde todos estão debaixo da autoridade do pastor/ apóstolo.

Nas palavras de René Terra Nova:

As células estão debaixo de uma administração, que é exercida pelo governo dos 12, que fará com que estejamos seguros, por que é um governo gerado num testemunho de crescimento com doutrina, caráter e, o primordial, a santidade. Isso forjará em você um líder de excelência.¹⁶

Nesse contexto, a aparente descentralização se constituiu de fato numa centralização das decisões da comunidade religiosa pelo pastor. Isso se comprova, pelo fato de na maioria das igrejas que tiveram ligação com o G12 e o M12 as atas das congregações só tem registros de assuntos jurídicos, o que os batistas historicamente

¹⁵ Estes dados foram coletados de fontes diversas. Desde entrevistas com as lideranças locais, até a informação de periódicos como o Geração Celular e o Jornal Feira de Jesus, ano 95, p.7.

¹⁶ TERRA NOVA, René de Araújo. A Visão Profética para a Conquista das Nações. 1ªed. Semente de vida Ltda. Amazonas, 2003(p.21).

sempre decidiram em Assembléia dos membros, registrando muitas ocorrências em suas atas.

Quando o apóstolo René Terra Nova, enfatizou que o Governo dos 12 proporcionava segurança a todos, ele não está falando apenas das células, mas inclusive daqueles que estão acima, o Governo dos 12 proporciona segurança principalmente ao apóstolo/líder, informando, trabalhando e evitando conflitos que possam gerar maiores preocupações, de forma que o crescimento seja controlado pelos doze local, regional e nacional.

O discurso de obediência às autoridades que são constituídas por Deus, é levado a extremo, conduzindo a uma supervalorização dos pastores com as máximas comuns “o pastor é a própria voz de Deus”, “o pastor acerta até quando erra”, entre outras que presenciamos em observação participante em congressos e cultos. Presenciamos estes discursos, citados pelas maiores lideranças do Brasil como René Terra Nova e Filomeno Romero. Filomeno Romero atua na Ceilândia, cidade Satélite de Brasília, foi integrante do G12 de René Terra Nova, e foi o principal divulgador do Congresso Prosperidade Bíblica, ele é muito conhecido pelo seu Ministério de Cura e Libertação.

A arquitetura do trabalho e do poder religioso criada por César Castellanos, é complexa, abrindo para uma falsa democratização da administração religiosa, porém conferindo limites precisos a essa especificidade de poder que foi reelaborado, contribuindo assim para que o carisma das lideranças sejam reconhecidos e temidos como a voz de Deus na terra.

DO G12 AO M12: SACERDOTES, PROFETAS E REELABORAÇÃO DOUTRINÁRIA.

Pretendemos uma análise da implantação e da transição/ruptura entre as lideranças protestantes do G12, César Castellanos e René Terra Nova, propondo a discussão sobre a polêmica em torno dessa ruptura, enfatizando as contradições aparentes nos discursos dos seguidores do pastor brasileiro que apresentavam o encontro Mover Celular do Fruto Fiel como uma transição que frutificaria a igreja de uma forma sobrenatural e dos partidários do líder colombiano, que em seus discursos promoviam ataque à decisão de René Terra Nova.

Buscamos nas práticas e representações dessas comunidades religiosas, as peculiaridades implementadas no modelo proposto por René Terra Nova após esta ruptura, a Equipe Modelo no Modelo dos 12.

Essa comunidade religiosa do G12 na década de 1990 começou um processo de expansão interna, galgando espaços de visibilidade social com inserção na política, onde muito se conquistou. Um exemplo, é a pastora Claudia Rodrigues Castellanos que atualmente está no seu terceiro mandato no senado colombiano. (DOMINGUEZ, 2000, p.15) No final da década de 1990, o modelo de organização de igrejas da Colômbia ganhou renome em todo o mundo, despertando curiosidades e interesses de alguns pastores brasileiros, que foram a Santa Fé de Bogotá, conhecer a Visão Celular no Modelo dos 12. Essa expansão para além das fronteiras colombianas, evidenciou não apenas um contexto local de expansão, mas um contexto de crescimento dos pentecostalismos e neopentecostalismos na América - Latina.

A estratégia da Visão Celular chegou ao Brasil através dos pastores conhecidos nacionalmente pela expansão dos seus ministérios, René Terra Nova e Valnice Milhomens em 1998, estes pastores formavam o grupo dos 12 líderes que estavam sobre a autoridade de César Castellanos no Brasil, formando o seu G12 nacional. Eles foram os principais divulgadores e contribuíram para que o modelo colombiano se espalhasse no Brasil.

O nosso enfoque é a cidade de Feira de Santana, tendo em vista, as origens de René Terra Nova como um importante pastor de uma das mais tradicionais congregações da cidade, a Igreja Batista Memorial, isso contribuiu para a problemática proposta por essa pesquisa que pretende investigar se esse prestígio anterior do Apóstolo René Terra Nova ocasionou e adesão de muitas comunidades protestantes históricas e neopentecostais ao G12 entre os anos 2000 e 2002, e a conseqüente decisão de algumas congregações em apóia-lo na ocasião da sua ruptura com César Castellanos em 2005. Em outras palavras: Terra Nova já possuía carisma e liderança anteriormente ao movimento de César Castellanos o que certamente provocou um choque de lideranças, disputas de espaço e poder entre ambos no seio da comunidade protestante feirense e nacional.

A Equipe Modelo no Modelo dos 12 (M12), nasceu em março de 2005, como um produto da ruptura da aliança simbólica entre César Castellanos e René Terra Nova. Este novo modelo de organizar igrejas foi implementado pelo pastor René Terra Nova

que passou a ser o líder espiritual e fundador do M12, o qual antes disso em 2001, foi consagrado apóstolo do Brasil e das nações.

O M12 conservou as práticas centrais do modelo colombiano, implementando uma certa originalidade, aspecto este que será discutido ao final deste capítulo. Durante o ano de 2005, foi desencadeada uma grande polêmica para as lideranças locais administrarem a ruptura entre René e César Castellanos diante das suas comunidades religiosas. Como proceder em relação a este assunto se um dos ensinamentos básicos é que o seu pastor é um representante de Deus, que tem que ser obedecido, respeitado, honrado e jamais ser questionado, exceto em caso de pecado moral?

Quanto a esse aspecto da fidelidade absoluta ao pastor, na pesquisa nas fontes impressas do material doutrinário do G12 colombiano, não encontramos nenhuma referência, o que no nosso entendimento, o silêncio da proposta de César Castellanos sobre a fidelidade ao pastor, que na prática é exacerbado, revela uma certa abertura entre o que se propôs como um discurso uniforme e a sua prática que é complexa e sujeita às múltiplas recepções que foram incorporadas de acordo com as práticas e concepções doutrinárias de cada sacerdote que aderiu ao movimento.

Pretendemos analisar a recepção e reelaboração realizada pelo apóstolo René Terra Nova do modelo do pastor colombiano, entendendo que houve em muitos aspectos um acréscimo de doutrinas e práticas religiosas que faziam parte de sua gestão pastoral anterior à sua adesão ao G12.

Entre as práticas peculiares implementadas pelo apóstolo René Terra Nova durante a sua atuação em Feira de Santana, estão as práticas de honrar aos líderes e o discurso exacerbado de obediência às autoridades, que são enfatizados pelo apóstolo e seus seguidores, o que contribuiu para a contradição entre o seu discurso e sua prática, no episódio da ruptura com César Castellanos, resultando em muitas divisões e desistências de grupos, pastores e membros, não apenas em Feira de Santana, mas em todo o Brasil.

O líder feirense, Bispo Manoel Pedro de Souza,¹⁷ enfatizou:

O G-12 entrou no Brasil através do pastor René, da apóstola Valnice e no Brasil, devido a algumas adaptações, embora tenha crescido bastante..., mas sofreu algumas restrições; por causa destas alterações, certo, não foi

¹⁷ Manoel Pedro de Souza, atualmente é bispo aposentado da Igreja Batista Memorial na Cidade Nova e tem 60 anos e formado em Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Nordeste e fez um curso de Psicanálise. Este templo tem capacidade para 700 pessoas sentadas, porém aos fins de semana essa capacidade é extrapolada.

implantado exatamente como funciona na Colômbia, então tivemos problemas e resultou, especialmente depois do rompimento do Apóstolo René com o César Castellanos, isso desencadeou uma série de dificuldades no Brasil, e levou realmente a uma divisão e a desistência de alguns grupos, algumas igrejas e alguns pastores por causa dessa divisão.¹⁸

A questão que se impôs foi se o novo encontro do Mover Celular do Fruto Fiel em março de 2005 que não trazia mais a sigla G12, porém M12, foi uma ruptura ou uma continuidade da Visão Celular no Modelo dos 12?

O apóstolo Sinomar Oliveira, discípulo de César Castellanos e um dos líderes do seu grupo de 12 no Brasil, em publicação na internet, relatou:

Recebi há poucos dias um telefonema do pastor César Castellanos me pedindo o telefone de René Terra Nova, pois o mesmo havia lhe enviado uma correspondência com acusações sem consistência- não verdadeiras- o que ele, César, estava muito preocupado. Orei a Deus, compartilhando com a minha esposa e fiquei na expectativa de novas informações. Tentei falar com apóstola Valnice e com o apóstolo Márcio Valadão, mas não consegui. Viajei. Quando cheguei, hoje dia 30 de março, o circo estava pegando fogo. A notícia estava por todos os lados: René Terra Nova rompeu a sua aliança com o Pastor César Castellanos. Fiquei estupefato!¹⁹

Para os discípulos de César Castellanos, não apenas estava clara a ruptura do discipulado entre Castellanos e Terra Nova, como também o ato não procedia de Deus, por promover um ato de quebra de aliança com o fundador do G12, o qual é considerado nesse modelo de igreja o “oitavo pecado capital,” isto é, a quebra de aliança significava questionar a autoridade do pastor fundador e isso afetou a legitimidade do discurso de Terra Nova, contribuindo para uma série de dificuldades como desistências do G12 e M12 e cismas de muitos pastores em todo o Brasil, que foram desencadeadas com a ruptura, segundo a entrevista do Bispo Manoel Pedro de Souza.

Em entrevista, a pastora Simone de Araújo Moura²⁰ do Ministério Internacional de Adoração a Deus e integrante do M12 de René Terra Nova em Feira de Santana, comentou que o Mover Celular é apenas um encontro que acelera o objetivo da Visão, mas que a organização em células é o cerne do mover, assim como a Visão, o que

¹⁸ Entrevista concedida à autora em 04.06.2008 no município de Feira de Santana.

¹⁹ http://www.visaog12.com.br/arquivos_líderes/1_Sinomar.htm data: 20/08/2005.

²⁰ A senhora Simone de Araújo Moura tem 35 anos e possui uma tradição de liderança entre os batistas. Já foi presidente dos jovens adolescentes de Alagoinhas e vice-presidente dos jovens do estado da Bahia. Além de ser bacharel em educação religiosa com música pelo seminário batista do Nordeste em Feira de Santana, pós-graduada em educação religiosa na área de concentração de administração educacional e formada em psicanálise. Atualmente pastorea o Ministério Internacional de Adoração a Deus, uma igreja grande para a realidade de Feira de Santana. Segundo suas informações a Igreja tem uma população flutuante de mais ou menos 700 pessoas reunidas na sede.

evidencia uma continuidade da metodologia nessas congregações. Há na fala da pastora Simone, uma expectativa de transição, uma transição harmoniosa que tinha como objetivo uma agilidade maior no crescimento. Analisamos também que essa aparência de transição nos discursos dos seguidores do apóstolo Terra Nova, era uma tentativa e um jogo de silêncio para minimizar os estragos da ruptura.

Olha...., o mover celular ele vem como uma resposta para que a visão voe... Nós estávamos apenas andando e depois passamos a correr e agora nós estamos voando! Porque a visão celular é uma visão de conquista de multidões, uma Visão de Conquista de Nações, então o objetivo da visão é ganhar vidas para Jesus e o mover celular é uma estratégia de Deus para que esse processo voe depressa, para que isso aconteça de uma maneira sólida e mais... depressa.

Instigante é como não se falou que o Mover Celular foi o primeiro encontro que o apóstolo Terra Nova criou após a ruptura com César Castellanos e da preocupação de divulgar o Mover Celular como um encontro que todos teriam que fazer por causa de uma prática de trabalhar no Reino de Deus com amor pela almas e sua salvação, que faria uma revolução na terra, com uma explosão de crescimento inacreditável. Além disso, este encontro marcou a transição do estado de uma igreja que anda para uma igreja que corre e que voa, num sentido metafórico, para usar as mesmas palavras da pastora, isto é buscavam um crescimento acelerado das comunidades.

Quando a pastora disse que o encontro em questão era uma resposta de Deus, há uma transfiguração de uma questão terrena, de disputa de poder, para a estrutura sobrenatural divina, legitimando assim a provável ruptura. Nos discursos dos seguidores de René a questão foi vista como um estágio de transição para uma metodologia melhor e mais eficaz de crescimento de igrejas. Nas palavras do candidato a vereador em Feira de Santana nos pleitos eleitorais de 2004 e 2008 e também líder de ministério musical e irmão de René Terra Nova, Israel Terra Nova²¹, a ruptura toma um contorno de reforma religiosa, de aperfeiçoamento da metodologia:

Infelizmente estamos passando por uma reforma no G12, o qual está mudando para o M12, (**De Governo dos Doze para Modelo dos Doze**). Porque essa mudança? Nunca iremos conseguir ser governo sem antes ser Modelo! Uma das maiores dificuldades que temos em prosseguir com a proposta do M12 na nossa cidade são por que: muitos querem ser governo,

²¹ O senhor Israel de Araújo Terra Nova têm 37 anos e além das candidaturas políticas, é representante de CD's evangélicos e membro da Igreja Batista Memorial.

mais estão muito longe de serem Modelos e isso tem atropelado o processo da Visão Celular e está havendo não quedas, mais selecionamento do M12 em Feira de Santana.²²

A entrevista com o irmão sanguíneo de René Terra Nova, que é uma amostragem dos discursos daqueles que continuaram com o apóstolo brasileiro, fala que a proposta do M12 é uma reforma do G12. Uma reforma para melhor, explicando até as saídas de algumas lideranças com o termo selecionamento. Os líderes selecionados permaneceram com o M12.

Em 2005, ocasião da ruptura, tivemos a oportunidade de presenciar pregações de René Terra Nova, sua esposa Ana Marita Terra Nova e Larissa Terra Nova, sua filha adolescente, nas quais falavam de uma fase de transição e que o Mover Celular marcava esse estágio. Porém, neste discurso de transição pairava uma imprecisão por que quem ouvia não entendia de onde nasceu a transição, por que ela estava acontecendo e qual a nova proposta dela, expondo a fragilidade do argumento.

Convém destacar a propaganda que foi feita do encontro Mover Celular com a utilização de camisas e banners que tinham um modelo para todas as congregações, estes banners marcavam a presença do mentor intelectual do M12, o apóstolo René Terra Nova e não mais o fundador do G12. Os símbolos que estavam nesses banners, a águia e o leão que são representativos como animais que dominam os ares e a terra. Estes animais têm várias referências bíblicas que são simbólicas, às vezes o leão representa Jesus Cristo e a águia, o animal que rompe o tempo ruim atravessando as tempestades. Uma forte simbologia do sagrado e adequada às circunstâncias.

Essa pseudo falta de nexos do discurso de transição para quem estava observando em nível local, num determinado momento tomou a forma de uma aparente contradição, quando por outros caminhos sabemos que o maior líder do G12 no Brasil tinha rompido com o seu líder e mentor espiritual César Castellanos. Um verdadeiro desvio doutrinário que teve repercussão e amplitude nacional e internacional.

Queremos discutir a aparente contradição nos discursos das lideranças locais, bem como o silenciamento sobre o fato do cisma. Naquele momento, em 2005, era muito perigoso para as lideranças locais que permaneceram com o apóstolo René Terra Nova após a ruptura, apresentar um novo encontro que falou-se de fidelidade às lideranças, o encontro foi intitulado de Mover Celular do Fruto Fiel(MCFF), como uma

²² Entrevista com Israel Terra Nova concedida à autora em 2008 no município de Feira de Santana.

forma de anunciar um novo momento, apelando para uma imagem de fidelidade que legitimava o rompimento, sem contudo explicar o que gerou este acontecimento.

Michel de Certeau é uma boa referência para analisar este jogo na forma de apresentar o encontro e o evento inaugural do Mover Celular do Fruto Fiel (MCFF), silenciando aspectos importantes que atribuiriam negatividade à prática, e ao mesmo tempo, ressaltando aspectos positivos para o Reino de Deus com as milhares de almas que seriam salvas do inferno. Essa estratégia de ocultar a ruptura pela hierarquia do movimento, entendemos como uma intencionalidade que aquele momento demandava das lideranças locais de manter suas congregações distantes e ignorantes em relação à quebra de aliança, talvez pelo medo do incitamento à novas rupturas. O silêncio também é revelador de tensões e disputas entre lideranças e grupos. Segundo o autor francês:

busca-se uma orientação na leitura que não se caracteriza mais somente por uma “impertinente ausência” mas pelos avanços e recuos, pelas táticas e pelos jogos com o texto. Vai e vem, ora captada, mas por que então, se desperta ao mesmo tempo no leitor e no texto? jogando, protestando, fugindo. Seria necessário reencontrar os seus movimentos no próprio corpo, aparentemente dócil e silencioso. (CERTEAU:271)

A notícia da ruptura entre Terra Nova e Castellanos, desencadeou uma mobilização de críticas dos outros integrantes do governo dos 12 de Castellanos aqui no Brasil. A apóstola Valnice Milhomens Coelho se pronunciou através de Cartas eletrônicas para o apóstolo Terra Nova. As críticas sobre René falavam de ciladas do inimigo (diabo), motivações pessoais de ruptura, rebelião, entre outros similares.

Numa carta em que é explícita e enfática sua discordância da posição do apóstolo René Terra Nova, apóstola Valnice Milhomens opinou:

Lutei para que não houvesse uma divisão. Você já pensou que coisa mais trágica você cobrindo um grupo e o Pr. César, na nação cobrindo outro? O filho da visão em confronto com o pai? Sinto a Guerra nos ares. Estou triste. Temo por você. Temo os prejuízos para o Reino. Que Deus tenha misericórdia de todos nós e nos livre do mal²³.

Neste texto da Apóstola Milhomens estava clara a ruptura entre os líderes, como também, na sua concepção havia uma motivação pessoal do apóstolo Terra Nova de arrebanhar os líderes que aderiram à visão celular. Para Valnice o papel de divulgador da estratégia colombiana que Terra Nova desempenhou no Brasil, lhe dava apenas o

²³ Dados extraídos do site: http://www.visaog12.com.br/arquivos_lideres/1_valnice2.htm, data: 20.08.2005

direito de representante do apóstolo colombiano, e não, divulgar uma estratégia que não lhe pertencia para o seu próprio proveito, um filho se rebelando contra o pai.

Nessa discussão é importante ressaltar todo trabalho de pesquisa para conseguirmos notícias das fontes sobre a motivação da ruptura. Os periódicos não falam sobre problemas do G12 e M12, eles divulgam o êxito das células e doutrinas das principais lideranças no Brasil. Os livros impressos têm a mesma peculiaridade e a solicitação para pesquisarmos nas atas das congregações, despertou desconfiança para com a jovem estudante de mestrado, pois os pastores que pedimos permissão não colaboraram em fornecer este material.

Apenas nas entrevistas e na carta eletrônica de Valnice Milhomens se comentou rapidamente sobre a ruptura. E mesmo as entrevistas com as lideranças locais houve quase que um pacto de silêncio sobre a motivação da ruptura, pois em geral o que se falou diante da questão da ruptura é que ela trouxe prejuízos e divisões, não houve um aprofundamento e algumas vezes sentimo-nos desconfortável de querer ter um conhecimento que ninguém se mostrava confortável para fornecer. Trabalhar com a ruptura foi difícil nesse sentido, confirmando os percalços da História Recente.

Porém, dificuldades à parte, tivemos que enfrentar este problema pois, o silêncio também se mostrou revelador do mal-estar que a ruptura entre René Terra Nova e César Castellanos suscitou nas lideranças envolvidas em todo o Brasil, e particularmente em Feira de Santana, lócus da pesquisa.

Como já foi exposto anteriormente, se em 2005 período da ruptura, a estratégia das lideranças locais que continuaram sob a liderança do apóstolo René Terra Nova era manter suas congregações longe das críticas dos liderados de Castellanos e de qualquer notícia da ruptura, apresentando para isso o cisma com uma faceta de transição para o Mover Celular do Fruto Fiel, aprofundando as pesquisas este ano, apesar de não se falar a natureza da ruptura, exceto em uma entrevista e na carta eletrônica de Valnice, foi possível uma visualização melhor dos desmembramentos da ruptura em Feira de Santana. Certamente que a continuidade das investigações trarão novos elementos para o entendimento do problema.

A apóstola Valnice Milhomens, se dirigiu ao apóstolo René Terra Nova, transcrevendo o trecho em espanhol, a justificativa dele para a ruptura, este trecho em espanhol foi escrito por René para Castellanos e o seu grupo dos 12 no Brasil. A apóstola relatou:

Você invocou na carta ao Pr. César dois motivos para romper com ele: anular el ministério de los colegas (otros pastores que tuviesen entrado em la Visión) y denominacionalizar, aun que diese outro nombre a las iglesias, mas extinguir el minister de los pastores que fueron llamados por Dios y no por nosotros Meu filho, você não acha que é uma grave acusação? Onde estão os pastores cujos ministérios foram anulados pelo pastor César? ²⁴

Eis a justificativa do apóstolo René Terra Nova para romper com Castellanos: seu argumento foi que o líder colombiano queria montar uma denominação celular e com isso anular o ministério dos pastores locais. Este trecho representa o que Valnice Milhomens avaliou como um erro de interpretação do Apóstolo Terra Nova. Segundo ela, o pedido de César foi que os pastores de São Paulo se unissem para formar uma grande igreja celular que impactasse São Paulo, e que não tinha nada a ver com anular o ministério dos pastores. O Apóstolo René Terra Nova temia ver sua liderança e poder pessoal diminuídos?

Uma única entrevista com uma pastora de Feira de Santana, Simone de Araújo Moura, que falava sobre transição no período do acontecimento, discorreu rapidamente sobre o motivo da dissidência, diante da questão como a igreja recebeu o conflito de René Terra Nova com César Castellanos, relatou:

Olha, eu acho que foi tranquilo. Assim... para o meio evangélico o referencial sempre foi o apóstolo René, quando nós íamos para os congressos, perguntavam: quem são os discípulos do apóstolo René? E uma multidão se levantava, então nós não conhecíamos o pastor César. É um homem de Deus abençoado, mas é um homem que mora em outro país, é um colombiano aqui que não tinha nenhum relacionamento conosco, o nosso referencial era o apóstolo René e o que fez o apóstolo René se separar dele foi porque ele não queria que virasse uma convenção, e aí quando as coisas começaram a mudar ele então se separou por que ele acha que cada igreja é livre para continuar ministrando segundo o que Deus lhe orienta, então estamos na Visão Celular, mas ele não tem nenhuma interferência no que fazemos dentro da igreja, é apenas uma cobertura espiritual e uma estratégia. Eu acho que o meio evangélico absorveu bem, pelo menos a nossa igreja absorveu muito bem, eles falaram, olha o nosso referencial é o apóstolo René, estamos com ele e vamos permanecer. ²⁵

Diante da afirmativa da pastora que atualmente é a líder do M12 de Feira de Santana, juntamente com o seu esposo o apóstolo Luciano de Almeida Moura, percebemos que para algumas lideranças locais foram muito mais fortes e importantes as suas relações de confiança, amizade, respeito, honra com o líder mais próximo, o

²⁴ Idem.

²⁵ Entrevista concedida à autora em 10.06.2008 no município de Feira de Santana.

apóstolo René Terra Nova que além de líder em Manaus começou o seu ministério na Igreja Batista Memorial de Feira de Santana, o qual foi uma das referências dos batistas tradicionais na cidade, além de ser uma igreja de grande visibilidade para a cidade de Feira de Santana.

A motivação da ruptura não apareceu na sua fala como uma heresia, a qual está implícita e explícita nos discursos dos liderados de Castellanos. Na sua fala apareceu mais uma defesa patrimonial e ministerial dos pastores que atuavam localmente, do que uma ruptura de grandes proporções e prejuízos para o G12. De fato, a liderança reconhecida pelos feirenses era a de René Terra Nova.

Na entrevista com o esposo da pastora Simone, o Apóstolo Luciano, diante da mesma questão, ele respondeu o seguinte e destacamos a parte em negrito:

é uma boa pergunta (risos)... A visão aqui na igreja ela sempre cresceu em aliança, o respeito, o crédito que eu tenho com a igreja e que a igreja tem comigo..., então quando nós entramos na Visão a Igreja entendeu que era de Deus, então a Aliança da Igreja sempre foi comigo e com minha esposa. Então..., o que acontece em outra instância não toca a Igreja, por exemplo a igreja ela não é tocada com ruptura do apóstolo César Castellanos e René, do apóstolo César com os seus 12 internos e externos, nem tão pouco com o David Yonggi Cho da Coréia. Isso não nos toca, por que nós aprendemos que a ...o profetismo está acima do profeta. A profecia está acima do homem. Quando Elias ora pela chuva, a nuvem não vem da cabeça de Elias, ela vem de cima do mar, bem longe do profeta. O que Deus está deixando claro para gente é que os movimentos do Espírito não estão no Homem estão no Espírito, os homens falham, Deus permanece para sempre... essa igreja ela tem um Deus e esse Deus me deu a graça de pastorear essa igreja que de todas que eu conheço essa é a melhor. **Então a Igreja não teve impacto, por que em nenhum momento deixamos isso tocar a igreja, tanto é que a minha equipe só veio saber três meses depois por que alguém fez a colocação. Por mim não saberia.**²⁶

Queremos destacar que esse casal de pastores, atualmente forma a liderança do M12 de Feira de Santana e do estado de Pernambuco. Vale Ressaltar que o M12 fundado pelo apóstolo René Terra Nova em março de 2005 é uma equipe de pastores organizados em nível estadual, cobrindo todo o território nacional, apenas a Bahia, possui três equipes, um M12 de Feira de Santana, um em Salvador e o da Bahia. Esta

²⁶Entrevista concedida à autora em 11.06.2008 no município de Feira de Santana. O Apóstolo Luciano de Almeida Moura, presidente do Ministério Internacional de Adoração a Deus, antiga Primeira Igreja Batista do Feira IX e é doutorando em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte em Recife. Fez vários cursos de psicanálise e atuou como professor de nível superior em muitos estabelecimentos de ensino. Pelo esquecimento da autora, não tenho precisão para afirmar a sua idade, que é menor do que 40 anos.

equipe se reúne semanalmente para orar, compartilhar experiências, traçar estratégias para conquistar a cidade e o Estado em que atuam.

Na entrevista com a pastora Simone Moura, ela relatou que o conjunto de pastores que formaram o M12 de Feira de Santana sob a liderança de René Terra Nova foram: *apóstolo Luciano e esposa, o pastor Ribeiro e esposa, pastor Clécio Rabelo e esposa, pastor Joá e esposa, pastor Antônio Magalhães e esposa, pastor Nailton e esposa e pastor Cláudio e esposa*. Vale ressaltar que cada um deles têm o seu próprio M12 local. (MOURA, Feira de Santana, 10.06.2008).

Se na fase de implantação do G12 em Feira de Santana entre os anos de 2000 e 2002, através do apóstolo René Terra Nova, houve uma grande adesão de variados grupos protestantes, na ocasião da ruptura em 2005, muitas congregações desistiram da metodologia do G12. Esse foi o caso do Ministério Aliança com Deus no bairro João Paulo II, do pastor Augusto Barreto Sá²⁷, a Igreja Batista Memorial na Cidade Nova, do Bispo Manoel Pedro Souza, entre outras. Temos que destacar que estas são grandes igrejas na cidade que tem mais de quinhentos membros e que fizeram parte do grupo de René Terra Nova no período anterior ao cisma.

César Castellanos, na ocasião da implantação, tinha outro grupo de pastores que era liderado pelo pastor João Batista da Igreja Batista Missionária no Bairro Brasília, que também formou o seu governo de 12 com grandes igrejas na cidade. Já o governo dos 12 de César Castellanos, praticamente não sobreviveu à ruptura com René Terra Nova. Em constantes pesquisas, só encontrei a referência ao pastor Nils e sua esposa Fernanda da Comunidade Videira e uma congregação no bairro Pilão que ainda estão vinculados a César Castellanos, indiretamente, através da INSEJEC de Valnice Milhomens, essa comunidade é dirigida pela pastora Mariângela.

Analisando estas adesões e desistências no aspecto da proporção, o episódio da ruptura causou mais prejuízos a imagem de César Castellanos do que a de René Terra Nova. Entendendo esta disputa como legitimamente pelo poder religioso, como lutas de representação, nas palavras de Chartier, evidenciamos que as relações de aproximação, amizade e consolidação que o apóstolo René Terra Nova construiu com as lideranças

²⁷ O senhor Augusto Barreto Sá têm 42 anos, fundou o Ministério Aliança com Deus em 2001, juntamente com a sua esposa a professora e pastora Marivone Barreto Sá. Provenientes de uma tradicional Igreja na cidade, a Igreja Batista Missionária, conheceram o Apóstolo René Terra Nova em 2002, do qual se tornaram membros do seu G12 em Feira de Santana. Esta congregação, atualmente têm 1000 membros divididos em quatro congregações na cidade.

feirenses, no momento da crise favoreceram sua imagem e a posterior consolidação do M12 em Feira de Santana.

A eficácia do discurso de René Terra Nova em Feira de Santana se constituiu por ter sobrevivido à turbulência que a sua ruptura causou na mentalidade das comunidades que aderiram ao G12 e posteriormente ao M12. Queremos destacar que a turbulência da qual falamos foi, sobretudo, uma crise na liderança pastoral da cidade que tiveram que contornar de alguma forma a ruptura, seja saindo do Governo dos 12, ou criando estratégias para lidar com o problema.

O cisma entre René Terra Nova e César Castellanos significou para além das disputas pelo poder religioso e sacerdotal, também a criação de um método de expansão de igrejas genuinamente brasileiro e “baiano”, dizemos baiano por sua naturalidade de uma cidade do interior da Bahia, Serrinha. Ainda que as raízes do novo M12, tiveram na Colômbia a origem de suas novas práticas de gestão sistemática e empresarial das células através do governo dos 12, o M12 trouxe algumas peculiaridades em relação ao modelo colombiano, *porque a circulação da mensagem religiosa implica necessariamente em uma reinterpretação que pode ser operada de forma consciente por especialistas.* (BOURDIEU, 2005, p.51)

Essas peculiaridades têm relação com as práticas de liderança do apóstolo René Terra Nova no seu ministério em Manaus. Uma delas é a peregrinação à Jerusalém que o mesmo organiza anualmente para levar pastores e líderes do Brasil com o objetivo de revitalizar práticas veterotestamentárias, uma espécie de novo movimento de cristãos sionistas. Convém ressaltar que o ato de peregrinar, faz parte da religiosidade popular brasileira, este empreendimento turístico foi uma reelaboração da tradição judaica do Antigo Testamento em interface com aspectos empresariais e turísticos próprios da atualidade. Foi uma forma de identificação de práticas protestantes que surgiram historicamente no século XVI, com práticas das origens da civilização hebraica de mais de três mil anos atrás em pleno século XXI, promovendo um resgate do mito fundante no mundo judaico para a religiosidade protestante.

Os estudantes de graduação em História que participavam do CPR (Centro de Pesquisas da Religião) em 2002, Undira Cunha e Igor Trabuco, fizeram uma entrevista com René Terra Nova, na ocasião em que ele recebeu o título de cidadão feirense, na qual ele relatou sobre as práticas judaizantes que implementou ao G12 colombiano e no futuro M12:

Não no G12 oriundo de Bogotá, o G12 de Bogotá é apenas estratégico , porém o G12 que o Brasil absorveu, que partiu de Manaus na Amazônia, por intermédio do Ministério Internacional da Restauração do qual eu sou pastor, nós temos um amor declarado a Israel e por causa desse amor declarado a Israel a gente celebra as festas bíblicas de Jerusalém, e aí as nossas igrejas são ornadas com motivos de Jerusalém, como bandeiras, menoráh, as danças de Israel com as músicas hebraicas, e tem assim um sinal de resgate das festas hebraicas, no entanto não é um movimento judaizante dentro da igreja. Nós temos uma visão de Jerusalém de provar, e abençoar Israel, que nós viemos de lá, nós viemos de Jerusalém, a nossa linha é toda de Jerusalém , José era judeu, Maria era Judia, Jesus era judeu, os apóstolos eram judeus, a igreja nasceu na Judéia, e pelo movimento durante os séculos a igreja foi perdendo as raízes hebraicas, a igreja em Manaus cuja estou a nove anos envolvida com a visão de Jerusalém , indo muito à Israel, fomos quinze vezes à Israel, então nós trouxemos a visão de Jerusalém. E as pessoas no Brasil que tem esse amor declarado por Israel, adotaram também estes motivos das festas hebraicas, das danças hebraicas como vai acontecer hoje... para dar uma graça maior, uma alegria maior, um júbilo maior, é um resgate segundo está lá, em Zacarias 14, e em Amós 9 que é a festa do Senhor sendo restaurada, como também o tabernáculo de Davi que está sendo restaurado, e urna das formas de fazer restaurar o tabernáculo de Davi são as danças, o louvor, a adoração, o quebrantamento, e isso faz parte do tabernáculo de Davi, está lá em Amós, Cap9:11-20.²⁸

Este aspecto de peregrinação à Jerusalém, não é apenas um empreendimento turístico. Ele tem também uma simbologia de volta às origens espirituais hebraicas, marcando o que César Castellanos, René Terra Nova e Valnice Milhomens, chamam de “sair de Roma e ir para Jerusalém”. Esta frase sair de Roma e voltar para Jerusalém é o que caracteriza a disputa por legitimidade no campo religioso brasileiro, pois significa uma ruptura final com as heranças religiosas do catolicismo, o qual se organizou e se constituiu o Estado do Vaticano dentro de Roma ao mesmo tempo em que prega o retorno as origens da religião hebraica. O uso de símbolos da liturgia religiosa hebraica como o menorah, a arca da aliança, o ministério levítico, o azeite, o trigo, o shofar e a bandeira de Israel, são práticas e símbolos que buscam denotar e conotar legitimidade às suas práticas, buscando nas origens e profecias do Antigo Testamento uma legitimidade religiosa para suas inovações religiosas.

²⁸ Entrevista concedida aos então estudantes do CPR (Centro de Pesquisas da Religião) da UEFS Udira Cunha e Igor Trabuco em 02.10.2002 na ocasião em que René Terra Nova recebeu o título de Cidadão Feirense.



Figura 6: Fotografia da representação da arca da aliança do antigo testamento da antiga Igreja Batista Memorial.



Figura 7: Fotografia do altar e do púlpito da antiga Igreja Batista Memorial.

Além de símbolos e práticas há um retorno da própria língua hebraica. Com isso não quero dizer que nessas comunidades se fala hebraico, mas o uso de termos hebraicos como Shalom, Jireh, Shamah, El Shaddai denotam uma identificação entre a

igreja que pretende se desligar completamente, combatendo a referência católica romana, alicerçando-se na transfiguração de práticas judaicas antigas nas comunidades da contemporaneidade.

Tais práticas judaizantes já ocorreram em outros momentos da trajetória do protestantismo. Num texto de Nigel Smith, sobre os usos do hebraico na Revolução Inglesa do século XVII, afirmou:

O estudo do hebraico, e a incorporação da língua hebraica na fala e na escrita, tornou-se uma questão política, na qual diferentes grupos, concorrentes ou opostos, e indivíduos brigavam pela interpretação das verdades divinas, pela forma como eram manifestadas em hebraico e como poderiam ser ditas ou impressas nas trocas discursivas públicas na condição de inglês hebraizado...o que podemos perceber é um processo dinâmico no qual a difusão “descendente” de uma língua antiga fez com que ocorressem novas versões e aplicações do vernáculo. Em uma época na qual, as formas vigentes de autoridade política e religiosa haviam sido desestabilizadas, e em alguns casos, removidas, a assimilação do hebraico pelos leigos era uma forma destes se estabelecerem com segurança no projeto divino. (SMITH, 1993: 76)

Além da significação política e religiosa do uso de termos hebraicos, queremos enfatizar a apologia à ritualística das festas judaicas, como o purim, a festa das primícias e a festa dos tabernáculos, que são celebrações que fazem parte do calendário festivo na Congregação do apóstolo René Terra Nova que atualmente têm aproximadamente 60.000 discípulos em Manaus. No caso da festa dos tabernáculos a celebração acontece em Jerusalém, juntamente com Judeus e cidadãos israelitas. Nossa avaliação é que a inserção de práticas judaizantes, têm o objetivo de apresentar uma igreja glorificada, herdeira das promessas dos israelitas, através de Jesus Cristo, alinhando práticas cristãs às práticas veterotestamentárias de raízes hebraicas, além de uma certa legitimação que a comunidade segue as verdades bíblicas, compensando as fissuras anteriores com respaldo bíblico.

O projeto de decreto legislativo da autoria do então vereador Jorge Raimundo de Oliveira Silva trazia a seguinte justificativa:

O nosso homenageado, René de Araújo Terra Nova, é pessoa que se identifica com nossa cidade, tendo-se destacado como líder evangélico, estando hoje levando o nome de Feira de Santana a todo Brasil e também a outros países, e já foi reconhecido como o primeiro apóstolo do Brasil do

Ministério Internacional da Restauração, que tem sua sede em Manaus (AM).²⁹

Esta síntese reelaborada por René Terra Nova entre práticas dos grupos históricos, numa leitura neopentecostal, acrescentando a criação do pastor colombiano com uma nova proposta de práticas veterotestamentárias e exacerbação na pregação, teve eficácia entre as lideranças de Feira de Santana, contribuindo para sua desvinculação com a imagem de César Castellanos, um estrangeiro e o conseqüente prestígio de René Terra Nova e sua ligação com a sociedade feirense, inclusive nos espaços políticos o que se pode constatar com o Decreto Legislativo nº 27/2002 que lhe outorgou o título de Cidadão Feirense em 27 de agosto de 2002. No art.1 desse Decreto Legislativo consta o seguinte extrato: *Fica concedido o título de Cidadão Feirense ao Senhor René de Araújo Terra Nova.*

PODER E LIDERANÇA ENTRE OS EVANGÉLICOS FEIRENSES

Pretendemos neste espaço fazer uma discussão teórica acerca dos sacerdotes e profetas do G12, e suas funções de distinção no sistema simbólico religioso. Objetiva-se compreender como estes papéis se construíram e possibilitaram empreender modelos diferenciados de metodologia eclesiástica, embora pertençam a uma mesma matriz metodológica, o G12 colombiano.

As relações de *transação* que se estabelecem, com base em interesses diferentes, entre os especialistas e os leigos, e as relações de *concorrência* que opõem os diferentes especialistas no interior do campo religioso, constituem o princípio da dinâmica do campo religioso e também das transformações da ideologia religiosa. (BOURDIEU, 2005: 50)

Nesta citação Bourdieu, está tratando dos aspectos que configuram a dinâmica do campo religioso. A concorrência entre os especialistas, os sacerdotes, a importância e as relações que os leigos desenvolvem dentro do campo religioso. Com isso queremos enfatizar a discussão centrada nas lideranças do G12 e o posterior M12.

²⁹ Projeto de Decreto Legislativo nº13/2002 da Câmara Municipal de Feira de Santana. No conteúdo do Projeto de Decreto ainda consta uma biografia do homenageado, seu currículo assinado e a justificativa do Edil.

Para explicar nos termos de Bourdieu, o corpo de agentes especialistas, os sacerdotes, possuem a legitimidade de manipulação dos bens de salvação. Mas essa legitimidade surge da divisão do trabalho religioso que têm estreita vinculação com as transformações sociais e econômicas do campo social e a desapropriação do capital simbólico dos leigos. Esta divisão do trabalho religioso no caso do G12 e M12 já foi discutida nos itens anteriores. Devido a concorrência no campo religioso pelo monopólio da gestão dos bens de salvação, surge a necessidade do aparecimento de um aparelho de tipo burocrático, a instituição.

Enfatizamos esta discussão teórica para negar o G12 como denominação. O movimento G12 é uma prática metodológica usada por algumas denominações protestantes. Devido à eficácia de expansão demográfica e política possibilitada pelo G12 na Colômbia, esta prática se institucionalizou como mensagem religiosa patenteada pelos pastores César e Cláudia Castellanos, seus fundadores.

A expansão internacional demandava uma organização sacerdotal e institucional similar à organização colombiana. Entre os anos de 1998 e 2000 se constituiu a gestão sacerdotal do G12 no Brasil, dos quais os líderes de maior visibilidade foram o Apóstolo René Terra Nova, a Apóstola Valnice Milhomens, o Apóstolo Márcio Valadão e o Apóstolo Sinomar Oliveira. Vale ressaltar que estes líderes já haviam conseguido consolidar e expandir as suas congregações, eles não nasceram na vigência do G12. Estes líderes tinham legitimidade de representar a mensagem de César Castellanos, pois juntamente com ele formavam o corpo de agentes especializados no campo religioso brasileiro.

No início das relações entre René Terra Nova e Castellanos, o pastor brasileiro não se encaixa perfeitamente na acepção de profeta, de Bourdieu, isso se relaciona com as velhas discussões entre o que é a teoria e o que o exercício da pesquisa revela sobre o objeto. Porém, o aspecto da profecia e o carisma serem a ideologia profissional do profeta que discorda do discurso institucional, almejando e competindo com ele na tentativa de se tornar instituição, é compatível com a função de René Terra Nova na ocasião da ruptura. Terra Nova representava o discurso institucional, porém por divergências administrativas, desempenhou o papel de profeta e obteve eficácia pela sua persuasão e carisma na membresia neopentecostal feirense.

Uma questão instigante é como os sacerdotes do G12 resignificaram a estrutura eclesiástica dos protestantes históricos. Títulos como bispo e apóstolo para essas lideranças promovem uma ruptura com o modelo de gestão congregacional e as

assembléias de membros, vigentes em muitos grupos protestantes na contemporaneidade.

Elizete da Silva, na sua tese de doutoramento que versa sobre Anglicanos e Batistas na Bahia no final do século XIX até meados do século XX, discute a organização eclesiástica desses dois grupos relacionando à sua conjuntura política de origem, diferenciando-os. Os anglicanos com estrutura eclesial de hierarquia episcopal e centralizadora na figura do bispo e os batistas com o governo congregacional, conhecido como a democracia batista.

Nas palavras de Silva, “*A figura central, espinha dorsal do anglicanismo, é o bispo, o qual além de exercer funções administrativas, exerce funções pastorais e espirituais em sua diocese*” (SILVA, 1998: 101). Esta centralização segundo a autora mostrava uma identificação e similaridade à monarquia inglesa.

Já os batistas apresentavam um modelo eclesial enfaticamente diferenciado, baseado na assembléia de membros para tomarem as decisões em nível local. Neste modelo o pastor é líder para pregar no púlpito e os diáconos líder das atividades administrativas e sociais da congregação. “*Com uma estrutura congregacional autônoma e livre de quaisquer instâncias superiores, sínodos, concílios ou presbitérios, os batistas diziam viver uma plena independência.*” (SILVA, 1998: 102)

Quando discutimos títulos religiosos entre os sacerdotes, como apóstolo e bispo que se encontra diluído por todo o texto, é notória a descontinuidade das práticas de organização eclesial dos protestantes que aderiram ao G12. Foi realmente um dado novo na hierarquia eclesial protestante, tendo em vista que os líderes que são citados neste capítulo, todos eles têm uma vinculação de origem com grupos batistas tradicionais ainda que entre os anos 2000 e 2002, tenham sido excluídos da Convenção Batista Baiana e Brasileira pela adesão ao G12.

Além de promover uma ruptura com modelo de hierarquia eclesial tradicional, estes títulos promoveram uma retomada da hierarquia apostólica do Novo Testamento. Segundo o relato bíblico, Jesus escolheu e discipulou durante três anos 12 apóstolos que fizeram expandir a doutrina da salvação no início da era cristã. Além dessa releitura do ministério apostólico, enfatizamos que essas designações hierárquicas contribuíram para o poder pessoal desses líderes que se distinguiram dos outros pelo ministério/ cargo que ocuparam.

Além da ordenação hierárquica como marca distintiva entre essas lideranças, objetiva-se discutir o significado do ministério apostólico. Os ministérios relatados na

Bíblia são pastoral, encarregado do ensino da Palavra, o mestre, ou diáconos para integrar a comunidade, o evangelista para curar, o profético para libertar e o apóstólico para evangelizar. Porém o apóstolo transita entre todos esses ministérios o que lhe confere mais autoridade e poder simbólico distintivo. E isso se reproduz no G12, centralizando o poder simbólico entre as suas lideranças.

Em 2001 o líder protestante René Terra Nova foi consagrado apóstolo das nações da terra. Nesse período já era notória a expansão da congregação que pastoreava em Manaus e tinha o reconhecimento da sua importância para a implantação da Visão Celular no Modelo dos 12.

DE FEIRA DE SANTANA À FEIRA DE JESUS

Neste item pretende-se realizar uma análise das representações construídas sobre René Terra Nova entre os grupos protestantes em Feira de Santana. Para isso investigaremos nas fontes orais e no Jornal Feira de Jesus as palavras que estes textos usam para fazer referência ao apóstolo em questão, para compreender e avaliar se estas imagens positivas ou negativas, correspondem à adesão de muitas comunidades ao G12 e posteriormente ao M12 na cidade.

O jornal Feira de Jesus circulou na cidade entre os anos 1994 e 1996. No seu nome e nas suas reportagens há uma referência para mudança de nome de Feira de Santana, referência ao cânone católico Senhora Santana que não é aceita pelos protestantes, pois é considerada idolatria, para Feira de Jesus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, englobando a matriz protestante. Este jornal é peculiar pois já demonstrava a mentalidade do ambiente evangélico no período anterior à implantação do G12 por René Terra Nova.

O empreendimento jornalístico destinado a evangélicos já denotava uma franca expansão dos evangélicos em Feira de Santana e como esse expansionismo tinha também um caráter político. Na análise de cinco edições deste periódico os temas recorrentes eram a divulgação de congressos pentecostais e neopentecostais, geralmente com a temática da batalha espiritual, textos das grandes lideranças de Feira de Santana, entrevistas com políticos que se aproximaram desses religiosos evangélicos que concorreram ao pleito eleitoral, representando os protestantes em Feira de Santana.

O termo Feira de Jesus não foi apenas um nome que designava um anseio evangélico de mudança do “padroeiro” da cidade, porém um projeto político de expansão, visibilidade social e política na qual o catolicismo, religiosidade tradicional em Feira e no Brasil, estava perdendo o seu espaço na sociedade feirense. Este jornal representava a concorrência dos agentes especializados evangélicos pelo monopólio da legitimidade religiosa no campo religioso feirense.

Na edição de setembro de 1995, este periódico registrou a presença do então pastor René Terra Nova que já pastoreava em Manaus e na ocasião a sua comunidade era uma grande congregação para a realidade das congregações evangélicas no Brasil, a qual já possuía mais de 3000 membros e se encontrava em franco crescimento. Este texto do jornal desenvolveu temáticas preponderantes referentes à organização neopentecostal.

A primeira temática positiva foi o seu ministério profético para o Brasil, um homem que pode liderar a restauração do Brasil no exercício de sua visão religiosa. Como referência a este aspecto encontramos os seguintes extratos:

Com palavra de revelação-Rhema- com conhecimento e sabedoria, o pastor René declarou que a Igreja do Senhor Jesus é para ter poder. Para ele é fundamental ter atenção para “entender o que Deus está falando. Esta geração precisa ouvir Jesus, para que os sinais e prodígios aconteçam”. Segundo o pastor um milhão de luzeiros oram pelo Plano Real, pela restauração do Brasil.

Suas belíssimas boas novas serão ouvidas atentamente pelos que buscam o fogo do avivamento ³⁰

A temática negativa de uma demonstração pública de repúdio ao seu ministério, e à sua referência é uma amostragem das representações negativas construídas sobre René Terra Nova, por que na nossa concepção este líder desencadeou sentimentos radicais e opostos por ser um líder polêmico. No episódio da sua chegada a Manaus relatou o Jornal: *Ele revelou que “todo bom ministério começa no deserto.” Quando aportou em Manaus, o pastor foi chamado de “falso profeta,” 50 out-doors declararam isso nas ruas*³¹.

Esta díade bem/ mal, no caso analisado profeta e falso profeta representa um aspecto singular do cristianismo que têm nessa dualidade de imagens a eficácia de sua

³⁰ Feira de Jesus. Ano II, n°16, Setembro de 2005, p.7.

³¹ Ibidem.

mensagem religiosa, simbolizada pelas representações de Deus x diabo e salvação x danação, típicas do universo neopentecostal.

Nas entrevistas em Feira de Santana vislumbramos a ocorrência das mesmas imagens proféticas, com um acréscimo. Quando os informantes foram impelidos a falar sobre o que eles achavam de René Terra Nova, as palavras alterações, distorções, adaptações, saltaram aos olhos pelos aspectos negativos e positivos encontrados nos seus discursos. Essa discussão é relevante por que tais imagens têm uma vinculação direta com o seu poder simbólico exercido entre os pastores e leigos da cidade. As palavras do Bispo Manoel Pedro Souza, relataram estes dois aspectos de negatividade e positividade, em entrevista:

O G12 entrou no Brasil através do pastor René, da apóstola Valnice e no Brasil devido a algumas adaptações , embora tenha crescido bastante, mas sofreu algumas restrições; por causa destas alterações, certo, não foi implantado exatamente como funciona na Colômbia, então tivemos problemas e resultou, especialmente depois do rompimento do Apóstolo René com o César Castellanos, isso desencadeou uma série de dificuldades no Brasil.³²

Na entrevista com o Bispo Manoel Pedro, podemos identificar duas características para René Terra Nova. Na implantação do G12 no Brasil, as modificações implementadas por ele ao G12 colombiano, na ocasião da ruptura, tiveram um aspecto negativo o que gerou desistências de muitos grupos, na sua concepção foi uma falha ministerial. Embora na sua concepção o apóstolo tenha cometido um erro prejudicial ao Reino de Deus, as suas características morais são mais acentuadas o que na fala de todos os informantes foi mais alongada e pareciam uma repetição involuntária do modelo familiar que o apóstolo representou para os evangélicos em Feira de Santana. *René é filho de Memorial, da nossa igreja. É uma pessoa impressionante, um homem de Deus, tem uma palavra realmente tremenda da parte de Deus, é uma vida cujo caráter, moral familiar, pastoral ninguém tem nada a acusá-lo.*³³

Nesta citação pode-se vislumbrar temáticas preponderantes: a moral familiar, o ministério profético, e algo menos sintomático que é quando se fala rapidamente que o apóstolo tem os seus defeitos, mas que são compensados pelos frutos. Quando o Bispo Manoel Pedro fala em compensação pelos frutos está se reportando às palavras de Jesus

³² Entrevista concedida à autora pelo Bispo Manoel Pedro Souza em 05.06.2008 no município de Feira de Santana.

³³ Entrevista concedida à autora em 05.06.2008 no município de Feira de Santana.

sobre como conhecer os falsos profetas, e toma como referência o texto que “toda árvore boa produz bons frutos e toda árvore má produz maus frutos”. Os frutos que o apóstolo René tem para mostrar é uma das igrejas mais prósperas do Brasil que têm mais de 60.000 discípulos na sede em Manaus. O Bispo Manoel Pedro, continuou o seu discurso:

...O seu jeito, sua ousadia, sua intrepidez é realmente algo fantástico! É realmente difícil encontrar um ser humano que faça o que o apóstolo René está fazendo hoje, um homem que viaja o mundo inteiro, já deu muitas voltas em torno da terra pregando toda semana, todo dia, durante três quatro horas, duas, três vezes por dia, seus cultos normalmente terminam depois de meia noite, é um homem incansável, tem os seu defeitos, é claro, todos nós temos, mas as virtudes e os frutos justificam qualquer fraqueza, e a mão de Deus na vida dele, a presença de Deus..., eu amo o apóstolo René é uma benção para minha vida, é um homem que tem crescido muito, que tem prosperado muito e tem feito muita gente prosperar, eu poderia citar muitos casos da ação benéfica, social de René eu já fui a Israel com minha esposa ele pagou todas as despesas, a Manaus, já levou muita gente que eu conheço, certo, o apóstolo René. Eu estava em crise numa certa ocasião, e eu tinha falado com Deus, só com Deus sobre um compromisso financeiro, só falei com Deus, nessa ocasião ele pregou aqui na igreja, então ele pediu permissão à igreja levantar uma segunda oferta, a Igreja disse pode, e tínhamos na ocasião lideranças de muitas igrejas e foi uma boa oferta, no final ele disse: posso administrar esta oferta? a igreja disse, sim, ele falou, esta oferta vai para o pastor Manoel Pedro de Sousa, então é uma pessoa que tem revelação de Deus. É um profeta, É um profeta!³⁴

Pierre Bourdieu ao analisar o poder carismático e persuasivo dos profetas na dinâmica do campo religioso, discute este poder de interpretar a sociedade por uma via religiosa peculiar e a capacidade de persuadir a sua ambiência social através da “*dialética da experiência íntima e da imagem social, circulação quase mágica de poderes no curso do qual o grupo produz e projeta o poder simbólico que será exercido sobre ele.*” (BOURDIEU, 2005: 55) Este poder será reconhecido como poder profético pelo grupo social, na medida em que a crença privada no profeta se torna a fé como crença reconhecida. Em suas palavras:

É no espaço desta lógica que se faz necessário colocar a questão das condições do êxito do profeta, situado precisamente na fronteira incerta do anormal e do extraordinário, e cujas condutas excêntricas e estranhas podem ser admiradas como fora do comum ou desprezadas como desprovidas de senso comum. (BOURDIEU, 2005: 56)

Queremos ressaltar sobre René Terra Nova que o seu poder carismático não é originário da sua natureza individual, mas este agente religioso se construiu socialmente

³⁴ Idem.

com disposição a sentir e a expressar com uma força e uma coerência particulares certas disposições políticas e éticas. O poder de mobilização de grupos de indivíduos que se reconhecem na linguagem profética, a eficácia de sua profecia se realizou através da demanda religiosa e sua condição de existência são as situações de crise, conforme Bourdieu:

Em resumo, o profeta não é tanto o homem “extraordinário” de que falava Weber, mas o homem das situações extraordinárias, a respeito das quais os guardiões da ordem pública não têm nada a dizer, pois a única linguagem de que dispõem para pensa-las é a do exorcismo.(BOURDIEU, p.75)

A característica de homem extraordinário em situações extraordinárias, da qual Bourdieu discute se alinha com os depoimentos das lideranças evangélicas de Feira de Santana. Estas mesmas características podem ser vislumbradas na perspectiva do apóstolo Luciano de Almeida Moura, na mesma proporcionalidade, comentou na entrevista:

Eu o conheço há oito anos, oito anos e meio, eu o conheci entrando na Visão. Quando ele estava entrando na Visão eu o conheci como amigo, amigo íntimo, um pai de família dedicado, uma referência de pai de família, para mim hoje no Brasil uma referência de destemor, um homem destemido, um homem aguerrido, ele tem projetos, tem sonhos, tem uma equipe maravilhosa que o ajuda a cumprir, um excelente marido tem seus defeitos de homem, mas eu consigo ver os acertos desse homem, a glória e os tesouros de Deus em vasos de barro, que são os homens. O apóstolo René sem dúvida alguma ele tem uma tocha de avivamento que ele tá levando para o Brasil, leva para o Brasil e leva para as outras nações... Para mim é uma referência de homem que venceu, a nível de pastorado, quero que Deus me dê a graça de chegar lá, também, por que é uma referência de alguém que tentou e venceu.³⁵ (MOURA, Feira de Santana, 11.06.2008)

Os exorcismos, as revelações, as curas, e a sua unção profética, são palavras usadas pelas lideranças em alusão às práticas neopentecostais do apóstolo René Terra Nova. São muitos os testemunhos que ele executou e ainda realiza estas práticas, na qual observamos no final de suas pregações em congressos. A chamada unção profética liberada por ele acontece ao final das reuniões onde ele convida a todos os participantes para orarem na frente do púlpito e em pé. Em seguida ele começa a orar em línguas estranhas e num determinado momento ele começa a falar “receba o milagre de Deus, receba a unção na sua vida,” em voz alta e eloqüente. A partir daí a maior parte das pessoas começam a cair no chão em êxtase religioso, sem a imposição de mãos,

³⁵ Entrevista com o pastor Luciano de Almeida Moura concedida à autora em 11.06.2008 no município de Feira de Santana.

começam a exercer os dons do Espírito Santo como dançar em espírito, pular, profetizar, acontecem muitos exorcismos, curas e pessoas falando em línguas estranhas, um verdadeiro avivamento glossolálico!

Foi um cenário que a primeira vista, na ocasião recém convertida, nos despertou temor, por que o exercício dos dons do Espírito Santo não são adequados à racionalidade dos protestantes históricos, onde não se pode nem bater palmas e tão pouco esquecer a racionalidade humana³⁶. O fato é que essas práticas e representações de René Terra Nova, deram eficácia à sua mensagem religiosa, ocasionando a expansão do seu ministério e adesão às suas inovações religiosas, que passavam pelo crivo pentecostalizador.

Com relação à adesão em Feira de Santana e a posterior continuidade com a nova proposta metodológica de expansão de igrejas M12 de René Terra Nova, entendemos que a sua vinculação com as lideranças evangélicas da cidade, têm relação direta com a visão da pastora Simone Moura:

O apóstolo René Terra Nova é um homem de Deus, é um homem santo e o que nos apaixonou nele é o modelo que ele tem de família de discipulado, de homem corajoso e decidido. Ele é um profeta para as nações! Quando nós nos conhecemos ele profetizou que Deus nos daria um ministério novo aqui em Feira e que a prova seria um filho. Nós estávamos para sair de Feira para pastorearmos uma igreja em Salvador e ele falou que vocês terão um ministério novo em Feira IX e a prova será um filho. E hoje nós temos a nossa filha com sete anos e meio de idade, fruto de uma profecia daquele homem. Temos visto Deus operar milagres através da vida dele, é um homem simples, mas um homem muito ousado na palavra, um homem muito amoroso e que consolida os seus discípulos. Então assim em todo momento ele tem sempre estado conosco, nos momentos bons e nos momentos de necessidade, ele tem sido um amigo, um pai, um discipulador, um homem de Deus³⁷.

As lideranças protestantes de Feira de Santana estiveram muito atreladas às profecias do Apóstolo Terra Nova como também desenvolveram relações de proximidade e amizade com o líder consagrado em Manaus. Estas representações sobre René Terra Nova como o “profeta feirense” favoreceram a eficácia de sua mensagem religiosa na cidade, a montagem do seu M12 e o relativo ostracismo de César Castellanos em relação à ambiência protestante em Feira de Santana.

³⁶ Estes relatos foram observados em congressos e cultos que participamos no período da pesquisa.

³⁷ Entrevista com a pastora Simone de Araújo Moura concedida à autora em 10.06.2008 no município de Feira de Santana.

CAPÍTULO 3

MERCADO E RELIGIÃO: A SOCIEDADE DOS FINS DO SÉCULO XX E XXI

Para os historiadores dos sistemas religiosos não é possível pensar em formas de religião ou religiosidade fora do seu contexto político e social. Por isso refletir sobre a sociedade durante as últimas décadas do século XX é relevante para entendermos as inovações em termos de práticas religiosas, sociais e políticas propostas pelo movimento G12, na contemporaneidade, vislumbrando alguns nexos que articulam dialeticamente o campo religioso e o campo das relações sociais.

Em se tratando da economia e política mundiais as duas últimas décadas do século XX foram fundamentais para a implantação da doutrina neoliberal no ocidente capitalista desenvolvido e a sua posterior transplantação para países da América Latina, seguindo-se pela adesão de alguns países da antiga União Soviética. Perry Anderson afirma que a doutrina neoliberal encontrou espaço para a sua prática nos mais diferenciados contextos político-econômicos, embora as suas origens remontem às regiões de capitalismo desenvolvido do pós Segunda Guerra mundial. (ANDERSON, 1995:9-23)

Embora o neoliberalismo apresente nuances diferenciadas em cada Estado-Nação que é implantado, pode-se generalizar que sua doutrina principal é limitar a ação do Estado nos mecanismos de mercado. Essa iniciativa não foi bem vinda no período, tendo em vista que as décadas de 50 e 60, o Estado de bem-estar social estava em pleno desenvolvimento e alcançava as demandas sociais. Foi a partir da crise do petróleo em 1973 que a doutrina neoliberal ganhou espaço nos Países capitalistas do hemisfério norte, pois a ação estatal estava corroendo as bases de acumulação capitalista e o capital das empresas com as crescentes conquistas trabalhistas ao nível dos sindicatos. Nas palavras de Anderson (1995),

A chegada da grande crise do modelo econômico do pós-guerra, em 1973, quando todo mundo capitalista avançado caiu numa longa e profunda recessão, combinando, pela primeira vez, baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação, mudou tudo. A partir daí as idéias neoliberais passaram a ganhar terreno. As raízes da crise, afirmavam Hayek e seus companheiros, [teóricos do neoliberalismo]estavam localizadas no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento operário, que havia corroído as bases de acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários e com sua pressão parasitária para

que o Estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais. (ANDERSON, 1995: 10)

O capitalismo se desenvolveu e avançou como uma forma de economia que atualmente é global, a partir do capital extraído como lucro sobre a exploração da mão-de-obra pelas grandes corporações. A recessão de 1973 foi, sobretudo, uma crise do mecanismo de produção do capital que encontrou entraves com a atuação de regulação social do Estado de bem-estar. O neoliberalismo como doutrina econômica e política surgiu como uma solução para as grandes corporações continuarem à sua acumulação capitalista sem a ação disciplinadora do Estado, o que ocasionou desdobramentos maléficis para a bem-estar na sociedade como o desemprego e os cortes no orçamento para os gastos sociais. Nas palavras de Anderson,

O remédio, então, era claro: manter um Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com o bem-estar, e a restauração da taxa “natural” de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos. (ANDERSON, 1995: 11)

Capitalismo e neoliberalismo se complementaram à medida que foram se articulando politicamente, possibilitando sua expansão nas últimas décadas do século XX com a adesão de muitos Países da América Latina, inclusive o Brasil. Este novo capitalismo do século XX e XXI apresenta duas grandes características. Segundo Manuel Castells (1999) a economia contemporânea apresenta duas facetas que se articulam às novas demandas de mercado, a economia informacional e o processo de globalização. Em suas palavras, Castells afirma:

É *informacional* porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É *global* porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologias e mercado) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos. É *informacional e global* porque, sob novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação. (CASTELLS, 1999: 87)

Esta interação que ocorreu nas economias mundiais, o mercado global, possibilitada pelo advento das novas tecnologias delineou novos contornos de competitividade entre as grandes corporações, ocorrendo cada vez mais a politização do mercado. Os interesses particulares do empresariado ganharam contornos nacionais com a ação do Estado em proteger o seu empresariado da concorrência global e vice-versa. Nas palavras de Castells (1995), o processo se desenvolveu

...mediante a integração de países em uma economia global, os interesses políticos específicos do Estado em cada nação ficam diretamente ligados ao destino da concorrência econômica das empresas nacionais ou localizadas em território nacional. Assim, por mais surpreendente que seja enfatizar o papel econômico dos Estados na era da desregulamentação, é exatamente por causa da interdependência e abertura da economia internacional que os Estados devem empenhar-se em promover o desenvolvimento de estratégias em nome do seu empresariado. (CASTELLS, 1995: 107/108)

Todo este processo político-econômico que tem ocorrido no mundo criou uma nova divisão internacional do trabalho, articulando-se como prática das grandes corporações a este capitalismo contemporâneo e a globalização dos mercados. Para além dessa discussão sobre a sociedade do capitalismo avançado, o foco que pretendemos discutir é como nesta sociedade do mercado se articula às vivências religiosas dos grupos neopentecostais, tendo em vista que neste grande mercado circulam e concorrem não apenas bens econômicos, mas bens culturais e a religião é um componente da cultura.

François Houtart (2002) é um importante sociólogo das religiões e escreveu textos sobre religião com uma fundamentação social muito relevante. Ao conceber o mercado como um lugar de troca, onde compram-se e vendem-se bens, constata que o capitalismo seja ele liberal ou neoliberal se constrói e se perpetua pela produção e reprodução de desigualdades sociais. e a leitura dos discursos religiosos podem ser de dois tipos:

Ou bem legitimam o mercado em função da eficácia social, que corresponde às exigências de justiça do evangelho, ou bem ambos se superpõem, não se articulam, exceto por insuficiência: o vazio criado por um (o mercado) é substituído pelo outro (o reino), e as contradições do primeiro são resolvidas pelo segundo. Nessa perspectiva, ainda que as duas ordens de coisas sejam de todo diferentes e os valores não comparáveis e muitas vezes contraditórios, o bem-estar do ser humano, que é objetivo de ambos, é satisfeito pela sua complementaridade. Disso resulta também, por que existe uma solução, a redenção do mercado, que pode continuar reproduzindo-se de acordo com a sua própria lógica. (HOUTART, 2002: 88 e 89)

Tendo em vista que a sociedade que vivemos é de mercado, como as demandas sociais são ressignificadas pela adesão religiosa, ou mesmo qual leitura os fiéis fazem da realidade circundante? Acreditamos que quando François Houtart discute legitimação do mercado, está propondo o que se pode resumir na mentalidade protestante de conservação da ordem política e social, baseada nas desigualdades sociais do mundo que são legítimas de acordo com as doutrinas contidas no Novo Testamento. As desigualdades sociais vividas pelos fiéis aqui na terra haverá uma redenção no Reino dos Céus. As doutrinas, práticas e representações religiosas que definem a classificação do grupo como neopentecostal, se articula melhor com a citação acima em que ele propõe uma outra solução possível: a redenção do mercado.

A redenção do mercado na nossa concepção é o nexo que liga as vivências rituais dos fiéis em seu ambiente religioso e suas vivências sociais como família, trabalho, lazer onde todos estão inseridos numa realidade concreta. Chamamos de redenção do mercado uma nova forma de dedicação ao trabalho com o objetivo de atingir a prosperidade material, de maneira que homens e mulheres de Deus que evangelizam no seu trabalho contribuem para a santificação dos espaços de produção econômica.

ÉTICA ASCÉTICA PROTESTANTE X NOVA ASCESE PENTECOSTAL NO FINAL DO SÉCULO XX

Partindo da concepção que existe uma pluralidade de protestantismos, entre os quais o neopentecostalismo é uma destas nuances, objetivamos expor quais as transformações doutrinárias e estéticas dos pentecostais em relação ao protestantismo histórico e ao próprio pentecostalismo clássico, evidenciando as mudanças nos usos e costumes para discutir comparativamente a ética ascética tradicional e o que tratamos neste texto como nova ascese protestante.

Sobre essa discussão da ascese protestante, entendemos de extrema relevância o debate que o alemão Max Weber (2007) faz da ética ascética intramundana do calvinismo no século XVII. Weber ao longo de sua trajetória intelectual se dedicou às discussões sobre Economia política, produzindo textos teórico-metodológicos e de análise muito fincados num diálogo entre História e a Economia Política do período. Na

obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, o autor discutiu a forma diferenciada das práticas ascéticas puritanas século XVII como um modo peculiar e protestante de se comportar no mundo, onde a religiosidade era exercida com racionalidade e controle sobre a vida tanto religiosa, no que diz respeito a uma moral cotidiana, quanto com relação ao trabalho.

Embora Weber analise o ascetismo calvinista, traçando uma comparação com os ramos metodista e pietista desta prática, o autor ainda faz uma digressão ao comparar com o ascetismo praticado pelos monges católicos que viviam em reclusão nos monastérios da Idade Média, concluindo que o ascetismo praticado pelos calvinistas era diferente das tradições religiosas ascéticas e não-ascéticas dos católicos, se referindo ao monasticismo e às práticas católicas cotidianas dos seus fiéis não reclusos, respectivamente. Para Weber, a vida nos monastérios já era um tipo de reclusão, ou seja, um afastamento radical da vida em sociedade, ao passo que a vida dos fiéis católicos não era doutrinada com esse radicalismo, o que conduzia a desregramentos incompatíveis com a ética protestante.

Já na ética ascética protestante calvinista ocorreu uma peculiaridade. Segundo Weber, as doutrinas de Calvino traziam distinções teológicas tanto do catolicismo, quanto do luteranismo e de outros grupos protestantes. A centralidade que Calvino dava a Deus e responsabilidade dos eleitos em serem um referencial e um instrumento para *in majorem gloriam Dei*, [aumentar a glória de Deus] trazia em seu bojo uma imposição de que a Glória de Deus se manifestaria na vida dos eleitos, através do controle racionalizado das práticas religiosas, morais e econômicas no meio social.

O mundo existe para servir à glorificação de Deus, e só para este propósito. Os cristãos eleitos estão no mundo apenas para aumentar a glória de Deus, obedecendo a Seus mandamentos com o melhor de suas forças. Deus, porém, requer realizações sociais dos cristãos, por que Ele quer que a vida social seja organizada conforme Seus mandamentos, de acordo com tais propósitos. A atividade social dos cristãos no mundo é apenas uma atividade *in majorem gloriam Dei* esse trabalho é pois partilhado pelo trabalho dentro da vocação, que propicia a vida mundana na comunidade. (WEBER, 2007: 90)

O cerne do problema caracterizado pelo ascetismo ético que Weber analisou como peculiar na matriz calvinista do protestantismo no século XVII é o controle racional sobre a moral e sobre o trabalho, ora o trabalho é uma atividade econômica mundana, ao passo que a poupança e o juros também o são. A peculiaridade que o autor traz é sobre a ascese é que, o mesmo se constitui como uma prática de separação entre o

homem e a vida social e a sua prática ascética canaliza essa vida em comunidade para uma normatização de condutas morais sobre a vida dos indivíduos através dessas doutrinas religiosas. Com a máxima “trabalho dentro da vocação”, o calvinismo conseguiu se manter fora do mundo de pecados em um estado de graça dado por Deus, estando dentro do mundo para aumentar a glória de Deus. Toda atividade laboral deve ser exercida pelo homem como vocação, um serviço prestado a Deus. Essa operação teórico-metodológica de que foram os valores culturais protestantes que influenciaram as condições econômicas e o surgimento do capitalismo, é a sua tese e uma construção crítica à máxima determinista do materialismo histórico marxiano.

O neopentecostalismo introduziu um conjunto de novas práticas religiosas no seio da confissão protestante e isso reverberou na forma do fiel se inserir socialmente e nas tradicionais práticas ascéticas protestantes. Segundo Ricardo Mariano “*Com o surgimento das igrejas neopentecostais, isso mudou. Promoveu-se uma verdadeira ruptura na identidade estética, na aparência desses religiosos. Irrompeu, portanto, um novo modo de ser pentecostal.*” (MARIANO, 2005: 87)

Os termos “usos e costumes” foram expressões largamente utilizadas por muitos pentecostais para se referir ao rigor legalista de comportamento no mundo como o uso de bijuterias, cosméticos, maquiagem e cortes de cabelo, às restrições do vestuário feminino e masculino, além de diversos tabus comportamentais e sexuais existentes como disciplinadores. As congregações protestantes tradicionais doutrinam à sua membresia de acordo com os padrões ascéticos, permeado pela mentalidade de não pertencimento do mundo e da cultura. É comum encontrar a frase “eu não sou do mundo”, desde as pregações nos cultos, até nos argumentos da membresia, de modo que os fiéis reproduzem esta mentalidade de si mesmos com este não pertencimento do mundo e das coisas do mundo, construindo uma prática ascética de afastamento da sociedade mundana e da cultura. Nas palavras de Mariano:

O pentecostalismo provê uma arena para o exercício de atividades de expressão, oratória, organização, propagação e liderança, estimula a participação, a iniciativa pessoal, o voluntarismo (habilidades e disposições latentes que podem vir a ser aplicadas na administração de negócios ou transformadas em iniciativa econômica), cria estruturas terapêuticas, instituições educacionais e de lazer, inculca disciplina, ética do trabalho duro, sobriedade, pontualidade, honestidade, parcimônia (virtudes favoráveis à acumulação e melhoria no padrão de vida), rejeita o álcool, o machismo e a promiscuidade, promove a auto-estima, o sentido de valor pessoal, constrói redes de apoio mútuo. (MARIANO, p.184)

Muitas destas práticas e características gerais citadas por Ricardo Mariano (2005) como próprias dos pentecostais e neopentecostais se constituíram como uma apropriação de práticas e capitais simbólicos do protestantismo histórico.

O G12 nasceu como uma proposta metodológica sistemática de crescimento de congregações no seio de comunidades pentecostais e aos poucos foi introduzindo práticas neopentecostais até configurar o que chamamos de Igreja em células no Modelo dos 12. Sua organização administrativa e doutrinária ao ser implantada em nível local exigiu uma série de mudanças na vida cotidiana da igreja. Por isso que é comum nos discursos dos líderes do G12, inclusive César Castellanos, que o grupo dos 12 pretende ser um modo de vida que atua na sociedade para a transformação, uma metodologia que objetiva trabalhar em todas as áreas da vida dos discípulos, desde a área familiar, do trabalho, das emoções e até a psicológica.

Esta aproximação entre o mundo do sagrado, dos mitos, rituais e tabus religiosos e a vida secular com formas de sociabilidade muito mais bem aceitas pela sociedade foram os elementos que construíram este movimento de neopentecostalização nestes grupos, um exemplo foram as notáveis mudanças na estética tradicional das mulheres pentecostais como a vestimenta, o uso de acessórios e até a possibilidade de assumir ministérios dentro deste modelo organizacional, além do comportamento de inserção na cultura da sociedade capitalista, passando por uma revisão teológica e doutrinal da membresia.

Eis o texto bíblico que originou as representações construídas sobre o mundo, o pecado, a concupiscência e a conseqüente morte espiritual entre os protestantes em geral:

Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do pai não está nele; por que tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora o mundo passa.(I João 2:15).

Protestantes históricos e pentecostais clássicos se apropriaram desse texto e de outros também, construindo uma imagem negativa da sociedade. Este processo produziu alguns vetos em relação ao consumismo de “modas” culturais, a participação na política, o uso de vestimentas fora do “padrão de santidade”, entre outras, construindo práticas sectárias permeado por um imaginário de que o mundo é impuro e

a sua participação como qualquer pessoa influenciaria na sua não chegada ao Reino dos céus. Nas palavras de Ricardo Mariano, as concepções teológicas dos pentecostais contribuem para esta noção de afastamento do mundo,

O pentecostalismo herda a postura de rejeição e afastamento do mundo diretamente do metodismo e do movimento *holiness*, dos quais se originou. Provém daí as raízes puritana e pietista do movimento pentecostal. Tal como no puritanismo, para o crente pentecostal mostrar-se santificado, ele precisa exteriorizar sinais, por meio de comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, que os diferenciem da sociedade inclusiva. Para que o Espírito Santo lhes preencha a vida, santificando-os, devem morrer para o mundo, o qual, como causa e lugar de sofrimento, além de rejeitado deve ser combatido. (MARIANO, 2005: 190)

Esta rejeição ao “mundanismo” que os pentecostais tradicionais praticam resulta, segundo Mariano de uma baixa estima do fiel em relação ao seu criador nas quais “*o status da criatura, da matéria, da carne, bem como seus desejos, atributos e necessidades, após a queda do Paraíso e perante a onipotência e perfeição do criador, é baixíssimo*” (MARIANO, 2005: 189).

Já os neopentecostais se apropriaram do mesmo texto de uma forma diferenciada. Para eles homens e mulheres podem atuar na sociedade das mais diversas formas, o veto é para a prática do pecado e não pelo fato de freqüentar lugares ou coisas em que outros pecam. Além disso, o serviço religioso realizado pelos leigos parece ser mais preocupante para os neopentecostais do que, por exemplo, ser candidato a vereador, tendo em vista que a política no Brasil tem sido feita por muitos grupos que praticam corrupção.

O destaque para a racionalização e o controle sobre a sua ética moral de estar no mundo é o que se denomina aqui de nova forma de ascetismo protestante praticada por grupos de perfil neopentecostal que aderiram ao G12 em Feira de Santana no final do século XX. O ascetismo tradicional do protestantismo missionário, decorrente de vários fatores internos e externos, pelo menos até a década de 1930 afastou-se do mundo e da cultura brasileira.

Lyndon de Araújo Santos (2006) analisou as relações do protestantismo com a cultura brasileira na primeira república e identificou o posicionamento crítico dos protestantes em relação às práticas políticas e culturais da sociedade brasileira do período. São suas palavras,

A relação para com a cultura brasileira foi de crítica a partir do discurso oficial dos expoentes e das instituições do campo evangélico. A crítica volveu seu foco para a questão moral que estava vinculada a uma proposta

de sociedade cujos valores estavam no patamar de uma civilização. No entanto, a experiência dos prosélitos oriundos das camadas mais baixas da população, trabalhou conteúdos culturais e religiosos dissonantes do discurso oficial. A assimilação da doutrina, a adaptação das condutas, a incorporação das novas regras e dos novos gestos, conjugaram releituras, transposições e transferências culturais e religiosas. (SANTOS, 2006: 213)

Foi principalmente por causa destas relações de transferências culturais entre protestantes e cultura brasileira até a década de 1930, que constatamos novas formas de ser protestante no Brasil a partir da década de 1980.

O tradicional afastamento que se construiu através das críticas dos evangélicos com a cultura brasileira e o desfrutar das transformações pelas quais as sociedades ocidentais vêm passando é uma tradição que vem se desenvolvendo desde a formação das primeiras denominações reformadas no século XVI e XVII que se afirmaram como movimentos contestatórios das práticas religiosas vigentes:

Marli Geralda Teixeira ao discutir sobre o contexto em que os batistas se instalaram na Bahia, ressaltando a mentalidade religiosa e cultural desse grupo protestante, afirma de forma categórica que este distanciamento da cultura e religiosidade baianas, era a própria proposta intolerante dos batistas, para se afirmar e consolidar no Brasil como um tipo de religiosidade que não era aceita por um País, onde a sua colonização foi empreendida pela Igreja Católica Romana. Em suas palavras,

Não pode ser esquecido o fato de que a própria ambiência, extremamente eivada de tradições religiosas, responsável pela ligação indelével da cultura baiana ao catolicismo nas suas diversas feições -do ortodoxo ao popular- e às religiões afro-brasileiras, torna-se ainda mais delicado o estudo de uma comunidade religiosa que, desde o seu início, se propôs a contestar e solapar as bases das crenças tradicionais. (TEIXEIRA, 1983: 14)

O G12 como uma nova forma de ascetismo protestante neopentecostal que realiza um diálogo com a sociedade capitalista de consumo à sua maneira, tem certa referência com o debate proposto por Weber, no que diz respeito a um conjunto de doutrinas que permitem a inserção dos fiéis na economia. Isso não quer dizer que indicamos o mesmo caminho que Weber, quando ele aponta que foi um modo de vida doutrinado pela religião que possibilitou o surgimento do capitalismo. Não arriscamos a tese de que os pentecostais e neopentecostais contribuem com o seu estilo de vida para o desenvolvimento do capitalismo, mas que estes têm superado tabus doutrinários tradicionais que não permitiam à sua adesão ao etilo de vida da sociedade circundante e se inserido nas vivências culturais oportunizadas pelo advento do desenvolvimento das

relações do capitalismo e da Teologia da Prosperidade. É uma possibilidade de se analisar o problema.

Classificar o G12 enquanto uma metodologia neopentecostal é uma tentativa de compreensão, uma necessidade metodológica que tem algumas finalidades objetivas como situá-lo no tempo e no espaço, definir práticas em linhas gerais e o principal, discutir as práticas dessa metodologia como dialógicas com a contemporaneidade e seus processos culturais. Essa classificação não explica a totalidade da realidade, porém nos oferece alguns subsídios para a compreensão dela.

César Castellanos Dominguez ao longo do livro “Liderança de Sucesso através dos 12” explica a eficácia das células na sociedade do “Novo Milênio”, ou seja, na sociedade contemporânea. Nas suas palavras:

Deus nos deu uma visão para alcançar nações inteiras, para conquistar o mundo para Cristo. Chegou o tempo de o povo cristão mudar o curso da história, impactando todo o planeta com a mensagem de salvação e hoje, quando líderes destacados provenientes dos mais distintos rincões da terra têm visitado nossa igreja para captar a visão, e a têm colocado em prática com absoluto sucesso em suas respectivas nações, estou completamente seguro de que o mundo será para Cristo com a estratégia dos doze e os grupos celulares. No novo milênio, a igreja se moverá a conquistar os corações com líderes integralmente preparados, penetrando nos lares.³⁸

Nessa perspectiva, o pastor César Castellanos Dominguez concebe que a célula é uma estratégia eficaz para o crescimento de igrejas evangélicas na sociedade atual, por que através dos cultos domésticos são rompidas as barreiras simbólicas, religiosas e culturais de diferença de credo simbolizada pelo templo protestante. Diferença essa que tem o significado de separação e distanciamento que se dá não de templo para templo, mas de indivíduo para indivíduo. Os protestantes desde o seu surgimento foram estereotipados como pessoas que tem religião, vestimenta e comportamento diferente da sociedade, trazendo dificuldades de relacionamento com a sociedade brasileira, quem quer se distinguir nestes termos, isolando-se do mundo?

O culto doméstico se revelou uma eficaz reelaboração de discurso e de prática ao flexibilizar esta forma de devoção que privilegia acentuadamente o serviço dos leigos, um dos elementos que mais se destacam nas formas dos protestantismos sejam eles histórico, pentecostal ou neopetecostal. Outra perspectiva das células é que a sua ênfase como estratégia de crescimento e a necessidade da multiplicação da membresia,

³⁸ DOMINUEZ, César Castellanos. Liderança de Sucesso Através dos 12. Palavra da fé Ltda.: São Paulo, 2000. (p.392)

a produção de números de conversões tudo isso é uma apropriação de estratégias empresariais próprias do capitalismo, trazidas para o cotidiano religioso e secular dos fiéis.

As denominações neopentecostais são as que mais crescem no meio protestante em todo o mundo, dando destaque para as igrejas organizadas em células. Construir laços de amizade com as pessoas que estão fora da religiosidade protestante, aproxima essas pessoas não apenas dos indivíduos, como também do templo protestante.

Então, integrar-se na comunidade e não separar-se dela é a estratégia do G12, um tipo de ascese diferente, onde a máxima “trabalho dentro da vocação” é levada às últimas conseqüências. Dentro do modelo de trabalho religioso todos são agentes religiosos, agentes sociais e agentes políticos por desenvolverem um trabalho organizado e administrado tanto na vida secular, quanto na vida religiosa. Sair do mundo de pecados não é mais a concepção que norteia esta nova prática ascética, mas trazer a comunidade pecadora para dentro da igreja para começar um processo de santificação social e com isso acabar com as mazelas da sociedade que na concepção destes religiosos é de origem espiritual, o pecado, através do serviço religioso, ou trabalho evangelístico dos leigos, um lugar do *status gratiae*, com uma intensa atividade proselitista.

Essas denominações ao dialogar com multidões e multiculturalismos romperam com estereótipos fixos que caracterizaram historicamente os protestantes de uma forma unificada. O movimento neopentecostal trouxe transformações diversas nos segmentos protestantes, onde mediante observação não se consegue perceber um modelo devido a diversidade de formas encontradas de vestimenta, com o uso da calças jeans, bermudas, camisetas; de comportamento; de perfil social ou de atividades lúdicas como o teatro, as danças, os cursos profissionalizantes, além de uma diversificação dos ritmos que inclui até o rock, o axé e o forró na pauta dos louvores religiosos.

Magali do Nascimento Cunha (2007) estudou o movimento gospel no Brasil e enfatizou o relevante papel da música entre os segmentos pentecostais e neopentecostais desde a década de 1980 como uma nova forma de avivamento e estratégia de crescimento dessas confissões religiosas que tiveram um amplo alcance, desde destaques individuais de pessoas que nasceram em berço evangélico até aqueles famosos que aderiram à confissão protestante. São suas palavras:

As lideranças do movimento não apenas compõem e cantam [sic] mas escrevem, realizam palestras e pregam em cultos. Com isso, elas introduziram no cenário evangélico, por meio de uma forte estratégia de disseminação- mídia (discos, vídeos e publicações impressas) e programas (congressos, palestras, cursos e seminários)- um novo discurso e um novo papel para a música e os músicos, cujo eixo central é o avivamento por meio do louvor e da adoração. (CUNHA, p.107)

Os artistas gospel ocuparam uma centralidade no culto dos neopentecostais pela autoridade espiritual que exercem nas suas novas funções sacerdotais. Há uma retomada e uma ressignificação de práticas veterotestamentárias muito intensa entre os neopentecostais, enfatizando os grupos que aderiram ao G12. Os artistas fazem parte do “ministério levita”.

Segundo o texto bíblico “Levi” foi o terceiro filho de Jacó e seus descendentes ficaram encarregados do serviço religioso, ou seja o culto no santuário itinerante que era realizado e os posteriores cuidados com “a arca da aliança” que na concepção dessa família a arca seria o lugar santo, onde Deus colocaria a sua glória. Com a construção do templo, os levitas passaram a exercer o sacerdócio após a sedentarização dos hebreus. *“Uma nova concepção de culto foi construída. Surgiu a figura dos sacerdotes do templo e a construção de uma compreensão de que este seria o único sacerdócio legítimo.”* (CUNHA, 2007, p.109)

Magali Cunha (2007), afirma ainda que a opção *“pelo modelo de culto do Antigo Testamento” se reflete nas músicas dos cantores gospel, que enfatizam, principalmente, a realeza de Deus, seu poder, soberania, majestade e domínio*”, o que também é uma concepção que predomina nos grupos que compõem o G12. Esta mentalidade das riquezas e do domínio de Jeová sobre o mundo, fundamenta a inserção dos neopentecostais no sistema econômico, político e cultural o que denota uma concepção cristã de História, onde Deus estaria mais uma vez revelando aos homens os seus desígnios e comandando às suas ações.

Tendo em consideração o desenvolvimento histórico da teologia protestante, qual seja, do conceito de salvação como central para o protestantismo, entendemos que o mesmo ainda continua a ser caro para o cristianismo contemporâneo e não podia ser diferente nessa reelaboração do G12 e M12. Para os teólogos do G12 e dissidência o “trabalho dentro da vocação” consiste no esforço para converter pessoas à salvação em Jesus Cristo. Montar um grupo de doze discípulos é um trabalho individual e coletivo que viabiliza tanto a salvação individual quanto a sua posição dentro do grupo. Uma representação comum dentro desses segmentos está expressa na imagem de um saque

gradual do inferno e como consequência o povoamento do Reino de Deus, através da metodologia do G12 e M12, que visa como já foi dito anteriormente, Ganhar, Consolidar, Discipular e Enviar.

A constatação de uma transformação na forma de conceber e praticar o ascetismo protestante cunhada pelo G12 possibilitou uma reelaboração de eficácia comprovada do discurso do comportamento protestante ascético em relação aos ramos do protestantismo histórico e o de perfil pentecostal. Objetivamos expor como é tratada essa nova forma de ascetismo protestante que dialoga tanto com o protestantismo histórico, apropriando-se desses capitais simbólicos, quanto com o pentecostalismo clássico.

Na entrevista com a representante do G12 no Brasil sobre a separação que a membresia dessas denominações faziam com as vivências contemporâneas e de como eles entendiam o seu relacionamento com a sociedade e a cultura, Gladez de Varón respondeu,

Não. A igreja tradicional faz essa separação. Por isso a igreja não cresceu, por que as pessoas começaram a ver, olha... lá estão os evangélicos que estão com a bíblia e as pessoas tinham um conceito errado dessas pessoas. Por exemplo, eu conheço Cristo faz trinta e quatro anos, e quando eu conheci Cristo eu não me sentia bem, eu me sentia como apartada, digamos assim, o mundo não era para mim. Eu não poderia estar no mundo enquanto pecado, o pecado não, porém, enquanto as coisas do mundo o que se move a tecnologia sim, por que realmente a formação do caráter vai mais além do que a formação espiritual, emocional da pessoa, vai mais além por exemplo, nós motivamos muito para que as pessoas estudem, e não sejam pessoas que por serem cristãos você não precisa...³⁹

O que se pode inferir da entrevista é que o conceito de pecado e com isso de salvação não foi mudado, o que mudou foi a relação do crente com o mundo, usufruir das coisas do mundo não é mais pecado, a própria informante fala que no período em que ela estava numa igreja tradicional ela se sentia separada do mundo enquanto que com o G12 ela ampliou essa concepção que em grande medida se adequou mais às sociedades multiculturais ocidentais do que as igrejas tradicionais. A própria informante entende que foi por esse motivo que estas denominações não cresceram. Ao fazer uma avaliação do G12 como prática eclesial que objetiva se integrar a vida do fiel de alguma forma, considerou que a metodologia colombiana fez essas denominações crescerem por interferir em todos os aspectos da vida dos membros.

³⁹ Entrevista concedida à autora pela pastora Gladez de Varón em 27.12.2007 na cidade de São Paulo.

Fazendo um balanço sobre a situação do G12 em Feira de Santana no período recortado, nota-se que os anos 2000 e 2002, correspondem a fase de implantação dessa metodologia nas congregações, havendo uma grande adesão dos Batistas mais renovados, quadrangulares e independentes, a exemplo da Igreja Batista Memorial e a Primeira Igreja Batista do Feira IX.

A implantação do G12 não ocorreu sem choques religiosos, doutrinários e teológicos nas práticas e representações dessas denominações protestantes. Denominações tradicionais como a Assembléia de Deus e Batista, desencadearam um processo de discussão e condenação a algumas práticas do G12 como a realização dos encontros e uma diversidade de outras práticas. Isso levou muitos líderes a desligarem-se das respectivas convenções, um exemplo disso foi a primeira Igreja Batista do Feira IX que recebeu o nome de Ministério Internacional de Adoração a Deus, contribuindo para aumentar a diversidade dos grupos protestantes em Feira de Santana.

Os segmentos que aderiram ao G12 e dissidência M12, fizeram uma reelaboração da mensagem e da prática religiosa eficaz no que se refere às relações entre o mundo protestante e a vida em sociedade caracterizada pelo estereotipado afastamento do religioso das vivências sociais. Rompendo estes estereótipos e ampliando a sua membriezia e sua inserção no sistema econômico, político e cultural.

TRADIÇÃO E INOVAÇÃO: CONFLITOS NO INTERIOR DO SUB CAMPO PROTESTANTE

Como já foi mencionado anteriormente existem variadas formas de ser protestante no Brasil. Possuir identidade protestante pode ter variadas facetas, desde o protestantismo histórico, do ponto de vista doutrinário e cultural, até os mais recentes pentecostais e neopentecostais. O sacerdócio universal e a liberdade de interpretação do texto bíblico entre os mais variados ramos do protestantismo foi e continua sendo a grande marca distintiva neste grupo religioso. É a partir destas duas concepções que analisaremos os conflitos e as lutas de representação advindas da legitimidade da livre interpretação do texto bíblico sobre doutrinas e práticas reelaboradas pelo G12.

Esta análise terá como fonte os periódicos representativos de dois grandes segmentos do protestantismo brasileiro. “O Jornal Batista”, “Batista Baiano news” o órgão oficial da Convenção Batista Brasileira representando a opinião doutrinária e

teológica dos batistas tradicionais no Brasil e ao mesmo tempo indispensável pelo grande número de adesões ao G12 entre congregações batistas. Além dos batistas, o outro grupo protestante escolhido foi a Assembléia de Deus, com o periódico “Mensageiro da Paz” por representar a opinião do maior segmento protestante no Brasil, além de fazer parte do grupo pentecostal.

Na leitura dos seus líderes, o G12 foi apenas uma estratégia de crescimento, mas nas próprias palavras do pastor César Castellanos a estratégia pretendia ser prolongada na vida cotidiana dos fiéis como um modo de vida que atua na sociedade para a transformação, uma metodologia que objetiva trabalhar em todas as áreas da vida dos discípulos, desde a área familiar, do trabalho, das emoções, a psicológica, até a intervenção política.

No momento em que o G12 deixou de ser estratégia de crescimento para portar doutrinas próprias, começaram os embates discursivos sobre as doutrinas do G12, desqualificando-as com o objetivo de deslegitimar suas práticas ou ainda se auto-legitimar nas grandes denominações. Pretendemos abordar as lutas de representação advindas do choque teológico e doutrinário tendo em vista que o G12 é uma metodologia para ser aplicada nas congregações locais. Muitos líderes de diversas denominações do Brasil, conhecendo a experiência colombiana de crescimento, adotaram para suas congregações o que fez surgir uma série de debates acerca do G12. Estes conflitos tiveram origem no confronto de mudanças de costumes implementadas pelo G12 e o tradicionalismo dos grupos protestantes históricos.

Estas lutas de representação se engendraram e se construíram nas relações de poder dentro dessas denominações e sua legitimidade de monopolizar o capital religioso. Vários grupos, entre os quais, assembleianos e batistas se pronunciaram oficialmente contra as práticas do G12, o que desencadeou desligamentos de convenções e a formação de grupos dissidentes. A expansão das adesões ao G12 entre os batistas desencadeou uma série de críticas ao G12, inclusive foi o objeto na pauta de discussões na Convenção Batista Brasileira (CBB) e na Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB) conforme as informações contidas o “Jornal Batista news” e o “Batista Baiano” que serão devidamente expostas nas páginas posteriores.

É interessante destacar que a Convenção entre Batistas e Assembleianos é uma estrutura denominacional que promove discussões doutrinárias e administrativas entre as lideranças congregadas. Suas decisões não podem ser contestadas e devem ser obedecidas sob pena de ser convidado a se retirar da Convenção.

César Castellanos ao longo do livro “Sonha e ganharás o mundo” expõe a sua trajetória pessoal e ministerial ao discutir suas estratégias para êxito. Entre elas está a quebra de maldições que podem ser individuais, familiares ou hereditárias e regionais, *“e tudo isto ocorre num processo: primeiro o Senhor mostra as maldições na parte individual, na vida familiar e logo nos guia a identificar e quebrar as prisões da nação.”*⁴⁰ Segundo a sua leitura, é necessário um processo de libertação que começa na vida do crente que aceita a Jesus e na medida que este for liberto começa a libertação dos seus familiares. Castellanos entendeu que esta libertação na área espiritual favorece a vida do cristão na família e nas finanças. Também explicou que os demônios que agem na vida dos familiares podem influenciar a vida do crente se este não neutralizara sua ação mediante batalha espiritual. Observemos seu relato:

O Senhor foi nos mostrando, pouco a pouco, todos os principados que impediam o crescimento e a prosperidade. Não só era o problema do alcoolismo e as drogas, mas no passado houvera separações, divórcios e muita idolatria. Compreendemos que os problemas financeiros derivavam de que alguns de nossos avós não haviam levado vidas retas. À medida que observávamos uma prisão, nós a quebrávamos. Deus tem sido fiel, e por isso agora vemos nossas famílias rendidas a Seus pés e entregues a seu serviço. Na área financeira propusemo-nos a derrubar o gigante da escassez. Atualmente são treze anos vivendo em prosperidade.⁴¹

O jornal “O Batista Baiano News” apresentou a matéria “pastores repudiam as aberrações do G12” e também “pastores de Salvador também rejeitam o movimento”⁴², enfatizando as práticas torpes do G12, além de uma distorção doutrinária extremamente prejudicial à vida dos cristãos. Após o estudo das fontes os pastores da (OPBB) reconheceram o método de multiplicação das células, porém consideraram aberração as seguintes doutrinas e práticas:

MALDIÇÃO HEREDITÁRIA- estar sob maldição implica estar sob influência e poder do diabo e em rebeldia contra Deus. Acreditar que uma maldição ultrapasse a individualidade e seja transmitida a gerações é:
 Primeiro: o desconhecimento e completa ignorância acerca da divisão sócio-política de Israel em seus vários clãs; (Ex.20.5)
 Segundo: É mostrar-se incauto e desinformado quanto às possibilidades da ciência genética sobre isolamento de genes, o que possibilitaria o isolamento e aniquilação do gene do pecado (ver projeto GNOMA), tornando sem efeito e desnecessária a morte de Cristo;

⁴⁰ DOMINGUEZ, César Castellanos. *Sonha e ganharás o mundo*. 3ªed. Palavra da Fé produções: São Paulo, 2002. (p. 97)

⁴¹ Ibidem. (p.95)

⁴² Jornal “O Batista Baiano news”: Órgão oficial da Convenção Batista Baiana. Ano LXXI-nº40, setembro/outubro de 2000, folha 11.

Terceiro: É evidenciar despreparo bíblico-teológico acerca da Soterologia (doutrina da Salvação) e as implicações convergentes (arrependimento/ fé/ conversão/ justificação/ eleição);

Quarto: É fazer de Deus impotente e de sua Palavra mentirosa, por deixar os seus ainda dependentes do inimigo e afirmar que somos novas criaturas, tendo no sacrifício de Jesus a expiação por todos os pecados;⁴³

É perceptível que o conceito de batalha espiritual não é considerado uma verdade bíblica para este ramo do protestantismo histórico, com isso a desqualificação da prática de libertação espiritual, comum nos grupos neopentecostais, das práticas do G12 constitui uma disputa pela legitimidade da interpretação do texto bíblico. “O Batista baiano news” diverge também dos neopentecostais em relação à cura interior:

CURA INTERIOR E REGRESSÃO- tanto a cura interior como a regressão em si são situações aplicáveis, quando nos momentos e locais adequados. Quanto à sua aplicação nos encontros e nas igrejas, observamos o seguinte: 1) A cura de questões espirituais é questão do Espírito Santo. Às questões psicológicas o próprio Deus dotou de competência os profissionais, podendo no entanto, usar sua onipotência, conforme a perfeição dos seus propósitos (Ex.31:2,3); 2) A regressão hipnótica é atribuição exclusiva dos profissionais da *psique*. Condenamos expressamente a manipulação da mente humana, sua utilização coletiva e por pessoa não habilitada, até mesmo porque profissionais habilitados jamais se dariam a tal prática.⁴⁴

O emocionalismo e as inovações dos grupos neopentecostais também foram interpretado pela CBB como uma reversão anti-bíblica da liturgia batista e mesmo um confronto de doutrinas, uma luta pela legitimidade de interpretação do texto bíblico, nesta edição do periódico está presente a auto-afirmação de legitimidade da CBB,

BATISMO NO ESPÍRITO SANTO- O Movimento G12 defende o batismo no Espírito Santo como sendo uma experiência de se receber um revestimento de poder, tendo como evidência inquestionável o falar em línguas (vide Manual do Encontro MIR e a Verdade sobre o Modelo dos 12-Valnice Milhomens). Condenamos expressamente tal pensamento, bem como o anexo da unção com óleo como meio para atingir tal propósito ou qualquer outra graça.

SACERDÓCIO UNIVERSAL X AUTORIDADE PASTORAL- No movimento G12 a Eclesiologia sofre modificações. O crente é instruído a obedecer sem questionar. O pastor presidente reveste-se de soberania. A igreja pode votar em assembléia, mas sabendo que “pensar” contra a vontade pastoral constitui rebelião, que é, segundo exegese conveniente de I Sm. 15:23, comparável ao pecado de feitiçaria. Não aceitamos tal prática e condenamos a megalomania e o autoritarismo daqueles que não podem manter-se pelo senhorio do Mestre.

O ENCONTRO- Jamais poderemos aceitar a manipulação das emoções do indivíduo a ponto de condicioná-lo. Jesus nos convida a servir com a alma, coração e entendimento. O encontro faz a biopsia da razão, lançando nas

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ Idem.

igrejas um caldeirão de emoções e rejeitando os que ousam questionar. A renúncia é pregada nos encontros do G12 como forma de rejeição aos conceitos, hábitos e costumes da vida cristã que até então se professava. Como na maioria dos casos, os participantes do encontro são pessoas oriundas das mais variadas confissões religiosas e denominacionais, daí por que o produto final desses encontros gere o enfraquecimento das igrejas de ensino sério e histórico.⁴⁵

A realização dos encontros como uma etapa para a multiplicação das células, e consequentemente das congregações foi o alvo de intensas críticas por parte da CBB, o que desencadeou uma série de cismas religiosos entre pastores e a Convenção Batista Brasileira entre as congregações que aderiram ao G12 na sua totalidade, transicionando suas igrejas de um modelo tradicional para a Visão Celular no Modelo dos 12.

O texto lavrado pelo presidente da CBB, o Pr. Luciano Barreto Cardoso em 30 de setembro de 2000, convidou todos os pastores que aderiram ao G12 a se desligarem da CBB: *“Não podemos aceitar nem aplicar a visão, sob pena de uma mudança denominacional. Os postulados do G12 são de uma igreja neopentecostal e desincompatibilizados com o corpo doutrinário e cúltico das igrejas batistas da CBB.”*⁴⁶

Além dessa amostra da reação dos batistas, um tradicional grupo do protestantismo histórico, também pesquisamos no periódico “Mensageiro da Paz, órgão oficial das Assembléias de Deus no Brasil”, representativo da denominação pentecostal que mais cresce no Brasil, a Assembléia de Deus. Também encontramos as mesmas refutações com relação à adesão de fiéis e obreiros às doutrinas e práticas propagadas pelo G12. A mesa diretora da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB), se pronunciou sobre o G12 nas seguintes palavras:

Grupos estranhos de pseudo-evangélicos trabalham em planos cientificamente preparados, usando forte marketing, tentando dividir e enfraquecer a Igreja de Deus. No desejo de verem as suas igrejas crescerem, desprezam o mais eficiente método bíblico aprovado pela palavra de Deus, aceitando e envolvendo outros nos “encontros”- modelos reprovados pela palavra de Deus. A tais reuniões secretas do G12, são práticas semelhantes e usadas pelo espiritismo...vem promovendo mudanças na liturgia das igrejas, permitindo seus participantes tornarem seus cultos uma verdadeira confusão, onde a decência e a ordem não mais existem. São novas heresias iguais a outras que tentam eliminar a eficácia da morte de Jesus no Calvário. O G12 leva seus participantes a pronunciamentos, confissões e até chegam à petulância de dizer que perdoam a Deus. Lamentavelmente, alguns irmãos e até obreiros embriagaram-se com o G12. É de vital importância a vigilância pelos nossos pastores para proteger o rebanho do Senhor contra os

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Ibidem.

exploradores, cuja visão, a “tremenda,” não é a espiritual, mas é fatia comercial, com o objetivo de obter o já previsto por tais aproveitadores. As práticas estranhas da quebra de maldição, cura interior e regressão, acompanhadas de música indutiva, incentivando as pessoas à técnica de “liberar” gritos, danças e urros, nunca fizeram parte do nosso culto a Deus.⁴⁷

Muitas são as críticas ao método de evangelismo do G12, desde “movimento herético, ventos de doutrinas, idéias de sociedade oculta, Seita “grupo dos 12” invade igrejas, técnicas aproximam-se dos princípios da maçonaria”⁴⁸, são muitos os termos pejorativos e que expressam inferioridade doutrinária que os líderes da Assembléia de Deus denominaram o G12 no ano de 2000. Vale salientar que toda mística que envolveu a virada para o segundo milênio, também influenciou a opinião de muitas lideranças fundamentalistas nas denominações brasileiras. Para a estrutura das convenções a intensificação das adesões de muitas lideranças locais foi entendida como uma grande onda de falsos avivamentos, um grande perigo para o corpo de Cristo. *“O movimento G12 começa a chamar a atenção das lideranças por trazer a tona uma realidade preocupante: a facilidade que inúmeras seitas têm encontrado para penetrar no meio evangélico brasileiro.”*⁴⁹

Observemos que a palavra seita, corresponde semanticamente ao termo Espiritismo nos textos da Convenção da Assembléia de Deus. A aparência de um tom pejorativo de desqualificação e inferiorização doutrinária, tendo em vista que este é um discurso da instituição que defende a sua ortodoxia. A comparação de um grupo protestante ao Espiritismo denota quão conservadoras são a (CBB) e a Convenção Pentecostal assembleiana. Além disso, a forma como é exposta a opinião das convenções sobre “as debilidades doutrinárias do G12” ao se reportarem como seguidores da “reta doutrina” demonstram como são sectárias e radicais as suas posturas.

A iniciativa de César Castellanos foi colocar no mercado religioso brasileiro mais uma forma de evangelizar que se concretizou nas práticas religiosas das congregações locais em doutrinas próprias que geraram eficácia na expansão de igrejas, mas que entraram em choque com os interesses das convenções oriundas do protestantismo histórico e pentecostal tradicional, produziu dissidências religiosas, além

⁴⁷ Pr. José Wellington Bezerra da Costa (presidente). Mensageiro da Paz: Órgão Oficial da Assembléias de Deus no Brasil. Ano 70, nº1361 de 1 a 15 de maio de 2000. (p.10)

⁴⁸ Mensageiro da Paz: Órgão oficial das Assembléias de Deus no Brasil. Ano 70, nº1358 de 16 a 31 de março de 2000. (p.4 e 5)

⁴⁹ Ibidem.

da multiplicação de templos e formas de ser protestante que não cabem na visão tradicional dos protestantes históricos muito menos pentecostais tradicionais. Estes conflitos de representação, de legitimidade de monopolizar os bens sagrados constituiu a dinâmica do campo religioso brasileiro.

As divergências doutrinárias entre os diversos grupos protestantes na contemporaneidade, constroem fissuras e um discurso desconexo e desqualificador quando se trata de novidades doutrinárias que em alguma medida põem em cheque o poder das instituições, pois ao mesmo tempo em que há uma identificação quanto a ser evangélico no Brasil e um sentimento de fraternidade, por outro lado, há uma série de disputas pela legitimidade de interpretar o texto bíblico suscitadas pela Reforma Religiosa com o “sacerdócio universal” que transparecem à olhos observadores como uma incompatibilidade doutrinária, confrontos dignos de sectarismos, cismas e dissidências religiosas.

Após a ruptura entre os líderes René Terra Nova e César Castellanos, ocorrida em março de 2005, houve um esfriamento do G12 na cidade, algumas as congregações que implantaram a metodologia, abandonaram o governo dos 12, embora muitas práticas permanecessem no cotidiano religioso desses fiéis. Apenas aqueles que continuaram com René Terra Nova e sua dissidência M12 lograram sucesso na continuidade dessa metodologia eclesiástica contemporânea que tem o principal objetivo de formar lideranças.

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E CAPITALISMO

Magali do Nascimento Cunha analisa o movimento cultural gospel como uma cultura híbrida onde se articulam a tradição de costumes protestantes e a modernidade característica do sistema sócio-político atual compondo os modos de vida dos segmentos evangélicos da contemporaneidade. O gospel ganha uma significação de mediação da experiência religiosa, a tradição protestante, o sistema sócio-político, a organização eclesiástica e os meios de comunicação. Nas suas palavras,

O termo cultura híbrida está sendo desenvolvido neste livro a partir de uma perspectiva não complacente do gospel, ou seja, responder, numa perspectiva crítica à indagação: o que o gospel representa culturalmente para

os evangélicos no Brasil? O crítico aqui não corresponde a uma condenação da cultura gospel, mas ir além do aspecto meramente descritivo e assumir uma atitude crítica ética que leva à tese de que o gospel é híbrido porque entrecruza aspectos da modernidade e da tradição, mas trata-se de um modo de vida cuja novidade é superficial, ou seja, não traz mudança de valor central. (CUNHA, p.171)

Discutir a adesão dos segmentos evangélicos neopentecostais à Teologia da Prosperidade é uma investigação que resulta desse entrecruzamento de doutrinas tradicionais com as vivências contemporâneas, simbolizado pelo gospel. Além disso, no Brasil a instalação do protestantismo baseado na cultura puritana e no sectarismo produziu uma negação das manifestações culturais, políticas e sociais. Porém, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990 com o processo de redemocratização da política brasileira e o surgimento dos neopentecostais se construiu uma nova forma de ser protestante e se relacionarem com a contemporaneidade.

No capitalismo globalizado enquanto sistema sócio-político de produção de sentidos onde os indivíduos constroem e partilham identidades, expectativas de vida e modos de ser, os sujeitos neopentecostais entendendo-se inseridos neste tipo de sociedade constroem práticas dialógicas com este contexto a partir de uma releitura do texto bíblico que faz uma ressignificação de práticas do Antigo Testamento, as quais segundo a interpretação dos neopentecostais são introduzidas por uma divindade real e soberana, pai de todas as riquezas encobertas e os tesouros escondidos,

Assim diz o SENHOR ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis, e para abrir diante dele às portas, que não se fecharão. Eu irei adiante de ti, endireitarei os caminhos tortuosos, quebrarei as portas de bronze e despedaçarei as trancas de ferro; dar-te-ei os tesouros escondidos e as riquezas encobertas, para que saibas que eu sou o SENHOR, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome. Por amor do meu servo Jacó e de Israel, meu escolhido, eu te chamei pelo teu nome e te pus o sobrenome, ainda que não me conheces. Eu sou o Senhor, e não há outro; além de mim não há Deus; eu te cingirei ainda que não me conheces. Para que se saiba, até o nascente do sol e até ao poente, que além de mim não há outro; eu sou o SENHOR, e não há outro. Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu o SENHOR, faço todas essas coisas. (Isaias 45:1-7, p.705, Bíblia Sagrada)

É instigante como o Antigo Testamento foi o lastro doutrinário para a compreensão de Jeová, enquanto uma divindade sócio-política com uma atuação preponderante no sistema econômico-político vigente, ainda que a profecia dada por Isaias ao povo de Israel no cativo da Babilônia, tratava de uma libertação política que seria comandada por Ele mesmo, Jeová, que se coloca como o Rei dos Reis e Senhor de

riquezas incalculáveis. Os neopentecostais reconhecem essa paternidade, ao ressignificar o texto bíblico, produzindo práticas mais adaptadas à inserção no sistema econômico.

O cristianismo nasceu no bojo de problemas econômicos, sociais e políticos concretos que o decadente Império Romano enfrentava naquele contexto, crise na agricultura, falta de diplomacia com os bárbaros e as insurreições populares em grande medida deflagradas pela pobreza e miséria em que vivia a maioria da população. A libertação dos sofrimentos do mundo foi ao nível individual um grande terreno para a fundamentação das religiões especialmente, o cristianismo com a promessa de salvação e felicidade no Reino dos Céus.

O pentecostalismo no Brasil também se disseminou entre as populações menos abastadas e precisava lidar de uma forma ascética com as limitações econômicas de sua membership o que positivizou a não prosperidade e os sofrimentos da vida. Nas palavras de Mariano,

Desde o princípio o pentecostalismo atraiu sobretudo as camadas pobres e marginalizadas e sobre esta base foi difundido. Sectários e ascéticos, durante décadas os pentecostais promoveram forte desvalorização do mundo. Contra ele, suas tentações e a corrupção da matéria, propuseram condutas ascéticas, procedentes da matriz puritana, como meio de assegurar costumes e hábitos que os conduzissem à salvação ou à certeza de estarem salvos no outro mundo, libertando-os do sofrimento de uma vida de privações. Até então, suas promessas redentoras, excetuando-se sobretudo à cura física, se concretizariam no além. (MARIANO, 2005: 148)

Vale ressaltar que esta forma de ascese intramundana dos pentecostais, ainda que tenha raízes puritanas, é diferenciada da ascese calvinista do século XVII. No século XVII, o espírito de poupança e a normatização de condutas morais e econômicas denotava um estado de eleição em que se encontravam os fiéis e não era pela sua privação econômica, cultural e educacional, ao contrário, já existiam relações comerciais nos burgos pelo menos desde o século XIII.

Deve-se levar em conta que a ascese praticada por puritanos no século XVII e pentecostais no século XX, são completamente diferenciadas pelo lugar social em que estes segmentos do protestantismo se inserem no sistema sócio-econômico, o seu contexto histórico. De maneira simplificada, puritanos praticam sua ascese para enriquecer e alcançar a eleição, ao passo que pentecostais se privam do enriquecimento para alcançar a redenção de suas almas no Reino dos Céus.

A partir da década de 1970 com o processo de modernização do País, as novas gerações de pentecostais pela escolarização ou outras oportunidades econômicas começou um lento e gradual processo de mobilidade social, resultando em tensões internas no que se refere ao exercício da ascese pentecostal. Mariano, argumenta:

A acomodação ao mundo ou a dessectarização que tomou corpo em diversas igrejas pentecostais, sobretudo nas fundadas a partir de então. Diante da mobilidade social de parte dos fiéis, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos do mundo da moda, do lazer e das opções de entretenimento criadas pela indústria cultural, essa religião [sic] ou se mantinha sectária e ascética, aumentando à sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais e materiais dos crentes, ou fazia concessões. Diante das mudanças na sociedade e das novas demandas do mercado religioso, diversas lideranças pentecostais optaram por ajustar gradativamente sua mensagem e suas exigências religiosas à disposição e às possibilidades de cumprimento por parte dos fiéis e virtuais adeptos. (MARIANO, 2005: 148)

No decorrer da obra de Ricardo Mariano “Neopentecostais: Sociologia do protestantismo brasileiro” é comum encontrarmos o uso de termos classificativos de uma forma indiscriminada, no extrato acima e outras vezes, os termos denominação, confissão e religião como equivalentes, o que não se verifica de acordo com as discussões realizadas nos capítulos iniciais.

Diante de novas condições materiais, o pentecostalismo operacionalizou as ofertas do capitalismo a uma doutrina religiosa conhecida como Teologia da Prosperidade. A prosperidade é entendida pelos neopentecostais como uma benção que pode ser alcançada mediante a fé. A fé e à obediência doutrinária aos princípios bíblicos é perfeitamente sadia para o fortalecimento político e econômico da congregação e consequentemente do corpo de Cristo.

Bob Brinner é um protestante norte-americano que na década de 1970 começou os seus negócios internacionais. Conseguindo expansão no ramo de televisões esportivas começou a aplicar princípios bíblicos na gestão de suas empresas. Estes princípios bíblicos baseados nos ensinamentos de Jesus Cristo no Novo Testamento, acabou por fundamentar uma corrente de pensamento dentro do protestantismo norte-americano. Sua expansão econômica e de outros também acabaram por trazer uma nova leitura, de que a prosperidade é um dom de Deus e a obediência e fidelidade doutrinária trazem bênçãos materiais. Em suas palavras:

Muitas pessoas já colocaram Jesus dentro de muitos moldes, desejosos de adaptá-lo às idéias que possuem. Mas o que me impressiona e o que espero

que lhe cause um grande impacto é o seguinte: Coloque a via e o ensino de Jesus fora de qualquer contexto místico ou espiritual, e você encontrará uma sabedoria altamente relevante ao meu e ao seu mundo, o mundo dos negócios. Pense sobre isso!⁵⁰

A Teologia da Prosperidade atendeu às expectativas de consumo, como também às expectativas dos empreendimentos comerciais, industriais, tanto da maioria que poderia agora desejar desfrutar das ofertas do mundo, quanto para a minoria abastada que poderia legitimamente, gozar da felicidade e do enriquecimento. Existem precursores que começaram essa nova possibilidade de ser protestante individualmente, como também na década de 1950 foi criada a Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno por Demos Shakarian (ADHONEP). No Brasil a ADHONEP chegou em 1973 com o objetivo de promover reuniões de confraternização entre empresários, onde estes encontram espaço privilegiado para tornar públicos os milagres que Deus tivera realizado nos negócios e na vida familiar. Trata-se de uma associação que pretende afirmação de evangélicos enriquecidos, além de publicizar que o protestantismo pode ser uma possibilidade para a ascensão social.

A Teologia da prosperidade surgiu nos Estados Unidos na década de 1940, tornou-se doutrina na década de 1970 entre os grupos evangélicos carismáticos e depois se expandiu para outras correntes cristãs. A confissão positiva, como era chamada, reunia crenças de cura, prosperidade e poder da fé. São figuras proeminentes os senhores Kenneth Hagin, Essek Willian Kenyon, Robert Schuller, Charles Capps, Benny Hinn, Fred Price, entre outros, os precursores da Teologia da Prosperidade. Que tanto na sua origem nos Estados Unidos quanto no Brasil tiveram a sua mensagem religiosa massificada pelos meios de comunicação com o uso do televangelismo. A mensagem de sucesso e bem-aventurança da *“saúde perfeita, ou cura das enfermidades, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo, uma vida plena de vitória e felicidade, “direitos” do cristão anunciados na Bíblia, figuram entre as bênçãos mais declaradas por eles.*” (MARIANO, 2005: 154)

A Teologia da Prosperidade chegou ao Brasil nas décadas de 1970 e penetrou em muitas igrejas a exemplo da Internacional da Graça de Deus, Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo, Nacional do Senhor Jesus Cristo, Ministério Internacional da Restauração, entre outros. A doutrina das bem-aventuranças da Teologia da Prosperidade é calcada em um princípio bíblico das obrigações do fiel com a igreja, os

⁵⁰ BRINNER, Bob. Os métodos de administração de Jesus. São Paulo: Mundo Cristão, 1997. (p.11)

dízimos e ofertas, para receber os dons de Deus é necessário pagar os tributos devidos a Deus. Isso está expresso no texto bíblico do profeta Malaquias,

Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, por que a mim me roubais, vós a nação toda. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento em minha casa; e provai-me nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas dos céu e não derramar sobre vós benção sem medida. Por vossa causa, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o SENHOR dos Exércitos. Todas as nações vos chamarão felizes, por que vós sereis uma terra deleitosa, diz o SENHOR dos Exércitos. (MALAQUIAS 3:8-12 p.939, Bíblia Sagrada)

A intensificação desse processo de doutrinar a membriezia a pagar cada vez mais os dízimos à igreja e doar grandes ofertas para receber em multiplicação de bênçãos materiais, favoreceu às igrejas em vários aspectos. As igrejas se transformaram em empresas de salvação que crescem e buscam ampliar o seu crescimento através dos meios de comunicação. Não foi ao acaso que todos os difusores da Teologia da Prosperidade usaram o televangelismo e montaram congregações nacionais e internacionais com a sua mensagem positiva do calvário de Cristo. No Brasil ocorreu o mesmo fenômeno entre os neopentecostais que tomaram as programações de quase todos os canais de televisão aberta.

Rangel de Oliveira Medeiros (2005) analisou o discurso da inclusão e da exclusão social na Universal do Reino de Deus e sua pregação permeada pela Teologia da Prosperidade com ênfase em recolher dízimos para distribuição de bênçãos e a doutrina do trabalho e enriquecimento como uma vocação divina e suas implicações na vida concreta dos fiéis da IURD.

A Teologia da Prosperidade também atravessou a doutrinação dos líderes do G12 e M12. Utilizando a ordenança bíblica do recolhimento de dízimos e ofertas pelos sacerdotes, a prosperidade têm sido difundida através da máxima dar para receber. Observemos o relato da apóstolo Renê Terra Nova:

O dizimar e o ofertar são as maiores provas para vermos se somos ou não nascidos de novo, pois quem resiste aos dízimos resiste a ser fiel, e quem não é provado na fidelidade, nega em si mesmo o poder de Deus na sua vida. Conheço muitas pessoas que se dizem crentes, porém na hora da prova negam a sua fé e isentam a fidelidade...a fidelidade nos leva a prosperidade. Se realmente somos fiéis, somos essa nuvem que molha a terra, que protege do calor e que faz a diferença quando o sol está quente. Deus faz chover

sobre todos, justos e injustos, bons e maus (Mt 5:45). Mas há uma chuva que é só para fiéis (Os 6:3; Jl2:23)⁵¹

Observemos que nos discursos de todos os líderes do G12 e M12 a entrega de dízimos e ofertas é bastante enfática. Além dos discursos dos líderes, no Brasil houve um Ministério Itinerante realizando um congresso intitulado “Prosperidade Bíblica.” Entendendo que a prosperidade é um estado da alma humana e que realizando os princípios de doação dos impostos bíblicos, a prosperidade começará pela área financeira e contemplará a saúde, as emoções e a família.

Este Ministério Itinerante surgiu na Comunidade Cristã Vida Abundante em Ceilândia, cidade satélite do Distrito Federal, “uma igreja em células no Modelo dos 12” pastoreado pelo pastor Philomeno Romero, o qual presenciamos e atestamos ministrações de cura de câncer, AIDS, glaucoma, cistos na região mamária, entre muitas outras ocorrências durante este congresso de três dias. Este pastor é um dos doze discípulos de Renê Terra Nova em nível nacional. Neste congresso foram apresentados aos fiéis cinco tributos à Deus. Nas palavras de José Rubens, preletor do congresso e doze de Philomeno Romero, “*Além destes dois princípios apresentados, primícias e ofertas ao ministério missionário, existem outros três que todos conhecem, que são os dízimos, as ofertas voluntárias ou de gratidão e as sementeiras.*”⁵²

A ênfase no “dar para receber” norteou às práticas do G12 e M12 com relação à aquisição da prosperidade. Consideramos que as práticas de cura realizadas por estes líderes contribuíram na geração de eficácia no recolhimento de dízimos e ofertas, além de promover a expansão das igrejas, sua estrutura, sua inserção na sociedade e os usos da mídia.

Os usos da mídia como uma forma peculiar de inserção no sistema econômico e político, onde circulam as tradicionais doutrinas eivadas pelo espírito do capitalismo da competição e da lucratividade. Nas palavras de Cunha (2007) “a cultura gospel processou aspectos da cultura do mercado e da cultura das mídias e privilegia as expressões musicais do gosto popular”(CUNHA, p.178). A cultura gospel na sociedade de mercado se transformou em produto para o consumo popular, com isso as congregações e denominações protestantes ampliaram o mercado fonográfico, editorial, televisivo, usando estes espaços para fazer proselitismo religioso e aumentar a eficácia do evangelismo.

⁵¹ TERRA NOVA, Renê de Araújo. Fidelidade: o caráter do povo curado. 2ªed. Manaus, 2005.(p.59)

⁵² RUBENS, José. Os Dois Senhores. Shekinah Gráfica e Editora. Brasília-DF, 2002. (p.35)

As lideranças do G12 também utilizaram em ampla medida os recursos midiáticos para ampliar a eficácia da sua mensagem religiosa. São inúmeros os sítios na internet de César Castellanos, Renê Terra Nova, Valnice Milhomens e inúmeros outros líderes. Os estúdios áudio-visuais se localizam no interior das congregações o que pude constatar em viagem de campo para pesquisar na Igreja Nacional do Senhor Jesus em São Paulo. O espaço da mídia como um todo foi ressignificado pelas demandas religiosas de competição no mercado religioso. Alberto Klein (2006) argumenta:

A proliferação de programas religiosos na TV e no rádio, iniciada já há algumas décadas, evidencia uma disputa cada vez maior pelos espaços midiáticos entre as igrejas. Ampliar a voz do evangelho pela radiodifusão é, antes de tudo, uma estratégia missionária, com a finalidade de arrebanhar novos fiéis. Manifesta-se com o desejo de cumprir a ordem de Cristo para pregar o evangelho a todas as nações. Foi assim que o impulso expansionista do cristianismo, revelado nas viagens missionárias e nas cartas dos primeiros apóstolos, ganhou no século XX, o suporte das telecomunicações. (KLEIN, p.145)

Os novos movimentos religiosos de lastro cristão apresentam facetas diferentes em relação ao protestantismo histórico, pois são iniciativas religiosas que realizam um diálogo com a realidade cultural do mundo contemporâneo. Lidar com desejos, dificuldades, incertezas, ou seja, operações do cotidiano das pessoas, tornou essencial para a sobrevivência desse protestantismo contemporâneo, o que vislumbrou uma ruptura com a racionalidade do protestantismo histórico, dando lugar a práticas menos racionais, como experiências místicas, sonhos, visões, profecias que logram sucesso no manejo do cotidiano dos fiéis nos grupos neopentecostais e vai ao encontro da religiosidade popular brasileira.

É possível discutir esta nova forma de ascetismo no G12 sob diversos aspectos, desde as suas doutrinas, práticas e representações, a participação das mulheres que é uma outra ruptura em relação às práticas tradicionais dos grupos protestantes, até a aproximação com a política e a Teologia da Prosperidade como uma nova forma de articular as práticas contemporâneas da cotidianidade à uma ética ascética tradicional dos protestantes.

A opção neste texto por discutir o tema apenas sob o viés doutrinário das células foi para nos aproximar de Weber no que tange a metodologia e condensar a discussão num espaço tão pequeno. Nessa perspectiva, o G12, tanto quanto o ascetismo ético calvinista, guardam certas aproximações. Em que pese os processos históricos diferenciados espaço/temporalmente que não foram discutidos com o rigor necessário, é

marcante a peculiaridade dessas formas de ascesse. Estar separado do mundo, do pecado e com isso, obter a certeza da salvação, são doutrinas que foram reelaboradas e ressignificadas de modo a integrar estes sujeitos de alguma forma no tipo de desenvolvimento da sociedade que os estranhava pela sua diferença. Diálogo este que pode-se afirmar a eficácia que tiveram no seu tempo e em sua sociedade pela expansão das idéias, da comunidade e da visibilidade que estes grupos protestantes conseguiram e tem vivido na contemporaneidade.

CAPÍTULO 4

PROTESTANTES E POLÍTICA

É um fato histórico que os sistemas religiosos e às relações estabelecidas estão permeadas de conteúdo político e relações de poder. Nessa perspectiva, admitindo o princípio de que os grupos pentecostais e neopentecostais fazem parte de um mesmo grupo religioso, “o campo protestante”⁵³, ainda que esta forma de religiosidade cresça e se desenvolva de forma fragmentada nas suas diversas nuances.

O protestantismo, sobretudo, na sua faceta pentecostal construiu um imaginário de distanciamento do fiel protestante das relações com o campo político e da inserção de religiosos nas “coisas do mundo”. É comum o uso desta expressão entre as comunidades protestantes, “coisas do mundo” se refere a todo tipo de prática que não está no conjunto de prescrições divinas aos seus fiéis, e portanto, se refere às coisas do diabo, o pecado e a destruição moral, espiritual e física. Como a política se consagrou no Brasil como o lugar da corrupção, do enriquecimento ilícito, além de outros fatores internos na primeira metade do século XX os evangélicos não tiveram projetos sistemáticos de inserção política, deveria ser evitada.

A inserção de protestantes nos espaços políticos no Brasil é uma temática do recente século XX, ainda pouco estudada nas universidades, entre os estudiosos do tema estão Paul Freston(1993), Elizete da Silva(1998), Vasni Almeida e R. Prandi. É necessário destacar a pluralidade das formas de religiosidade protestante para compreender a lacuna que envolve a participação de evangélicos na política institucional e parlamentar nas diversas localidades do País, uma vez que na nossa concepção de História Cultural, os conceitos de apropriação e práticas e representações permitem articular a complexidade do fenômeno religioso e as relações políticas.

Elizete da Silva argumenta que até as primeiras décadas do século XX “a díade reinos deste mundo x Reino de Deus presidiu a tessitura das representações políticas dos grupos em apreço” o que ocasionou um distanciamento dos protestantes da política

⁵³ Esta expressão foi largamente utilizada pelo sociólogo Paul Freston em sua tese de doutorado que discute a participação de protestantes na política parlamentar brasileira a partir do ano de 1986 ao impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo em 1992. Ainda que o conceito de Pierre Bourdieu de campo religioso, seja referente à totalidade das relações de concorrência pelo monopólio legítimo dos bens de salvação entre instituições e agentes religiosos no campo das relações sociais. Na acepção de Bourdieu não seria possível falar de um campo protestante, mas de um grupo protestante com uma determinada posição no campo, ou talvez um subcampo, uma forma de estudar campos dentro do campo das relações sociais.

partidária pelo superdimensionamento dos aspectos espirituais, do conceito individual, ou seja, o Reino de Deus encontra-se no coração dos homens (SILVA,1998: 87). Essa relação com o âmbito político foi diferente dos vínculos da hierarquia católica com os representantes políticos.

Analisando o relacionamento estabelecido entre batistas e sua respectiva imagem da sociedade política no século XIX na Bahia, Silva constatou que devido às influências do movimento pietista o grupo desenvolveu práticas de abstenção do engajamento social e político. “A ênfase principal era a piedade pessoal e a busca por uma maior santificação e separação do mundo e das questões terrenas”(SILVA, p.93). Estes batistas da Convenção ao tomar como modelo de Estado, os Estados Unidos, se distanciaram das práticas culturais e religiosas do Brasil hegemonicamente católico. Esta visão de mundo predominou em muitos grupos protestantes no Brasil e foi exacerbada entre os pentecostais durante a primeira metade do século XX.

Joanildo Albuquerque Burity (1989) estudou a participação dos evangélicos ecumênicos na ambiência da Revolução Brasileira entre 1961 e 1964, ou seja como foi gestado o discurso social dos protestantes frente as condições impostas pelo liberalismo, positivismo, evolucionismo, socialismo e pela secularização das sociedades ocidentais. Burity compõe o novo conceito de sociedade responsável que norteou a teologia social e política dos anos 50 e 60 dos protestantes e o início de sua transformação.

Influenciado pelo contexto histórico surgiu em 1948 em Amsterdã o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e como conseqüência a (CEB) Confederação Evangélica Brasileira que tinha a preocupação fundamental da responsabilidade social dos cristãos frente à realidade social. Nas palavras de Burity,

Trata-se, antes, de um conjunto de princípios que embasariam as aproximações concretas das igrejas às questões sociais, políticas e econômicas da atualidade. Há lugar, portanto, para uma posição crítica a ambos os sistemas sociais vigentes que, sob o signo da guerra fria, se procuravam impor como alternativa inescapável. (BURITY, 1989: 189)

A atuação do CMI foi muito importante na conjuntura da década de 1950 na proposição de uma nova forma de protestantes se engajarem na sociedade. Seja de uma forma crítica à política social, seja o ecumenismo de serviço, foram estratégias políticas desenvolvidas por evangélicos e uma primeira ruptura com a tradicional separação dos evangélicos dos assuntos políticos.

Elizete da Silva estudou a trajetória do protestantismo ecumênico em Feira de Santana e sua atuação na sociedade brasileira expôs a preocupação desta geração de novos evangélicos preocupados com a realidade social. Em suas palavras:

Já na década de 1950, tudo indica que o acordo tácito de obediência às autoridades constituídas e a omissão frente aos problemas sociais entre lideranças protestantes e governantes, começava a ser questionado. Uma nova geração de jovens reformados começava a se inquietar com a realidade brasileira, de forma sistemática e organizada. Buscavam viver o Evangelho também na sua dimensão terrena e social. Eram homens e mulheres do seu tempo, um tempo de profundas transformações sociais, políticas, econômicas e também eclesiais, tanto no Brasil, quanto no cenário internacional.(SILVA, 2007: 52)

Além destes textos acadêmicos sobre a participação de evangélicos na política, o livro do pastor Josué Sylvestre (1986) tem igual importância. Sua obra “Irmão vota em irmão: os evangélicos, a constituinte e a Bíblia” expressa o contexto e a doutrinação que permeou a direção de evangélicos se inserirem sistematicamente na política partidária nos anos posteriores. Sylvestre e outros irmãos evangélicos já tinham plena consciência do potencial eleitoral que o setor protestante representava no cenário político nacional.

Nas convenções, em encontros, em reuniões de organizações evangélicas, os mais diferentes grupos denominacionais têm comentado muito, nos últimos tempos, que está na hora de agradecermos a Deus, de forma prática e efetiva, pelo país maravilhoso que Ele nos deu e que está sendo destruído pelo pecado da corrupção, da idolatria, das práticas umbandistas e das administrações nefastas de homens que não temem a Deus... Ou sacudimos esse opróbrio dos nossos ombros, livrando-nos dessa acomodação, desse desinteresse, dessa falta de coordenação, dessa falta de inteligência, dessa falta de amor, e elegemos parlamentares a administradores evangélicos em todas as eleições que surgirem de agora em diante, ou veremos o nosso país, cada vez mais, sendo arrastado para o lodaçal da corrupção e da má administração.⁵⁴

O pastor Josué Sylvestre era membro da Assembléia de Deus e argumentava que ao final da década de 1980, houve entre a maioria das denominações evangélicas essa nova direção política de engajamento na política partidária.

Paul Freston se dedicou ao estudo da participação de evangélicos na política parlamentar e institucional a partir a década de 1990, priorizando o novo modelo de inserção dos grupos pentecostais no Brasil. Freston constatou a visibilidade social e política dos pentecostais nas últimas décadas do século XX, através do seu crescimento

⁵⁴ SYLVESTRE, Josué. Irmão vota em irmão: os evangélicos, a constituinte e a Bíblia. Brasília: Pergaminho, 1986. (p.29)

demográfico e mudança de perspectiva política. Suas palavras constataam a urgência que a análise da inserção dos protestantes na política parlamentar suscitou:

Urge, pois, examinar esse nível onde a influência protestante crescerá, podendo ultrapassar logo os 20% do eleitorado. Em vista disso, nosso corte será basicamente nacional, tratando da política eleitoral e parlamentar de 1986 em diante e das elites políticas eclesiásticas e evangélicas, com ênfase nos pentecostais (FRESTON, 1993, p.21).

Este trabalho de Paul Freston sobre a participação de protestantes na política nacional se tornou relevante pela crescente inserção de evangélicos nas últimas décadas do século XX, que para se expressar numericamente entre 1986 e 1992, houve um número maior de entrada de protestantes na política do que durante toda a História republicana no Brasil. Este novo componente na política do País, que esporadicamente, ocorreu em décadas anteriores, trazia um diferencial nos últimos anos: a doutrinação sistemática das lideranças e membriezias sobre a transformação da realidade social brasileira e local através da inserção de protestantes nos centros de decisão administrativa da nação.

Urge, pois compreender aspectos da política local na sua formação recente para analisarmos as nuances e a natureza da inserção política de evangélicos pentecostais. A dissertação de mestrado de Igor Gomes Santos é o único trabalho sobre a política de Feira de Santana nas duas últimas décadas do século XX. O seu objeto de estudo é mais específico sobre as origens e trajetórias do PT de Feira de Santana, porém discute o processo de evolução política do município desde a sua origem ligada a forte presença de hierarquias sociais ligadas às atividades econômicas rurais até a instalação da República e sua “onda urbanizadora” com a lenta e nova presença de outros grupos hegemônicos em nível local, a exemplo dos comerciantes.

Até pelo menos a década de 1970, houve em Feira de Santana relações de conflito e convivência entre a sociedade que aos poucos foi se urbanizando, mas ao mesmo tempo lidando com problemas típicos da zona rural como a escassez de água e animais transitando pelas ruas do município. *“Em alguns bairros o fornecimento de luz era feito através de velas, candeeiros, carbureto, etc. Alguns só viriam a ter luz elétrica por volta de 1970.* (SANTOS, 2007)

Na segunda metade do século XX, o município feirense passou por um processo de industrialização que se tornou sistemático nas décadas de 1970 e 1980 com a implantação do CIS e seus desdobramentos econômicos, políticos e sociais contribuindo

para ampliar as classes hegemônicas que não vinham apenas das grandes fazendas, do comércio local e da indústria, mas também da expansão do setor de prestação de serviços em Feira de Santana. Profissionais liberais como médicos, advogados, professores do ensino superior começaram a integrar também as classes que transitavam nos lugares de poder.

Estas transformações no cenário político-social em Feira de Santana se articularam a intensas inovações doutrinárias e teológicas dentro de alguns grupos protestantes, entre os quais os pentecostais e mais especificamente os neopentecostais. O cenário político-cultural das duas últimas décadas do século XX em Feira de Santana revelou o nome de três fortes figuras da política local, os prefeitos, José Falcão, João Durval e Colbert Martins. Nas palavras de Santos, (2007):

Podemos perceber nos contornos da política em Feira de Santana, seus aspectos mais característicos: forte personalismo; ausência eminente de questões programáticas com resoluções das crises políticas através de casuísmos e troca de favores e cargos: o velho se sobrepondo sempre ao novo, como marca de tradição; a dificuldade de renovação política dos partidos e das lideranças. Marcas que definem e determinam bastante a atuação partidária de novas e velhas forças que almejam alcançar a representatividade popular. (SANTOS, p.62)

Santos, discutiu as Associações de Bairro e suas lutas por melhorias da qualidade de vida dos seus moradores, expôs as ocupações irregulares de terrenos da prefeitura e de particulares por populares, as reivindicações por saneamento, calçamento das ruas, escolas, hospitais, entre outras e a forte presença dos administradores dos bairros, nessas reivindicações. O nexos encontrado por Santos em relação ao PT é que embora o PT tenha nascido das reivindicações dos trabalhadores ao patronato, em Feira de Santana o partido passou ao largo das reivindicações populares e distante das Associações dos Bairros.

Nas palavras de Jairo Cedraz, militante do PT que testemunhou os acontecimentos, o PT assistiu tudo aquilo sem se envolver com exceção desses senhores anteriormente citados, que se envolveram na ocupação do Campo Limpo. Jairo Cedraz é ainda mais duro, acha que a pretensão dos militantes do PT, que era conseguir alguns votos, já que o ano seguinte era eleitoral, não foi conseguida nem de longe. Muito menos conseguiram reorientar a posição política do movimento, pois dali apenas teria saído voto para a direita, a exemplo da mulher de George Américo, eleita para a Câmara de vereadores pelo PDC (Partido Democrático Cristão). (SANTOS, p.248)

A debilidade do PT em se articular às lutas de bairro e paralelamente a força e o personalismo de alguns administradores de associações de bairro, revelam que o contato pessoal diário com moradores, estabelecendo vínculos outros, teve maior eficácia que o preenchimento das fichas de filiação aos partidos oposicionistas populares em Feira de Santana. Nesse sentido, os evangélicos construíram laços pessoais e institucionais ao longo da sua trajetória e chegou às casas das famílias e fez o retorno às ruas e aos espaços políticos. Muitos políticos em Feira de Santana descobriram o potencial eleitoral dos evangélicos. Chico Pinto já havia descoberto antes com Gerson Gomes da Assembléia de Deus, a exemplo do ex-prefeito José Ronaldo, que sempre participou de eventos protestantes e procurou se relacionar bem com as congregações protestantes do município, bem como os núcleos celulares e familiares.

É instigante e complexa a formação política de Feira de Santana recentemente. Complementando a análise supracitada, salientamos que os contornos não só da política partidária, mas das relações de poder e força que são construídas nos âmbitos político, econômico, cultural e religioso possuem aqueles aspectos característicos discutidos por Igor Santos. Os neopentecostais em estudo também são portadores desse perfil seja no ambiente da vivência religiosa, seja na sua nova inserção política.

DIRETRIZES TEOLÓGICAS DO G12 E M12

A rejeição dos protestantes em relação à cultura local na Primeira República, foi um tema discutido por Santos (2006) e Silva (1998). Diversos autores ao fazerem uma análise sociológica sobre o fenômeno neopentecostal no Brasil, constataram que o neopentecostalismo brasileiro passa pelo âmbito de uma dessectarização, de uma ruptura com ascetismo contracultural e a progressiva acomodação destes religiosos e suas denominações à sociedade e a cultura de consumo.

Uma das principais características do neopentecostalismo é a adesão à Teologia do Domínio e sua concepção de que o mundo está em poder de satanás e daí a necessidade do cristão declarar uma guerra espiritual contra o diabo por meio de orações afirmativas e imperativas, jejuns, atos proféticos e marchas, porque o diabo é o único causador de males à humanidade. Por isso, no imaginário dos protestantes

neopentecostais é preciso combater o adversário com práticas devocionais e práticas sócio-políticas.

Nesse bojo, uma das perspectivas mais fecundas da acomodação destes religiosos à sociedade é a inserção sistemática na política, sempre ressaltando esta ruptura com o ascetismo cultural, ou seja, as vivências culturais cotidianas do mercado, artes, política entre outras. Segundo Weber (1967), a ascese protestante foi uma nova maneira dos protestantes calvinistas do século XVII, exteriorizarem sua intensa religiosidade. Se os monges católicos desenvolveram a sua santidade na reclusão dos monastérios, para os protestantes a sua santidade se dava no relacionamento com o mundo pautado por uma rigorosa ética moral e religiosa do trabalho. Esta ascese do século XVII, construiu o tradicional distanciamento do protestantismo histórico posterior com a cultura brasileira hegemonicamente católica, até pelo menos a década de 1950.

Como já foi discutido anteriormente a década de 1950 foi fundamental para a transformação da leitura dos evangélicos sobre sua participação da realidade social brasileira. O Conselho Mundial de Igrejas e a Confederação Evangélica Brasileira tiveram um papel fundamental de realizar este diálogo crítico dos evangélicos com a política. No entanto, como argumentou Freston (1994) a entrada sistemática de evangélicos na política partidária só se deu a partir do final da década de 1980, após a Constituinte.

Neste contexto, ocorreu uma intensa transformação doutrinária entre os segmentos protestantes que aderiram ao G-12 nas últimas décadas do século XX. Estes segmentos doutrinam a sua membresia destacando que a área política também tem que ser conquistada por homens de Deus, para “estabelecer o governo do justo na terra”. o líder René Terra Nova afirmou:

Creio que a transformação de nossa cidade⁵⁵ só virá quando detivermos o homem forte. As forças das trevas não prevalecerão. É missão da igreja ter a visão transformadora de deter a atuação do homem forte em cada região. A igreja precisa restituir sua autoridade na geografia, desde onde vive até os confins da terra. Precisamos partir para mudanças transformadoras na educação, na saúde, no social e na política, sabendo que o senhor poderá usar homens de influência para serem instrumentos participativos de grande relevância nesse processo⁵⁶.

⁵⁵ O vocábulo “cidade” se refere à cidade de cada crente e pode ser entendida como o país, ou até mesmo o mundo, tendo em vista que existem protestantes em diversos países do mundo.

⁵⁶ TERRA NOVA, René de Araújo. A Visão Profética para a Conquista das Nações. 1ªed. Semente de Vida, Manaus, 2003. (p.9-10)

Esta citação encontra-se nas páginas do prefácio da obra. Quando o autor fala em homem forte, ele se refere aos principados e potestades regionais que atuam na sociedade com um caráter regional, causando os problemas sociais mais diversificados a exemplo da pobreza, corrupção, imoralidade sexual, entre outros

É evidente que o líder religioso está pensando os problemas sociais do ponto de vista religioso, ou seja, a leitura de mundo que ele faz da sociedade está muito relacionada com a sua filiação religiosa, o seu lugar social. Por isso, ele atribui que a existência de um homem forte em cada região explica a ocorrência de certas mazelas sociais, por que para ele e seu grupo, embora esses problemas sejam materiais, na sua cosmovisão, eles têm origem espiritual. Estes problemas, segundo a leitura bíblica de Terra Nova, são advindos da atuação de demônios que governam as ações dos homens que não possuem o Espírito Santo, estes demônios estão hierarquizados em principados e potestades. Porém, o que diferencia esta matriz discursiva de outros discursos religiosos inclusive dentro do próprio protestantismo é, sobretudo, um caráter amplo e divino da relação da Igreja com a sociedade para a sua transformação política.

Ultrapassando a idéia de que a redenção da alma do cristão será mediante a vinda de Cristo em sua volta triunfante no final do milênio, a proposta de redenção pela política de René Terra Nova, se aproxima muito da perspectiva de César Castellanos, Valnice Milhomens, Sinomar Oliveira, entre outros, todos estes que têm uma estreita vinculação com a implantação do G12 no Brasil e sua divulgação. Essa proposta de redenção pela política parece ser um aspecto comum a estes líderes uma vez que todos eles, exceto René Terra Nova, ainda fazem parte do governo dos 12 de César Castellanos no Brasil, e como tal, compartilham essa visão.

A proposta que denominamos redenção pela política faz parte de um conjunto de práticas e representações religiosas do mundo social contemporâneo. Se na visão neopentecostal as hostes malignas monopolizaram o domínio sobre os meios de comunicação, a política, a economia, saúde, etc. é dever de todo cristão entrar em guerra espiritual e retomar este domínio para Jesus Cristo através de práticas materiais concretas como o trabalho, a melhoria no nível educacional, o voto em candidatos protestantes para os cargos administrativos e em todos os âmbitos da nação para a santificação destes lugares e a posterior resolução das mazelas sociais causadas pelo domínio do diabo.

Nos primórdios do século XX os protestantes queriam apenas evangelizar para salvar o País, nas últimas décadas deste século a redenção inclui a política e também outras áreas do social. Entre os motivos desta mudança de perspectiva estão o desenvolvimento do capitalismo e novas diretrizes teológicas, uma nova doutrinação entre alguns segmentos dos protestantismos brasileiros.

O G12 se concretizou em grupos e comunidades, galgou muitos espaços na política colombiana. A pastora Cláudia Castellanos relatou que a Missão Carismática Internacional elegeu-a à senadora da república na Colômbia, sendo atualmente embaixatriz da Colômbia no Brasil.

O Senhor me deu a oportunidade de reconfirmar a decisão de ingressar na atividade política, ao assistir um programa de televisão em que uma líder praticante do ocultismo dava a conhecer suas aspirações governamentais. Senti o zelo de Deus de uma maneira profunda, quando me vi desafiada, crendo que havia chegado o tempo em que os cristãos deveriam participar na política para estabelecer a mudança no país. Deus quer operar, mas é através de nós... Por essa razão me converti em candidata a Câmara de minha cidade e à Presidência da República, processos nos quais não obtive vitória, mas que faziam parte da preparação, servindo para alcançar uma imagem a nível nacional, que logo foi base para me converter na primeira senadora cristã no parlamento colombiano.⁵⁷

Álvaro Cepeda van Houten estudou os meandros da política partidária de grupos pentecostais na Colômbia, caracterizando-a como pejada de clientelismo político-religioso, no qual grandes igrejas conquistaram o comprometimento dos fiéis na votação eleitoral, contribuindo para grandes resultados políticos, estreitando as relações do campo religioso com o campo da política partidária. Em suas palavras:

En términos generales, asistimos, entonces, a la tensión entre dos dinámicas que operan en forma simultánea, pues por un lado hay un proceso de secularización del Estado cuyo fin es la racionalización del ejercicio de la democracia, y, por otro, un proceso de diversificación del campo religioso, en el que surgen movimientos confessionales con gran poder de convocatoria sobre los distintos sectores de la población y que fragmenta los grupos sociales, los divide e los contrapone. Ahora bien, la dinámica del campo religioso vuelve a tender lazos que estrechan la relación entre la política y las creencias, lo que, en pocas palabras, recupera las formas de legitimación del poder político a partir de las instituciones religiosas. (HOUTEN, 2007: 109)

O autor questiona ao longo da obra se a Missão Carismática Internacional é uma igreja ou um partido político pelo potencial eleitoral que expressou na eleição da senadora e pastora Cláudia Castellanos e na fundação do (PNC) Partido Nacional

⁵⁷ CASTELLANOS, Cláudia. In: DOMINGUES, César Castellanos. Liderança de sucesso através do doze. Palavra da fé produções Ltda. São Paulo, 2000. (p.47)

Cristão na Colômbia. Este partido que nasceu baseado na profecia do líder César Castellanos com a característica do clientelismo emocional, ou seja, o capital religioso que esta denominação possui se convertendo em capital político.

A base deste partido Cristão colombiano foi, segundo Houten, uma doutrinação da membresia sobre a política, o potencial de crescimento através do grupo dos doze a rígida identidade moral e comportamental da comunidade religiosa, e a estrutura familiar coesa e a integração da mulher como líder religiosa e política. Nas palavras de Houten:

En neste movimiento la mujer desempeña roles específicos de gran importancia y en él adquiere mayor visibilidad social y religiosa. En la MCI, por ejemplo, Claudia Rodrigues de Castellanos, además de su carisma religioso y de su estatus de pastora, es la líder del Ministerio de mujeres y la directora del movimiento político. Ella, proviene de una familia con tradición en la vida política del país y con mejor posición económica que César. (HOUTEN, 2007: 131)

Este é apenas um exemplo entre muitos candidatos eleitos pela Igreja em células na Colômbia. Salientamos a novidade que a senadora destacou sobre a participação de evangélicos na política e seu aspecto de redenção e renovação política que a atuação de Deus através dos “crentes” pode trazer inúmeros benefícios à sociedade. Seguindo esses passos Renê Terra Nova no Estado do Amazonas, também usou a justificativa de redenção da política pela atuação evangélica e com esta nova perspectiva e já conquistou muitos espaços políticos.

Em suas palavras Terra Nova explica:

Eu gostaria de ter essa orientação há 15 anos,...mas, infelizmente, os nossos líderes não tinham essa mentalidade, não por que eram medíocres, pois eram homens fortes na palavra, mas lhes faltava esta revelação do discurso político. Então, é preciso doutrinar melhor os nossos futuros candidatos, dentro do discurso da palavra santa. Nossa linguagem deve ser de vitória, caso contrário, todos seremos derrotados. O nosso papel profético entrou em operação. Podemos até perder uma batalha, mas o Senhor disse que venceremos a guerra, por que batalha é uma etapa, a guerra é um todo. Temos muita coisa para fazer. Precisamos nos preparar para elegermos com dignidade, seriedade e determinação os nossos futuros candidatos. O que precisamos hoje é sermos uma igreja ousada, decidida. Deus pode muito bem usar a política para cuidar do corpo de Cristo, até que o Corpo se fortaleça e mostre o poder da ressurreição que há em Cristo Jesus.

O Apóstolo Terra Nova argumenta que às lideranças protestantes das gerações anteriores faltou a revelação do discurso político, uma vez que estes não doutrinavam suas membresia sobre o voto e a cidadania do exercício eleitoral pelo que não apoiavam

candidatos evangélicos. O pastor recebeu essa revelação que o torna um profeta dos dias atuais, o responsável por preparar e doutrinar sua membresia sobre o projeto de inserção na política partidária. Além disso, este novo discurso político, na sua concepção, vai fortalecer as confissões protestantes que aderirem a esse projeto político. Ainda em suas palavras o líder religioso expõe os perigos contidos se a “igreja de Cristo” ignorar esta revelação, ou seja, este projeto,

Se a igreja não abrir os olhos como José de Arimatéia, o corpo nunca vai ganhar essa força nem vai mostrar esse poder. Então, não nos impressionemos. Fomos desafiados e mostramos a nossa força nessa eleição. A nossa luta não é contra carne e sangue, mas contra principados e potestades. Não é uma luta qualquer, é uma luta cara a cara com o principado da política, onde estão envolvidos o ético, o moral e o espiritual... e seremos um número incontável no Amazonas, bem como em todos os Estados do Brasil. Vamos nos unir como nunca nos unimos antes, por que os pastores das cidades, de todas as denominações, precisam se reunir e decidir a história do nosso Amazonas e do nosso Brasil. Porque, enquanto não houver unidade, o espírito não se move.⁵⁸

Neste trecho, se evidencia que Renê Terra Nova é um líder eloqüente, intrépido e vigoroso em seu discurso, através de uma conclamação ao povo evangélico e ao mesmo tempo, fazendo uma leitura que o vincula ao perfil neopentecostal do grupo, o mesmo está pensando a sociedade sob um prisma religioso, se colocando diante do campo político, buscando essa inserção, doutrinando os seus seguidores a também se empenharem por eleger candidatos do grupo, conclamando a unidade do espírito cristão dos fiéis a este desafio de transformar a sociedade por uma política que glorifique a Deus. A política, na sua visão não é mais uma atividade pecaminosa, mas um instrumento divino para a transformação da sociedade. Somente através de um tipo de governo em que a base seja os princípios bíblicos protestantes, será possível a transformação social almejada por todos os brasileiros.

Sua proposta de um regime de governo teocrático, no qual o Estado é regido por princípios religiosos, se delinea com o seguinte relato:

E nós vamos buscar na fonte bíblica o que é política, o discurso bíblico político, para esclarecer ao nosso povo, e vamos estudar a política na história de Israel, a única nação que nunca perdeu uma guerra em toda a sua história, por que Deus nunca deixou de ser daquela nação. Vamos nos multiplicar e a ferramenta para esse momento é a Igreja Celular no Governo dos 12. Há uma promessa da parte de Deus, que o Senhor nos multiplique

⁵⁸ TERRA NOVA, Renê de Araújo. A Visão Celular Restaura o conceito de Governo. In: G12: A revista Oficial da Igreja em células no Modelo dos 12 nos Cinco continentes. Edição 8- Agosto de 2002. (p. 8)

mil vezes mais do que somos, e o Senhor nos multiplicará em bênçãos mais e mais, tanto a nós como aos nossos filhos.⁵⁹

Diante desse extrato do seu discurso sobre a importância do aspecto religioso para a transformação da sociedade por uma política de ideologia religiosa, que inclusive é colocada como a vontade de Deus, se pode notar que existiu uma forte vinculação entre as práticas específicas do G12 e a possibilidade de inserção do grupo no campo político. Uma igreja em células, que esteja organizada para crescer em grupos pequenos, sendo administrados pelo G12 local, mas que esteja sempre sendo discipulado a nível nacional, constitui uma estratégia para a expansão do grupo não apenas como expressão religiosa, mas também como expressão política. Um crescimento ordenado, administrado, por que nas palavras de muitos pastores, testemunhada em observação participante nos cultos e congressos realizados por integrantes do G12, que crescimento de célula desordenado vira câncer (tumor maligno, ou tumor do maligno).

Entre os discípulos de César Castellanos no Brasil, René Terra Nova é um dos líderes que mais escreveu sobre esta perspectiva de transformação da sociedade pelas doutrinas religiosas evangélicas. Com a ruptura com Castellanos e a conseqüente criação do M12 em 2005, Terra Nova manteve esta visão política partilhada com os irmãos colombianos.

No que diz respeito à Feira de Santana nesse projeto de vinculação do G12 com a política, foi notória e expressiva a eleição para vereador de 2004 no município. No pleito eleitoral de 2004, o G12 lançou a candidatura de quatro líderes homens, dentre os quais: Justiniano França (PHS) obteve 3.939 votos foi eleito, Jorge Oliveira (PP) com 2.050 votos, Israel Terra Nova (PP) com 1.636 votos e Paulão (PTN) com 989 votos, não foram eleitos, mas já demonstra o perfil partidário numa linha mais conservadora, além de força política do grupo para galgar novos espaços. Vale ressaltar que todos estes tiveram a autorização e o respaldo de René Terra Nova que foi um prestigiado líder evangélico na cidade, e no ano de 2002, recebeu o título de cidadão Feirense⁶⁰. Que lhe respaldou tanto como líder religioso, quanto como uma diretriz política para os segmentos evangélicos de Feira de Santana, por que a justificativa do vereador Jorge de

⁵⁹ Ibidem.

⁶⁰ Projeto de Decreto Legislativo nº13/2002 da Câmara Municipal de Feira de Santana. Este texto já foi citado no segundo capítulo.

Oliveira para a concessão do Decreto legislativo foi o seu trabalho social na restauração das almas e o apelo a sua forte liderança religiosa aqui na Bahia e em todo o Brasil.

Num contexto de Bahia, no pleito eleitoral para governador em 2006, houve a candidatura do Bispo Átila Brandão, de origem Batista, também líder do G12 na cidade de Salvador, o qual possui programa em rede televisiva, que embora não tenha ultrapassado trezentos mil votos, já marca a presença de um grupo religioso que almeja a transformação na sociedade através da política. Com o slogan da campanha eleitoral “o governo do justo”, o Bispo Átila Brandão filiado ao partido político PSC (Partido Social Cristão) já teve outras inserções na política, e marcou sua disputa ao governo do Estado da Bahia pela aspiração de uma renovação política executada pelos evangélicos.

Paulo Fábio Dantas Neto (2006) analisou a política baiana entre os anos de 1954 e 1974, na qual a modernização da Bahia capitaneada por Antônio Carlos Magalhães se baseou na tradição, na autocracia e no carisma de ACM, personagem político tratado por ele como ator. Em suas palavras a política baiana teve a principal característica modernizadora com algumas particularidades,

Entender a trajetória da modernização baiana é necessário para ver nosso ator interpretando seu texto em trajes de déspota esclarecido, plugado no capital e plantado na tradição, um olho no padre e outro na missa, ator e obra da modernização conservadora que teve para a Bahia papel análogo ao da Revolução de 30 para São Paulo. (DANTAS NETO, 2006: 42)

A política baiana deste período teve seus contornos fundados numa modernização conservadora, e no despotismo do ator estudado por Dantas Neto. Nos anos subseqüentes Antônio Carlos Magalhães sempre esteve envolvido na política baiana ainda que não fosse diretamente, mas como senador pelo Estado da Bahia. ACM sempre esteve aliado aos setores evangélicos mais conservadores, desde a ditadura militar. Elizete da Silva, constatou as relações de clientelismo entre ACM e os Batistas da Bahia,

Em 1971, o então Deputado Federal Antonio Carlos Magalhães foi indicado pelos militares para o Governo da Bahia. ACM, como viria a ser denominado no ambiente político, coordenou e consolidou sua liderança nas bases políticas da capital e do interior baiano. Ampliando seu raio de ação não esqueceu dos evangélicos, muito menos dos batistas. No mesmo ano o Governador Magalhães convidou o deputado federal Raimundo Brito para ser Secretário da Justiça de seu governo. (SILVA, 2008: 13)

Essa saturação com a política desenvolvida no Estado da Bahia, desencadeou uma aspiração de renovação na política pela religião e estava fundamentada nos aspectos morais, éticos e doutrinários do G12, por isso convém destacar esta nuance das práticas religiosas, conforme pensava Renê Terra Nova:

Isto significa que um governo precisa ser um modelo, um exemplo a ser seguido pelos discípulos, para que o diabo não nos apanhe em nenhum argumento. Não só a política, mas também outras formas de governo, como o empresarial, de departamentos e até eclesial caíram em descrédito, por que muitos são governos, mas nem todos são modelos. A palavra diz: “sê o exemplo (o modelo) dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza” I Tm 4:12. Por isso precisamos entender o que é o governo dos 12 e que, muito mais que isso, precisamos ser modelo. As pessoas precisam de uma pessoa que seja um exemplo para seguir, que honra o que fala, que cumpre o que promete, que paga o que deve. Isso significa governo restaurado⁶¹.

Esta noção de governo baseado em ética, moralidade, na valorização da família permeia o discurso de René Terra Nova como um todo. O que identificamos como uma apropriação do discurso de César Castellanos como também de capitais simbólicos do protestantismo histórico. Outro elemento necessário na compreensão do modelo G12 é a ênfase que se solicita aos discípulos que se pareçam com os seus mestres em tudo,

Desde o relato de gênesis 12 a apocalipse 22:2, a bíblia fala do governo dos 12, que não foi criado para preenchimento de simples retórica; ele nasceu no coração de Deus para mudar a história. O governo que repousou sobre Israel era um governo de conquista e demarcação de território. Era uma conquista organizada, onde cada um sabia para que lado deveria ir. Num exército, nenhum soldado faz o que quer. Sempre tem uma autoridade sobre alguém, há uma ordem hierárquica e, na guerra um está ao lado do outro, mas tudo sob um comando, uma orientação. O governo dos 12 fala de uma chamada específica para nos organizarmos. Organizados, trabalharemos na medida exata e produziremos mais. Pela organização, conquistamos velozmente; não há multiplicação sem organização. Vemos em Mateus 14 que os cinco pães e três peixes só foram multiplicados depois que o povo, que era mais de cinco mil pessoas, já estava organizado em grupos.”⁶²

Neste trecho Terra Nova discute a eficácia da organização do G12 e o seu simbolismo numérico. O número doze, quando se trata dessa leitura bíblica dos líderes do G12, eles interpretam que na Bíblia doze é o número de governo, dois exemplos disso são as doze tribos de Israel e os doze apóstolos. Uma estratégia de organização da igreja em células que não é apenas metodologia, mas que vai além disso, passa por uma

⁶¹ TERRA NOVA, Renê e TERRA NOVA, Ana Marita. A visão Celular restaura o Conceito de Governo. In: Revista G-12: “A Revista Oficial da Igreja em Células no Modelo dos 12 nos cinco continentes”. Edição 8 - agosto 2002, (p.8)

⁶² Idem.

proposta de transformação social pela religião. A ênfase dos encontros, das pregações, dos livros doutrinários, das revistas, é essa busca de desenvolver uma liderança baseada em princípios morais e religiosos.

Analisar os atos proféticos, as marchas e o Congresso de Resgate da Nação realizado em Porto Seguro anualmente, como práticas e representações que constroem sentido religioso e político para essas comunidades. Na visão destes evangélicos os atos proféticos são atitudes de fé em Jesus Cristo, que estes sujeitos realizam materialmente com o objetivo de transformar o mundo social pela sua fé no mundo espiritual.

O termo “profético” ganhou destaque no dia a dia das comunidades religiosas que aderiram ao G12, sobretudo pela sua apropriação de práticas e representações do Antigo Testamento como as celebrações litúrgicas e rituais. No Antigo Testamento o profeta surgiu como o enviado de Deus para trazer a Sua notícia sobre o presente e o futuro dos hebreus em diversos momentos históricos de crise. O profeta tinha a legitimidade de falar e intervir em nome de Deus, a fim de cumprir os seus propósitos na terra, os profetas veterotestamentários também protagonizaram críticas e denúncias sociais contra os governantes do seu tempo. O G12 assumiu essas características para os seus sacerdotes, conferindo maior poder pessoal para as suas lideranças como foi discutido no segundo capítulo.

René Terra Nova definiu que *“um ato profético é uma expressão, uma atitude visível da igreja que tem uma referência e um respaldo no mundo espiritual. Digo que o ato profético é uma mensagem enviada do reino do espírito que ratifica a ação da fé e da palavra.”*⁶³ Dessa forma o “ato profético” é uma atitude humana, que teve origem da parte de Deus e por isso é legítimo. São atos proféticos, as orações, as ofertas, a celebração das células, bem como todas as atitudes que envolvem a manipulação dos bens sagrados.

Eliana Santos Andrade (2008) discutiu como as lideranças da “Visão Celular no Modelo dos 12” transformaram os espaços das igrejas, das casas e ruas em espaços de evangelização sistemática como estratégia de expansão desses novos neopentecostais na capital baiana.

Além disso a autora dá uma importante contribuição empírica do significado profético das marchas e do Congresso de Resgate da Nação em Porto Seguro. O Congresso de Resgate da Nação ocorre todos os anos em Porto Seguro desde o ano

⁶³ TERRA NOVA, Renê de Araújo. A Visão profética para a conquista das nações. Semente de Vida Manaus, 2000. (p.13)

2000, data simbólica da comemoração dos quinhentos anos de descobrimento do Brasil, e por isso mesmo, Porto Seguro foi escolhida para sediar o Congresso por representar o nascimento da Nação brasileira, ou seja de Porto Seguro também nasceria a redenção da Nação através das marchas realizadas na cidade durante o evento. Nas suas palavras:

Na Visão, a questão das marchas também é reelaborada, é transformada num momento propício para a realização dos atos proféticos, uma referência direta ao texto bíblico, mas feita de forma mais incisiva, mais declarada do que as eventuais marchas realizadas no País. Para os evangélicos participantes da Visão, não se está apenas marchando pela visibilidade, pelo evangelismo, e até mesmo pela guerra espiritual que também é enfatizada no movimento, mas é uma oportunidade de fazer os atos proféticos, garantindo maior eficácia na marcha e na guerra, combatendo de forma mais incisiva o mal que está no território e conquistando-o para Deus. (ANDRADE, p.97)

A conquista de territórios seja no espaço das casas através das células, e das ruas através das marchas e atos proféticos são elementos que identificam a guerra espiritual e material por espaços de poder. Os meandros da política se mostraram mais um aspecto da conquista de territórios para Jesus e seus discípulos da contemporaneidade. No ano de 2000, encontramos um projeto de lei da autoria do então vereador José Fernando dos Santos Silva, candidato da Igreja Universal do Reino de Deus, que instituiu a “Marcha para Jesus” no âmbito Municipal. *“Fica instituída a MARCHA PARA JESUS no âmbito no município de Feira de Santana a ser realizada anualmente conforma calendário mundial.”*⁶⁴

Na justificativa do Projeto de lei o vereador falou sobre a origem da marcha, o seu caráter mundial nos calendários gospel, os benefícios espirituais da caminhada e da grande congregação de cristãos organizados independentemente da sua denominação.

A primeira marcha ocorreu em Londres, em 1987, sob a liderança do pastor Roger Foster e o cantor Graham Kendrick. Na ocasião, Foster definiu o objetivo da passeata como o de “levar Jesus às pessoas que nunca estiveram numa igreja para que se juntassem a marcha e percebessem que estavam entre pessoas comuns”⁶⁵

Além deste documento do ano 2000 encontramos no Jornal Feira de Jesus nas edições de 1995, 1996, 1997, 1998, fotos e comentários sobre a “marcha para Jesus” em Feira de Santana, constatamos a ambiência de uma guerra espiritual contra as religiosidades concorrentes e, novamente, o objetivo de conquistar territórios espirituais

⁶⁴ Projeto de Lei nº77 do ano 2000, livro 05 da Câmara Municipal de Feira de Santana.

⁶⁵ Projeto de Lei nº77 do ano 2000, livro 05 da Câmara Municipal de Feira de Santana.

e materiais. “A marcha para Jesus combate a idolatria que está institucionalizada que é uma das principais causas da desgraça social do Brasil.”⁶⁶

Na figura abaixo está representada uma fotografia que foi copiada do Jornal Feira de Jesus da marcha realizada em 1995, ano que ainda não era uma data comemorativa no município.



Fotografia 8: Marcha para Jesus em Feira de Santana em 13 de maio de 1995.

O Congresso de Resgate da Nação também tem esta perspectiva de guerra espiritual, mas que não é travada ao nível local como as marchas. A sua realização em Porto Seguro nas datas de comemoração da “descoberta do Brasil”, tem um significado profético, a redenção do Brasil nas palavras de todos os líderes da Visão Celular teria que começar pelo lugar onde nasceu o Brasil. Vale ressaltar que o Congresso de Resgate

⁶⁶ Jornal Feira de Jesus. Ano I, nº2, maio de 1995, p.1.

da Nação é uma especificidade das Igrejas que aderiram ao G12, que se vinculam a Renê Terra Nova, pois este congresso é realizado em Porto Seguro, todavia organizado em Manaus no Ministério Internacional da Restauração. Eliana Andrade (2008), comentou:

Quando criou o Congresso de Resgate da Nação em 2000, Terra Nova escolheu Porto Seguro por ser considerado o “útero” da Nação, o local do seu nascimento, representando pelo local e data um lugar e momento estratégico na realização de atos proféticos e na conquista da Nação. O evento foi criado para reunir os líderes de igrejas na Visão G12 de todo país e até de outras nações. Além de palestras sobre os temas da Visão o evento conteria desde sua primeira realização atos proféticos que redimissem na concepção destes evangélicos, o Brasil, mais especificamente pelo seu passado histórico. (ANDRADE, 2008: 99)

Analizamos as fontes editoriais questionando sobre qual a proposta de governo que se adequaria às práticas e representações destes evangélicos, baseado em princípios religiosos e valores morais dos grupos protestantes, tendo como lastro a Bíblia Sagrada. Transparece a proposta de uma teocracia, baseada na monarquia hebraica do Antigo Testamento, onde os sacerdotes e profetas, tinham muito mais representatividade do que os próprios líderes políticos, evidenciando como que um discurso político e religioso de mais de 3.000 anos atrás foi reelaborado, ganhando sentido e se apresentando como proposta política em nível local, regional e nacional na contemporaneidade do capitalismo. A centralidade da Bíblia e a manutenção das tradições religiosas podem ajudar no entendimento de tal ressignificação.

Andrade também percebeu a proposta teocrática da ocupação de cargos administrativos nas cidades, estados e nações, como a própria conquista de territórios. Nas suas palavras:

A realização de atos proféticos e a forma como pensam estes religiosos estarem agindo no sentido de transformação da realidade, revela um projeto político alternativo, revela uma intenção de tomada do poder muito bem definida, organizada e que busca de forma incisiva não só a inserção na esfera política permeada pela concepção religiosa que possuem estes evangélicos, mas que a própria política se revista de um caráter teocrático. O interesse religioso se relaciona com o interesse político. Para Bourdieu (1998), a religião ao se relacionar com a esfera política, age no sentido de legitimação da ordem estabelecida, embora as representações e práticas religiosas tenham em seu discurso o espiritual, o sobrenatural, reproduzem de fato, relações sociais terrenas, marcadas pelo antagonismo de grupos ou classes, definindo sua posição na hierarquia do poder. (ANDRADE, p.100)

Mediante a análise apresentada, constata-se que esta vertente contemporânea do neopentecostalismo brasileiro, reconhecida como G12, não se constitui apenas como uma estratégia organizacional, mas o próprio caráter e perfil dessas congregações, constituindo um elemento unificador de identidade, ao mesmo tempo em que garante a visibilidade social do grupo. Entendemos o G12 como um *ethos* particular desses segmentos que a ele aderiram, de tal forma que tanto no plano prático quanto no teórico o G12 tem ressignificado diversas práticas religiosas dentro da sociedade contemporânea do mercado, se relacionando com essas transformações de uma forma muito peculiar em relação às denominações originárias do protestantismo histórico. Uma dessas novas facetas é a sua peculiar aproximação com políticos e com a política em Feira de Santana.

INSERÇÃO POLÍTICA DOS EVANGÉLICOS DO G12 E M12 EM FEIRA DE SANTANA

O processo de mudança da forma de inserção política dos grupos pentecostais e neopentecostais no Brasil se deu, sobretudo, após a década de 1960. Discutir essa nova forma de engajamento político e visibilidade social destes grupos protestantes é vislumbrar que os projetos de participação política das comunidades e associações de bairro, não tiveram eficácia e influência na política municipal em Feira de Santana, como demandavam as suas propostas. Nesse sentido as organizações religiosas conseguiram representar as demandas políticas de suas memberships com mais eficácia do que as organizações de bairro, ou os partidos políticos tradicionais.

Discutir a inserção política dos evangélicos do G12 em Feira de Santana e as suas relações com os outros evangélicos e com as lideranças políticas da cidade é fundamental para a compreensão dessa mudança de perspectiva dessas comunidades religiosas, destacando o discurso das lideranças locais sobre a sua atuação política, investigando em projetos de lei, decretos legislativos, Resoluções do Regimento Interno e os projetos de decreto legislativo da Câmara Municipal de Feira de Santana. É necessário informar que a pesquisa nas Atas da Câmara Municipal foi realizada durante todo o ano de 2008.

O nosso objetivo com a documentação da Câmara Municipal de Feira de Santana foi verificar a atuação política dos edis evangélicos no período de implantação do G12 até a instalação do M12 em 2005, identificando a natureza dos projetos de lei e

às justificativas dos vereadores nos Projetos de Decreto Legislativo para a concessão de honorarias municipais, tentando vislumbrar a aproximação de candidatos evangélicos e não evangélicos dessas comunidades religiosas, dado o seu crescimento demográfico e visibilidade social.

O período recortado para a pesquisa nas fontes da Câmara Municipal foram os anos de 2000 e 2005, quando da implantação do G12 em Feira de Santana e a disseminação pública de uma campanha religiosa conclamando os evangélicos no Brasil a votarem em candidatos evangélicos, numa perspectiva de moralização da política através de políticos evangélicos comprometidos com a palavra de Deus, e o seu resultado prático na política local, quando no pleito eleitoral de 2004, houve quatro candidatos que integravam a proposta político-religiosa do G12 para a cidade, tendo em vista que foram inúmeros os candidatos evangélicos de outras denominações, como o pastor José de Arimatéia pela Universal do Reino de Deus e o Apóstolo Ronaldo pela Igreja Getsemane, um conjunto de congregações independentes em Feira de Santana.

Os projetos de lei foram analisados com uma metodologia quantitativa e qualitativa, buscando identificar os vereadores evangélicos que criaram as propostas de lei e à natureza de sua atuação.

Durante o período de pesquisa foi realizada uma entrevista com o vereador Justiniano França, mas o MP4 que foi utilizado como recurso técnico precisou ser formatado e perdeu todos os dados. Depois deste acontecimento procuramos o vereador, mas não conseguimos realizar outra entrevista em tempo de anexá-la ao trabalho. Alguns dados serão inferidos no trabalho como uma citação indireta, já que não dispomos de transcrição.

. O pleito Eleitoral de 2000 elegeu dois vereadores evangélicos, Jorge Raimundo de Oliveira Silva do (PRP) e José Fernando dos Santos Silva, o irmão Fernando. Analisando quantitativamente a atuação destes vereadores na Câmara de vereadores notamos que foram mais marcantes na construção de leis que concederam o título de sociedade de utilidade pública para as organizações de assistência social de natureza religiosa e à igrejas evangélicas. O período recortado compreende o momento histórico de Feira de Santana, onde os evangélicos de uma forma geral, tiveram suas reivindicações políticas contempladas de alguma forma pelas autoridades legislativas em âmbito municipal.

A monografia de Igor José Trabuco da Silva (2008) estudou a política da Assembléia de Deus em Feira de Santana e o seu caráter assistencialista e de barganha.

Além disso, Silva constatou a incursão de pentecostais assembleianos já nas décadas de 1950 e 1960 com os candidatos, Pastor Manoel Joaquim e Gerson Gomes. Isso não quer dizer que houve uma inserção política sistemática de pentecostais, pois havia um tabu envolvendo disputa de evangélicos por cargos políticos eletivos.

A inovação que o G12 trouxe foi a doutrinação sistemática de líderes e membresia sobre a importância de incluir na história política de Feira de Santana a relevância social do trabalho de apóstolos, bispos, pastores, diáconos, e fiéis protestantes de uma forma geral.

Segue abaixo uma lista com os nomes de todos os vereadores que fizeram projetos de lei beneficiando politicamente os evangélicos com o reconhecimento de sociedades de Utilidade Pública entre 2000 e 2005. Vale ressaltar que as eleições municipais ocorreram em outubro de 2004. Foram muitos os vereadores que usaram deste recurso legislativo para estabelecer relações cordiais com as comunidades evangélicas. Dentre eles Jorge Raimundo de Oliveira Silva, Justiniano de Oliveira França, José Fernando dos Santos Silva, José Pedroso dos Santos, José de Arimatéia Coriolano de Paiva são evangélicos. Os vereadores de outras confissões religiosas que concederam projetos de lei, tornando a atividade evangélica em utilidade pública foram: Genésio Serafim de Lima, José Carneiro Rocha, Fábio Fernandes de Moraes Lucena, Everton Pereira Cerqueira, Otávio Joel, Antônio Carlos Daltro Coelho, Etevaldo de Jesus e Getúlio Barbosa. E apenas Jorge Raimundo de Oliveira Silva e Justiniano de Oliveira França tiveram ligações com o G12 em Feira de Santana.

José Fernando dos Santos Silva (IURD)	Institui no âmbito municipal a "Marcha para Jesus" Considera de Utilidade Pública a Igreja Presbiteriana de Feira de Santana e dá outras providências Fica considerada de Utilidade Pública a Casa de Recuperação Evangélica Eu sou livre (CRESOL) Alteração do transporte coletivo e urbano no âmbito do município de Feira de Santana Considera de Utilidade Pública a Igreja Batista da Evangelização Nacional Considera de Utilidade Pública o Ministério Batista Videira Verdadeira Considera de Utilidade Pública o Ministério Profético Vida e Paz e dá outras providências
--	--

Quadro 3: Fonte: Projetos de Lei do vereador Jorge Fernando dos Santos Silva no seu mandato entre os anos 2000 e 2004 da Câmara Municipal de Feira de Santana.

Segue abaixo a lista de Projetos de Lei de autoria do vereador Jorge Raimundo de Oliveira Silva que se articulou com o G12 em Feira de Santana durante o seu mandato entre 2000 e 2004. este acervo está no arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana.

<i>1. Estende benefício da meia passagem no transporte coletivo aos estudantes do curso de teologia</i>
<i>2. Concede o reconhecimento de sociedade de Utilidade Pública no município de Feira de Santana à Associação Ministério Aliança e Restauração (AMAR)</i>
<i>3. Considera de Utilidade Pública a Associação Beneficente Projeto Jovens Batistas (JOBAN) de apoio aos necessitados.</i>
<i>4. Concede o reconhecimento de sociedade de Utilidade Pública no âmbito do município de Feira de Santana à Associação Presbiteriana Sítio Novo e dá outras providências.</i>
<i>5. Denomina várias artérias do Loteamento Parque João Serafim de Lima, no bairro Campo Limpo</i>
<i>6. Considera de Utilidade Pública a Associação Casa de Renascimento</i>
<i>7. Reconhecimento de Utilidade Pública ao Instituto de Apoio à Vida e dá outras providências</i>
<i>8. Dispõe sobre a Criação do Fundo Municipal de Educação e dá outras providências</i>
<i>9. Concede o reconhecimento de sociedade de Utilidade Pública no âmbito do município de Feira de Santana à CEAFS- Comunidade Evangélica de Feira de Santana e dá outras providências.</i>
<i>10. Dispõe sobre a obrigatoriedade da colocação de orientações sobre o seguro DPVAT, em estabelecimentos prestação de serviços de saúde</i>
<i>11. Modifica a lei nº1.911/2003, que normatiza a denominação de logradouros públicos e dá outras providências</i>
<i>12. Dispõe sobre a afiação das listas de medicamentos em estoque, para consulta pelo usuário, nas unidades de saúde vinculadas ao SUS no município.</i>
<i>13. Considera de Utilidade Pública o Ministério Aliança com Deus</i>
<i>14. Considera de Utilidade Pública o Centro de Apoio à pessoas carentes provisão- (CAPCP)</i>
<i>15. Concede Utilidade Pública a Igreja Batista Hosana</i>

Quadro 4: Lista de Projetos de lei da autoria do vereador Jorge Raimundo de Oliveira Silva.

Segue abaixo a lista de Projetos de Lei de autoria do vereador Justiniano Oliveira França constantes no arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana.

<i>1.Considera de Utilidade Pública a Igreja Evangélica Cristo é Vida.</i>
<i>2.Considera de Utilidade Pública a Associação Missão Evangélica</i>

<i>El Shaday.</i>
<i>3.Considera de Utilidade Pública a Igreja Pentecostal Leão da Tribo de Judá.</i>
<i>4.Considera de Utilidade Pública a Associação Comunitária Maná de Ação Social (ACEMAS).</i>
<i>5.Considera de Utilidade Pública a Igreja Batista Ebenézer.</i>
<i>6.Reconhece a linguagem gestual (LIBRAS) como meio de comunicação de meio corrente no âmbito do município.</i>
<i>7.Considera de Utilidade Pública o Ministério Associação Monte das Oliveiras e Restauração (Igreja Evangélica).</i>
<i>8.Considera de Utilidade Pública a Associação Feirense de Apoio à Comunidade e dá outras providências.</i>
<i>9.Determina a obrigatoriedade do uso do símbolo internacional de acesso à pessoa portadora de deficiências, e dá outras providências.</i>
<i>10. Torna obrigatório o fornecimento de cadeiras de rodas por parte das empresas concessionárias de serviços funerários.</i>

Quadro 5: lista de projetos de lei da autoria do vereador Justiniano de Oliveira França .

Os quadros 3, 4 e 5 e as listas de projetos de lei demonstram os assuntos abordados pelos respectivos autores dos projetos de lei referidos. Entre eles pode-se destacar o peso quantitativo que a distribuição de leis que denominam de utilidade pública à sociedades comunitárias ou religiosas. O vereador Jorge Raimundo de Oliveira Silva fez entre os anos de 2000 e 2004, vinte projetos de lei, nos quais, treze foram para Associações comunitárias ou religiosas, onde os seus estatutos têm o conteúdo dos estatutos de denominações protestantes. Além destes o vereador ainda apresentou um projeto de lei concedendo meia passagem aos estudantes do curso de teologia do Seminário Teológico em Feira de Santana, uma demanda protestante. Os outros seis projetos visavam beneficiar não só às comunidades religiosas, mas à sociedade feirense.

A ligação do vereador Jorge de Oliveira, de origem batista, com as comunidades evangélicas de Feira de Santana não se expressa apenas pelo número dos projetos de lei, mas também pelos Decretos Legislativos, nos quais encontramos as seguintes ocorrências:

Decreto Legislativo nº24/2002: Concede Licença ao vereador Jorge Raimundo de Oliveira Silva para participar de sessão solene de homenagem ao MIR em Brasília, Distrito Federal.
Decreto Legislativo nº11/2002: Outorga o certificado Municipal de Excelência ao Seminário Teológico Batista do Nordeste (SBTNE)
Decreto Legislativo nº27/2002: Concede o título de cidadão feirense ao senhor René de Araújo Terra Nova
Decreto Legislativo nº30/2003: Concede a Comenda Áureo de Oliveira Filho ao profº Justiniano de Oliveira França
Decreto Legislativo nº48/2003: Concede o título de cidadão feirense ao senhor Edvaldo Santana Couto, trata-se de um bispo evangélico.

Quadro 6: Fonte: Decretos Legislativos do arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana.

A concessão de títulos honoríficos no município de Feira de Santana foi uma prática comum dos políticos municipais, os quais sempre estavam atualizando as normas para a concessão desses títulos como uma forma de conseguir apoio político. O que se constitui como novo na política municipal dos protestantes é a ênfase que os candidatos evangélicos deram à base de sua candidatura, fazendo projetos de lei e decretos legislativos nos quais pastores, bispos e irmãos protestantes têm sido prestigiados pela política local no exercício de suas atividades religiosas. É necessário salientar que a distribuição de honrarias nos Decretos legislativos foram mais comuns na história de Feira de Santana para maçons, médicos, advogados, imprensa e famílias prestigiadas na cidade pela sua atuação política na região como os Barradas Carneiro, os Coriolano, entre outros.

Este direcionamento político de candidatos evangélicos representarem as demandas da sua base de apoio é algo recente. As candidaturas destes vereadores têm uma aparência de reais motivações religiosas e intestinas, sem grandes propostas coletivas para a resolução dos problemas sociais da cidade. Não era uma nova forma de fazer política, pois em observação participante nas congregações durante o período de pesquisa, que começou antes do mestrado em 2003, período da eleição, encontramos nos discursos dos pastores:

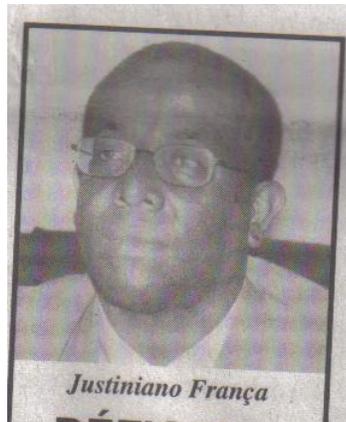
“a igreja de Jesus não podia mais trocar votos e favores com políticos corruptos que não obedeciam à palavra de Deus por telhados ou janelas para as congregações, mas que a igreja de Jesus tinha que ser ousada e trabalhar no período eleitoral de forma sistemática para eleger candidatos segundo o coração de Deus que tivessem um real compromisso com a palavra de Deus e com a Denominação, representando esta nos lugares de poder em âmbito municipal, estadual e federal”.⁶⁷

A expansão demográfica dos protestantes no cenário religioso brasileiro e local trouxe não só a participação de evangélicos nas esferas de poder, mas também despertou nos políticos locais não evangélicos o interesse de se aproximar dessas comunidades religiosas em busca de apoio político. Isso pode-se verificar no quadro 1 que foi a criação de projetos de lei denominando utilidade pública por vereadores que não tem nenhuma inserção religiosa nas comunidades homenageadas.

A pesquisa pretende demonstrar que o crescimento destes grupos neopentecostais em Feira de Santana, atraiu algumas lideranças políticas da cidade a exemplo do prefeito José Ronaldo de Carvalho (2000-2008), que começou a participar de eventos evangélicos, freqüentar igrejas, conseguindo o apoio dos evangélicos de uma forma geral. Baseada em entrevistas, pesquisas em documentos e leituras bibliográficas, entendemos que este projeto de participação política para conquistar territórios políticos para os protestantes de Feira de Santana é uma diretriz político-religiosa que veio da Colômbia com a experiência da Missão Carismática Internacional que expandiu o seu ministério pentecostal também nos lugares de poder naquela nação.

A reinterpretação que o líder baiano René Terra Nova empreendeu na sua própria denominação e os resultados obtidos em Manaus influenciaram as denominações feirenses que aderiram ao G12, para no pleito eleitoral de 2004 candidatar quatro evangélicos que tiveram uma boa margem de votação, embora apenas Justiniano Oliveira França tenha sido eleito com o apoio da Igreja Batista Missionária, o maior grupo evangélico de Feira de Santana no período.

⁶⁷ Discurso político de muitos pastores nas congregações de Feira de Santana.



Fotografia 9: vereador Justiniano França⁶⁸

Esta fotografia pertence ao Jornal Noite e Dia de Feira de Santana. O pastor presidente da Igreja Batista Missionária João Batista da Silva relatou a inserção do projeto político de Justiniano França como um projeto da igreja de elegê-lo vereador no município:

...Ele teve uma idéia, não é, ouvimos que ele tinha esse desejo de candidatar, ele expressou, então nós formamos uma comissão, um comitê político e chamamos a igreja e o apresentamos, a igreja aceitou de bom grado, não somente apoiamos a ele, mas estávamos de coração aberto para apoiar outras pessoas, para fazer uma política limpa, na primeira vez ele não passou, na segunda ele passou e depois o resto da história dele eu não sei mais, ele não está mais com a gente.⁶⁹

Justiniano Oliveira França é um funcionário público lotado na Universidade Estadual de Feira de Santana, que fez da comunidade religiosa a sua base eleitoral. Iniciou a sua candidatura para vereador em 2000, mas só foi eleito em 2004, atuando como Secretário da Educação em Feira de Santana e atualmente foi reeleito.

O tabu doutrinário sobre a participação política de evangélicos que predominou nos segmentos pentecostais, o G12 transpôs com uma nova apropriação bíblica mais vinculada ao Antigo Testamento e à figura política poderosa de Iavé, que é apresentado ao longo da narrativa bíblica como o Senhor dos exércitos, Rei dos Reis, além da figura mítica de Davi, que foi considerado um rei segundo o coração de Deus, escolhido por Deus na figura do profeta Samuel. E o seu projeto prático de doutrinação nas células e nas igrejas se mostrou eficaz dado os números de votos conseguidos e o pequeno

⁶⁸ Jornal Noite e Dia. Ano X Nº537. Feira de Santana-BA de 08.05 a 14.05.(p.2)

⁶⁹ Entrevista do pastor João Batista da Silva concedida à autora em 11.05.2009 no município de Feira de Santana.

período trabalhando com esta nova perspectiva política eleitoral. Dessa forma, a política desenvolvida no âmbito neopentecostal em Feira de Santana conseguiu penetrar melhor na vida das pessoas do que a política partidária tradicional.

A bancada evangélica é uma realidade na política municipal e vem consolidando espaços e visibilidade. Certamente que o reforço do M12 com sua doutrinação profética/política contribuiu nessa consolidação.

CAPÍTULO 5

GÊNERO E RELIGIÃO: INTERFACES E PERSPECTIVAS

O objetivo deste capítulo é fazer uma análise do papel de silenciamento e “esquecimento” da mulher no ambiente religioso cristão, trazendo a leitura do G12 que legitimou o sacerdócio feminino baseado no texto bíblico. A inserção da mulher nos ministérios protestantes da contemporaneidade é um relevante debate pela eficácia do seu trabalho na multiplicação da membresia das congregações, além de sua atuação não ficar restrita ao exercício sacerdotal, mas também a escritura de muitos textos de cunho doutrinário e teológico produzidos por elas, que sempre fazem menção, conscientemente, da sua importância para o G12 e para o crescimento das comunidades religiosas.

Nos últimos anos as pesquisas sobre gênero e religião proliferaram no meio acadêmico muito embora esta temática esteja longe de ser esgotada. A historiografia que discutiu as mulheres protestantes baianas ainda é demasiado pequena se esta for posta em comparação com a relevância do trabalho feminino nas congregações evangélicas no Brasil e no mundo, que se expandem através do serviço delas. Dessa forma, gênero e protestantismo é um campo aberto à investigação dos historiadores e demais cientistas sociais.

Joan Scott sugere que gênero é uma categoria útil de análise histórica, a feminista constrói uma proposição instrumental e metodológica para o desenvolvimento destes novos estudos. A categoria gênero surgiu inicialmente como uma construção crítica aos limites da descrição e causalidade de alguns estudos científicos. Primando pela construção de papéis sociais definidos socialmente de uma forma relacional, levando em conta a historicidade das relações sociais. Os estudos de gênero tendem a problematizar as diferenciadas construções sociais e políticas para homens e mulheres. Joan Scott argumentou,

Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o alcance dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la. (SCOTT, 1990:5)

A contribuição teórica de Scott fundamentou os estudos de gênero posteriores, uma vez que a definição e redefinição de papéis sexuais constroem sentidos e funcionalidades dentro das sociedades e dos sistemas religiosos, marcados por tradições e práticas seculares.

Ione Celeste de Souza, analisou as mulheres da Escola Normal em Feira de Santana durante os anos 1925 a 1945 e constituiu o perfil geral das mulheres que estudavam na Escola Normal e poderiam se tornar mestras de classe. No relato de Souza, encontramos as características esperadas para as mulheres protestantes, o que fazia parte da concepção da sociedade sobre o feminino.

Evidencia o que era esperado de uma professora, desnudo também uma das acepções do feminino, permitindo problematizar que ser professora ou ser normalista, ou ser professoranda era ser uma mulher diferente – empreendedora, intelectualizada, capaz, de moral ilibada, virtuosa, religiosa. Enfim, exemplo de submissão às normas sociais. Por isso foram necessários espaços e normas especiais para sua disciplinarização, forjação, modelagem – para normatização de normalistas. (SOUZA, 2001: 71)

Os estudos de gênero e religião no mundo cristão buscam questionar como determinadas construções sócio-religiosas, baseadas em diferentes formas de apropriação do texto bíblico realizada pelos fiéis constroem práticas e representações sobre sexualidade, homossexualismo, família, relações de hierarquia entre os sexos, assuntos esses na pauta dos estudiosos de gênero.

Sandra Duarte de Souza (2006) organizou uma coletânea de ensaios feministas “Gênero e religião no Brasil”, na qual Eliane Moura da Silva discutiu o fundamentalismo evangélico e as questões de gênero, Sandra Duarte de Souza analisou Religião e secularização: os gêneros dos discursos das práticas das mulheres protestantes, Maria das Dores Machado e Cecília Loreto Mariz escreveram Religião, mulheres e política institucional, entre outras autoras da Universidade Metodista de São Paulo.

A literatura sobre mulheres protestantes neopentecostais em Feira de Santana é demasiado restrita e isso compõe a originalidade e ao mesmo tempo a dificuldade na construção do texto. Foram utilizados trabalhos que se aproximam da temática feminina protestante, porém não apresentam a totalidade do recorte desta pesquisa.

Elizete da Silva analisou a atuação e os diferentes perfis de mulheres anglicanas e batistas na sua tese de doutorado. Ao analisar desde a doutrina bíblica que serviu de base para a leitura dos teólogos sobre os papéis femininos no mundo reformado até as

diferenciadas formas de apropriação do texto bíblico realizadas por anglicanos e batistas no século XIX e início do XX, concluiu que o protestantismo contribuiu para que as mulheres ocupassem espaços públicos, porém algumas denominações restringiram o sacerdócio feminino como foi o caso dos batistas.

Bianca Daeb's na sua dissertação de mestrado sobre mulheres de 1930 a 1960, faz uma análise histórica e sócio-econômica de mulheres batistas da Igreja Batista Sião, sediada no Campo Grande, bairro nobre da cidade e da Igreja Batista de Plataforma, subúrbio ferroviário de Salvador, buscando entender a participação das mulheres no ambiente eclesiástico, o discurso religioso da denominação e como através desses mecanismos essas mulheres forjaram práticas e representações do lugar social e religioso que ocupavam.

A socióloga Sueli Ribeiro Mota Souza (2007) analisou a construção da identidade de mulheres pentecostais em Salvador. Utilizando como fonte os depoimentos orais de mulheres pentecostais, a autora construiu o perfil de família, relações sexuais, atividades na igreja, entre outros perfis.

E. Willems analisou as mudanças que o protestantismo trouxe para as relações entre os sexos,

A participação em uma Igreja Protestante reforça a posição da mulher casada frente ao marido relapso no comportamento sexual costumeiro. A igreja pode assumir um papel de controle social mesmo quanto às relações sexuais de cada casal. A esposa pode queixar-se a igreja das inconstâncias e irregularidades sexuais de seu marido crente e como através de sindicância a Igreja pode descobrir a existência de uma relação extra-conjugal que pode culminar com a expulsão do faltoso. (WILLEMS, 1967: 170)

A antropóloga Clara Mafra analisou os dados da pesquisa Novo Nascimento na região metropolitana do Rio de Janeiro que questionou a opinião dos evangélicos sobre assuntos relacionados à família e à distribuição das tarefas entre os gêneros. Baseada em estudos de sociólogos, Clara Mafra afirmou que entre as mulheres pentecostais existem vantagens em relação às outras mulheres *“na medida em que fornecem instrumentos para a auto-afirmação feminina e ao exigir a maior participação do homem na família e na igreja.”* (MAFRA, 1998:225) Mafra não deixou de levar em conta que o cristianismo gerou uma realidade hierárquica e patriarcal. O que o pentecostalismo trouxe de novo foi uma suavização das diferenças entre os sexos, pois o texto bíblico continua a ordenar que o *“homem é o cabeça de sua casa.”* As palavras de Mafra afirmaram:

Na avaliação de Machado, estes movimentos não fornecem instrumentos para a afirmação das mulheres no campo dos direitos civis, sociais ou políticos, e, conseqüentemente, não estão articulados no diálogo com o Estado ou com o Direito, contudo dão meios para a dignificação e auto-reconhecimento humano básico das mulheres, aspecto crítico numa cultura patriarcal que acaba refletindo, indiretamente, em inúmeros e dispersos processos sociais como a reconstituição de famílias em situação de miséria, o gerenciamento dos conflitos domésticos sem o recurso à violência e à maior participação das mulheres em negócios e empregos no mercado informal, etc. (FERNANDES, 1998:225)

A antropóloga conclui que as relações de gênero entre os pentecostais é uma questão de eficácia simbólica do padrão evangélico, ou seja diminui as tensões entre os sexos por que isso favoreceu a expansão dos pentecostais, mas não avançou para as problematizações do movimento feminista, tais como o aborto, a homossexualidade e o direito a escolha sexual.

Eliane Moura da Silva (2006) também concorda que entre os evangélicos houve grandes vantagens para as mulheres no que diz respeito ao seu lugar social na família, devido à redefinição de papéis sociais que o texto bíblico proporcionou ao enfatizar a autoridade masculina,

A ênfase conferida à autoridade masculina na igreja e na vida doméstica tem grandes vantagens para as mulheres, pois o casamento é valorizado, a fidelidade sexual é exigida, o alcoolismo e o comportamento agressivo são criticados. Espera-se que os homens participem da criação e da educação dos filhos, bem como tenham maior cooperação na vida cotidiana e doméstica. Amor, responsabilidade, compromisso com os filhos, abstinência e fidelidade são aspectos essenciais deste compromisso. A dimensão religiosa simbólica idealizada é marcada pela idéia de restauração da família, do papel tradicional do marido e do alívio que tudo isso traz à condição de mulher. (SILVA, 2006:22-23)

Pensar nas representações de gênero é também questionar o papel da religião na construção social dos sexos e suas formas de apropriação contemporâneas que muitas vezes combina um contexto novo de conquista de espaços pelas mulheres com o reforço das relações familiares baseadas na hierarquia patriarcal. O que mudou no discurso e nas práticas dos evangélicos do final do século XX sobre as relações entre os gêneros foi a sua forma particular de leitura, ou seja, a forma de se apropriar da ortodoxia bíblica entre os grupos pentecostais e neopentecostais. Ou seja a convivência da doutrina bíblica de algumas denominações com o contexto social contemporâneo intermediou a apropriação das normas religiosas pelos fiéis, construindo diferenciadas práticas sociais cotidianas.

Aurenilza Bispo Gomes (2008) estudou as representações sobre o universo feminino dos batistas entre os anos 1980 e 2004 em Feira de Santana. Na sua monografia Gomes discutiu as contradições e tensões em que viveram as mulheres batistas das últimas décadas do século XX, tensões estas provenientes da convivência da doutrina batista que limitou o campo de possibilidades de atuação feminina e a existência de um discurso masculino e feminino que evidência uma equidade criacionista entre os sexos que permeou as práticas e representações sobre o universo feminino batista. Nas suas palavras,

Aparentemente contraditório, pois de fato revela no discurso, as tensões cotidianas vividas pelas mulheres batistas entre as demandas contemporâneas que exigiam mudanças no comportamento social feminino e os velhos princípios batistas de submissão e domesticidade feminina. (GOMES, 2008: 50)

Gomes comentou posições tomadas pelas mulheres batistas de Feira de Santana nas referidas décadas e constatou as mudanças que a contemporaneidade transmitiu à vida das mulheres em questão e no próprio ambiente religioso.

Observamos algumas permanências do ideário de mulher batista conservador que respondeu sobre quais atividades as mulheres poderiam desempenhar na congregação: “a mulher pode ter qualquer cargo na Igreja: professora, diretora de departamento só não pode ser pastora” (GOMES, 2008:61)

Valéria Lopes de Souza é mais uma estudiosa que discutiu mulheres batistas em Feira de Santana no contexto das transformações sociais das décadas de 1960 e 1970. Sua explicação sobre a composição social das mulheres batistas de Feira de Santana denota uma transformação do perfil das mulheres que conquistaram espaços públicos, porém no espaço religioso houve permanências das restrições ao exercício sacerdotal feminino. Nas suas palavras,

A questão posta em relação à posição das mulheres frente a um ministério pastoral batista não se realizou no período estudado apesar de em outras comunidades como luteranos, presbiterianos e metodistas, mulheres tenham sido ordenadas ao pastorado. Isso nos leva a entender que por trás dessa posição contra a ordenação feminina existe uma relação de poder que vai além de ser apenas uma questão de títulos visto que as mulheres realizavam quase todas as funções designadas a um pastor. O que é bastante estranho em uma denominação que diz adotar como modelo hierárquico a democracia moderna, calcada no congregacionalismo [sic.]. (SOUZA, 2004: 77)

Foram utilizados como parâmetros estes textos que discutem basicamente mulheres batistas, por dois motivos: o primeiro por que é a bibliografia disponível sobre mulheres protestantes em Feira de Santana e além disso, muitas mulheres que aderiram ao G12 eram batistas. Para compreender as inovações das práticas neopentecostais realizadas pelo G12 e M12 nas congregações feirenses é necessário entender o imaginário que perpassou o universo cristão ao longo da trajetória reformada sobre o significado de ser mulher e as doutrinas religiosas que originaram os papéis sociais delas posteriormente. A questão que se põe é, como determinadas formas de apropriação do texto bíblico deram origem à práticas diferenciadas em torno da relevância dos ministérios femininos.

IMAGENS FEMININAS ENTRE OS REFORMADORES

O cristianismo primitivo valorizou amplamente as mulheres, inclusive se difundiu a partir dos ministérios delas. Elas eram pastoras, missionárias, profetizas, patrocinadoras, assistentes sociais, além das tarefas domésticas que lhes eram atribuídas. A partir da Constantinização da religião cristã no século IV, houve a separação institucional do corpo clerical dos leigos, constituindo também posteriormente a separação da mulher do seu exercício sacerdotal no ambiente religioso cristão durante a idade média, a moderna e a contemporânea.

O catolicismo não foi a única matriz da religião cristã a excluir as mulheres do corpo de sacerdotes. As denominações do protestantismo histórico e as recentes pentecostais, também o fizeram, esquecendo da sua relevância tanto no cristianismo primitivo, quanto nas práticas diárias tendo em vista que a maior parte da membresia desses grupos é feminina e se constitui como base de sustentação dessas congregações.

Tecendo uma análise das imagens sobre as mulheres entre os reformados, Elizete da Silva explica que o sacerdócio universal e o conceito de vocação em Lutero colocavam o exercício da vida religiosa para homens e mulheres num novo patamar. Ainda que as tarefas domésticas diante da sociedade fossem consideradas inferiores, diante de Deus os serviços de homens e mulheres estavam num patamar de igualdade. Porém, a culpabilidade de Eva foi reafirmada por Lutero o que produziu uma ambigüidade no seu discurso e na prática. As palavras de Silva:

Por um lado mantinha a velha tradição escolástica de considerar a mulher como um ser humano inferior em decorrência do pecado original. Mas por outro lado, trazia como inovação a doutrina do sacerdócio universal do cristão que nivela homens e mulheres diante de Deus comissionando-os igualmente para a vocação cristã, para o serviço divino, estendido a todos os cristãos independente do gênero. Das ambigüidades vividas por Lutero, tem-se como consequência a inexistência de mudanças substanciais no pensamento reformado sobre a mulher, no século XVI. (SILVA, 1998, 261)

Argumenta Silva que a leitura de Martinho Lutero do “sacerdócio universal”, apenas habilitava a mulher para o serviço religioso, mas a visão sócio-política da mulher, ou seja, a sua condição de sujeito na sociedade continuava arraigada pelas concepções medievais, profundamente eivadas pelas concepções presentes nos textos bíblicos do Novo Testamento escritos pelo apóstolo Paulo que delimitou o lugar social das mulheres nas congregações.

Já a concepção de Calvino foi distinta da luterana, sobre a culpabilidade de Eva na queda. Calvino defendeu que tanto o homem quanto a mulher são imagens de Deus, e a submissão da mulher ao homem não foi uma punição ao gênero feminino, mas uma ordenança de Deus sobre os papéis sociais do homem e da mulher. *Calvino manteve a tradicional concepção da inferioridade feminina justificando-a como determinação divina para a manutenção do equilíbrio social.* (SILVA, 1998:262) Com isso, percebemos que por vias diferenciadas tanto Lutero quanto Calvino, não avançaram em suas concepções teológicas sobre as mulheres no que diz respeito à vivência das mesmas na sociedade. Porém, em relação à participação na vida religiosa, os reformadores abriram perspectivas consideráveis de participação feminina na vida litúrgica de suas congregações religiosas. Silva demonstra com clareza os limites da participação das mulheres na vida religiosa desde o século XVI até meados do século XX:

Acusado como religião de mulheres, “refúgio de mulheres”, o protestantismo, no entanto, manteve limites claros no que tange a participação feminina: conquistaram junto com os homens uma nova relação como fiéis e seguidores da Bíblia, mas ainda desiguais, pois o ministério pastoral continuava um campo masculino onde o acesso feminino foi negado, temendo-se uma completa inversão de costumes e as críticas dos papistas e de outros protestantes mais conservadores no campo das relações sociais. (SILVA, 1998, p.263)

O protestantismo contemplou o anseio de muitas mulheres que eram atraídas pelas novas possibilidades de inserção religiosa. Ainda que o pastorado fosse proibido elas podiam se engajar nas atividades filantrópicas, como professoras das escolas

dominicais e missionárias e isso pode ser configurado como uma reação reivindicativa das mulheres protestantes.

Duncan Alexander Reily (1997) também concordou que a Reforma Protestante não trouxe muitos avanços quanto ao exercício do ministério feminino, constatando que esta limitação foi proveniente das teologias posteriores e não do texto bíblico. Em suas palavras,

Só a graça (*sola gratia*) que Deus oferece livremente a todo ser pecaminoso, a qual é apropriada por mulheres e homens, por meio da sua confiança no Cristo de Deus (*sola fide*)- eis uma firme base para uma compreensão não sexista da redenção! *Sola scriptura* por sua vez é um chamado para redescobrir e reapropriar a revelação de Deus na sua plenitude e abrangência, inclusive a sexualidade e a igualdade entre mulher e homem como intentos de Deus, a maternidade de Deus e a riqueza dos ministérios da mulher cristã que a Bíblia registra. (REILY, 1997: 156)

No século XVII encontramos casos isolados de mulheres exercendo o sacerdócio e isso não foi apenas por causa do legalismo bíblico sobre os ministérios femininos que fundamentou o seu exercício durante as últimas décadas do século XX. Segundo Duncan A. Reily (1997) o “*sacerdócio universal dos crentes foi o despontar de um novo dia para os ministérios femininos, muito embora este dia ainda não tenha alcançado sua plenitude.*” (DUNCAN, 1997:157)

O texto bíblico que suscitou muitas discussões entre as feministas do período posterior a maio de 1968 com a aversão aos escritos do apóstolo Paulo encontra-se no livro de Coríntios no tópico em que discute a normatização cultural, delimitou o lugar social e religioso da Mulher. São palavras do apóstolo Paulo,

Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, por que não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; por que para a mulher é vergonhoso falar na igreja. (I Coríntios 14: 27-35, Bíblia Sagrada)

Evidenciamos que o texto é radicalmente andrógino, no que diz respeito ao lugar feminino, mas não consideramos que a situação de submissão da mulher nas primeiras décadas depois de Cristo, expressa na lei do Antigo Testamento anterior, seja por causa do pecado de Eva. O Antigo Testamento no livro de Gênesis imputou punições para o gênero feminino, mas também ao masculino. O pecado de Eva aparece no Novo Testamento como o pecado de Adão que é expiado pela proposta de salvação mediante Jesus Cristo, avaliamos que o Novo Testamento nivelou por baixo a culpa de Eva, por

que em rigorosa leitura da totalidade do Novo Testamento encontramos diversas referências, inclusive do próprio apóstolo Paulo, se reportando a muitas mulheres que exerciam diversos papéis na comunidade eclesial.

Não foram apenas as mulheres que deviam ficar caladas, mas também alguns homens para preservar a ordem no culto. O permanecer calado não quer dizer estar fora do culto, mas estar no espírito do culto consigo e com Deus. Não queremos propor uma suavização do que o líder Paulo prescreveu para as atividades que as mulheres poderiam exercer, mas uma constatação importante a ser feita é que o texto bíblico deve ser lido e entendido na sua íntegra e no seu contexto histórico. O texto de Paulo reflete um contexto histórico androcêntrico, baseado na cultura judaica e na greco-latina. Após acurada leitura do textos paulinos encontramos referências de destaque para as mulheres como por exemplo Febe e Priscila na carta direcionada aos romanos.

Recomendando-vos a nossa irmã Febe, que está servindo à igreja de Cencrêia, para que a recebeis no Senhor como convém aos santos e a ajudeis em tudo que de vós vier a precisar; porque tem sido protetora de muitos e de mim inclusive. Saudai Priscila e Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida arriscaram a sua própria cabeça; e isto lhes agradeço, não somente eu, mas também todas as igrejas dos gentios; saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles. Saudai meu querido Epêneto, primícias da Ásia para Cristo. Saudai Maria, que muito trabalhou por vós. (Rm 16: 1-6, Bíblia Sagrada).

Neste texto do apóstolo Paulo, não pudemos constatar nenhuma desqualificação do exercício sacerdotal feminino. No versículo primeiro ele recomenda cuidados especiais ao serviço religioso de Febe, entendendo o termo “servindo à igreja de Cencrêia” como o desenvolver atividades de pregação. Priscila também é um outro exemplo de alguém que trabalhava para o Evangelho hospedando em sua casa as primeiras reuniões cristãs. Através deste texto e de outros também, não parece haver uma ordem expressa contra o sacerdócio feminino.

MINISTÉRIOS FEMININOS

Silva constatou a influência que as reivindicações das feministas do século XIX tiveram sobre a teologia que deu origem à definição do papel social da mulher à luz do texto bíblico. A medida que o movimento feminista se expandiu, ocorreu paralelamente a incorporação de vários setores da sociedade, inclusive protestantes. Segundo Silva:

Como ponto culminante da militância de um grupo seletivo de biblicistas e exegetas, no final do século, em 1895, e posteriormente em 1898, publicou-se *The Woman's Bible*, sob a direção de Elizabeth Cady Stanton, contendo uma releitura do texto bíblico referente à mulher, calcada numa profunda exegese que colocava por terra a secular teologia protestante que “*ensinava que a mulher trouxe pecado e morte para o mundo, que ela precipitou a queda da raça e ela por tudo isto será julgada nos céus, condenada e sentenciada.*” Publicado em Washington por um grupo de estudiosas, a Bíblia da Mulher constituiu-se em uma verdadeira “pedra de escândalo”, que provocou não somente a reação dos setores religiosos e das lideranças eclesiais protestantes, mas estranhamente da própria Associação Americana do Sufrágio da Mulher. (SILVA, 1998:266)

Segundo Silva o esforço de Stanton redundou em compor uma Bíblia em que o ponto de origem fosse a perspectiva feminina e além disso, uma crítica às matrizes forjadoras das mentalidades, das representações religiosas e dos valores ocidentais androcêntricos pondo a descoberto o androcentrismo do Velho Testamento.

Durante as primeiras décadas do século XIX, destacaram-se três mulheres quakers Sarah Grimké, Angelina Grimké e Lucretia Mott como militantes do movimento das mulheres que contestavam a preponderância andrógina no meio religioso. Essas lutas levaram a conquistas desencadearam a ordenação da primeira mulher como afirmou Silva, “*resultado dessa intensa movimentação por igualdade de direitos em, 1853, Antoinette Brow foi ordenada como a primeira mulher para o exercício do ministério congregacional, quebrando assim uma tradição androcêntrica vigente desde o século XVI.*” (SILVA, 1998: 266)

Em se tratando de Estados Unidos e Europa, Reily Duncan (1997) constatou que diversas confissões protestantes admitiram a ordenação plena de mulheres como também a ocupação de altos cargos administrativos. São exemplos de confissões que ordenaram mulheres a confissão Luterana nos Estados Unidos em 1970, os episcopais em 1976 e as denominações históricas norte-americanas. Os metodistas do Uruguai elegeram a leiga Marguerita Grassi como presidente da igreja metodista do Uruguai, além destes constam muitos mais no livro de Reily.

No Brasil o sacerdócio feminino já é uma possibilidade para a Igreja Episcopal do Brasil como é uma realidade no “*Exercito da Salvação, o Evangelho Quadrangular, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a Igreja Metodista e talvez outras.*” (DUNCAN, 1997:158) Desta citação quero discutir o que o autor trata como uma possibilidade, tratamos neste capítulo como uma prática que foi legitimada pelo sacerdócio universal dos crentes. O termo “talvez outras” na realidade de Feira de

Santana e Brasil não é adequado às muitas mulheres que desempenham atividades sacerdotais com a ordenação.

Bianca Daeb's analisou o Jornal Batista e sintetizou no discurso de D. Mildred Schaly a posição dos Batistas em relação ao pastorado feminino. São suas palavras:

D.Mildred Schaly, inicia seu discurso chamando a atenção da leitora e do leitor para o fato de estar falando de ministério feminino cristão e não de pastorado feminino: "por meu discurso levar o título "O progresso Feminino no Ministério Cristão", notem bem, não estou dizendo pastorado, porém ministério cristão." Certamente, a articulista desejava atrair a atenção para seu texto e, ao mesmo tempo, evitar celeumas o meio batista. (DAEB'S, 2006:156/157)

Vale ressaltar que as comunidades que ordenaram pastoras são dissidentes de grupos tradicionais e renovados, a exemplo dos batistas, pentecostais como a Igreja do Evangelho Quadrangular fundada por uma mulher nos Estados Unidos, a pastora Aimée Semple McParsons ou mesmo grupos que já nasceram com práticas neopentecostais.

Reily (1997) expõe ao longo de sua obra os ministérios femininos em perspectiva histórica na Igreja Moderna constatando fases evolutivas. No período da Reforma, o autor discutiu as esposas dos reformadores, atribuindo a este exercício um caráter ministerial de casamento com a igreja, dessa forma existiu um ministério das esposas de pastor para o desenvolvimento de todas as atividades para a manutenção da Igreja.

A ordenação de mulheres foi polêmica e os reformadores Lutero e Calvino pouco contribuíram para o exercício do sacerdócio feminino. Na sua pesquisa Reily (1997) sugeriu que foram ricos os mistérios de algumas mulheres anabatistas, um efetiva e intensa pregação de mulheres *quakers*, como Elizabeth Gurney Fry (1780-1845), e em alguns ramos do metodismo. Segundo o autor, João Wesley admitiu a pregação de leigos, na qual mulheres amealharam espaços iguais aos dos homens, no entanto, a posição de mulheres na concepção de João Wesley era pejada de ambigüidades, o que era visível na formulação de condições para que fosse legalizada a pregação feminina. *"Mas, em 1835, a Conferência condenou fortemente a pregação feminina e "ela quase deixou de existir durante um longo período" no Metodismo Wesleyano". (REILY, 1997:176)*

A pregação feminina ocorreu de variadas formas nas dissidências do Metodismo, como por exemplo os Metodistas Primitivos organizados em 1811, os Metodistas Cristãos da Bíblia organizados em 1815, e uma outra agremiação metodista,

a Lady Huntington conexão” que admitiu uma mulher dirigente. No Exército da Salvação, dissidente da Nova conexão Metodista, as mulheres eram admitidas a todas as patentes.

O SACERDÓCIO FEMININO NO BRASIL

A expansão protestante e a sua chegada no Brasil foi possibilitada através de missões de evangelização onde mulheres exerceram forte influência, sejam mulheres solteiras ou com os maridos missionários, além de exercer o diaconato e a vocação cristã de evangelismo. *“Na realidade o movimento missionário...abriu oportunidades para a mulher protestante algo comparáveis às que as ordens proporcionavam às suas irmãs católicas.”*(REILY, 1997:181)

No Brasil, são proeminentes as figuras de Sara Poulton Kalley (1825-1907) que ao lado do marido o Dr. Roberto Kalley foram fundadores da Igreja Fluminense no Rio de Janeiro e relevantes missionários no contexto da expansão do protestantismo em terras brasileiras (SANTOS, 2006: 28). Sara Kalley nasceu em solo Britânico e a sua chegada ao Brasil em 10 de maio de 1855, mudou o perfil do protestantismo brasileiro até aquele momento representado e circunscrito por anglicanos e luteranos nas suas próprias colônias de imigrantes. Com a instalação das Escolas Dominicais, a composição do Salmos e Hinos, a tradição de clássicos puritanos, além do trabalho evangelístico que missionários desempenhavam. Muitas foram as missionárias que cuidavam da evangelização de índios, parece-nos que a leitura bíblica, a pregação cotidiana e o trabalho das missionárias não foi impedido pelas denominações e as relações de poder institucionais são bons caminhos para desvendar os por quês da negação da legitimidade do sacerdócio feminino.

Além de missionárias, pregadoras e administradoras, as mulheres desempenharam papéis de diaconisas, filantropas, teólogas foram importantes figuras para expansão do protestantismo. No entanto, o desenrolar do século XX no Brasil e as demandas sociais colocadas em relevo pela abolição da escravatura, Proclamação da República, relações de trabalho desenvolvidas a partir desse novo contexto social e político e o reforço das desigualdades sociais com a acentuada pobreza nas camadas urbanas proporcionaram mudanças substanciais no protestantismo brasileiro. Essas

transformações na ambiência do protestantismo não podem ser entendidas desvinculadas das vivências culturais contemporâneas, qual sejam, a conquista dos movimentos de identidade feminina, os estudos marxistas, as discussões de etnia onde estas demandas têm conquistado novos espaços na sociedade de consumo onde o neopentecostalismo representa a síntese religiosa de elementos do capitalismo com elementos protestantes do pentecostalismo tradicional.

Elizete da Silva apresenta um capítulo dedicado às mulheres em sua tese de doutorado que versa sobre anglicanos e batistas na Bahia. A autora constatou que até a década de 1930 as mulheres representavam a maioria da membresia entre os batistas, e embora existissem restrições institucionais desempenhadas pelos homens. A ordenação feminina e a pregação no púlpito, foram os principais vetos ao exercício das mulheres batistas. Mas havia uma oportunidade de evangelismo coletivo em que muitas mulheres batistas podiam desempenhar sem, contudo, desrespeitar a Convenção Batista Brasileira.

As mulheres podiam ser eficientes e capacitadas missionárias; no entanto, não podiam receber a ordenação nem ministrar a ceia e o batismo, considerados pelos batistas, como ordenanças do Novo Testamento. Poderiam até pregar e ensinar a Bíblia, mas não do púlpito: a tribuna sagrada era privativa ao sexo masculino. O sacerdócio universal dos cristãos, tão caro às feministas protestantes do século XIX, para os batistas, limitava-se à vocação de mulheres leigas para o serviço evangelístico, da música ou mesmo do ensino às crianças ou às suas companheiras. Jamais incluiu uma visão mais ampla abrangendo o ministério pastoral. Isso porque a pregação e administração das ordenanças (bens sagrados) constituíam-se como um fulcro de poder religioso, e o clero batista, formado exclusivamente por homens, recusava-se a partilhar fraternalmente com as mulheres. (SILVA, 1998:313)

Isso não quer dizer que as mulheres batistas não evangelizavam, segundo Bianca Daéb's (2006) as mulheres se destacavam nos grupos de oração, na área educacional com a educação religiosa e a formal e nas missões. Em suas palavras:

A União das Senhoras Batistas, que se reunia informalmente nos templos de suas igrejas, deu origem a uma rede nacional de senhoras, gerando um novo grupo a cada nova congregação que surgia. Elas gozavam de bastante prestígio dentro da denominação. O objetivo precípua era fazer missões. (DAÉB'S, 2006:57)

Essas informações são fundamentais para entender historicamente qual o lugar social de poder amealhado pelas mulheres ao longo da história do protestantismo. Mas também é necessário tratar das mulheres pentecostais, tendo em vista que há uma

diversidade de formas protestantes na contemporaneidade e em cada uma delas o papel feminino apresenta nuances diferenciadas.

Maria das Dores Campos Machado (1996) estudou a adesão religiosa na esfera familiar de mulheres pentecostais e católicas carismáticas. Seus estudos de Sociologia do gênero apontam um caráter paradoxal da doutrina pentecostal, por que esta doutrina ao mesmo tempo que reafirma a ordem hierárquica patriarcal, abre brechas para redefinições de papéis e imagens masculinas e femininas, demonstrando resultados positivos par as mulheres nas relações familiares. Em suas palavras,

Não se deve ignorar o fato de que o pentecostalismo e o Movimento da Renovação Carismática possam intencionalmente estar ajudando na constituição de um modelo de relacionamento familiar mais afinado com as mudanças sociais da segunda metade deste século, na medida em que favorecem o processo de autonomia das mulheres a e adoção de novos comportamentos por parte dos homens. (MACHADO, 1996:9)

Segundo Machado a ética pentecostal é permeada enfaticamente pela sobriedade das roupas, as restrições das relações sexuais ao casamento, aos vícios e a participação de eventos profanos faz com que o seu modo de vida transcenda a experiência religiosa. A conduta pentecostal redefine papéis e relações familiares, no trabalho, e demais espaços da vida pública.

A ética pentecostal baseada no seu ideal de santidade construiu novos lugares para o homem e para a mulher. A mulher que foi santificada transcende a sua posição de mera subordinada ao passo que o homem tem que fazer uma revisão do seu comportamento familiar e social. Segundo Machado (1996),

Assim, a busca feminina da santificação expressa um aperfeiçoamento de alguns atributos do ideal de mulher predominante na sociedade inclusiva, mas constitui também uma tentativa de transcender o lugar de subordinação reservado às mulheres na ordem patriarcal. Já para os homens, a conversão e a busca da santificação implicam uma revisão radical do seu comportamento social e religioso, atenuando o contraste da conduta masculina em relação à das mulheres. Mas a androginia que aí se delinea não avança a ponto de derrubar a ordem hierárquica que reserva aos homens o seu papel proeminente de cabeça do casal e cabeça da igreja. É como se o pentecostalismo redefinisse os gêneros masculino e feminino, tornando os “pais maternos” e as “mães paternais” e oferecendo um modelo alternativo ao já desgastado patriarcalismo mediterrâneo, mas preservasse o fundamental deste sistema de gêneros: a desigualdade entre homens e mulheres. (MACHADO, 1996:39)

A análise das relações de gênero entre as mulheres protestantes pentecostais e neopentecostais contemporâneos, a nosso ver tiveram algumas transformações se estas

forem analisadas à luz do texto paulino de proibição da expressão das mulheres na comunidade religiosa. Transformações significativas, porém tênues, a concessão de alguns papéis para as mulheres, mas parece um tipo de limitação da sua vida em sociedade. Estes limites o estudioso Ricardo Mariano também constatou sobre o discurso pentecostal sobre o sexo,

“Quando o discurso pentecostal enfoca o sexo é para ressaltar a sua negatividade, ou ameaça que representa à salvação da alma. Para os pentecostais, submetidos as normas morais e dogmas rígidos, ascéticos e repressivos, a esfera sexual constitui poderoso terreno de tentações e privações. Algo ainda mais premente no caso dos adolescentes e jovens solteiros, já que o pentecostalismo, em todas as variantes, restringe o ato sexual aos limites da vida conjugal. Circunscrito ao casamento monogâmico e heterossexual, a sexualidade do crente não se limita apenas à procriação (conforme o mandamento divino “crescei e multiplicai-vos”). Mas é cercada de pudores e desestimulada de quaisquer ousadias e arroubos eróticos.”(MARIANO, 2005:192)

Ao longo da obra de Ricardo Mariano sobre os neopentecostais percebemos a nuance que ele dá a uma nova forma de protestantismo mais engajada com os processos sociais e mudanças nas relações conjugais e afetivas é o que configura a nomenclatura neopentecostais para alguns grupos dissidentes do pentecostalismo tradicional ou mesmo dos grupos do protestantismo histórico. Vejamos o que ele afirma dos neopentecostais,

ao que parece, os neopentecostais são ainda mais avançados e permissivos. Perguntada se o sexo seria apenas para procriação, pastora Sônia Hernandes, da renascer, respondeu: “Pelo amor de Deus! É superprazeroso! É uma das coisas boas que Deus inventou pra gente”. A vinculação entre sexo e prazer, ainda mais quando se trata de uma pastora pentecostal que a faz publicamente, constitui forte indício de mudança na relação destes novos crentes com a esfera da sexualidade. (MARIANO, 2000:192)

É significativa a atuação das mulheres em todos os âmbitos das práticas religiosas, elas representam a maioria das memberships das organizações religiosas. As mudanças processadas nas formas tradicionais do protestantismo a partir de uma apropriação diferenciada da doutrina bíblica do Novo Testamento, construíram novos espaços para as mulheres, ou as mulheres construíram novos espaços de atuação entre os protestantes e o G12 contribuiu para que a mulher fosse considerada apta ao exercício sacerdotal, o pastorado.

Foram fatores externos e internos que contribuíram para uma redefinição mais profunda dos papéis sexuais nas práticas pentecostais do G12. Entre eles consideramos externos, a visão mítica de Castellanos onde seria formada uma igreja para o século XXI. Não se pode falar em uma igreja numerosa no século XXI, sem levar em conta as conquistas históricas da mulher de participação ativa na vida social da atualidade, ou seja uma igreja que contemple o pastoreio e o pleno exercício sacerdotal feminino.

E o outro fator de ordem interna ao protestantismo foi a doutrina luterana do sacerdócio universal dos crentes. A acessibilidade de todo homem e toda mulher a Deus sem a mediação sacerdotal conferiu grandes privilégios às mulheres protestantes. O diferencial do G12 em relação ao protestantismo histórico foi que no protestantismo histórico reformado a mulher era normativamente igual aos homens diante de Deus, mas as relações dentro da congregação continuavam a ser encabeçadas pelos homens. Já o G12 fez uma leitura mais igualitária do sacerdócio universal tendo em vista que as mulheres podem ser sacerdotisas.

O sacerdócio feminino ainda é assunto polêmico entre os protestantes. Há concordâncias e discordâncias, mas o fato é que aos poucos as mulheres começaram a pregar em público e em algumas denominações já são feitas as ordenações de pastoras.

A aproximação entre o mundo do religioso e a vida secular com formas de sociabilidade muito mais bem aceitas pela sociedade configurou o neopentecostalismo destes grupos, uma vez que houve uma mudança na estética tradicional das mulheres pentecostais como a vestimenta, o uso de acessórios e até a possibilidade de assumir ministérios dentro deste modelo organizacional, além do comportamento diante da sociedade capitalista que foram transformados. A ascese tradicional que denotava um peculiar afastamento do mundo e suas vivências, César Castellanos com o G12 reformulou, e com isso permitiu uma inserção protestante mais contextualizada com a sociedade contemporânea. Duas mulheres fortes, com liderança religiosa e política estão nas origens do G12 na Colômbia e no Brasil, Claudia Castellanos e Valnice Milhomens Coelho.

A metodologia de evangelismo sistemático de eficácia empresarial do G12 permitiu a inserção das mulheres no sacerdócio neopentecostal devido o predomínio e pujança das atividades femininas na área evangelística. A liderança de células, a separação entre o homem e a mulher na consolidação dos discípulos, resgataram o

princípio teológico do sacerdócio universal e o conceito de vocação para as mulheres que ampliaram seus espaços de atuação com a intensificação do trabalho religioso feminino. Existem livros específicos feitos por mulheres protestantes para a sua membresia feminina, um exemplo é o livro “O poder da mulher que ora” muito difundido entre as evangélicas.

Os homens e mulheres neopentecostais aos poucos têm feito a releitura do lugar da mulher em sua organização religiosa, pois este segmento protestante têm feito uma nova apropriação do Antigo e do Novo Testamentos, onde as mulheres e o seu trabalho são tão importantes quanto o dos homens. A pastora Gladez de Varón, é discípula de César Castellanos no Brasil e a sua função é coordenar a implantação do G12 nas congregações, ministrar em congressos e representar César Castellanos no País, constatou que as atividades femininas são muito importantes para o crescimento da igreja contemporânea. Varón foi uma das oito pessoas que iniciaram a Missão Carismática Internacional, juntamente com o Pastor César Castellanos e a pastora Claudia Castellanos. Segundo a pastora Varón:

...anteriormente quando ungiam pastores, não ungiam as suas esposas, não, a esposa do pastor era esposa do pastor, ela não era pastora! Era a mulher que estava detrás de tudo, que não tinha oportunidade de pregar, de exercer uma liderança, mas agora vemos que através de G12 a mulher foi valorizada, a mulher conheceu os dons naturais, os dons do Espírito Santo que o Senhor derramou na vida dela e que eu vejo uma liderança de mulheres muito forte,... ministério de David Yonggi Cho da Coréia do Sul, quem está dirigindo as células? A quem ele pediu liderança para as células? Ele chamou os homens, que falaram que não podiam, não tinham tempo, que eles tinham muito trabalho, muita coisa...ele deu o trabalho a essas mulheres, e são essas mulheres que sustentam as células na Coréia.⁷⁰

Destacamos o perfil de três mulheres que representam a hierarquia sacerdotal; são escritoras e teólogas. Entre as quais, Valnice Milhomens, Ana Marita Terra Nova e Claudia Castellanos. Foram escolhidas as que têm mais visibilidade, porém no cotidiano religioso do G12, toda mulher de pastor pode ser pastora se assim for da sua vontade, bem como todo discípulo pode ser um líder.

⁷⁰ Entrevista concedida à autora em 27.12.2007 na cidade de São Paulo.



Figura10:⁷¹ a apóstola Valnice Milhomens Coelho

A apóstola Valnice Milhomens Coelho nasceu no Maranhão, viveu boa parte de sua infância no Tocantins, formou-se no Seminário Batista de Educadoras Cristãs em Recife em 1970 e serviu por treze anos à Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, fazendo um trabalho missionário em Moçambique e mais dois anos na África do Sul. Voltou para o Brasil onde fundou o Ministério Palavra da Fé, se dedicando à pregação, ensino, oração e avivamento. Desde 1989 mantém um ministério de televisão em nível nacional através dos programas “Palavra da Fé” e “Escola Bíblica na TV”.⁷² No site da INSEJEC (Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo) apresenta a sua origem:

"A Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo" nasceu espiritualmente no dia 28 de março de 1994, na sede do Ministério da Palavra da Fé e residência dos Pastores Valnice Milhomens, José Júnior e Ielane Mendonça, em São José dos Campos, Estado de São Paulo, à mesa do Senhor, logo após o batismo de dois seminaristas católicos, convertidos pelo programa de televisão, "A Palavra da Fé", sob um comando do Espírito de Deus, dado à Pra. Valnice, com a promessa: "O Espírito vos guiará a toda verdade". No dia 20 de junho do mesmo ano, reuniram-se as congregações "Palavra da Fé" para se constituírem oficialmente em "Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo", com uma vocação definida: "Sai de Roma, e volta para Jerusalém!"⁷³

⁷¹ Esta fotografia encontra-se no livro Plano Estratégico para a Redenção da Nação, na parte dedicada à comentários sobre a autora.

⁷² Estes dados foram coletados em fontes diversas. Entrevistas com pastores, livros de autoria da apóstola Valnice Milhomens Coelho e sítios na internet como <http://www.insejec.com.br/pastores.php>.

⁷³ <http://www.insejec.com.br/pastores.php>. data: 14.05.2009



Figura 11: A sede da INSEJEC em São Paulo no Bairro Barrafunda: acervo da autora.

A fotografia externa do templo e sede da INSEJEC em São Paulo no bairro Barrafunda, a igreja não possui identificação, porque segundo relatos dos paulistas, há uma lei municipal que proibiu o uso de banners, letreiros e out-doors no município de São Paulo por causa da poluição visual. A Barrafunda, área nobre e central da cidade, demonstra que o Ministério gerenciado pela Apóstola Valnice Milhomens atingiu um nível organizacional incomum para uma mulher protestante e ex-batista. A área interna do térreo do templo é composta pelas salas particulares de cada pastor, a secretária, o templo e o altar. No segundo andar tem a tesouraria, cozinha, suíte, sala da administração, sala de reuniões, sala de comunhão, e o estúdio de gravação de inúmeros programas que a apóstola Valnice realiza. Trata-se de uma grande estrutura que não é apenas local, mas tem pastores comandando obras missionárias no Japão, África, Portugal e em uma diversidade de locais. Segue abaixo a fotografia do altar onde estão presentes elementos da liturgia judaica, que é uma das marcas de sua pregação a influência das práticas veterotestamentárias.



Figura 12: fotografia do altar da INSEJEC, destaque para o menorah de origem judaica.

O menorah representado em ouro e com os sete tentáculos na vertical, com sete lâmpadas, representam na liturgia hebraica os sete espíritos de Deus. Vale ressaltar que o ministério levítico do Antigo Testamento só deveria ser executado pelos descendentes de Levi na tradição judaica.

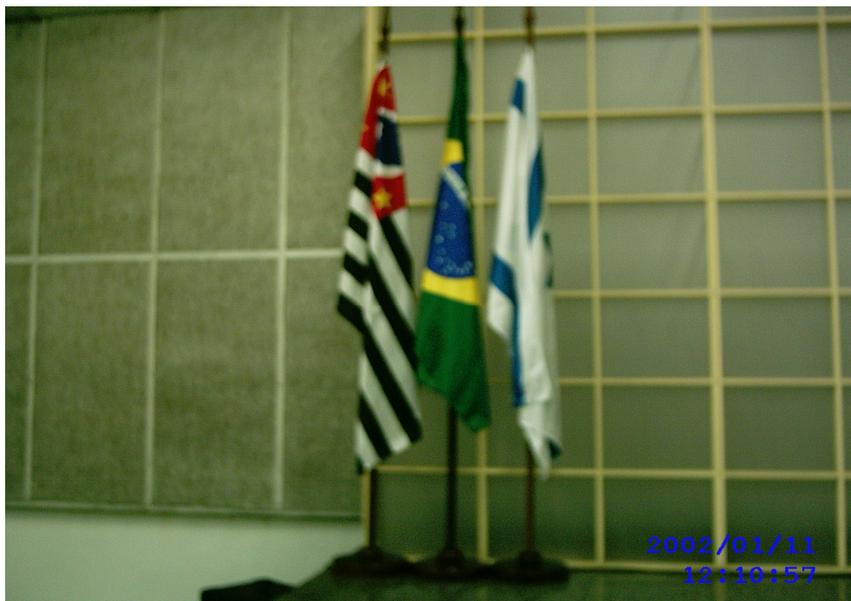


Figura 13: Fotografia do altar da INSEJEC

Estas bandeiras fazem parte de uma característica peculiar dos evangélicos que aderiram ao G12. A presença da bandeira do Brasil e do sentimento patriótico, a bandeira da cidade e a bandeira do Estado de Israel, representando na concepção destes religiosos sua proximidade e relação de amor com a cidade Santa, Jerusalém.



Figura14: Teto da INSEJEC com os passos da Visão Celular

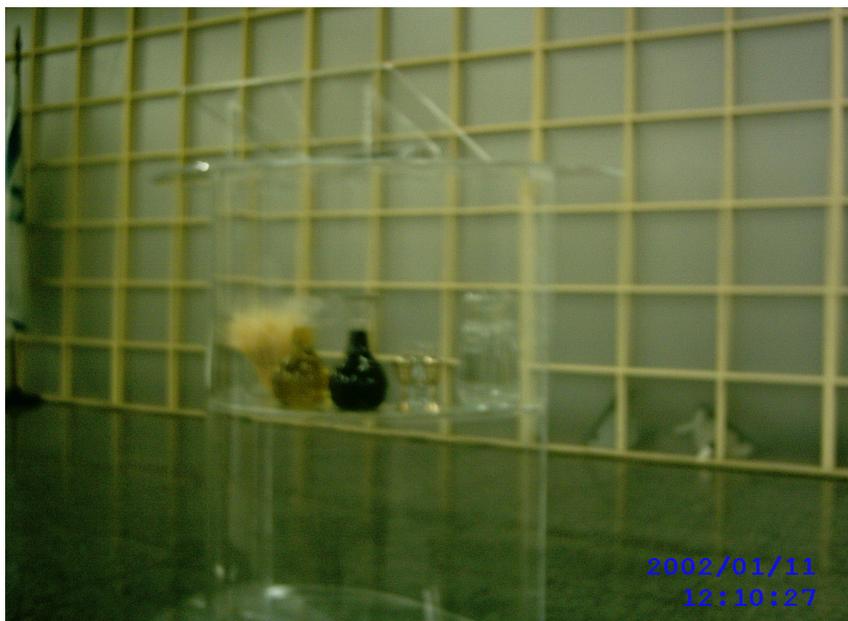


Figura 15: Púlpito da INSEJEC

O altar e o teto da INSEJEC são grandes e por isso uma única fotografia não conseguiu focar todos os elementos presentes. Além da bateria e instrumentos do ministério de louvor têm o púlpito com a presença do trigo, do óleo da unção, água e o menorah. Do outro lado estão de três bandeiras, uma da cidade de São Paulo e sua localidade, uma do Brasil, simbolizando uma redenção em nível nacional e a terceira bandeira do Estado de Israel, simbolizando o desligamento com as heranças romanas e um retorno às práticas do judaísmo e a conquista da terra da promessa que Iavé fizera à descendência de Abraão, a concessão de um Estado judeu, embora o Estado de Israel só tenha sido criado após a Segunda Guerra Mundial.⁷⁴

A apóstola Valnice Milhomens já exercia atividades evangelísticas quando missionária da CBB, o seu chamado pastoral e apostólico divergiu da ortodoxia Batista, o que favoreceu a começar um empreendimento religioso independente da Denominação Batista. Este ministério fundado pela apóstola têm congregações em quase todo o Brasil e no exterior como no Japão, Portugal, Cingapura, entre outras⁷⁵.

Na bibliografia pesquisada não notamos distanciamentos das falas de Renê Terra Nova e Cesar Castellanos sobre o exercício da liderança de Milhomens. Eles argumentam que todo discípulo pode ser um líder e isso independe do sexo, é para todas as pessoas, não há uma chamada específica para as mulheres, mas um discurso que põe em pé de igualdade homens e mulheres com relação à liderança. Porém quando a mulher casa e adquire família a submissão ao marido é a maior ordenança.

No que diz respeito à sua posição na hierarquia clerical protestante, Valnice Milhomens é apóstola, o mais alto nível dessa hierarquia e não é por que possui marido apóstolo, pois é celibatária e construiu e consolidou seu ministério provocando esta ruptura num protestantismo androcêntrico e como uma líder mulher e solteira. Ela escreveu vários livros doutrinários, traduziu todas as obras de César Castellanos para o português e fez o seu doutorado em teologia nos Estados Unidos. A apóstola Valnice é a porta que Deus abriu para o G12 entrar no Brasil, foi o que confessou em entrevista a pastora Gladez de Varón:

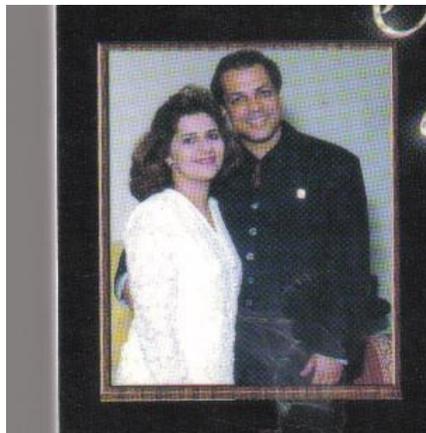
⁷⁴ Observação participante na INSEJEC entre os dias 26.12 e 30.12 de 2007.

⁷⁵ As congregações filiadas à INSEJEC estão catalogadas no Livro de Registros de Congregações situadas na Sede em São Paulo.

Ela tem os valores insubstituíveis na área espiritual, ela é uma mulher das mulheres que eu conheço,...sendo ela uma mulher que fundou um Ministério INSEJEC, várias igrejas, em vários estados do Brasil, ela nunca está pensando só em INSEJEC, ela fala da redenção do Brasil, o que eu tenho podido falar com ela, ela vê que o G12 é uma ferramenta para uma visão que ela teve sempre para esta nação que poderia se levantar uma nova geração no Brasil para conquistar a nação para Cristo e eu vejo que para nós como G12, dentro da igreja, ela é uma porta espiritual, é uma porta apostólica por onde entrou o G12, e aí que o pastor Castellanos ungiu a ela faz dois anos, a ungiendo como líder principal do G12⁷⁶

Aqui está expressa a importância desta mulher tanto para o ministério já consolidado, quanto como a responsável pela inserção do G12 no Brasil e como maior autoridade espiritual do G12 no País. Os “valores insubstituíveis” que estão comentados, se referem às práticas de cura, revelação, ministério pastoral e apostólico, representando uma ruptura com a representação do Antigo Testamento, onde a mulher Eva foi a responsável por provocar o pecado do homem e sua queda. Aqui se evidencia santidade, autoridade e confiança nesse ministério feminino aprovado por César Castellanos. Estes aspectos são relevantes em relação às denominações pentecostais tradicionais, entre as quais, as mulheres não podem se encarregar das tarefas ministeriais, embora sua membresia seja majoritariamente feminina. Valnice Milhomens justifica em sua obra a sua adesão ao G12:

Tendo a convicção de que o modelo de Bogotá era a base para o modelo que Deus tem para nós, temos retornado às convenções na Colômbia para beber da fonte. cremos que Deus deu ao Pr. César Castellanos o modelo dos 12 que há de revolucionar a igreja do próximo milênio, pelo que o abraçamos inteiramente, colocando-nos sob a sua cobertura espiritual dentro dessa visão revolucionária, fundada na palavra de Deus. Tendo sido ungida como um de seus doze internacionais, estamos como igreja comprometidos em viver esta visão. (MILHOMENS, 2000:13)



⁷⁶ Entrevista concedida à autora por Gladez de Varón na cidade de São Paulo em 27.12.2007.

Figura 16: René Terra Nova e Ana Marita Terra Nova

Outra liderança feminina é Ana Marita Terra Nova, esposa de René Terra Nova, e um caso de pastora esposa de pastor o que pudemos evidenciar a dificuldade em achar fotografias em que ela estivesse desacompanhada do marido. Vale salientar que é apóstola do mesmo ministério, trabalhando paralelamente e lidera a rede de mulheres que tem mais de sete mil células em Manaus. A mesma escreveu uma matéria para periódico Yavé Shammar “O Senhor está ali” de Feira de Santana, no qual discutiu as referências e o embasamento bíblico para o ministério feminino, ressaltando que a participação das mulheres é inquestionável e a ausência delas no sacerdócio é de origem interpretativa dos pastores contrários à ordenação. Em suas palavras:

As igrejas históricas ignoram isso por parte de alguns líderes que ainda tem limitações. Não é uma questão de cunho teológico. Mas exegético ou hermenêutico, pois o assunto da participação feminina vem mais da questão interpretativa do que bíblica. Existem aqueles que gastam tempo para dizer que a bíblia quer dizer outra coisa. Priscila era uma pastora. Dorcas era uma pastora. Poderia citar funções pastorais dessas mulheres, inclusive temos aprendido que, pelo texto original vindo da Septuaginta, o artigo que precede a palavra pastor é neutro, podendo ser usado no masculino ou no feminino. Gostando ou não, com toda resistência que alguns líderes ainda fazem, precisamos de pastoras para cuidarem das mulheres que estão se convertendo. Se uma mulher pode cuidar do seu marido que é pastor, por que ela não pode cuidar e ajudar a pastorear o rebanho?...A mulher poderá ser esposa, mãe e administradora da casa...ela é ajudadora idônea, administradora eficaz...não podemos limitar um ministério, por mais amplo que seja ou limitado que pareça. Mas o que podemos orientar é que a questão homogênea evita riscos. Se algumas mulheres, tivessem cuidado melhor dessa questão teriam evitado muitas perdas no processo consolidador da igreja. (TERRA NOVA, 2005:6)

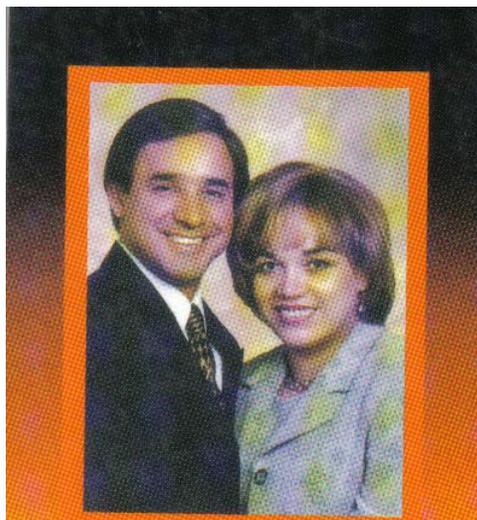


Figura 17: César Castellanos e Cláudia Castellanos

A terceira mulher a se destacar é a esposa do mentor intelectual e espiritual do G12, Claudia Castellanos. Ela é advogada, pastora de uma igreja que tem mais de 200.000 células e se diferencia das brasileiras anteriormente discutidas pelo fato de representar também o G12 no senado colombiano. O exercício da política para uma mulher, mãe de quatro filhas, esposa de pastor, trata-se realmente de uma releitura das práticas androcêntricas no meio protestante por estar valorizando as capacidades e ampliando os lugares de atuação das mulheres tanto no ambiente religioso, quanto no meio político. A participação das mulheres protestantes na sociedade não é um debate limitado às paredes do templo, mas faz parte de um debate mais amplo que são as conquistas históricas que as mulheres têm galgado na sociedade. O depoimento de Gladez de Varón confirma essas transformações no cenário político e religioso mundial.

eu vejo que na Colômbia a parte política é muito forte em nossa igreja, começando que a nossa pastora principal, a pastora Claudia ela é senadora da República, praticamente terminando o seu terceiro período como senadora da Colômbia e lá está fazendo coisas muito boas lá. Um dos projetos que ela trabalhou foi “Mulher cabeça de família”, ou seja, as mulheres que não tem esposo, que estão separadas, viúvas, elas precisam ser ajudadas pelo Estado. Então se criou uma lei para ajudar a mulher, de tal forma que é muito impresso [sic] que antes de receber a um homem um cargo tem que contar primeiro a mulher cabeça de família. Então são muitas vantagens, e muita coisa que aconteceu na Colômbia para a mulher e também se está trabalhando especificamente, a pregação do Evangelho é para restaurar as famílias, então se fala de restaurar a mulher para chegar ao encontro num processo pessoal, restaurar o homem para um encontro, começar um processo também pessoal, eles estão sendo abençoados, sarados, curados, e eles chegam na sua casa, na sua família, eles já são parte ativa da restauração da sua própria família. Então a política tem nos ajudado muito na Colômbia no sentido de que estamos fortalecendo a família colombiana através da igreja e da política também⁷⁷.

O depoimento da pastora Simone Moura do Ministério Internacional de Adoração a Deus, integrante do M12 de Feira de Santana juntamente com o seu esposo, tem igual relevância sobre o exercício ministerial feminino ao constatar a sua vocação pastoral mesmo dentro da Denominação Batista que historicamente admitiu apenas o sacerdócio masculino, observemos suas palavras:

Com sete anos de idade eu tive um encontro poderoso com Jesus e me batizei com nove anos. E com 12 anos eu recebi de Deus o meu chamado para ser uma pastora. Eu comecei a me preparar para isso, passei a minha vida inteira congregando na Igreja Batista Belém, em Alagoinhas. E durante aquele período eu fui presidente dos adolescentes em Alagoinhas, vice-

⁷⁷ Entrevista concedida à autora na cidade de São Paulo em 27.12.2007. É necessário salientar que o diálogo da pastora Varón aparece de forma truncada, pela tradução do seu espanhol aporuguesado.

presidente dos adolescentes batistas do Estado da Bahia. Fui depois presidente de juventude, então sempre fui muito envolvida, com a obra de Deus, sempre fui muito ativa na minha igreja. Com dezoito anos, dezessete anos e meio eu vim para o Seminário [Batista, em Feira de Santana], para fazer o curso de Educação Religiosa com música. Eu fiz o curso de Educação Religiosa com música. Me formei, vim Para a Primeira igreja Batista do Feira IX, hoje no Ministério Internacional de Adoração a Deus, vim como educadora Religiosa naquela época, há quinze anos atrás e com o passar do tempo nós conhecemos a Visão Celular no Modelo dos 12 E então Deus cumpriu o chamado que tinha feito na minha vida quando eu tinha 12 anos e me ungiu como uma pastora.⁷⁸

A pastora Simone Moura representa nesta análise de gênero o modelo de pastora esposa de pastor que desenvolve o seu ministério paralelo ao masculino. Ela relata que o seu chamado vocacional aconteceu quando ainda jovem, e por isso independente do chamado do marido, mas ao longo da entrevista ela expõe que o ajuda na obra de Deus, reconhecendo uma unidade no trabalho e ressalta o M12.

As propostas do G12 e M12 para as relações de gênero foram analisadas com base nas fontes escritas e nos relatos orais dos próprios fiéis. A mulher conquistou vantagens nas relações familiares diante de todas as contestações ao androcentrismo vigente. Paulatinamente mudaram de comportamento frente às normas religiosas dos evangélicos, tradicionais ou fundamentalistas. A reelaboração do discurso e da prática possibilitou o intercuro entre as tarefas domésticas, as religiosas e as seculares, como citou Ana Marita Terra Nova, ampliando os espaços de participação das mulheres e demonstrando as virtudes femininas também para o exercício do ministério pastoral.

OLHARES MASCULINOS DO G12 E M12 SOBRE A ORDENAÇÃO FEMININA EM FEIRA DE SANTANA

Como já foi dito anteriormente, o protestantismo se expandiu historicamente através de dissidências doutrinárias e administrativas. E no caso particular de Feira de Santana o G12 e a Denominação Batista se desentenderam algumas vezes por causa da ordenação feminina. É o que discutiu o pastor João Batistas da Silva, pastor presidente da Igreja Batista Missionária Internacional em Feira de Santana e também um dos doze discípulos em nível nacional do pastor César Castellanos.

⁷⁸ Entrevista concedida à autora no município de Feira de Santana em 10.06.2008.

Eu sempre fui a favor da ordenação feminina. Nós sabemos que em todos os lugares do mundo as mulheres pregam o Evangelho, por que elas foram mandadas praticamente para os piores lugares do mundo e foram como missionárias. A palavra missionária vem da raiz apóstolo, missionário do ponto de vista, ele tá com a autoridade espiritual bem acima do pastor, o peso da unção é maior. Então se a mulher pode ser chamada de missionária ela está na posição acima de pastora por que não ordená-la pastora, se são elas que começam o trabalho lá fora e na maioria das vezes o trabalho está pronto depois que elas trabalham, trabalham aí vem um pastor e assume o trabalho que elas fizeram. Eu Nunca tive problema com isso, inclusive a Convenção Nacional, nós tivemos que nos desligar exatamente por isso, nós fizemos ordenação de duas pessoas aqui a pastora Darci e a pastora Dulce Simoneli que hoje é uma pastora independente, ela tem a sua igreja lá tal... e por causa disso tive que fazer uma carta me desligando dessa convenção renovada, mesmo sendo renovados eles tinham barreiras em relação ao ministério da mulher.⁷⁹

Os batistas tanto da CBB quanto da CBN (Convenção Batista Nacional) apesar de divergirem em alguns pontos doutrinários, convergem quanto a proibição de ordenar pastoras. Segundo o pastor João Batista, a sua congregação se tornou dissidente por que ele fez a ordenação de duas mulheres. E a ordenação feminina foi uma das pautas de divergência doutrinária com o G12 anos depois, como publicou o Jornal Batista.

Dissidente da Convenção Batista Brasileira, o bispo Manoel Pedro, pastor aposentado pela Igreja Batista Memorial em Feira de Santana, assumindo à presidência desta congregação no período em que Renê Terra Nova foi pastorear em Manaus, discutiu a postura e abertura que o G12 intensificou nas congregações que aderiram à metodologia. Nas suas palavras,

Essa é uma questão, ao meu ver bíblica, certo, e que outras denominações como por exemplo a Igreja Quadrangular já há muito tempo praticou a ordenação de mulheres, entre os Batistas ainda é uma questão polêmica embora já haja uma abertura... e a Visão Celular trouxe realmente uma abertura muito grande e a partir daí as igrejas na Visão celular começaram a ordenar pastoras e a nossa igreja já tem algumas pastoras, certo.⁸⁰

Este pastor é representativo de como os pastores do G12 não gostam de falar de conflitos, dissidências, divisões e também fazer comentários de outros pastores. Não foi o que a Convenção Batista Brasileira fez em relação à algumas práticas do G12. A CBB é uma consolidada estrutura normatizadora de doutrinas e condutas individuais e coletivas. Um dos assuntos na pauta de discussões da 77ª Assembléia da Convenção Batista Brasileira foi a ratificação da não-ordenação de mulheres e não-bacharéis. Entre as divergências estavam as práticas implementadas pelo G12 quanto a ordenação

⁷⁹ Entrevista concedida á autora pelo pastor João Batista da Silva em 11.05.2009 no município de Feira de Santana.

⁸⁰ Entrevista concedida à autora no município de Feira de Santana em 05.06.2008

feminina e a unção de pastores leigos. Eis mais um ponto que distingue Batistas tradicionais e neopentecostais:

e) ORDENAÇÃO DE MULHERES E NÃO BACHARÉIS- O G12 estende à esposa do pastor/presidente o mesmo ministério. Trata-se de um ministério compulsório, tendo como parâmetro e pré-requisito a Certidão de Casamento. Este ponto encontra-se em total desacordo com os princípios de chamada ao ministério (“Eu vos darei pastores...” Jr.3:15), além de afrontar a CBB que ainda não normatizou este assunto.

O pastor do século presente precisa estar preparado(II Tim 2:2) e Deus o sabe. Assim, condenamos a ordenação sumária, automática, indiscriminada e sem critérios, aceitando as Normas para Ordenação ao Ministério, votadas por esta ordem.⁸¹

Há uma certa homogeneidade nos discursos dos pastores feirenses que representam o G12 na cidade. O Pastor Augusto Sá Barreto do Ministério Aliança com Deus Internacional no bairro João Paulo II, fez parte do G12 de René Terra Nova em Feira de Santana até o ano de 2005 e concorda com o sacerdócio feminino em alguns casos. Vale salientar que sua esposa é pastora e professora, a senhora Marivone Sá Barreto que é a líder do grupo feminino na sua igreja que conta com mais de mil discípulos, nas quatro congregações do Ministério Aliança com Deus Internacional que administra na região de Feira de Santana. Segundo o pastor Sá Barreto:

A ordenação feminina é cabível dentro do patamar que aquela pastora vá trabalhar com mulheres, ou se for com uma mulher que nunca tenha casado ou viúva que vá liderar a igreja no geral como o caso da apóstola Valnice Milhomens, ela nunca casou, por que ao casar a mulher é submissa ao marido e... se o marido é o pastor é o presidente da igreja, tudo bem ela é pastora, vai trabalhar com as mulheres da igreja, por que tem assuntos que o próprio homem não entende e deve ser tratado com uma outra mulher que tenha uma autoridade espiritual sobre a vida daquela mulher para haver cura naquela mulher. Então não adianta a mulher sentar diante de um pastor e conversar assuntos que o homem não sabe nada daquilo por causa do próprio físico feminino, assuntos íntimos, então aquela mulher tem um livre acesso a exercer a autoridade espiritual sobre essas mulheres, mas no caso de uma igreja que às vezes ocorre que a mulher é a pastora e o marido não faz nada, mas se o marido chegar e disser você não vai para a igreja hoje não ela não pode ir ela tem que ser submissa por que a palavra não pode se contradizer, então mesmo ela sendo pastora a autoridade máxima da Igreja, a autoridade não parte dela, mas do marido então ela não pode exercer a autoridade máxima na igreja, mas eu acho válido nesse caso que eu to lhe falando, quando o pastor é o presidente da Igreja ela ser pastora também.⁸²

⁸¹ Jornal “O Batista Baiano news”: Órgão oficial da Convenção Batista Baiana. Ano LXXI-nº40, setembro/outubro de 2000, folha 11.

⁸² Entrevista concedida à autora pelo pastor Augusto Sá Barreto no município de Feira de Santana em 08.06.2008.

A argumentação do pastor Augusto é uma amostra dos limites e das possibilidades do exercício do sacerdócio feminino entre os evangélicos da visão celular. A representação de gênero em que a mulher é submissa ao marido e o marido por sua vez é o cabeça da igreja e da casa, continua a vigorar no ambiente protestante uma vez que é uma confissão cristã em que o fundamentalismo bíblico tem uma relevância considerável. No entanto o G12 e sua enfática perspectiva de restauração da família, da política e da nação, valorizou e trouxe grandes vantagens para a mulher e a conquista de espaços ressignificou velhas práticas.

A relação do G12 com a redefinição de papéis de gênero, não ficou apenas na esfera doméstica, mas extrapolou aos espaços públicos. Quando as mulheres passaram a subir no púlpito para pregar, isso transcendeu à sua vida social como é o caso da senadora Cláudia Castellanos que é um modelo para as suas discípulas seguirem. No G12 é muito comum ouvir os jargões em que o discípulo deve imitar o seu discipulador, com isso as mulheres são desafiadas a prestar vestibular, conseguir melhores empregos, se preparar para serem líderes de êxito, embora no caso do casamento a sua independência econômica não signifique autonomia do seu marido.

A pastora Ester Amazonas juntamente com seu esposo Aarão Amazonas compõem o M12 do casal René Terra Nova e sua esposa Ana Marita Terra Nova no Ministério Internacional da Restauração em Manaus, fez um livro onde a temática é o questionamento “Por que disseram que a mulher não pode ser pastora?” A explicação da autora têm raízes históricas e espirituais. Espiritualmente, ela admite que o intento de Satanás é colocar a humanidade debaixo de opressão e foi sobretudo essa opressão maligna que aprisionou as mulheres no cativeiro da rejeição, inferioridade, depressão entre outros males. Já as origens históricas remontam as mudanças na religião cristã implementadas pelo advento do catolicismo que excluiu as mulheres do sacerdócio.

Para a pastora Ester Amazonas as relações familiares são o modelo de gestão de congregações. O homem é o cabeça de sua casa, porém a mulher é a sua ajudadora idônea na gestão da família. Em suas palavras:

Um homem que queira ter êxito familiar não governa sozinho a sua casa. Quando Deus chama o esposo chama a esposa, por que são uma só carne. Eles são um e Deus não os colocará em territórios separados, conquistando cada um, um território, Ele estaria assim separando o que uniu. Os dois

fazem parte de uma mesma conquista e de um mesmo projeto de Deus. O que pode existir são ofícios diferentes dentro desse projeto para cada um.⁸³

O extrato supracitado é um pequeno resumo do conteúdo do livro considerado uma diretriz teológica e doutrinária do G12 e M12 do sacerdócio feminino nas congregações que admitem a ordenação feminina. A partir dessa nova apropriação do texto bíblico, muitas mulheres se sentem legítimas sacerdotisas e um exemplo disso é a grande quantidade de pastoras solteiras na INSEJEC de São Paulo, começando pela presidente Valnice Milhomens, a administradora da Igreja a pastora Ana Charlene, a pastora Raquel, missionária no Japão, entre muitas outras.

A afirmação de que o cristianismo foi e continua sendo uma religião de práticas misóginas, precisa ser relativizada, ainda que a ordenança religiosa tenha submetido a mulher a estar sempre submissa ao seu próprio marido como ao Senhor. Esta relativização deve ter em conta que não foi apenas a religião que restringiu o sacerdócio feminino, mas sobretudo o peso institucional e as lideranças masculinas e a sociedade androcêntrica em geral. As mulheres protestantes estão questionando o monopólio masculino no exercício sacerdotal desde o século XVI, com a Reforma Protestante. O G12 e o M12 trouxeram significativas contribuições ao campo protestante em relação ao papel das mulheres e ao pastorado feminino.

⁸³ AMAZONAS, Ester. Por que disseram que mulher não pode ser pastora? 2ªed: Semente de Vida, Manaus, 2001. (p.76)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do protestantismo é um campo aberto às novas contribuições acadêmicas. São muitas temáticas, muitas questões, nas quais a pluralidade e a complexidade do mundo reformado escapam às análises aligeiradas ou preconceituosas. Ao longo de dois anos de pesquisa de campo, apresentações em congressos, leituras bibliográficas e a orientação personalizada, pudemos levantar estas preliminares explicações sobre o fenômeno neopentecostal no Brasil e mais especificamente em Feira de Santana.

A proposição inicial da pesquisa de analisar uma dissidência religiosa de sujeitos aparentemente anônimos se transformou numa análise histórica de comunidades evangélicas que passaram por um processo de neopentecostalização em Feira de Santana. Ou seja, o objetivo do trabalho foi entender o processo de apropriação de práticas neopentecostais por protestantes dissidentes de comunidades históricas e também independentes que tiveram relação com o G12 e posterior M12 no município feirense.

Não foi uma tarefa simples, implicou em discussão de práticas e representações, realizar um diálogo interdisciplinar com a Sociologia, Antropologia e a Ciência das Religiões, retomar conceitos e o principal estudar as inovações, as diferenças, as tomadas de posição, os conflitos presentes nas relações entre os sujeitos da pesquisa e suas comunidades religiosas, ou seja, a sua historicidade.

A partir destas questões tivemos que discutir a pluralidade do campo religioso em Feira de Santana e a constatação que a chegada do protestantismo na cidade foi feita pelo casal missionário Gillanders já no século XX. Foi a expansão pentecostal e neopentecostal décadas depois a grande responsável pelo crescimento demográfico do protestantismo feirense. A presença de Batistas, Congregacionais, Presbiterianos integravam este bloco protestante que na virada para o século XXI entrou em contato com a estratégia do G12.

A implantação do G12 na cidade foi através da adesão dos pastores das congregações que em alguns casos estava vinculada a alguma Denominação em outros não. E no contexto da implantação ocorreram conflitos doutrinários entre os pastores que aderiram ao G12 e suas respectivas Denominações. Conflitos que desvelaram

relações de poder eclesiásticas e promoveram uma onda de dissidências entre Batistas Nacionais e Brasileiros, grupos independentes, Assembléia de Deus, entre outros.

Conflitos oriundos de uma disputa de espaços e suas lutas de representação que se expressaram como a necessidade de possuir legitimidade para manipular os bens sagrados e se apropriar do texto bíblico de acordo com o seu lugar social. Com isso, os grupos protestantes numa primeira observação pertencem a mesma matriz se distinguem uns dos outros de tal maneira que como historiadores não podemos nem arriscar a fazer generalizações, as particularidades passam a construir a História.

O G12 conseguiu se organizar na cidade de um lado com René Terra Nova e do outro com o pastor João Batista da Silva, ambos discípulos de César Castellanos no Brasil, o primeiro se desvinculou do pastor colombiano e fundou o M12, se apropriando das práticas religiosas do G12, o problema inicial da pesquisa. Somente analisando as relações de poder eclesiástico e a distribuição do trabalho religioso, constatamos a complexidade do G12. Ao mesmo tempo que o trabalho dos leigos ganhou mais prestígio e importância sugerindo uma descentralização no poder eclesiástico em nível local, o que aconteceu foi justamente o contrário, uma hierarquização e uma centralização do poder nas mãos do sacerdote, o que favoreceu a proximidade de René Terra Nova e o distanciamento de César Castellanos no Brasil e em Feira de Santana.

Problematizamos as relações que estes homens e mulheres protestantes estabeleceram com a sociedade circundante e entendemos que neste novo contexto político e social de intensificação das relações capitalistas, surgiu uma nova forma de ser protestante no Brasil. Um novo ascetismo intramundano, uma ascese desenvolvida dentro do mundo e que não implica em recolhimento e reclusão, mas com relações de diálogo profícuo com a sociedade de mercado. A Teologia da Prosperidade permeou estas comunidades neopentecostais que passaram a ter uma nova concepção teológica acerca da sociedade.

Esta nova forma de protestantes se engajarem na sociedade das últimas décadas no século XX, implicou também num novo posicionamento dos evangélicos na política. Os líderes G12 no Brasil coordenaram um projeto de doutrinação sistemática de inserção na política. Isso influenciou na política partidária de Feira de Santana com a atuação de integrantes do G12. Jorge de Oliveira, Israel Terra Nova, Paulão e Justiniano França foram os representantes das congregações que aderiram ao G12 e tiveram votações significativas no pleito eleitoral de 2004. Somente Jorge de Oliveira e Justiniano França foram eleitos e as suas atuações na Câmara Municipal de Vereadores

de Feira de Santana. O eleitorado evangélico foi o alvo central do mandato desses edis. Os atos proféticos e a Marcha para Jesus se realizam com frequência, amalgamando religião e política como uma convocação divina.

Analisamos as novas relações que as mulheres neopentecostais conquistaram em relação às tradicionais práticas andróginas do cristianismo. A sistemática ordenação feminina foi a grande inovação implementada pelo G12 e M12. A proposta de César Castellanos de formar uma igreja adaptada ao século XXI não poderia ignorar as possibilidades do sacerdócio feminino, esta foi a grande inovação do G12 no seio do protestantismo brasileiro, especialmente feirense.

A separação dos capítulos foi feita apenas com fins didáticos, todos estes elementos estão imbricados e constituem as igrejas em células no Modelo dos 12 e a sua nova forma de ser protestante no Brasil e em Feira de Santana. Com o trabalho concluído, são muitas as inquietações pela necessidade de mais pesquisa, de mais bibliografia e de mais discussões coletivas. Pretendemos, timidamente, contribuir para o conhecimento histórico sobre as relações do protestantismo com a sociedade em geral.

LISTA DE FONTES

FONTES RELIGIOSAS

Periódicos Impressos:

Revista G-12: “A revista oficial da Igreja em células no Modelo dos 12 dos cinco continentes.”

- Edição 7- Junho de 2002: Tomando as Nações pelo Governo dos 12.
- Edição 8- Agosto de 2002: O perfil do candidato a 12.
- Edição 9- Outubro 2002: Explosão de crescimento.

Revista Geração Celular: “A revista oficial da Igreja em Células.”

- Edição 4- Junho de 2005: Apóstolo Terra Nova fala de seus sentimentos.
- Edição 5- Agosto de 2005: Brasil: Condutor de Avivamento.
- Ano 2- Edição 7- Abril/maio de 2006: Porto Seguro 2006: Gerando uma nação Santa.

Yaweh Shammah: O Senhor está aqui

- Ano I-nº2 Feira de Santana: Janeiro de 2005.
- Ano I-nº5 Feira de Santana: Julho de 2005.
- Ano I-nº6 Feira de Santana: agosto de 2005.

Fontes Impressas- livros doutrinários:

AMAZONAS, Ester. Por que disseram que mulher não podia ser pastora? 2ª ed. Semente de vida, Manaus, 2001.

BRINER, Bob. Os métodos de administração de Jesus. Mundo Cristão: São Paulo, 1997.

CABALLEROS, Harold. O poder transformador do Evangelho de Jesus Cristo. Publicações El Shaddai: São Paulo, 2003.

CASTELLANOS, Cláudia R. de. Pós-encontro para mulheres: Guia do mestre. Palavra da fé produções Ltda: São Paulo, 2005.

COELHO, Valnice Milhomens. Adoração em Santidade X: Idolatria, Religiosidade, Feitiçaria, Imoralidade. Palavra da Fé Produções Ltda: São Paulo, 2002.

COELHO, Valnice Milhomens. Construindo novos relacionamentos. Manual do discípulo. Palavra da Fé Produções Ltda. São Paulo, sem data.

COELHO, Valnice Milhomens. Plano Estratégico para a Redenção da Nação. 3ª ed. Ampliada. Palavra da fé Produções Ltda: São Paulo, 2000.

DOMINGUEZ, César Castellanos. A chave para a multiplicação. 1ª ed. Palavra da Fé Produções Ltda: São Paulo, 2004.

DOMINGUEZ, César Castellanos. A escada do sucesso: Ganhar, consolidar, discipular e enviar. 1ªed. Palavra da fé produções Ltda: São Paulo, 2001.

DOMINGUEZ, César Castellanos. Conhecendo a verdade. 1ªed. Palavra da Fé Produções Ltda: São Paulo, 2000.

DOMINGUEZ, César Castellanos. Desenvolvendo uma liderança sobrenatural: o princípio chave para o G12. 1ªed. Palavra da Fé Produções: São Paulo, 2003.

DOMINGUEZ, César Castellanos. Diante do seu trono. 1ªed. Palavra da Fé Produções Ltda: São paulo, 1999.

DOMINGUEZ, César Castellanos. Encontro. Missão Carismática Internacional, 1999.

DOMINGUES, César Castellanos. Imergidos em Seu Espírito. 1ªed. Palavra da Fé Produções Ltda: São paulo, 1999.

DOMINGUEZ, César Castellanos. Liderança de sucesso através dos 12. 1ª ed. Palavra da fé produções: São Paulo, 2000.

DOMINGUEZ, César Castellanos. Sonha e Ganharás o mundo. 1ª ed. Palavra da Fé Produções Ltda: São Paulo, 1998.

LIMA, Paulo César. O que está por trás do G-12. 4ª ed. Casa Publicadora da Assembléia de Deus: Rio de Janeiro, 2000.

RUBENS, J. Os dois Senhores. 10ªed. Shekinah Gráfica e Editora: Brasília, 2003.

RUBENS, J. Saímos da pobreza para Conquistar o Brasil. 11ªed. Shekinah Gráfica e Editora: Brasília, 2003.

RUBENS, J. Um tributo ao Espírito Santo. 8ªed. Shekinah Gráfica e Editora. Brasília, 2003.

SYLVESTRE, Josué. Irmão vota em irmão: os evangélicos, a constituinte e a Bíblia. Brasília: Pergaminho, 1986.

STOCKSTILL, Larry. A igreja em células: Uma visão bíblica da função das células na igreja local. 1ªed. Editora Bethânia: Belo Horizonte, 2000.

TERRA NOVA, René de Araújo. A Visão Profética para a Conquista das Nações. 1ª ed. Semente de vida: Manaus, 2003.

TERRA NOVA, René de Araújo. Derrubando os gigantes. Semente de vida: Manaus, 2000.

TERRA NOVA, René de Araújo. Fidelidade: o caráter do povo curado. 2ªed. Semente de vida Ltda, Manaus, 2005.

TERRA NOVA, René de Araújo. Mover Celular. 2ª ed. Semente de Vida Ltda: Manaus, 2005.

TERRA NOVA, René de Araújo. O abecedário das células. 2ªed. Semente de Vida Ltda: Manaus, 2001.

Manuais doutrinários impressos:

DOMINGUEZ, César Castellanos. Doutrina Nível 1 Escola de líderes: fundamentos. 12ªed. Palavra da Fé Produções Ltda: São Paulo, 2007.

DOMINGUEZ, César Castellanos. Doutrina Nível 2 Escola de líderes: visão. 3ªed. Palavra da Fé Produções Ltda: São Paulo, 2006.

DOMINGUEZ, César Castellanos. Doutrina Nível 3 Escola de Líderes: liderança. 3ªed. Palavra da fé Produções Ltda: São Paulo, 2007.

DOMINGUEZ, César Castellanos. Pré-encontro, guia do aluno. 1ªed. Palavra da fé Produções Ltda: São Paulo 2004.

DOMINGUES, César Castellanos. Pós-encontro, guia do aluno. 1ªed. Palavra da Fé Produções Ltda: São paulo, 2004.

Ministério Internacional da Restauração: Mestre: Um ministério de autoridade, Escola de mestres. Manaus-AM.

Ministério Internacional da Restauração: Estudo da Estratégia para o Modelo dos doze. Escola de líderes, 1999.

MOURA, Luciano de Almeida Moura. Manual do líder de células. Ministério Internacional de Adoração a Deus, Feira de Santana, sem data.

Fontes orais: Entrevistas

- Glades de Varón: Missionária da Missão Carismática Internacional na Colômbia: Representante do G-12 no Brasil. 27.12.2007. Entrevista concedida a autora.
- Jardelina Macedo da Luz e Silva: Pastora Feirense da Igreja Batista Filadélfia em Roraima. Novembro de 2005. Entrevista concedida a autora.
- Simone de Araújo Moura: Pastora do Ministério Internacional de Adoração a Deus em Feira de Santana. Novembro de 2005 e 10.06.2008. Entrevista concedida a autora.
- José Augusto de J. de Sá Barreto. Pastor Presidente do Ministério Aliança com Deus Internacional em Feira de Santana. 12.06.2008. Entrevista concedida a autora.
- Marcos Salles: Pastor presidente da Igreja Batista Memorial em Feira de Santana. 12.06.2008. Entrevista concedida a autora.
- Luciano de Almeida Moura: Pastor presidente e apóstolo do Ministério Internacional de Adoração a Deus. 11.06.2008. Entrevista concedida a autora.
- Manoel Pedro de Souza: Bispo aposentado da Igreja Batista Memorial. 04.06.2008. Entrevista concedida a autora.
- René de Araújo Terra Nova: Apóstolo do Ministério Internacional da Restauração em Manaus. Entrevista concedida aos estudantes do (CPR- Centro de Pesquisas da Religião) Undira Cunha e Igor Trabuco Silva
- Israel de Araújo Terra Nova: Membro da Igreja Batista Memorial. 26.06.2008. Entrevista concedida a autora.
- João Batista da Silva: Pastor presidente da Igreja Batista Missionária Internacional de Feira de Santana. 11.05.2009. Entrevista concedida à autora

Fontes iconográficas:

- Fotografias das congregações, das pessoas e dos utensílios religiosos, CDs e DVDs doutrinários. Acervo pessoal.

Jornais confessionais:

- Jornal Tribuna Evangélica de 2000 a 2002

- Jornal Feira de Jesus de 1994 a 1998

Fontes não religiosas:

- Jornal Noite e Dia 2008.

Fontes administrativas:

- Atas da Câmara Municipal de Feira de Santana de 2000 a 2005
- Projetos de Lei da Câmara Municipal de Feira de Santana de 2000 a 2005
- Decretos Legislativos da Câmara Municipal de Feira de Santana de 2000 a 2005
- Projetos de Decreto Legislativo da Câmara Municipal de Feira de Santana de 2000 a 2005
- Resolução do Regimento Interno da Câmara Municipal de Feira de Santana

Fontes Internet:

Cartas eletrônicas no site luz para os povos disponível:

- http://www.visaog12.com.br/arquivos_lideres/l_sinomar.htm
- http://www.visaog12.com.br/arquivos_lideres/l_valnice.htm

Outras informações:

- <http://www.mir.com.br>
- <http://www.mcb.com.br>

BIBLIOGRAFIA

- ADRIANI, Maurílio. *História das religiões*. Rio de Janeiro. Edições 70, 1988.
- ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo, editora Ática, 1979.
- ANDRADE, Eliana Santos. “*Na Igreja, nas Casas e nas Ruas*”: *Estratégias de expansão e Participação Protestantes na Visão Celular no Governo dos 12, 1998-2003*. Feira de Santana 2008.
- ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis. Editora Vozes, 1978.
- BARROS, José D’assunção. *O campo da história: especialidades abordagens*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BEOZZO, José Oscar. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora perspectiva, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*. Campinas: Papyrus, 1996.
- BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique. *Passados Recompuestos: Campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro/ Editora UFRJ, Editora FGV, 1998.
- BRANDÃO, Sylvana. *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.
- BURITY, Joanildo Albuquerque. *Os protestantes e a revolução Brasileira, 1961-1964: a conferência do Nordeste*. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 1989.
- BURKE, Peter e PORTER, Roy (org.). *Linguagem, Indivíduo e Sociedade: História Social da Linguagem*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.
- BURKE, Peter (org). *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Introdução a historiografia*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (org.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000.

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede a era da informação: economia, sociedade e cultura*. v1, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVALCANTI, H. B. *O projeto missionário Protestante no Brasil do século XIX: comparando a experiência presbiteriana e Batista*. Revista de religiões da Puc, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer*. 3ªed. Vozes: Rio de Janeiro, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história Cultural: Entre práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHAVEAU, Agnes. & TÉTARD, Phillipe.(org.). *Questões para História do Presente*. Bauru: Edusc, 1999.
- CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. 2ªed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2000.
- CRUZ, Rossine Cerqueira da. *A inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional*. 1999.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *A Explosão Gospel: Um Olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ENGELS, Friedrich. *As Guerras Camponesas na Alemanha*. São Paulo: Editora Grijalbo, 1977.
- FILORAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.
- FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana influência da industrialização 1970 - 1996*. Salvador, 1998.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado, UNICAMP, 1993.
- GANDON, Tânia Risério de. *Etnotexto e identidade cultural na construção da memória*. In: *Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade*, Salvador, v.14, n.23, jan/jun., 2005.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- GUERRIERO, Silas (org.). *O estudo das religiões: Desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

- GOMES, Aurenilha Bispo. *Representações sobre o Universo feminino entre os batistas em Feira de Santana. 1980-2004*. Monografia de Especialização. UEFS, Feira de Santana, 2008.
- HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTEC, 1989
- HOBBSAWN, Eric J. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- HOUTART, François. *Mercado e Religião*. São Paulo: Cortez Editora, 2002
- HOUTART, François. *Religião e Modos de Produção pré-capitalistas*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- HOUTEN, Álvaro Cepeda Van. *Clientelismo e fé: dinâmicas políticas del pentecostalismo em Colômbia*. Univeridad de San Buenaventura, Bogotá: 2007.
- KLEIN, Alberto. *Imagens de culto e Imagens da mídia: Interferências midiáticas no cenário religioso*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro*. 3ªed. São Paulo: ASTE, 2002.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo pentecostalismo no Brasil*. 2ª ed. Edições Loyola, São Paulo, 2005.
- MARTELLI, Stefano. *A Religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MEDEIROS, Rangel de Oliveira. *Igreja Universal de Reino de Deus: a construção Discursiva da Inclusão e da Exclusão Social- 1977-2004*. Dissertação de Mestrado: UFSC, Florianópolis, 2005.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O Celeste Porvir: A inserção protestante no Brasil*. São Paulo, 1984.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia. *In: Estudos de Religião 18*. São Bernardo: UNESP, 2000.
- NOVAIS, Regina Reyes. *Os Escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1985.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. *Religião e Dominação de classe*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PASSOS, João Décio (org.) *Movimentos do Espírito: Matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PORTELLI, Ruges. *Gramsci e a Questão religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.
- REILY, Duncan. *História documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

- ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em Crise: Decadência doutrinária na igreja brasileira*. 4ªed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- SADER, Emir e GENTILI, Pablo (org.) *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado Democrático*. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SANTOS, Igor Gomes. *Na Contramão do sentido: Origens e Trajetórias do PT de Feira de Santana-Bahia. (1979-2000)*. Dissertação de Mestrado: UFF, Niterói, 2007.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: Protestantismo e cultura na primeira república brasileira*. EDUFMA: São Luís, 2006.
- SIEPIERSKI, Paulo D. e GIL, Benedito M. (org.). *Religião no Brasil: Enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*. São Paulo, 1998.
- SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e a Realidade Brasileira*. Feira de Santana, 2007.
- SOUZA, Ione Celeste de. *Garotas tricolores e Deusas fardadas: as normalistas de Feira de Santana, 1925 a 1945*. São Paulo: EDUC, 2001.
- SOUZA, Valéria Lopes de. *Servidoras da causa: Mulheres Batistas em Feira de Santana. Monografia de Especialização*. UEFS. Feira de Santana, 2004.
- TEIXEIRA, Marli Geralda. “...Nós os Batistas” *Um estudo de História das Mentalidades*. São Paulo, 1983.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.

